

A woman is lying on her back on a deep purple, draped fabric. She is wearing a white, lace-trimmed wedding dress with a low back. Her arms are raised, and her hands are resting on the purple fabric. The lighting is soft, highlighting the texture of the dress and the folds of the fabric.

LISA
KLEYPAS
MANHÃ DE
NÚPCIAS

Os Hathaways 4





Manhã de Núpcias

Título original

MARRIED BY MORNING

Copyright © 2010 by Lisa Kleypas

CAPÍTULO 1

Hampshire, Inglaterra

Agosto de 1852

Qualquer um que já tenha lido um romance sabe que as governantas devem ser dóceis e submissas. Também devem ser caladas, servis e obedientes, isso sem mencionar respeitosas com o dono da casa. Leo – lorde Ramsay – ficou se perguntando, irritado, por que eles não tinham conseguido arranjar uma *dessas*. Em vez disso, a família Hathaway contratara Catherine Marks, que, em sua opinião, projetava uma imagem pouco lisonjeira à classe.

Não que Leo enxergasse falhas nas habilidades de Catherine. Ela vinha fazendo um ótimo trabalho como tutora de suas irmãs mais novas, Poppy e Beatrix, ensinando-lhes os melhores hábitos da etiqueta social. E foi preciso uma boa dose de ajuda, pois nenhum dos Hathaways jamais esperara fazer parte dos estratos mais nobres da sociedade inglesa. Eles tinham sido criados em um ambiente típico de classe média, em uma vila a oeste de Londres. O pai, Edward Hathaway, fora um estudioso da história medieval, considerado um homem de boas origens, mas nem de longe um aristocrata.

Contudo, depois de uma série de acontecimentos improváveis, Leo herdara o título de lorde Ramsay. E embora tivesse estudado para se tornar arquiteto, agora era visconde, com terras e arrendatários. Os Hathaways se mudaram para a propriedade Ramsay, em Hampshire, onde tentavam se adaptar às exigências de sua nova vida.

Um dos maiores desafios para as irmãs Hathaway tinha sido aprender a quantidade absurda de regras que as jovens privilegiadas deveriam seguir, bem como as virtudes que precisavam apresentar à sociedade. Se não fosse pelas instruções pacientes de Catherine Marks, os Hathaways teriam entrado em Londres com a delicadeza de elefantes em debandada. Catherine izera maravilhas por todos eles, sobretudo por Beatrix, sem dúvida a irmã mais excêntrica de uma família já excêntrica. Embora Beatrix icasse mais feliz correndo pelas campinas e lorestas como uma

criatura selvagem, Catherine tinha conseguido convencê-la de que os salões de baile exigiam um código de comportamento diferenciado. Ela até escrevera alguns versinhos sobre etiqueta para as garotas; verdadeiras pérolas como:

Damas devem demonstrar decoro

Ao ser apresentadas a um desconhecido

Flertes, brigas ou reclamos

Colocam sua reputação em risco

Naturalmente, Leo não conseguira resistir a zombar das habilidades poéticas de Catherine, mas tivera de admitir que tais métodos funcionavam. Poppy e Beatrix a inal tinham conseguido circular de maneira hábil durante uma temporada de eventos sociais em Londres. E Poppy até se casara com um hoteleiro chamado Harry Rutledge.

Sobrara apenas Beatrix. Catherine Marks havia adotado o papel de dama de companhia da jovem enérgica de 19 anos. No que dizia respeito ao restante dos Hathaways, Catherine era praticamente membro da família.

Leo, por sua vez, não conseguia suportar a mulher. Ela expressava suas opiniões à vontade e ousava lhe dar ordens. Nas raras ocasiões em que Leo tentava ser amigável, ela lhe atacava com respostas insolentes ou lhe dava as costas desdenhosamente. Mesmo quando ele emitia uma opinião bastante razoável, mal conseguia completar uma frase antes de Catherine começar a enumerar os motivos pelos quais estava errado.

Diante do fato imutável da aversão dela, Leo não conseguia evitar reagir à altura. Durante todo o ano anterior ele tinha tentado se convencer de que o desprezo dela lhe era indiferente. Havia muitas mulheres em Londres ininitamente mais bonitas, sedutoras e cativantes do que Catherine Marks.

Se ao menos ela não o fascinasse tanto!

Talvez fosse culpa dos segredos que Catherine guardava a sete chaves. Ela nunca falava de sua infância nem de sua família, tampouco por que aceitara o emprego na residência dos

Hathaways. Ela chegara a lecionar em uma escola para moças durante algum tempo, no entanto se recusava a falar sobre sua instrução acadêmica ou explicar por que abandonara o cargo. Havia boatos, espalhados por ex-alunas, de que Catherine havia se desentendido com a diretora da escola ou de que era uma mulher abandonada cuja perda de status a obrigara a trabalhar.

Catherine era tão reservada e tenaz que era fácil esquecer que ela ainda era uma jovem na casa dos 20 e poucos anos. Quando Leo a vira pela primeira vez, Catherine lhe parecera a personificação da solteirona seca, de óculos, expressão austera e lábios sempre cerrados e rijos. Sua coluna era reta como um atizador de lareira e seus cabelos, do tom castanho fosco das mariposas-das-maçãs, estavam sempre bem presos para trás. Leo a apelidara de Anjo da Morte, apesar das objeções da família.

Entretanto o ano anterior exercera uma mudança notável em Catherine. Ela havia engordado um pouco – o corpo ainda se mantinha esguio, porém sem ser magro como um palito – e suas bochechas ganharam cor. Uma semana e meia antes, quando Leo chegara de Londres, icara atônito ao notar Catherine ostentando cachos dourado-claros. Aparentemente ela pintara os cabelos durante anos, mas após um erro do farmacêutico acabou sendo obrigada a abandonar o disfarce. E ao passo que os cachos castanhos mais escuros eram severos demais para suas feições delicadas e sua pele clara, o louro natural ficara estonteante.

O que obrigara Leo a encarar o fato de que Catherine Marks, sua inimiga mortal, era muito bonita. Não que a nova cor dos cabelos a deixasse tão diferente ... era mais porque Catherine icava muito desconfortável sem os olhos escuros. Sentia -se vulnerável e deixava isso transparecer. Em consequência, Leo desejou poder remover mais camadas dali, literal e fisicamente falando. Desejou *conhecê-la*.

Entretanto, ele tentara manter distância enquanto ponderava sobre os desdobramentos de sua descoberta. Estava confuso com a reação da própria família a Catherine, que não passara de um dar de ombros coletivo. Por que ninguém demonstrou nem uma fração da curiosidade que ele demonstrara? Por que Catherine optara por

se apresentar deliberadamente feia durante tanto tempo? Do que diabos ela estava se escondendo?

Em uma tarde ensolarada em Hampshire, após certificar-se de que a maior parte da família estava ocupada com outras coisas, Leo foi procurar Catherine, achando que se a confrontasse em particular conseguiria algumas respostas. Encontrou-a lá fora, no jardim protegido por cercas-vivas e repleto de lores. Ela estava sentada em um banco ao lado de um caminho de cascalho. Não estava sozinha.

Leo parou a uns vinte metros de distância, oculto à sombra de um teixo com folhagem densa.

Catherine estava sentada ao lado do marido de Poppy, Harry Rutledge. Eles estavam absortos no que parecia ser uma conversa animada.

Embora a situação não fosse exatamente incriminadora, tampouco parecia apropriada.

Sobre o que, em nome de Deus, poderiam estar conversando? Mesmo de seu ponto de observação distante, estava claro que era algum assunto importante. A cabeça morena de Harry Rutledge se inclinava sobre a de Catherine de maneira protetora. Como se ele fosse um amigo íntimo. Um amante.

Leo ficou boquiaberto ao ver Catherine passar os dedos delicadamente sob as lentes dos próprios óculos, como se enxugasse uma lágrima.

Catherine estava *chorando*, na companhia de Harry Rutledge. E então Rutledge lhe deu um beijo na testa.

Leo ficou sem fôlego. Em silêncio, pôs-se a avaliar uma mistura de emoções e as separou em camadas... espanto, preocupação, desconiança, fúria.

Eles estavam escondendo alguma coisa. Tramando alguma coisa.

Será que algum dia Rutledge a sustentara como amante? Será que ele a estava chantageando, ou talvez ela estivesse extorquindo algo dele? Não... a ternura entre os dois era evidente, mesmo àquela distância.

Leo coçou o queixo enquanto pensava no que fazer. A felicidade de Poppy era mais importante do que qualquer coisa. Antes de partir para cima do marido da irmã e bater nele até reduzi-lo a uma poça de sangue, iria averiguar a situação. E depois, caso as circunstâncias o justifi cassem, moeria os ossos de Rutledge.

Respirando lenta e controladamente, Leo continuou observando os dois. Rutledge se levantou e voltou para casa, enquanto Catherine permaneceu sentada no banco.

Sem premeditar nada, Leo se aproximou dela devagar. Não sabia ao certo como a trataria nem o que diria. Isso dependeria de qual impulso se revelaria mais forte assim que chegasse perto dela. Era bem possível que a esganasse, ou que a arrastasse para a grama aquecida pelo sol e a violentasse. Viu-se fervendo em uma torrente lasciva e desagradável de

sentimentos que de modo algum lhe eram familiares. Seria ciúme? Jesus Cristo, era. Ele estava com ciúme de uma megera magricela que o insultava e atazanava sempre que tinha oportunidade.

Aquilo seria um novo nível de depravação? Ele teria desenvolvido um fetiche por solteironas?

Talvez fosse o jeito reservado dela que o deixava tão excitado... ele sempre fora fascinado pela dúvida: o que seria necessário para vencer aquela reserva? Catherine Marks, sua inimigazinha diabólica... nua e gemendo debaixo dele. Não havia nada que ele desejasse mais. E de fato aquilo fazia sentido: quando uma mulher era fácil e receptiva, não representava nenhum desafio. Mas levar Catherine para a cama, fazer a coisa toda durar um bom tempo, torturá-la até ela implorar e gritar... isso seria divertido.

Leo foi até Catherine casualmente, sem deixar de notar o modo como ela se empertigou ao vê-lo. Seu rosto mostrou a lição e tristeza, a boca enrijeceu. Ele imaginou -se segurando a cabeça de Catherine e beijando-a durante longos e lascivos minutos, até ela icar fraca e ofegante em seus braços.

Em vez disso, ele manteve as mãos nos bolsos do casaco, examinando-a sem nenhuma expressão.

– Importa-se de me explicar o que foi aquilo?

O sol brilhou nas lentes dos óculos de Catherine, escondendo os olhos dela momentaneamente.

– Estava me espionando, milorde?

– De modo algum. Não me interessa nem um pouco pelo que as solteironas fazem em seu tempo livre. Mas é difícil não notar quando meu cunhado está beijando a governanta no jardim.

Era de admirar o esforço de Catherine para manter a compostura. Ela não demonstrou reação, exceto um leve enrijecer das mãos sobre o colo.

– Um beijo – disse ela. – Na testa.

– Não importa quantos beijos foram nem como ele a beijou. Vai me explicar por que Rutledge fez isso. E por que a senhorita permitiu que izesse. E tente ser convincente, porque estou a isso aqui de... – Leo posicionou o polegar e o indicador para mostrar uma distância ínfima de milímetros –... de arrastá-la para a estrada e colocá-la na primeira carruagem para Londres.

– Vá para o inferno – rosnou ela e se levantou.

Tinha dado apenas dois passos quando ele a segurou por trás.

– Não me toque!

Leo a virou de frente para si, imobilizando-a facilmente. Fechou as mãos em torno dos braços esguios de Catherine. Sentiu o calor da pele dela sob a fina musselina das mangas. Ao segurá-la, ele se sentiu tomado por uma fragrância pura de lavanda e água de rosas. Havia um leve traço de talco na base do pescoço de Catherine. O perfume dela fez Leo se lembrar de uma cama recém-arrumada com lençóis passados. E, ah, como queria se refestelar nela!

– A senhorita tem muitos segredos. Tem sido um incômodo para mim há mais de um ano, com sua língua afiada e seu passado misterioso. Agora quero algumas respostas. O que estava discutindo com Harry Rutledge?

Expressando irritação, Catherine ergueu as sobrancelhas finas, vários tons mais escuras do que seus cabelos.

– Por que não pergunta a ele?

– Perguntei à *senhorita*. – Diante do silêncio teimoso dela, Leo resolveu provocá-la. – Se fosse um tipo diferente de mulher, eu suspeitaria que a *senhorita* estivesse jogando seus encantos para ele. Mas nós dois sabemos que a *senhorita* não tem nenhum encanto, não é?

– Caso tivesse, certamente não usaria com o senhor!

– Ora, Srta. Marks, vamos tentar ter uma conversa civilizada. Só desta vez.

– Não enquanto o senhor não tirar as mãos de mim.

– Não, a *senhorita* iria correr. E está quente demais para persegui-la. Catherine se enfureceu e o empurrou, as mãos espalmadas contra o peito dele. Seu corpo estava envolto em espartilho, rendas e inúmeras camadas de musselina. Só de pensar no que havia embaixo... pele branca e rosada, curvas suaves, pelos íntimos... ele ficou logo excitado.

Um arrepio a percorreu, como se Catherine pudesse ler os pensamentos de Leo. Ele a olhou atentamente, então sua voz se abrandou.

– Está com medo de mim, Srta. Marks? Logo a *senhorita*, que me enfrenta e me espezinha em todas as oportunidades?

– É claro que não, seu idiota arrogante! Só gostaria que se comportasse como um homem de sua posição social.

– Você se refere a um nobre? – Ele ergueu as sobrancelhas de forma zombeteira. – É assim que os nobres se comportam. Estou surpreso por ainda não ter notado.

– Ah, eu notei! Um homem com sorte suficiente para herdar um título deveria ter a decência de tentar viver à altura dele. Ser um nobre é um dever, uma responsabilidade, mas em vez disso o senhor parece encarar essa posição como uma licença para ter um comportamento autocomplacente e repulsivo. Além disso...

– Srta. Marks – interrompeu Leo em um tom de voz aveludado –, essa foi uma ótima tentativa de me distrair. Mas não vai funcionar. Não escapará de mim até me contar o que desejo saber.

Catherine engoliu em seco e tentou olhar para qualquer lugar, menos para Leo, o que não foi fácil, já que ele estava de pé bem diante dela.

– O motivo pelo qual eu estava conversando com o Sr. Rutledge em particular... a cena que testemunhou...

– Sim?

– É que... Harry Rutledge é meu irmão. Meio-irmão.

Leo itou a cabeça abaixada de Catherine, tentando assimilar a informação. A sensação de ter sido enganado e traído acendeu o fogo da raiva. Mas que diabos! Catherine e Harry Rutledge eram *irmãos*?

– Não pode haver nenhum bom motivo para tal informação ser mantida em segredo – disse Leo.

– A situação é complicada.

– Por que nenhum de vocês disse nada até agora?

– Ninguém precisava saber.

– A senhorita devia ter me contado antes de ele se casar com Poppy. Era sua obrigação.

– Por quê?

– Por lealdade. O que mais a senhorita sabe que poderia afetar minha família? Quais outros segredos está escondendo?

– Não é da sua conta – retrucou Catherine, agora se contorcendo sob a mão dele. – Deixe-me ir!

– Não até eu descobrir o que está tramando. Ao menos Catherine Marks

é seu verdadeiro nome? Quem diabos é você? – vociferou Leo, enquanto ela tentava se desvencilhar. – Fique quieta, seu pequeno demônio. Eu só quero... *ai!* – exclamou quando ela se virou e lhe deu uma forte cotovelada nas costelas.

A manobra deu a Catherine a liberdade que ela buscava, no entanto seus óculos voaram para o chão.

– Meus óculos! – Com um suspiro exasperado, ela se pôs de joelhos e

começou a tatear pelo chão, procurando por eles.

A fúria de Leo foi aplacada pela culpa. Ao que parecia, ela era praticamente cega sem óculos. E ver Catherine se rastejando no chão o fez sentir-se um brutamontes. Um estúpido. Ajoelhando-se, ele também começou a procurar os óculos.

– Viu em que direção eles caíram? – perguntou Leo.

– Se eu tivesse visto não precisaria de óculos, não é? – respondeu ela, furiosa.

Um silêncio breve.

– Vou ajudá-la a encontrá-los.

– Quanta gentileza – disse Catherine, ácida.

Durante os minutos seguintes os dois engatinharam pelo jardim inteiro, procurando entre os narcisos. Ambos ruminavam o silêncio denso como se estivessem mastigando uma costeleta de cordeiro.

– Então a senhorita precisa mesmo de óculos – disse Leo finalmente.

– É claro que preciso – respondeu Catherine, irritada. – Por que os usaria se não precisasse?

– Pensei que pudessem ser parte do seu disfarce.

– Meu disfarce?

– Sim, Srta. Marks, disfarce. Termo para descrever um meio de esconder a identidade de alguém. Frequentemente usado por palhaços e espiões. E agora, pelo visto, por governantas. Meu bom Deus, será que daria para ter *algo* normal em minha família?

Catherine piscou para Leo, seu olhar não muito focado. Por um instante, ela pareceu uma criança ansiosa cujo brinquedo favorito estava fora de alcance. E isso causou um aperto esquisito e doloroso no coração dele.

– Vou encontrar seus óculos – disse ele bruscamente. – Tem a minha palavra. Se quiser, pode entrar na casa enquanto continuo procurando.

– Não, obrigada. Se eu tentar encontrar a casa sozinha, provavelmente vou acabar no celeiro.

Notando um brilho metálico na grama, Leo estendeu o braço e pegou os óculos.

– Aqui estão. – Ele engatinhou até Catherine e a encarou ainda ajoelhado, mas com o tronco já na vertical. Depois de limpar as lentes com a manga de sua camisa, disse: – Fique parada.

– Dê-me os óculos.

– Deixe-me fazer isso, sua cabeça-dura. Discutir é tão natural para a

senhorita quanto respirar, não é?

– Não, não é – rebateu ela de imediato, e corou quando ele deu uma risada rouca.

– Não é nada divertido irritá-la quando a senhorita facilita, Srta. Marks.

– Leo pôs os óculos no rosto dela com muito cuidado, correndo os dedos pelas laterais da armação, avaliando seu ajuste com um olhar atencioso. Gentilmente, tocou nas pontas das hastes. – Não estão bem ajustados. – Passou a pontinha de um dedo na borda superior em uma das orelhas. Catherine icava muito bonita à luz do sol, os olhos cinzentos ganhando matizes de azul e verde. Como opalas. – Que orelhas pequenas! – continuou ele, deixando suas mãos se demorarem nas faces delicadas de Catherine. – Não me admira que os óculos caiam tão facilmente. Quase não há onde pendurá-los.

Catherine o encarou, perplexa.

Como ela era frágil, pensou Leo. A determinação dela era tanta e o temperamento tão irascível que ele tendia a se esquecer de que ela tinha metade do seu tamanho. Esperava que a essa altura Catherine tivesse afastado as mãos dele com um tapa – ela detestava ser tocada, sobretudo por ele. Mas ela não se mexeu. Ele então roçou o polegar no pescoço dela e sentiu uma pequena ondulação quando ela engoliu em seco. Havia algo de irreal no momento, algo similar a um sonho. Ele não queria que terminasse.

– Catherine é seu nome verdadeiro? – perguntou Leo. – Pode ao menos responder isso?

Ela hesitou, temendo revelar qualquer parte de si, até mesmo aquele fragmento de informação. Mas quando as pontas dos dedos de Leo deslizaram por seu pescoço, a leve carícia pareceu desarmá-la e um rubor lhe subiu até o rosto.

– Sim – soltou, engasgada. – É Catherine.

Ambos ainda estavam ajoelhados, juntos, a saia dela ondulada e espalhada em todas as direções. As dobras de musselina com estampa loral estavam presas debaixo de um dos joelhos de Leo. O corpo dele reagiu fortemente à proximidade dela, o calor deslizando sob a pele e se acumulando em lugares inconvenientes. Músculos se intumesceram. Ele teria de pôr fim àquilo, ou faria algo de que ambos se arrependeriam.

– Vou ajudá-la a se levantar – disse Leo bruscamente, começando a se erguer. – Vamos entrar. Mas saiba que ainda não terminamos. Há mais coisas que eu...

No entanto ele se calou, porque quando Catherine tentou se levantar, o corpo dela roçou no dele. Ficaram parados, frente a frente, os hálitos se misturando em arfadas irregulares.

A sensação de sonho se intensificou. Estavam ajoelhados em um jardim no verão, o ar carregado pelo perfume de relva quente pisoteada e de papoulas escarlate... e então Catherine Marks estava nos braços dele. Os cabelos dela brilhavam à luz do sol e a pele era macia como uma pétala. O lábio superior era quase tão carnudo quanto o inferior, as curvas, delicadas e suaves. Ao olhar para a boca de Catherine, Leo sentiu os pelos da nuca se eriçarem de excitação.

Certas tentações eram irresistíveis, concluiu ele de forma atordoada. Pois eram tão persistentes que sempre iriam voltar, sem parar. Por isso era *obrigatório* ceder a elas – esse era o único jeito de se livrar.

– Mas que diabo – disse Leo asperamente. – Vou fazer isso. Mesmo sabendo que serei aniquilado depois.

– Fazer o quê? – perguntou Catherine, os olhos arregalados.

– Isto.

E a boca tocou a dela.

Finalmente, todos os músculos no corpo dele pareceram suspirar. Finalmente. A sensação foi tão agradável que por um momento Leo não conseguiu nem mesmo se mexer, mas apenas sentir a boca de Catherine na dele. Mergulhado na sensação, permitiu então que ela o dominasse. Parou de pensar e fez toda e qualquer coisa que desejava... sugou o lábio superior e depois o inferior de Catherine, selando as bocas, tocando a língua dela com a dele, brincando com ela. Um beijo começava antes mesmo de outro terminar, uma sequência de carícias eróticas, toques suaves e pressões. O prazer do ato se apoderou dele, repercutindo em todas as veias e todos os nervos.

E, Deus o ajudasse, ele ansiava por mais. Estava morrendo de vontade de enfiar as mãos dentro das roupas de Catherine e sentir cada centímetro do corpo dela. Queria deslizar a boca por caminhos íntimos, beijar e saborear todos os pedacinhos dela. Ela reagiu com desamparo. Pressionou-se de encontro a ele como se a sensação estivesse vindo de todas as direções. E estava mesmo. Ambos tentavam se aproximar mais, mais perto ainda, os corpos seguindo um ritmo novo e irregular. Caso não estivessem separados por tantas camadas de roupas, teriam feito amor imediatamente.

Leo continuou a beijá-la muito além do momento em que deveria ter parado, não apenas em função do puro prazer do gesto, como também por relutar em enfrentar o que aconteceria a seguir. O relacionamento conturbado deles já não seria o mesmo depois de algo assim. Agora estavam em novos trilhos, rumo a um destino desconhecido, e Leo tinha certeza de que nenhum dos dois ia gostar do lugar aonde aquilo os levaria.

Percebendo que não seria capaz de soltá-la de uma só vez, ele foi cedendo aos poucos, aninhando a boca no cantinho do maxilar de Catherine e seguindo até a cavidade sensível atrás da orelha dela. A pulsação dela estava acelerada de encontro aos lábios dele.

– Catherine – disse ele num arfar rouco –, eu temia por isto. De algum modo eu sabia... – Calando-se, ele ergueu a cabeça e baixou os olhos para ela.

Catherine olhou através da névoa que se acumulara em suas lentes.

– Meus óculos... eu os perdi de novo.

– Não, não os perdeu. As lentes estão embaçadas.

Quando a névoa se dissipou, Catherine empurrou Leo. Esforçou-se para se levantar, rejeitando freneticamente os esforços dele para ajudá-la.

Eles se encararam. Era difícil dizer quem estava mais chocado. Mas a julgar pela expressão dos dois, provavelmente era Catherine.

– Isso nunca aconteceu – disparou ela. – Se tiver a audácia de algum dia mencionar a alguém, negarei tudo até meu último suspiro. – Ela espanou as saias agitadamente algumas vezes para remover as partículas de folhas e relva, então lançou um olhar de advertência ameaçador. – Vou entrar na casa agora. E não me siga!

CAPÍTULO 2

Os caminhos de Catherine e Leo só se cruzaram novamente no jantar, em um ambiente lotado que incluía as irmãs casadas de Leo – Amelia, Win e Poppy – e seus respectivos maridos – Cam Rohan, Kev Merripen e Harry Rutledge –, além da irmã mais nova, Beatrix. Foi ao lado dela que Catherine se sentou, na extremidade da mesa.

Até então nenhuma das irmãs de Leo havia escolhido um marido muito convencional. Rohan e Merripen eram ciganos, o que em parte explicava sua convivência tranquila com os extravagantes Hathaways. E o marido de Poppy, Harry Rutledge, era um hotelheiro excêntrico, um sujeito poderoso supostamente mais apreciado por seus inimigos do que por seus amigos.

Era mesmo possível Catherine Marks ser irmã de Harry?

Leo ficou olhando de um para o outro durante o jantar, procurando semelhanças. *Que coisa! Há de fato semelhanças*, pensou ele. As maçãs do rosto proeminentes, as sobrancelhas retas, a leve inclinação felina nos cantos externos dos olhos.

– Preciso falar com você – disse Leo para Amelia assim que o jantar terminou. – Em particular.

Os olhos azuis dela se arregalaram de curiosidade.

– É claro. Vamos dar uma volta? Ainda está claro lá fora.

Leo assentiu brevemente.

Na posição de irmãos mais velhos, Leo e Amelia tinham sua cota de discussões. Contudo, ela era a pessoa de quem Leo mais gostava no mundo, isso sem mencionar o fato de ser sua maior confidente. Amelia tinha bom senso e não hesitava em dizer o que pensava.

Ninguém nunca esperara que a pragmática Amelia fosse se apaixonar por Cam Rohan, um cigano arrojado. No entanto Cam conseguira seduzi-la e se casar com ela antes mesmo de Amelia se dar conta do que estava acontecendo. E Cam se revelara capaz de fornecer as orientações sensatas de que os Hathaways vinham necessitando. Com seus cabelos pretos um tanto longos e um

brinco de brilhante reluzente em uma das orelhas, ele estava longe de parecer um patriarca sério. Mas fora a informalidade de Cam que lhe permitiu lidar tão bem com os Hathaways. Agora ele e Amelia

eram pais de Rye, um menino de 9 meses, dono de cabelos escuros como os do pai e de olhos azuis como os da mãe.

Caminhando sem pressa com Amelia por uma estradinha particular, Leo olhou ao redor da propriedade. No verão, o sol de Hampshire não se punha antes das nove da noite, iluminando um mosaico de loresta, charneca e prados relvados. Rios e córregos riscavam a paisagem, alimentando pântanos e campos úmidos repletos de uma fértil fauna selvagem. Embora a Ramsay House certamente não fosse a maior propriedade de Hampshire, era uma das mais bonitas, com uma loresta madeireira antiga e 1.200 hectares de terra cultivável.

No ano anterior Leo tinha conhecido os arrendatários da propriedade, feito melhorias na irrigação e na drenagem, consertado cercas, portões e construções... e Deus sabia que ele havia aprendido muito mais do que jamais desejara saber a respeito de fazendas. Tudo parte das instruções severas de Kev Merripen.

Merripen, que convivera com os Hathaways desde a infância, dedicara-se a aprender o máximo possível sobre administração de propriedades. Agora estava decidido a transmitir tal conhecimento acumulado a Leo.

– A terra só se torna realmente sua depois que você põe um pouco de seu sangue e seu suor nela – dissera-lhe Merripen.

– Isso é tudo? – perguntara Leo com sarcasmo. – Só sangue e suor? Tenho certeza de que posso encontrar mais um ou dois luidos corporais para doar caso isso seja importante.

Mas no fundo ele reconhecia que Merripen estava certo. Aquela sensação de posse, de união, não poderia ser obtida de outra forma.

Leo enfiou as mãos nos bolsos e deu um suspiro tenso. O jantar o deixara impaciente e irritável.

– Imagino que você tenha brigado com Catherine – observou Amelia. – Geralmente vocês icam se al inetando à mesa. Mas esta noite os dois estavam calados. Acho que ela não tirou os olhos do prato nem uma vez.

– Não foi uma briga – disse Leo bruscamente.

– Então o que foi?

– Após alguma pressão, a Srta. Marks confessou que Rutledge é irmão dela.

Amelia o encarou com desconfiança.

– Que tipo de pressão?

– Não importa. Você ouviu o que acabei de dizer? Harry Rutledge é...

– Catherine já tem estado sob muita pressão sem você para atormentá-la – disse Amelia. – Espero que não tenha sido cruel com ela, Leo. Porque se foi...

– *Eu*, cruel com a *Srta. Marks*? É comigo que você deveria se preocupar. Depois de uma conversa com ela, geralmente saio destruído. – A indignação dele dobrou quando notou que sua irmã tentava disfarçar um sorriso. – Deduzo que você já sabia que Rutledge e a Srta. Marks eram parentes.

– Fiquei sabendo há alguns dias – admitiu Amelia.

– Por que não me contou nada?

– Ela me pediu que não dissesse e eu concordei, por respeito à privacidade dela.

– Não sei por que diabos a Srta. Marks deveria ter privacidade quando mais ninguém aqui tem. – Leo parou, obrigando Amelia a parar também. Eles se encararam. – Por que o fato de ela ser irmã de Rutledge é segredo?

– Não sei ao certo – admitiu Amelia, parecendo incomodada. – Ela apenas disse que isso era para a proteção dela.

– Proteção contra o quê?

Amelia balançou a cabeça, impotente.

- Talvez Harry possa lhe dizer. Mas eu duvido muito.
 - Por Deus, alguém tem de me explicar isso, ou mandarei a Srta. Marks embora num piscar de olhos.
 - Leo – disse Amelia atônita. – Você não faria isso.
 - Seria um prazer.
 - Mas pense em Beatrix e em quanto ela ficaria chateada...
 - Estou pensando em Beatrix. Não quero que minha irmã caçula fique aos cuidados de uma mulher com um segredo possivelmente perigoso. Se um homem como Harry Rutledge, que tem ligações com algumas das figuras mais abomináveis de Londres, não pode reconhecer a própria irmã... ela pode ser uma criminosa. Isto nunca lhe ocorreu?
 - Não – disse Amelia, impassível, voltando a andar. – Sinceramente, Leo, isso soa um pouco dramático até mesmo para você. Ela não é uma criminosa.
 - Não seja ingênua – disse ele, seguindo-a. – Ninguém é exatamente quem parece ser.
- Após um breve silêncio, Amelia perguntou, cautelosa:
- O que vai fazer?
 - Vou para Londres amanhã. Ela arregalou os olhos.
 - Mas Merripen espera que você participe do plantio de nabos, da adubagem e...
 - Sei o que Merripen espera. E realmente detesto perder suas preleções fascinantes sobre as maravilhas do esterco. Mesmo assim, eu vou. Quero passar um tempo com Rutledge e arrancar algumas respostas dele.
- Amelia franziu a testa.
- Por que você não pode conversar com ele aqui?
 - Porque ele está em lua de mel e não vai querer passar sua última noite em Hampshire conversando comigo. Além disso, resolvi aceitar uma pequena incumbência de projetar um jardim de inverno numa casa em Mayfair.

– Acho que você quer ir longe de Catherine. Acho que alguma coisa aconteceu entre vocês.

Leo olhou de relance para os últimos resquícios do brilho cor de laranja e púrpura da luz do dia.

– Está escurecendo – observou ele em um tom agradável. – Deveríamos voltar.

– Não se pode fugir dos problemas, você sabe.

Ele retorceu a boca de contrariedade.

– Por que as pessoas sempre dizem isso? É claro que se pode fugir. Faço isso o tempo todo e nunca falha.

– Você está obcecado por Catherine – insistiu Amelia. – Isso está óbvio para todo mundo.

– Quem está sendo dramático agora? – perguntou ele, caminhando a passos largos em direção a Ramsay House.

– Você observa tudo o que ela faz – continuou Amelia enquanto o acompanhava. – Sempre que o nome dela é mencionado, você é todo ouvidos. E, ultimamente, toda vez que o vejo conversando ou discutindo com ela, você parece mais animado do que já estive desde... – Amelia calou-se, parecendo pensar melhor no que estava prestes a dizer.

– Desde quando? – perguntou Leo, desafiando-a a continuar.

– Desde antes da escarlatina.

Esse era um assunto que eles nunca discutiam.

No ano antes de Leo herdar o título de visconde, uma epidemia fatal de escarlatina assolara a vila onde os Hathaways moravam.

A primeira pessoa a pegar a doença fora Laura Dillard, noiva de Leo. A família de Laura permitira que ele icasse à cabeceira dela. Durante

três dias ele a observou agonizar em seus braços, hora a hora, até finalmente morrer.

Leo então foi para casa e ficou prostrado com a febre, e Win também. Por algum milagre, ambos sobreviveram, mas Win acabou ficando debilitada. Desde então Leo se transformara num homem

totalmente diferente, traumatizado de um modo que nem ele conseguia entender. Flagrara-se num pesadelo do qual não conseguia acordar. Deixou de se importar com a própria vida e morte. A parte mais imperdoável foi que, em seu tormento, ele acabara por magoar a família, causando-lhes uma in inidade de problemas. No pior momento, quando Leo parecera determinado a se autodestruir, a família tomara uma decisão. Eles enviaram Win para uma clínica de recuperação na França, acompanhada por Leo.

Enquanto os pulmões fracos de Win se recuperavam, Leo passara horas passeando pelas vilas quentes e modorrentas com suas casas rematadas por telhas curvas da Provence, subindo por estradas íngremes sinuosas salpicadas de lores e atravessando campos áridos. A luz solar, o céu azul intenso, a *lenteur*, ou lentidão da vida, serviram para desanuviar sua mente e acalmar sua alma. Ele havia parado de beber, exceto por uma única taça de vinho no jantar. Aproveitara seu tempo desenhando e pintando, e finalmente vivenciara seu luto.

Quando Leo e Win voltaram para a Inglaterra, a irmã não demorou a satisfazer o desejo de seu coração, que era se casar com Merripen.

Enquanto isso, Leo tentava compensar as falhas para com sua família. E, acima de tudo, estava determinado a evitar se apaixonar novamente. Agora que tinha consciência da profundidade fatal de sentimentos da qual era capaz, nunca mais concederia a outro ser humano tal poder sobre ele.

– Minha irmã – disse um pouco triste para Amelia –, se você estiver com alguma ideia maluca de que tenho algum tipo de interesse pessoal na Srta. Marks, abandone-a agora mesmo. Tudo que pretendo fazer é descobrir que esqueleto ela guarda no armário. E, se bem a conheço, é possível que seja literalmente um esqueleto.

CAPÍTULO 3

–Eu só iquei sabendo da existência de Cat quando já estava com 20 anos – disse Harry Rutledge, esticando suas longas pernas.

Leo e ele estavam sentados na sala social do hotel de Rutledge. O ambiente tranquilo e luxuoso, com numerosos pórticos octogonais, era um concorrido ponto de reunião em Londres para a nobreza estrangeira, viajantes endinheirados, aristocratas e políticos.

Leo olhou para seu cunhado com um ceticismo maldisfarçado. Dentre todos os possíveis pretendentes de suas irmãs, Rutledge certamente não seria o primeiro de sua lista. Leo não con iava nele. Por outro lado, Harry tinha pontos positivos, entre eles sua óbvia devoção a Poppy.

Harry bebericou de uma taça de conhaque morno, pensando cuidadosamente em suas palavras antes de continuar. Era um homem bonito, capaz de exercer grande fascínio, porém cruel e manipulador. Mas também não dava para se esperar algo diferente de um homem com suas conquistas, sendo uma delas a criação do maior e mais opulento hotel de Londres.

– Estou relutante em conversar sobre Cat por vários motivos – disse Harry, seus olhos verdes cautelosos. – Principalmente pelo fato de eu nunca ter sido gentil o su iciente com ela, e nem tampouco tê-la protegido quando deveria. E me arrependo disso.

– Todos nós temos arrependimentos – disse Leo, bebendo um gole de conhaque e deixando o ardor aveludado deslizar por sua garganta. – É por isso que sou iel aos meus maus hábitos. Ninguém precisa começar a se arrepender de qualquer ato, a menos que pare de fazê-lo.

Harry sorriu, mas logo icou sério, ao mesmo tempo que observava a chama de uma pequena lamparina em cima da mesa.

– Antes de lhe dizer qualquer coisa, quero perguntar qual é a natureza de seu interesse por minha irmã.

– Estou perguntando como patrão dela – esclareceu Leo. – Estou preocupado com a influência que ela pode ter sobre Beatrix.

– Você nunca questionou a influência de Cat – retrucou Harry. – E, pelo que me consta, ela fez um ótimo trabalho com Beatrix.

– Fez. Contudo, a revelação dessa ligação misteriosa com você me preocupou. Talvez vocês dois estejam tramando alguma coisa.

– Não. – Harry olhou para ele diretamente. – Ninguém está tramando nada.

– Então por que todos esses segredos?

– Não tenho como explicar sem lhe contar sobre meu passado... – Harry fez uma pausa e acrescentou sombriamente: – Algo que detesto fazer.

– Sinto muito – disse Leo sem um pinga de sinceridade. – Continue. Harry hesitou de novo, como se pesando sua decisão de revelar tudo.

– Cat e eu tivemos a mesma mãe. O nome dela era Nicolette Wogens. Era inglesa. Sua família se mudou da Inglaterra para Buffalo, em Nova York, quando ela ainda era criança. Como Nicolette era filha única e seus pais já não eram tão jovens quando ela nasceu, queriam vê-la casada com um homem que fosse capaz de cuidar dela. Meu pai, Arthur, tinha mais do que o dobro da idade dela e era bastante próspero. Suspeito que os Wogens tenham forçado o casamento. Certamente não havia amor nele. Mas meus pais se casaram mesmo assim, e nasci logo depois. Na verdade, um tanto rápido demais. Houve especulações sobre Arthur não ser meu pai.

– Ele era? – Leo não conseguiu evitar a pergunta.

Harry sorriu cinicamente.

– Quem pode saber com certeza? – Ele deu de ombros. – Em todo caso, minha mãe acabou fugindo para a Inglaterra com um de seus amantes. – O olhar de Harry estava distante. – Acredito que houve outros homens depois disso. Minha mãe não era do tipo contida. Era uma vadia mimada e dada a excessos, mas muito bonita. Cat se parece muito com ela. – Ele fez uma pausa, refletindo. – Só que é mais delicada. Mais refinada. E, ao contrário de minha mãe, Cat tem uma natureza gentil e carinhosa.

– Realmente – disse Leo com mau humor. – Ela nunca foi gentil comigo.

– Isso é porque você a assusta.

Leo lançou um olhar incrédulo.

– Como eu poderia assustar aquela megerazinha? E não venha me dizer que ela ica tensa perto do sexo oposto, porque ela é muito amável com Cam e Merripen.

– Ela se sente segura com eles.

– Por que não comigo? – perguntou Leo, ofendido.

– Creio – disse Harry com ar pensativo – que ela seja sensível a você como homem.

A revelação fez o coração de Leo dar uma cambalhota. Ele examinou o conteúdo de sua taça de conhaque com um enfado estudado.

– Ela lhe disse isso?

– Não, eu percebi isso, em Hampshire. – Harry assumiu um tom irônico.

– É preciso ser muito observador quando se trata de Cat. Ela não fala sobre si. – Ele bebeu o resto de seu conhaque, pousou a taça com cuidado e se reclinou na poltrona. – Nunca mais tive notícias de minha mãe depois que ela foi embora de Buffalo – disse ele, entrelaçando os dedos sobre a barriga achatada. – Mas quando eu tinha 20 anos, recebi uma carta convidando-me a visitá-la. Ela havia contraído uma doença devastadora, algum tipo de câncer. Presumi que, antes de morrer, quisesse ver o homem que me tornara. Parti para a Inglaterra imediatamente, no entanto ela morreu pouco antes de eu chegar.

– E foi então que conheceu sua irmã – disse Leo.

– Não, ela não estava lá. Embora tivesse querido permanecer com a mãe, Cat fora enviada para icar com uma tia e a avó paterna. E o pai, aparentemente relutante em icar de vigília à cabeceira da doente, também foi embora de Londres.

– Um sujeito nobre – observou Leo.

– Uma vizinha cuidou de Nicolette em sua última semana de vida. Foi essa mulher quem me contou sobre Cat. Por um momento pensei em visitar a menina, mas optei por não fazê-lo. Não havia lugar em minha vida para uma meia-irmã ilegítima. Catherine tinha quase metade da minha idade e precisava de orientação feminina. Presumi que icaria melhor sob os cuidados da tia.

– Essa suposição foi correta? – Leo sentiu-se obrigado a perguntar. Harry lhe lançou um olhar inescrutável.

– Não.

Havia toda uma história implícita naquela única e triste palavra. Leo desejava muito ouvi-la.

– O que aconteceu?

– Resolvi icar na Inglaterra e me dedicar ao ramo hoteleiro. Então enviei uma carta a Cat, dizendo-lhe para onde escrever caso precisasse de alguma coisa. Tempos depois, quando tinha 15 anos, ela escreveu-me pedindo ajuda. Eu a encontrei em... circunstâncias di íceis. Gostaria de tê-la encontrado um pouco antes.

Sentindo uma pontada de preocupação inexplicável, Leo achou

impossível manter sua usual fachada de desinteresse.

– O que quer dizer com circunstâncias difíceis? Harry balançou a cabeça.

– Acho que isso é o máximo que posso lhe contar. O restante cabe a Cat.

– Mas que diabos, Rutledge, você não vai parar na metade. Quero saber como os Hathaways se envolveram nisso, e por que tive o azar de acabar empregando a governanta mais geniosa e intrometida da Inglaterra.

– Cat não precisa trabalhar. É uma mulher de recursos, independente. Eu lhe destinei dinheiro suficiente para que tivesse liberdade de fazer o que quisesse. Cat foi para um internato durante quatro anos e permaneceu lá, a fim de lecionar, por mais dois. Por fim veio até mim e me disse que havia aceitado um cargo de governanta na família Hathaway. Acho que nessa época você

estava na França com Win. Cat foi fazer a entrevista, Cam e Amelia gostaram dela, Beatrix e Poppy claramente precisavam dela, e ninguém pareceu inclinado a questionar sua falta de experiência.

– É claro que não – disse Leo um tanto mordaz. – Minha família nunca se preocuparia com algo tão insignificante quanto experiência profissional. Estou certo de que começaram a entrevista perguntando qual era a cor favorita dela.

Harry tentou em vão não sorrir.

– Sem dúvida você está certo.

– Por que ela decidiu trabalhar se não precisava de dinheiro?

Harry deu de ombros.

– Queria ver como era uma família, ainda que apenas de fora. Cat acha que nunca terá a própria família.

Leo franziu as sobrancelhas como se estivesse tentando compreender aquilo.

– Nada a impede de ter uma – salientou.

– Você acha mesmo que não? – Um brilho irônico surgiu nos olhos muito verdes de Harry. – Vocês, os Hathaways, nunca conseguiriam entender como é ser criado no isolamento por pessoas que não lhe dão a mínima. Não há escolha senão presumir que isso é culpa sua, que não é digno de amor. E esse sentimento o envolve até se tornar uma prisão e você se vir fechando a porta para qualquer um que queira entrar.

Leo ouvia atentamente, percebendo que Harry estava falando sobre si, bem como a respeito de Catherine. No íntimo, admitiu que Harry estava certo: mesmo no momento mais desesperador de sua vida, Leo nunca

tivera dúvidas quanto ao amor de sua família.

Pela primeira vez ele de fato compreendia o que Poppy havia feito por Harry, como ela penetrara na prisão invisível descrita por ele.

– Obrigado – disse Leo em voz baixa. – Sei que não foi fácil para você falar sobre esse assunto.

– Certamente não. – Então Harry murmurou com total seriedade: – Devo deixar uma coisa bem clara, Ramsay: se você magoar Cat de algum modo, terei de matá-lo.

De camisola, Poppy estava sentada na cama lendo um romance. Assim que ouviu alguém entrar no quarto elegante, ergueu os olhos, sorrindo, e deparou com seu marido no aposento. A pulsação dela se acelerou de prazer à visão dele, tão moreno e atraente. Harry era um homem enigmático, perigoso até mesmo na opinião daqueles que a irmavam conhecê-lo bem. Mas com Poppy ele relaxava e mostrava seu lado gentil.

– Conversou com Leo? – perguntou ela.

– Sim, amor. – Harry tirou o casaco e o colocou no encosto de uma cadeira, daí se aproximou da cama. – Conforme eu esperava, ele queria conversar sobre Cat. Eu lhe contei o máximo possível a respeito do passado dela... e do meu.

– O que você deduziu da situação? – Poppy sabia que Harry era brilhante no que dizia respeito a discernir os pensamentos e motivações alheios.

Harry desatou o nó da gravata, deixando-a pendurada no pescoço.

– Ramsay está mais preocupado com Cat do que desejaria estar, isso ficou claro. E não gostei nada disso. Mas não vou interferir, a menos que

Cat peça ajuda. – Ele tocou o contorno exposto do pescoço de Poppy, roçando as costas dos dedos na pele macia com uma sensibilidade e uma leveza que fizeram a respiração dela se acelerar. Repousou os dedos na pulsação palpitante dela e acariciou suavemente. Ao notar um leve tom de rosa surgir no rosto de sua mulher, disse em voz baixa: – Ponha o livro de lado.

Os dedos dela se contraíram sob as cobertas.

– Mas cheguei em uma parte muito interessante – disse Poppy afetadamente, provocando-o.

– Sem dúvida não é tão interessante quanto o que está prestes a acontecer com você. – Afastando as cobertas com um movimento

deliberado que a deixou ofegante, Harry baixou o corpo sobre o dela... e o livro caiu no chão, esquecido.

CAPÍTULO 4

Catherine tinha esperanças de que Leo, lorde Ramsay, fosse se ausentar de Hampshire por um longo período. Talvez, se ele passasse muito tempo fora, ambos pudessem fingir que o beijo no jardim nunca havia acontecido.

Mas nesse ínterim ela não podia evitar se perguntar... por que ele havia feito aquilo?

O mais provável era que estivesse apenas se divertindo com ela, buscando um novo jeito de desestabilizá-la.

Se a vida fosse de todo justa, pensou tristemente, Leo seria gordo, careca e teria marcas de varíola. Mas ele era um homem bonito e com 1,83 metro de altura. Tinha cabelos escuros, olhos azuis e um sorriso fascinante. Pior ainda, não parecia o canalha que era. Parecia íntegro, honesto e honrado, o cavalheiro mais gentil que se poderia esperar conhecer.

A ilusão acabava assim que ele abria a boca. Leo era um homem totalmente mal-intencionado, articulado em todas as circunstâncias. Sua irreverência não poupava ninguém, muito menos a si. No primeiro ano de convivência entre ambos, ele exibira quase todas as qualidades condenáveis que um homem poderia possuir, e qualquer tentativa de corrigi-lo só o tornava pior. Principalmente se tal tentativa partisse de Catherine.

Leo era um homem com um passado negro, e não tinha nem a decência de tentar esconder isso. Era franco sobre sua história imoral, sobre a bebida, a caça às mulheres e as brigas, o comportamento autodestrutivo que quase levava a família Hathaway à catástrofe em mais de uma ocasião. Só se podia concluir que ele gostava de ser um canalha, ou pelo menos de ser conhecido como tal. Assumia perfeitamente o papel do aristocrata enfastiado, seus olhos brilhando com o cinismo de um homem que, aos 30 anos, conseguira sobreviver apesar de si mesmo.

Catherine não queria se envolver com nenhum homem, muito menos com um que emanava um charme tão perigoso. Não dava para con iar em um sujeito desses. Talvez os piores dias dele ainda

estivessem por vir. E se não... era totalmente possível que os dela estivessem iminentes.

Cerca de uma semana depois de Leo deixar Hampshire, Catherine passou uma tarde fora com Beatrix. Infelizmente esses passeios nunca eram a caminhada bem planejada que Catherine preferia. Beatrix não caminhava, ela explorava. Gostava de se embrenhar na loresta, investigando plantas, fungos, ninhos, teias e buracos no chão. Nada encantava tanto a caçula dos Hathaways quanto descobrir uma salamandra negra, um ninho de lagarto, uma toca de coelho ou um rastro de texugos.

Criaturas feridas eram resgatadas, curadas e libertadas ou, quando não se recuperavam por completo, tornavam-se parte da família Hathaway. E a família estava tão acostumada aos animais de Beatrix que ninguém se surpreendia mais quando um porco-espinho passava rebolante pelo salão ou um par de coelhos saltitava pela mesa de jantar.

Agradavelmente cansada depois do longo passeio com Beatrix, Catherine sentou-se à sua penteadeira e soltou os cabelos. Passou os dedos pelo couro cabeludo e pelos cachos louros, aliviando a leve dor deixada pelos grampos e tranças apertadas.

Um leve murmúrio veio de trás dela. Cat se virou e viu Dodger, o furão de estimação de Beatrix, surgindo de baixo da penteadeira. O corpinho longo e sinuoso se arqueou graciosamente em direção a ela, com uma luva branca entre os dentes. O ladrãozinho travesso gostava de surrupiar coisas de gavetas e caixas e escondê-las em pilhas secretas. Para a frustração de Catherine, Dodger tinha predileção pelas coisas *dela*. Tornara-se um ritual de humilhação percorrer a Ramsay House em busca das próprias ligas.

– Seu ratão – ralhou Catherine quando ele icou em pé e apoiou as patas pequeninas na beirada da cadeira. Ela estendeu a mão para acariciar o pelo macio, fez cócegas na cabeça de Dodger e, com cuidado, tirou a luva dos dentes do animalzinho. – Agora que já roubou todas as minhas ligas, está passando para as luvas, é?

Ele a encarou afetuosamente, os olhos brilhando em meio à faixa escura que formava uma máscara na carinha do bicho.

– Onde você escondeu minhas coisas? – perguntou ela, pondo a luva sobre a penteadeira. – Se eu não encontrar as ligas logo, terei de prender minhas meias com pedaços de cadarços velhos.

Dodger retorceu os bigodes e pareceu lhe sorrir, exibindo dentes

pequenos e afiados. Ele rodopiou de um modo convidativo.

Sorrindo de maneira relutante, Catherine pegou uma escova de cabelo e a passou pelos cachos soltos.

– Não, não tenho tempo para brincar com você. Estou me preparando para o jantar.

Em um movimento fluido e veloz, o furão pulou para o colo de Catherine, pegou a luva na penteadeira e saiu correndo quarto afora.

– Dodger – exclamou Catherine, correndo atrás dele. – Traga isso de volta! – Ela seguiu para o corredor, onde criadas andavam de um lado para outro com uma pressa incomum. Dodger desapareceu na curva.

– Virgie – perguntou Catherine para uma das criadas –, o que está acontecendo?

A garota de cabelos escuros estava ofegante e sorridente.

– Lorde Leo acabou de chegar de Londres, senhorita, e fomos instruídas a preparar o quarto dele, pôr mais um prato à mesa do jantar e desfazer as malas quando os lacaios as trouxerem para cima.

– Tão cedo? – perguntou Catherine, sentindo a cor se esvaír de seu rosto. – Mas ele não avisou. Ninguém o esperava.

Eu não o esperava, era o que ela queria dizer.

Virgie deu de ombros e se afastou apressadamente, segurando uma pilha de roupas de cama dobradas.

Catherine pôs a mão na barriga, sentindo os nervos saltitarem, e se retirou para o quarto. Não estava pronta para encarar Leo. Não era justo ele voltar tão cedo.

É claro, aquela casa era *dele*. Mas mesmo assim...

Ela começou a andar em círculo, enquanto tentava organizar o caos de seus pensamentos. Só havia uma solução: evitar Leo. Alegaria uma dor de cabeça e ficaria em seu quarto.

No meio de sua confusão mental, houve uma batida à porta. Alguém entrou sem aguardar que ela autorizasse. Catherine engoliu em seco ao deparar com a figura alta e familiar de Leo.

– Como ousa entrar em meu quarto sem... – A voz dela murchou enquanto ele fechava a porta.

Leo se virou para encará-la e a varreu com os olhos. Ele estava com as roupas amassadas da viagem e um pouco coberto de poeira. Seus cabelos precisavam de uma boa escovada, os cachos castanho-escuros desgrehados e caindo na testa. Parecia calmo, porém cauteloso, a

zombaria sempre presente em seus olhos substituída por algo que ela não conseguia identificar. Algo novo.

Catherine pousou a mão sobre a barriga, lutando para controlar a respiração. Ficou imóvel enquanto ele se aproximava, o coração batendo com a mistura vertiginosa de medo e empolgação.

Leo cercou as laterais do corpo retesado de Catherine, apoiando as mãos na borda da penteadeira bem atrás dela. Estava perto demais, envolvendo-a em seu vigor masculino. Cheirava a ar livre, poeira e cavalos, como qualquer jovem saudável. Quando ele se inclinou sobre Catherine, um de seus joelhos pressionou delicadamente as saias fartas dela.

– Por que voltou? – perguntou Catherine debilmente. Ele a encarou, bem nos olhos.

– A senhorita sabe o motivo.

Antes que Catherine pudesse se conter, seu olhar baixou para os contornos firmes da boca de Leo.

– Cat... Precisamos conversar sobre o que aconteceu.

– Não sei o que quer dizer.

Ele inclinou a cabeça levemente.

– Gostaria que eu a lembrasse?

– Não, não... – Ela balançou a cabeça para dar mais ênfase. – Não. Ele torceu os lábios.

– Um “não” é suficiente, querida.

Querida?

Tomada pela ansiedade, Catherine tentou manter a voz firme.

– Pensei que tivesse deixado claro que queria ignorar o ocorrido.

– E espera que isso o faça ser esquecido?

– Sim, é isso que fazemos com os erros – disse ela com dificuldade. – Nós os esquecemos e seguimos em frente.

– É mesmo? – perguntou Leo num tom inocente. – Geralmente meus erros são tão agradáveis que tendo a repeti-los.

Catherine se perguntou o que havia de errado com ela para estar tão tentada a sorrir.

– Esse não será repetido.

– Ah, eis a governanta falando. Toda rígida e reprovadora. E isso faz com que eu me sinta um colegial travesso. – Ele ergueu uma das mãos para acariciar a ponta do queixo dela.

Catherine sentiu impulsos conulitantes no corpo, a pele ansiando pelo

toque de Leo, seus instintos a avisando para ficar longe dele. O resultado foi uma espécie de imobilidade atônita, todos os músculos tensos.

– Se não sair do meu quarto neste instante – ela se ouviu dizer –, farei um escândalo.

– Nada no mundo me agradaria mais do que vê-la fazendo um escândalo. Na verdade, eu a ajudarei. Como podemos começar? – Ele parecia apreciar o constrangimento de Catherine, o rubor incontrolável no rosto dela.

Leo acariciou a pele fina e macia sob o queixo de Catherine com o polegar, um movimento sedutor que a fez inclinar a cabeça para trás antes de se dar conta do que estava fazendo.

– Nunca vi olhos assim – disse Leo distraidamente. – Eles me fazem lembrar a primeira vez que vi o mar do Norte. – As pontas dos dedos contornaram o queixo de Catherine. – Quando o vento toca as ondas, a água ganha o mesmo tom verde acinzentado dos seus olhos... e então se torna azul no horizonte.

Catherine só podia presumir que Leo estava zombando dela de novo. Ela o olhou de cara feia.

– O que quer de mim?

Ele demorou um longo tempo para responder, as pontas dos dedos trilhando até o lóbulo da orelha dela, massageando suavemente.

– Quero seus segredos. E os arrancarei de você de qualquer jeito. Aquilo deu a Catherine o ímpeto necessário para afastar a mão dele com

um tapa.

– Pare com isso. Como sempre, está se divertindo à minha custa. É um patife devasso, um cafajeste sem princípios e...

– Não se esqueça de “libertino depravado” – disse ele. – Esse é um dos meus favoritos.

– *Saia!*

Leo se afastou aos poucos da penteadeira.

– Está bem. Sairei. Obviamente você teme que, se eu icar, não será capaz de controlar seu desejo por mim.

– O único desejo que sinto – disse ela – envolve mutilação e esquartejamento.

Leo sorriu e seguiu para a porta. Parando à soleira, deu uma olhadela.

– Seus óculos estão icando embaçados de novo – disse com ar jovial, e saiu antes que Catherine pudesse encontrar algo para atirar nele.

CAPÍTULO 5

–Leo – disse Amelia ao entrar na sala para o café da manhã no dia seguinte –, você tem de se casar.

Ele lhe ofereceu um olhar de advertência. Sua irmã sabia muito bem que não devia iniciar uma conversa com ele tão cedo. Leo preferia começar seu dia tranquilamente, ao passo que Amelia gostava de ir direto ao assunto. Além disso, ele havia dormido mal na noite anterior, perturbado por sonhos eróticos envolvendo Catherine Marks.

– Você sabe que nunca me casarei – disse ele.

A voz da Srta. Marks veio do canto do cômodo. Ela estava empoleirada em uma poltrona pequena, um raio de sol incidindo sobre seus cabelos claros e destacando as partículas de pó brilhando ao redor.

– Melhor assim, já que nenhuma mulher sensata desejaria desposá-lo. Leo aceitou o desafio sem hesitação.

– Uma mulher sensata... – re letiu em voz alta. – Acho que nunca conheci uma.

– Como saberia reconhecer uma? – perguntou Catherine. – Não se interessaria pela personalidade dela. Ficaria muito mais ocupado observando suas... suas...

– Suas o quê? – perguntou ele.

– Suas medidas de vestido – inalmente retrucou Catherine, e ele riu do puritanismo dela.

– É mesmo tão impossível para a senhorita mencionar partes corriqueiras do corpo? Seios, quadris, pernas... Por que lhe parece indecente falar sobre a anatomia humana de modo direto?

Ela semicerrou os olhos.

– Por que isso leva a pensamentos impróprios.

Leo sorriu maliciosamente.

– Os meus já são.

– Bem, os meus não – rebateu Catherine. – E preiro que continuem assim.

Leo ergueu as sobrancelhas.

– A senhorita não tem pensamentos impróprios?

– Dificilmente.

– Mas quando tem, como são?

Ela lançou-lhe um olhar indignado.

– Já fiz parte de seus pensamentos impróprios? – insistiu Leo, fazendo o rosto dela arder.

– Já lhe disse que nunca tive nenhum – protestou ela.

– Não, a senhorita disse “dificilmente”. O que significa que um ou dois já andaram rondando por aí.

Amélia o interrompeu.

– Leo, pare de atormentá-la.

Leo mal deu ouvidos à irmã, a atenção concentrada em Catherine.

– Eu não pensaria mal da senhorita caso eu tivesse feito parte deles – insistiu Leo. – Na verdade, gostaria muito mais da senhorita.

– Sem dúvida – retrucou Catherine. – Provavelmente prefere mulheres sem qualquer virtude.

– A virtude numa mulher é como pimenta na sopa. Um pouco é um bom tempero. Mas em excesso até tira o apetite.

Comprimindo os lábios, Catherine desviou o olhar, pondo fim àquela discussão acelerada.

Em meio ao silêncio, Leo percebeu que a família inteira o estava encarando numa perplexidade coletiva.

– Eu fiz alguma coisa? – perguntou. – O que está acontecendo? E que diabos vocês todos estão lendo?

Amélia, Cam e Merripen tinham espalhado papéis sobre a mesa, enquanto Win e Beatrix pareciam estar procurando palavras em um grande tratado legal.

– Acabou de chegar uma carta de nosso advogado em Londres, o Sr. Gadwick – disse Merripen. – Aparentemente há questões legais que não ficaram muito claras quando você herdou a propriedade.

– Isso não é nenhuma surpresa – comentou Leo. Ele foi até o aparador, onde o café da manhã já estava servido. – A propriedade e o título foram lançados em minha direção como embrulho de peixe, e ainda estão atrelados à maldição de Ramsay.

– Não há nenhuma maldição de Ramsay – disse Amelia.

– Ah, não? – Leo sorriu sombriamente. – Então por que a última meia dúzia de lordes Ramsay morreu em rápida sucessão?

– Pura coincidência – respondeu ela. – Obviamente esse ramo em

particular da família era débil e consanguíneo. Isso é um problema comum nas pessoas de sangue azul.

– Bem, por certo não temos esse problema. – Leo voltou sua atenção para Merripen. – Fale-me sobre nossas questões legais. E use palavras simples. Não gosto de raciocinar muito a esta hora da manhã. Causa-me dor de cabeça.

Demonstrando descontentamento, Merripen sentou-se à mesa.

– Esta casa – disse ele – e a faixa de terra de aproximadamente 6 hectares onde se situa não eram parte da propriedade Ramsay original. Foram inseridas mais tarde. Em termos legais, trata-se de uma posse por aforamento, que é uma propriedade separada dentro da propriedade principal. E, ao contrário do restante da propriedade, pode ser hipotecada, comprada ou vendida caso o lorde assim deseje.

– Ótimo – disse Leo. – E como eu sou o lorde e não quero hipotecar nem vender nada, está tudo bem, não é?

– Não.

– Não? – Leo franziu a testa. – Segundo as regras da ordem de transmissão por herança, o lorde sempre mantém sua terra e a casa senhorial. Elas são indivisíveis. E nada pode mudar isso.

– Tem razão – disse Merripen. – Você tem direito à casa senhorial antiga. Aquela no canto noroeste da propriedade, onde dois rios se encontram.

Leo pousou seu prato meio servido e olhou para Merripen, sem entender.

– Mas aquilo ali é um monte de escombros cobertos de mato. Pelo amor de Deus, foi construída na época de Eduardo, o Confessor!

– Sim – disse Merripen num tom prático. – Aquela é sua verdadeira casa.

Cada vez mais irritado, Leo protestou:

– Não quero aquela ruína maldita, quero *esta* casa. Qual é o problema com isso?

– Posso contar a ele? – perguntou Beatrix ansiosamente. – Pesquisei todos os termos jurídicos e sei melhor do que ninguém. – Ela se aprumou com seu furão Dodger aninhado ao redor dos ombros. – Veja bem, Leo, a casa senhorial original foi abandonada alguns séculos atrás. E um dos antigos lordes Ramsay adquiriu os 6 hectares e construiu uma casa nova neles. Desde então a Ramsay House tem passado para cada novo visconde

por tradição. No entanto o último lorde Ramsay, o anterior a você, descobriu um modo de deixar toda a parte divisível, inclusive a posse por aforamento, para sua viúva e a ilha. Isso é chamado de cessão de direitos hereditários, e a propriedade fica sendo delas pelo resto da vida. Portanto, a Ramsay House e a faixa de terra de 6 hectares onde se situa foram deixadas para a condessa Ramsay e a filha dela, Vanessa Darwin.

Leo balançou a cabeça incredulamente.

– Por que não ficamos sabendo disso antes?

– Parece que a viúva não tinha nenhum interesse na casa, a qual estava em ruínas – respondeu Amelia em tom sombrio. – Mas agora que foi restaurada com tamanho primor, informou ao nosso advogado que pretende tomar posse dela e se mudar para cá.

Leo ficou indignado.

– De jeito nenhum vou deixar alguém tirar a Ramsay House dos Hathaways. Se necessário, levarei isso à corte de justiça em Westminster.

Merripen esfregou os olhos de maneira exaustiva.

– A corte de justiça não aceitará o caso.

– Como sabe?

– Nosso advogado conversou com o especialista em aforamento na empresa dele. Infelizmente, nunca foi emitida nenhuma ordem de transmissão por herança para a Ramsay House, somente para a casa senhorial original.

– E que tal comprar da viúva a posse por aforamento ?

– Ela já declarou que não a venderia por dinheiro algum.

– As mulheres frequentemente mudam de ideia – argumentou Leo. – Façamos uma proposta.

– Muito bem. Mas caso ela se recuse a negociar, só haverá um modo de mantermos esta casa.

– Mal posso esperar para ouvir isso – disse Leo.

– O último lorde Ramsay estabeleceu uma cláusula segundo a qual você poderia manter a posse por emiteuse, inclusive a casa, caso se casasse e gerasse um herdeiro legítimo do sexo masculino até cinco anos depois de receber seu título de nobreza.

– Por que cinco anos?

– Porque nas últimas três décadas nenhum Ramsay conseguiu viver mais de cinco anos após receber o título – respondeu Win. – E nenhum deles teve um filho legítimo.

– Mas a boa notícia, Leo – disse Beatrix alegremente –, é que você se tornou lorde Ramsay há quatro anos. Se conseguir continuar vivo só por mais um ano, a maldição da família será quebrada.

– E, além disso – acrescentou Amelia –, você precisa se casar e gerar um filho o mais rápido possível.

Em meio ao silêncio expectante, Leo, perplexo, ficou encarando a todos e deixou escapar um riso de incredulidade.

– Vocês estão loucos se pensam que me renderei a um casamento sem amor só para a família poder continuar morando na Ramsay House.

Aproximando-se com um sorriso conciliador, Win lhe entregou uma folha de papel.

– É claro que nenhum de nós jamais o obrigaria a aceitar um casamento sem amor, querido. Mas izemos uma lista de possíveis noivas, todas moças adoráveis. Não quer dar uma olhada e ver se alguma delas lhe agrada?

Decidido a debochar dela, Leo olhou para a lista.

– *Marietta Newbury*?

– Sim – disse Amelia. – O que há de errado com ela?

– Não gosto dos dentes dela.

– E quanto a Isabella Charrington?

– Não gosto da mãe dela.

– Lady Blossom Tremaine?

– Não gosto do nome dela.

– Ah, pelo amor de Deus, Leo, ela não tem culpa de ter esse nome.

– Não importa. Não posso ter uma esposa chamada Blossom. Todas as noites eu sentiria como se estivesse chamando uma das vacas. – Leo ergueu os olhos para o céu. – Eu também poderia me casar com a primeira mulher que visse na rua. Ora bolas, icaria em melhor situação se me casasse com a Srta. Marks.

Todos se calaram.

Ainda afastada no cantinho da sala, Catherine Marks aos poucos foi erguendo os olhos ao perceber que era o foco do escrutínio coletivo dos Hathaways. Arregalou os olhos por trás dos óculos e seu rosto se ruborizou.

– Isso *não* tem graça – disse firmemente.

– É a solução perfeita – retrucou Leo, sentindo uma satisfação perversa em irritá-la. – Nós brigamos o tempo todo. Não nos

suportamos. É como se já fôssemos casados.

Catherine se ergueu de um pulo, olhando-o, indignada.

– Eu *nunca* aceitaria me casar com o senhor.

– Ótimo, porque eu não a estava pedindo em casamento. Só estava expressando um ponto de vista.

– Não use minha pessoa para expressar um ponto de vista! – Catherine saiu correndo da sala, enquanto Leo ficou olhando para ela.

– Sabem – disse Win pensativamente –, deveríamos fazer um baile.

– Um baile? – perguntou Merripen sem entender.

– Sim, e convidar todas as mulheres jovens elegíveis que nos passarem pela cabeça. É possível que uma delas seja do agrado de Leo e ele comece a cortejá-la.

– Não vou cortejar ninguém – disse Leo.

Todos o ignoraram.

– Gostei dessa ideia – apoiou Amelia. – Um baile de caça à noiva.

– Seria mais adequado – salientou Cam secamente – chamá-lo de baile de caça ao noivo. Já que Leo será a presa.

– Isso é como na história da Cinderela – exclamou Beatrix. – Só que sem o príncipe encantado.

Resoluto em diminuir o alvoroço crescente, Cam ergueu a mão a fim de pedir silêncio.

– Calma, todos vocês. Se, Deus nos livre, por acaso perdermos a Ramsay House, poderemos construir outra na parte livre da propriedade.

– Isso demoraria uma eternidade e o custo seria enorme – protestou Amelia. – E não seria igual. Passamos muito tempo restaurando este lugar e nos dedicando de coração a isso.

– Especialmente Merripen – acrescentou Win em voz baixa.

Merripen balançou de leve a cabeça para ela.

– É só uma casa.

Mas todos sabiam que era mais do que uma estrutura de tijolos e cimento... era o lar deles. O ilho de Cam e Amelia tinha nascido lá. Win e Merripen tinham se casado lá. Com todo o seu charme casual, a Ramsay House era uma expressão perfeita da própria família Hathaway.

E ninguém entendia mais isso do que Leo. Ele era arquiteto e sabia muito bem que alguns prédios tinham uma personalidade própria que ia muito além da soma de suas partes. A Ramsay House estivera avariada e fora restaurada ... tinha ido de construção negligenciada a lar próspero e feliz, tudo porque uma família se importara com ela. Era um crime os

Hathaways serem desalojados por duas mulheres que não tinham investido um tostão na casa, usando de um artífcio que nada mais era do que um truque de prestidigitação legal.

Praguejando para si, Leo passou a mão pelos cabelos.

– Quero dar uma olhada nas ruínas da velha casa senhorial – disse. – Merripen, qual é o melhor jeito de chegar lá?

– Não sei bem – admitiu Merripen. – Raramente vou tão longe.

– Eu sei – observou Beatrix. – A Srta. Marks e eu temos cavalgado até lá para desenhar as ruínas. São muito pitorescas.

– Gostaria de cavalgar até lá comigo? – perguntou Leo.

– Eu adoraria – respondeu ela.

Amelia franziu as sobrancelhas.

– Por que você quer visitar as ruínas, Leo?

Ele sorriu de um jeito que sabia que iria irritá-la.

– Ora, para tirar as medidas para as cortinas, é claro.

CAPÍTULO 6

–Mudança de planos – exclamou Beatrix, entrando na biblioteca onde Leo estivera esperando. – Não vou poder acompanhá-lo até as ruínas. Acabei de dar uma olhadinha em Sortuda e ela está prestes a ter seus filhotes. Não posso abandoná-la num momento desses.

Leo sorriu zombeteiramente, pondo um livro de volta na estante.

– Quem é Sortuda?

– Ah, esqueci que você não a conheceu. É uma gata de três patas que pertencia a um queijeiro da vila. A pobrezinha icou com a pata presa em uma ratoeira e teve de ser amputada. Agora que não é mais uma boa caçadora de ratos, o queijeiro a deu para mim. Ele nunca deu nome à pobrezinha, dá para imaginar isso?

– Considerando o que aconteceu com ela, Sortuda é um nome um tanto inadequado, não é?

– Achei que poderia lhe trazer mais sorte.

– Estou certo de que trará – disse Leo, se divertindo. A paixão de Beatrix por ajudar criaturas vulneráveis sempre comovera e preocupara os Hathaways. Todos reconheciam que Beatrix era a pessoa menos convencional da já excêntrica família.

Beatrix era sempre convidada para temporadas de eventos sociais de Londres. Era uma garota bonita, de uma beleza por assim dizer clássica, com olhos azuis, cabelos escuros e um corpo alto e esguio. Os cavalheiros se sentiam atraídos por seu frescor e seu charme, sem saber que ela demonstrava o mesmo interesse perseverante por porcos-espinhos, ratos-do-campo e spaniels malcomportados. E quando chegava a hora da corte em si, os homens abandonavam a companhia agradável de Beatrix com relutância e se voltavam para moças mais convencionais. A cada temporada, as chances de casamento dela diminuía.

Beatrix não parecia se importar. Com 19 anos e perto dos 20, ainda não havia se apaixonado. Era um consenso universal entre os Hathaways que poucos homens seriam capazes de entendê-la ou

de lidar com ela. Beatrix era uma força da natureza desvinculada às regras convencionais.

– Vá cuidar de Sortuda – disse Leo gentilmente. – Acho que não terei

dificuldade em encontrar as ruínas sozinho.

– Ah, você não vai sozinho – disse-lhe ela. – Providencie para que a Srta. Marks o acompanhasse.

– Você fez isso? E ela aceitou?

Antes que Beatrix pudesse responder, Catherine entrou na biblioteca, seu corpo esguio em roupas de montaria e os cabelos presos em um coque trançado apertado. Trazia um caderno de desenho debaixo do braço. Ela parou bruscamente ao ver Leo, que usava um casaco idalguesco de equitação, calças justas de montaria e botas gastas pelo uso.

Seu olhar desconfiado se dirigiu a Beatrix.

– Por que ainda não vestiu suas roupas de montaria, querida? Beatrix respondeu em tom de desculpas:

– Sinto muito, Srta. Marks, mas não poderei ir. Sortuda precisa de mim. Mas não faz mal, pois a senhorita pode mostrar o caminho a Leo com mais destreza do que eu. – Seu sorriso radiante foi dirigido a ambos. – Está um dia lindo para cavalgar, não é? Tenham um bom passeio! – E saiu da biblioteca a passos ágeis e longos, próprios dela.

Catherine franziu de leve as sobrancelhas finas quando olhou para Leo.

– Por que quer visitar as ruínas?

– Só quero olhar para elas. Droga, tenho de lhe explicar tudo? Caso esteja com medo de ir a algum lugar comigo, simplesmente recuse-se a ir.

– Medo do *senhor*? Nem um pouco.

Leo fez um gesto em direção à porta, numa paródia do estilo cavalheiresco.

– Primeiro as damas.

Em virtude da importância estratégica dos portos de Southampton e de Portsmouth, Hampshire era repleta de castelos antigos, ruínas pitorescas de fortes e casas saxônicas. Embora Leo soubesse que havia restos de um velho solar na propriedade Ramsay, ainda não tivera oportunidade de ir até o local. Em meio às preocupações com atividade rural, contabilidade de aluguéis, impostos, mão de obra, corte de madeira e trabalhos de arquitetura que de vez em quando fazia, não sobrava muito tempo para passeios e ócio.

Juntos, ele e Catherine cavalgaram por campos de trigo e nabos em flor, por pastos de trevo repletos de carneiros gordos. Atravessaram a loresta madeireira se dirigindo a noroeste da propriedade, onde rios extensos cortavam colinas verdes e rochedos de calcário. O terreno era menos cultivável ali, com mais pedra do que argila, mas ficava numa posição bastante defensiva para uma antiga casa senhorial fortificada.

Enquanto desciam uma colina, Leo dava olhadelas furtivas para Catherine. Ela era esguia e graciosa no lombo do cavalo, e o guiava com movimentos calmos e parcimoniosos. Uma mulher perfeita, reletiva. Segura de si, articulada, competente em quase tudo que fazia. E, contudo, enquanto outra mulher realçaria tais qualidades, Catherine se esforçava para não chamar atenção.

Eles chegaram ao local da casa original, onde as ruínas de paredes antigas se projetavam do chão como vértebras de criaturas fossilizadas. O chão acidentado coberto de mato marcava os locais das construções externas. Um círculo raso de uns oito metros de largura revelava as dimensões do fosso que costumava cercar uma elevação de terra de um metro quadrado.

Depois de apear do seu cavalo e amarrá-lo, Leo foi ajudar Catherine. Ela desenganchou a perna direita do cabeçote da sela e tirou o pé do estribo, permitindo que Leo controlasse sua descida. Pousou no chão, de frente para ele. Ergueu o rosto, a aba de seu chapéu de montaria sombreando parcialmente seus olhos opalinos.

Eles ficaram de pé ali, as mãos de Leo nos ombros de Catherine. O rosto dela estava corado devido ao esforço, seus lábios se entreabriram... e de súbito Leo teve noção de como seria

fazer amor com ela, o corpo leve e dócil sob o dele, a respiração de encontro ao pescoço dele enquanto ele se movimentava entre as pernas dela. Ele a levaria ao êxtase, lenta e implacavelmente, e ela o arranharia, gemeria e murmuraria o nome dele ...

– Aqui está – disse Catherine. – Sua casa ancestral. Desviando o olhar dela, Leo observou as ruínas decadentes.

– Encantadora – disse. – Basta tirar o pó e varrer um pouco, e o lugar ficará como novo.

– Vai seguir o plano de sua família para encontrar uma noiva?

– Acha que eu deveria?

– Não, não creio que tenha as qualidades de um marido decente. Não possui caráter suficiente para isso.

Era exatamente o que Leo pensava. Mas foi doloroso ouvir aquilo dela.

– O que a torna apta a julgar meu caráter? – perguntou. Catherine deu de ombros, desconfortavelmente.

– Não há como evitar ouvir sobre suas proezas quando todas as viúvas ricas e matronas se juntam nos bailes.

– Entendo. E acredita em todos os boatos que ouve?

Catherine ficou em silêncio. Leo esperou que discutisse, ou o insultasse. Mas, para sua surpresa, ela o fitou exibindo algo similar a remorso.

– Tem razão. E independentemente de os boatos serem verdadeiros ou falsos, foi um erro de minha parte dar ouvidos à conversa alheia.

Leo aguardou um grande insulto logo depois, mas Catherine pareceu de fato arrependida. O que foi uma surpresa, e aquilo o fez perceber que havia muitas coisas que ele não sabia sobre aquela jovem solitária e séria que estava em seu ambiente familiar há tanto tempo.

– Quais são as fofocas a meu respeito? – perguntou de maneira casual. Ela o olhou de soslaio.

– Sua perícia como amante é muito exaltada.

– Ah, sim, esses boatos de initivamente são verdadeiros. – Ele estalou a língua, como se chocado. – As viúvas ricas e damas de companhia falam mesmo sobre essas coisas?

Catherine arqueou as sobrancelhas.

– Sobre o que imaginava que falavam?

– Tricô. Receitas de geleia.

Ela balançou a cabeça e conteve um sorriso.

– Isso deve ser muito entediante – disse Leo. – Ficar sentada no canto da sala ouvindo fofocas e vendo todos dançarem.

– Não me importo. Não gosto de dançar.

– Já dançou com um homem?

– Não – admitiu ela.

– Então como pode ter certeza de que não gostaria disso?

– Posso ter uma opinião sobre algo mesmo nunca tendo feito tal coisa.

– É claro. É muito mais fácil formar opiniões sem ser atrapalhado pela experiência ou pelos fatos.

Catherine franziu a testa, mas ficou em silêncio.

– A senhorita me deu uma ideia – continuou Leo. – Vou deixar minhas irmãs planejarem o baile que mencionaram. Só por este motivo: no meio da festa, vou me aproximar e convidá-la para dançar comigo. Na frente de todo mundo.

Catherine pareceu estarrecida.

– Vou recusar.

– Vou convidá-la assim mesmo.

– Para zombar de mim – disse ela. – Para fazer nós dois de bobos.

– Não. – A voz dele se suavizou. – Apenas para dançar, Srta. Marks. Ambos se encararam, fascinados.

E então, para a surpresa de Leo, Catherine lhe sorriu. Foi um sorriso

doce, natural e resplandecente, o primeiro que ela já lhe oferecera. Leo sentiu o peito se contrair e todo o corpo esquentar, como se uma droga estimulante tivesse entrado diretamente em seu sistema nervoso.

Parecia uma sensação de... felicidade.

Lembrou-se da felicidade de muito tempo atrás. Não queria senti-la. E, contudo, o calor vertiginoso continuava a invadi-lo.

– Obrigada – disse Catherine, o sorriso ainda em seus lábios. – Isso é gentil da sua parte, milorde. Mas nunca irei dançar com o senhor.

O que, é claro, tornou aquilo o objetivo da vida de Leo.

Catherine se virou para pegar um caderno de desenho e um estojo na bolsa do selim.

– Eu não sabia que desenhava – disse Leo.

– Não sou muito boa nisso.

Ele apontou para o caderno nas mãos de Catherine.

– Posso ver?

– E lhe dar outro motivo para zombar de mim?

– Não zombarei. Prometo solenemente. Deixe-me ver. – Leo estendeu a mão devagar, a palma virada para cima.

Catherine olhou para a mão aberta e depois para o rosto dele. Hesitantemente, entregou-lhe o caderno.

Abrindo-o, Leo deu uma olhada nos desenhos. Havia uma série de esboços das ruínas, de diferentes ângulos, talvez cuidadosos e certinhos demais em pontos onde um pouco de espontaneidade incutiria mais vitalidade. Mas, em geral, eram muito bem-feitos.

– Lindos – disse ele. – A senhorita tem uma boa noção de linha e forma. Catherine corou, parecendo desconfortável com o elogio.

– Eu soube pelas suas irmãs que o senhor é um artista rematado.

– Competente, talvez. Meu treinamento em arquitetura incluiu uma série de aulas de desenho. – Leo lhe deu um sorriso casual. – Sou

especialmente bom em desenhar coisas imóveis. Prédios. Postes de rua. – Ele folheou o caderno. – Tem algum desenho de Beatrix?

– Na última página – respondeu Catherine. – Ela começou a rascunhar uma parte saliente do muro, bem ali, mas então se interessou por um esquilo que chegou saltitando e se postou em primeiro plano.

Leo encontrou um desenho perfeito e detalhado de um esquilo. Ele balançou a cabeça.

– Beatrix e seus animais.

Eles trocaram um sorriso.

– Muitas pessoas conversam com seus animais de estimação – disse Catherine.

– Sim, mas muito poucas ouvem as respostas. – Leo fechou o caderno de desenho, o devolveu para Catherine e começou a percorrer o terreno da casa senhorial.

Catherine o seguiu, caminhando com cuidado por entre a carqueja com flores amarelas e juremas-pretas reluzentes.

– A senhorita faz alguma ideia da profundidade do fosso original?

– Eu diria que não tinha mais do que dois metros na parte mais alta do terreno. – Leo pôs a mão acima dos olhos, protegendo-os do sol, enquanto examinava os arredores. – Devem ter desviado um dos rios para enchê-lo. Está vendo aqueles montes bem ali? Provavelmente eram construções da fazenda e alojamentos, feitos de barro e estacas.

– Como era a casa senhorial?

– A torre central por certo era feita de pedra, e o restante, uma combinação de materiais. E talvez o lugar fosse repleto de ovelhas, cabras, cães e servos.

– Conhece a história do senhor original? – Catherine sentou-se em uma parte exposta do muro e ajeitou as saias.

– A senhorita se refere ao primeiro visconde Ramsay? – Leo parou à beira da depressão circular que um dia fora o fosso. Seu olhar percorreu o cenário destruído. – Seu nome de batismo era Thomas de Blackmere, e era conhecido por sua crueldade. Acredita-se que tinha talento para pilhar e queimar vilas. Era considerado o braço esquerdo de Eduardo, o Príncipe Negro. Juntos, eles praticamente acabaram com a instituição da cavalaria.

Fitando-a de soslaio, Leo sorriu à visão do nariz franzido de Catherine. Ela estava sentada ereta como uma colegial, o caderno de desenho no colo. Leo teria gostado de arrancá-la do muro e praticar ele mesmo um pouco

de pilhagem. Ponderando quão bom era o fato de ela não ser capaz de ler seus pensamentos, ele deu continuidade à história:

– Depois de lutar na França e ser mantido prisioneiro durante quatro anos, Thomas foi solto e voltou para a Inglaterra. Suponho que ele tenha achado que era hora de ixar residência, porque logo depois entrou a cavalo nesta fortaleza, matou o barão que a construía, se apossou de suas terras e violentou a viúva.

Catherine estava com os olhos arregalados.

– Pobre mulher!

Leo deu de ombros.

– É possível que ela tenha mexido com ele de alguma forma. Porque depois Thomas se casou com ela e tiveram seis filhos.

– Eles viveram tranquilamente até a velhice?

Leo balançou a cabeça devagar.

– Thomas retornou para a França, onde foi morto em Castillon. Mas os franceses foram bastante civilizados e ergueram um monumento em homenagem a ele no campo de batalha.

– Não acho que ele merecesse nenhum tipo de homenagem.

– Não seja tão dura com o homem. Ele só fez o que aquela época exigia.

– Ele era um bárbaro – contestou Catherine, indignada. – Independentemente da época. – O vento havia soltado um cacho dourado do coque apertado, fazendo-o cair bem no rosto dela.

Incapaz de resistir, Leo estendeu a mão e pôs o cacho atrás da orelha de Catherine. A pele dela era macia e delicada como a de um bebê.

– A maioria dos homens é – disse ele. – Só que agora eles têm mais regras. – Ele tirou o chapéu, o colocou sobre o muro e itou o rosto de Catherine, que olhava para cima. – Você pode pôr uma gravata em um homem, ensinar-lhe boas maneiras e obrigá-lo a comparecer a saraus, mas quase nenhum de nós é verdadeiramente civilizado.

– Pelo que sei dos homens, concordo – disse ela.

Ele lançou-lhe um olhar zombeteiro.

– O que sabe dos homens?

Catherine pareceu solene, as íris acinzentadas ganharam matizes de verde-oceano.

– Sei que não devo confiar neles.

– Eu diria o mesmo das mulheres. – Leo tirou o casaco, atirou-o sobre o muro e foi para um monte que havia no meio das ruínas. Examinando as

terras ao redor, não conseguia evitar se perguntar se Thomas de Blackmere já havia se postado exatamente naquele ponto, admirando sua residência. E agora, séculos depois, a propriedade era de Leo e ele podia dispor dela como bem entendesse. Todos e tudo eram responsabilidade dele.

– Como é a vista aí de cima? – Ele ouviu a voz de Catherine vinda lá de baixo.

– Excepcional. Venha ver, se quiser.

Ela deixou o caderno de desenho sobre a cerca e começou a subir a colina, erguendo as saias ao fazê-lo.

Virando-se para observar Catherine, Leo permitiu que seu olhar se demorasse um pouco no corpo bonito e esguio dela. Era sorte

aqueles tempos medievais terem indado há muito, pensou Leo, sorrindo para si, caso contrário Catherine se veria capturada e devorada por um lorde saqueador. Mas o tom de diversão desapareceu rapidamente assim que ele imaginou a satisfação primitiva de reivindicá-la, pegá-la e carregá-la para um lugar macio no chão.

Por apenas um instante Leo permitiu-se acalentar tal ideia... deitar-se sobre o corpo sinuoso dela, rasgar-lhe o vestido, beijar-lhe os seios...

Leo balançou a cabeça para afastar a ideia, perturbado com o rumo de seus pensamentos. Embora tivesse muitos defeitos, ele não era do tipo de homem que se impunha a uma mulher. Mesmo assim, a fantasia era intensa demais para ser ignorada. Com esforço, ele dominou os impulsos bárbaros.

Catherine estava no meio da subida quando pareceu tropeçar e deu um gritinho.

Preocupado, Leo foi até ela de imediato.

– Você tropeçou? Está... *mas que diabos*. – Ele parou ao perceber que o chão havia cedido parcialmente debaixo dela.

– Pare, Cat. Não se mexa. *Espere*.

– O que está acontecendo? – perguntou ela, o rosto pálido. – Isso é um poço natural?

– Está mais para um grande milagre arquitetônico. Aparentemente estamos sobre uma parte de um telhado que devia ter desmoronado pelo menos dois séculos atrás.

Eles estavam a uns cinco metros um do outro, com Leo na parte mais alta do terreno.

– Cat – disse ele com muito cuidado –, abaixe-se bem devagar até o chão para redistribuir seu peso sobre uma super ície maior. Devagar. Sim, assim. Agora volte rastejando pela encosta.

– Pode me ajudar? – perguntou ela, e o tremor em sua voz partiu o coração de Leo.

Ele respondeu com uma voz embargada, bem diferente da que costumava ter.

– Querida, não há nada que eu gostaria mais de fazer. Mas juntar meu peso ao seu poderia fazer o teto desmoronar por completo. Comece a sair daí. Se isso lhe serve de consolo, com tantos escombros a queda não pode ser muito grande.

– Na verdade, isso não é consolo algum. – Com o rosto pálido, ela começou a engatinhar lentamente.

Leo continuou onde estava, sem tirar os olhos de Catherine. O chão que parecia tão sólido sob seus pés provavelmente não era mais do que uma camada de terra e madeira podre velha. – Você vai icar bem – disse ele com uma voz tranquilizadora, ao mesmo tempo que seu coração saltitava de ansiedade por ela. – Você não pesa mais do que uma borboleta. Foi meu peso que pressionou o que restou das vigas e das junções.

– É por isso que milorde está parado?

– Sim. Se eu causar um desmoronamento quando for tentar descer, gostaria pelo menos que você estivesse fora de perigo primeiro.

Ambos sentiram o chão se deslocar.

– Milorde, acha que isso tem algo a ver com a maldição de Ramsay? – perguntou Catherine, os olhos arregalados.

– Isso realmente não tinha me passado pela cabeça – respondeu Leo. – Muito obrigado por me lembrar.

O telhado desmoronou e eles caíram no espaço escuro abaixo, em meio a uma torrente de terra, pedras e madeira.

CAPÍTULO 7

Catherine se remexeu e tossiu. Tinha terra na boca e nos olhos, e estava estatelada sobre uma superfície extremamente desconfortável.

– Cat. – Ela ouviu Leo afastando escombros enquanto ia em sua direção. A voz dele era vacilante e urgente. – Está machucada? Consegue se mexer?

– Sim... está tudo no lugar... – Ela sentou-se e passou as mãos no rosto, tentando se limpar. Avaliou as dores no corpo e concluiu que todas eram insignificantes. – Só me machuquei um pouco. Ai, meu Deus! Perdi meus óculos.

Ela o ouviu praguejar.

– Tentarei encontrá-los.

Desorientada, Catherine tentava enxergar o máximo possível no ambiente. A figura esbelta de Leo era uma mancha escura próxima enquanto ele fuçava os escombros. A poeira turvava o ar, pousando lentamente. Pelo pouco que dava para ver, eles estavam num buraco de uns dois metros de profundidade, com a luz do sol se infiltrando pelo telhado quebrado.

– Tinha razão, milorde. A queda não foi grande. Isto aqui é a torre?

A respiração ofegante de Leo pareceu forçada quando ele respondeu.

– Não sei ao certo. Pode ser uma cripta debaixo da torre. Estou vendo os restos de uma parede de pedra ali... e buracos na parede lateral onde juntas transversais poderiam sustentar...

Em uma explosão de pavor renovado, Catherine se lançou para a forma indistinta de Leo, tentando alcançá-lo na penumbra.

– O que foi? – Os braços de Leo a enlaçaram.

Ofegante, Catherine enterrou o rosto na superfície sólida do peito dele. Estavam meio sentados, meio deitados, entre montes de madeira podre, pedra e terra.

Ele pôs uma das mãos na cabeça de Catherine, curvando-se protetoramente sobre o crânio.

– O que aconteceu?

A voz de Catherine saiu abafada contra a camisa dele.

– *Cripta*.

Leo acariciou os cabelos dela e a puxou mais ainda para a proteção de seu corpo.

– Sim. Por que isso a assusta? Ofegante, ela mal conseguia falar.

– Não é... onde guardam corpos?

A pergunta feita com voz trêmula pairou no ar enquanto Leo reletia a respeito.

– *Ah*. Não é esse tipo de cripta. – Uma vibração de divertimento permeou a voz dele, e Catherine sentiu a boca de Leo tocando a borda de sua orelha. – Você está pensando em uma daquelas salas debaixo das igrejas modernas, onde se colocam os mortos. Mas uma cripta medieval é diferente. É apenas um depósito debaixo da torre.

Catherine não se mexeu.

– Não há es-esqueletos aqui?

– Não. Nem crânios ou caixões. – A mão de Leo continuava a acariciar os cabelos de Catherine ternamente. – *Pobrezinha*. Está tudo bem. Não há nada a temer aqui. Respire fundo. Você está segura.

Catherine continuou nos braços dele enquanto recuperava o fôlego. Tentava também assimilar o fato de Leo, seu inimigo e algoz, a estar chamando de *pobrezinha* enquanto lhe acariciava os cabelos. Os lábios dele pousaram na têmpora dela, demorando-se carinhosamente. Imóvel, Catherine absorveu a sensação. Nunca havia sentido-se atraída por homens do porte físico de Leo, preferindo aqueles de estatura menos intimidadora. Mas Leo era forte e confortador, parecia de fato preocupado, e a voz dele era como veludo preto a envolvendo.

Que desconcertante!

Se alguém tivesse lhe dito que um dia ela icaria presa num buraco sujo com Leo, lorde Ramsay, Catherine teria respondido que esse era seu pior pesadelo. E, contudo, isso estava se revelando uma experiência um tanto agradável. Não admirava que Leo fosse tão requisitado pelas mulheres de Londres... se era assim que as seduzia, com carícias e essa tranquilização amorosa, Catherine podia em im entender por que ele era bem-sucedido com elas.

Para sua tristeza, Leo a afastou gentilmente.

– Cat... acho que não vou conseguir encontrar seus óculos nestes escombros.

– Tenho outro par em casa – disse ela.

– Graças a Deus. – Ele sentou-se ereto, dando um leve gemido de desconforto. – Agora, se icarmos sobre a pilha mais alta de entulho, estaremos a apenas uma curta distância até a superfície. Vou erguê-la, tirá-la daqui, e então você cavalgará de volta para a Ramsay House. Cam treinou o cavalo, por isso não precisará guiá-lo. Ele encontrará o caminho para casa sem nenhuma dificuldade.

– O que vai fazer? – perguntou ela, perplexa.

Ele pareceu um pouco acanhado.

– Temo que terei de esperar até você enviar alguém ao meu resgate.

– Por quê?

– Estou com uma... – Ele parou, procurando a palavra. – Farpa.

Ela pareceu indignada.

– Vai me fazer cavalgar de volta sozinha e praticamente cega para enviar alguém para salvá-lo? Tudo porque está com uma farpa?

– Uma farpa grande – disse ele.

– Onde? No dedo? Na mão? Talvez eu possa ajudar a... Ai, *meu Deus!* – disse Catherine quando ele pegou a mão dela e a pôs em seu ombro. A camisa estava empapada de sangue e um pedaço de madeira grosso se projetava do ombro. – Isso não é uma farpa –

disse ela, horrorizada. – O senhor foi *empalado*. O que posso fazer? Posso tirar?

– Não. Pode estar alojado em uma artéria. E não quero icar sangrando aqui até morrer.

Ela se arrastou para mais perto de Leo, aproximando o rosto do dele a fim de examiná-lo, ansiosamente. Mesmo na penumbra, Leo parecia pálido e triste, e ela, quando pôs os dedos na testa dele, sentiu a umidade fria.

– Não se preocupe – murmurou Leo. – Parece pior do que de fato é. Mas Catherine discordava. Na verdade, era pior do que parecia.

Encheu-se de pânico ao se perguntar se ele entraria em choque, condição que faria o coração não conseguir mais bombear sangue suficiente para preservar o corpo. Isso havia sido descrito como uma “pausa momentânea no ato da morte”.

Catherine tirou seu casaco de montaria e tentou colocá-lo sobre o peito de Leo.

– O que está fazendo? – perguntou ele.

– Tentando mantê-lo aquecido.

Leo tirou o casaco de seu peito e emitiu um som de zombaria.

– Não seja ridícula. Em primeiro lugar, o ferimento não é tão grave. Em

segundo, essa coisa minúscula não é capaz de manter nenhuma parte do

meu corpo aquecida. Agora, quanto ao meu plano...

– Obviamente é um ferimento grande – disse ela. – E não concordo com seu plano. Tenho um melhor.

– É claro que tem – respondeu ele com sarcasmo. – *Pelo menos uma vez* pode fazer o que peço?

– Não, não vou deixá-lo aqui. Vou empilhar entulho suficiente para nós dois sairmos.

– Céus, você não consegue nem enxergar. E não será capaz de mover estas madeiras e pedras. É pequena demais.

– Não há nenhuma necessidade de fazer comentários depreciativos sobre minha estatura – disse ela, esticando-se e semicerrando os olhos para examinar o ambiente. Identificando a pilha mais alta de entulho, dirigiu-se a ela e procurou pedras ao redor.

– Não estou sendo depreciativo. – Ele soava exasperado. – Sua estatura

é absolutamente perfeita para minha atividade favorita. Mas você não foi feita para carregar pedras. Droga, pode se machucar...

– Fique aqui – disse Catherine, taxativa, ouvindo-o afastar um objeto pesado. – Só vai piorar seu ferimento, e então icará ainda mais difícil sair. Deixe-me fazer o trabalho. – Encontrando um monte de blocos de cantaria, ergueu um e o arrastou para cima da pilha, tentando não tropeçar nas próprias saias.

– Você não é forte o suficiente – disse Leo, parecendo aflito e ofegante.

– O que me falta em força física – respondeu ela, indo pegar outro bloco

– compenso com determinação.

– Que inspirador! Podemos deixar o heroísmo de lado só por um instante e ter um pouco de bom senso?

– Não vou discutir com o senhor, milorde. Preciso poupar meu fôlego para... – Ela parou para erguer outro bloco – ... empilhar pedras.

Em algum ponto no meio da provação, Leo concluiu, meio atordoado, que nunca mais subestimaria Catherine Marks. Sob todos os aspectos, ela era a pessoa mais loucamente obstinada que ele já conhecera, arrastando pedras e entulho ao mesmo tempo que enxergava mal e era atrapalhada

pelas longas saias, indo de um lado a outro diante do campo de visão de Leo como um esquilo trabalhador. Catherine tinha decidido formar uma pilha de entulhos pela qual pudessem subir, e nada a impediria.

De vez em quando ela parava e punha a mão na testa ou no pescoço de Leo, verificando a temperatura e a pulsação. E então se afastava de novo.

Era enlouquecedor não poder ajudá-la – humilhante deixar uma mulher fazer todo aquele trabalho –, mas sempre que Leo tentava se levantar, icava tonto e desorientado. Seu ombro queimava e ele era pouco habilidoso com o braço esquerdo. Um suor frio pingava de seu rosto e causava ardência nos olhos.

Provavelmente ele perdera a consciência durante alguns minutos, porque quando se deu conta as mãos ansiosas de Catherine o estavam sacudindo para que acordasse.

– Srta. Marks – disse ele, grogue. – O que está fazendo aqui? – Teve a confusa impressão de que era de manhã e ela queria acordá-lo antes do horário de sempre.

– Não durma – disse ela, franzindo as sobrancelhas ansiosamente. – Fiz a pilha alta o suficiente para podermos sair agora. Venha comigo.

O corpo de Leo parecia envolto em chumbo. Ele estava dominado pelo cansaço.

– Daqui a pouco. Deixe-me cochilar mais um pouco.

– *Agora*, milorde. – Claramente, ela iria insistir e iria atormentá-lo até que obedecesse. – Venha comigo. Levante-se. *Mexa-se!*

Leo obedeceu, dando um gemido, cambaleando até conseguir icar em pé. Uma forte pontada de dor irradiou de seu ombro e seu braço, e alguns palavrões foram ditos antes que ele pudesse se conter. Estranhamente, Catherine não o repreendeu.

– Ali – disse ela. – E não tropece. É pesado demais para que eu consiga segurá-lo.

Profundamente irritado, mas consciente de que ela estava tentando ajudá-lo, Leo se concentrou em firmar os pés e manter o equilíbrio.

– Leo é diminutivo de Leonard? – perguntou Catherine, confundindo-o.

– Diabos, Cat. Não quero conversar agora.

– Responda-me – insistiu ela.

Ele percebeu que Catherine estava tentando mantê-lo alerta.

– Não – disse, respirando com dificuldade. – É apenas Leo. Meu pai adorava as constelações. Leo é a ... constelação do auge do verão. Sua

estrela mais brilhante é a Régulo. – Ele parou para pegar a pilha que ela trazia, os olhos turvos. – Ótimo. Você é muito eficiente. Na próxima vez que eu tiver um trabalho de arquitetura... – Ele parou para tomar fôlego. –... a recomendarei como empreiteira.

– Imagine só se eu estivesse com meus óculos – disse ela. – Poderia ter feito escadas.

Ele deixou escapar uma risada.

– Vá na frente e eu a seguirei.

– Segure-se nas minhas saias – pediu ela.

– Puxa, Cat, essa é a melhor coisa que você já me disse.

Eles subiram juntos, com dificuldade, enquanto o sangue de Leo gelava, seu ferimento ardia e seu cérebro virava mingau. Quando ele caiu no chão em uma posição lateral bizarra, ficou furioso com Catherine por obrigá-lo a fazer tamanho esforço, sendo que tudo que ele queria era ficar naquele buraco e descansar. O sol estava ofuscante e ele sentia-se estranho e com calor. Uma dor feroz surgiu bem atrás dos olhos.

– Vou pegar meu cavalo – disse Catherine. – Cavalgaremos de volta juntos.

A perspectiva de montar em um cavalo e cavalgar até a Ramsay House era exaustiva. Mas diante da insistência implacável dela, Leo não tinha escolha senão obedecer. Muito bem. Cavalaria. Cavalaria até morrer, e Catherine apareceria na casa com seu cadáver na garupa.

Leo ficou lá, fumegando de raiva, enquanto Catherine buscava a montaria. A raiva lhe deu forças para um grande esforço inal. Subiu no cavalo atrás dela, bateu os calcanhares no animal para que trocasse e passou o braço que não estava ferido ao redor do corpo esbelto de Catherine. Agarrou-se a ela, tremendo de desconforto.

Catherine era pequena, porém forte, sua espinha dorsal um eixo firme que mantinha ambos equilibrados. Agora tudo que ele precisava fazer era aguentar firme. Seu ressentimento evaporou, disperso por palpitações de dor.

Leo ouviu a voz de Catherine:

– Por que optou por nunca se casar?

Ele inclinou a cabeça para mais perto da orelha dela.

– Não é justo fazer perguntas pessoais quando estou quase delirando. Isso pode fazer com que eu lhe conte a verdade.

– Por quê? – insistiu Catherine.

Será que Catherine tinha percebido que estava exigindo uma parte dele,

do passado dele, que Leo nunca havia revelado a ninguém? Se ele estivesse se sentindo um pouquinho melhor, certamente já a teria interrompido de pronto. Mas as defesas usuais de Leo estavam tão frágeis quanto o muro de pedra quebrado ao redor das ruínas da casa senhorial.

– É por causa da garota que morreu, não é? – Catherine o surpreendeu ao perguntar. – Vocês estavam noivos. E ela morreu da mesma febre escarlatina que acometeu o senhor e Win. Qual era o nome dela...?

– Laura Dillard. – Parecia impossível Leo estar contando aquilo a Catherine Marks, mas ela parecia esperar que ele o fizesse. E, de algum modo, ele a estava forçando àquilo.

– Era uma garota linda. Adorava pintar aquarelas. Poucas pessoas são boas nisso, pois têm muito medo de cometer erros. Depois que a cor é posta na tela, não se pode tirá-la nem escondê-la. E a água é imprevisível, uma parceira ativa na pintura. Você tem de deixá-la agir como quiser. Às vezes a cor se difunde de maneiras inesperadas, ou um tom se transforma em outro. Laura não se importava com isso. Gostava das surpresas que a técnica proporcionava. Éramos amigos de infância. Ausentei-me por dois anos para estudar arquitetura e, quando voltei, nos apaixonamos. Muito facilmente. Nunca discutimos. Nunca existia motivos para

isso. Não havia obstáculos. Meus pais tinham morrido no ano anterior. Meu pai teve um problema cardíaco. Certa noite foi dormir e não acordou mais. E minha mãe o acompanhou apenas alguns meses depois. Ela não conseguia parar de chorar pela morte dele. Até então eu não sabia que algumas pessoas podiam morrer de tristeza.

Então ele se calou, seguindo as lembranças como se fossem folhas e galhos flutuando em um rio.

– Quando Laura pegou a febre, nunca pensei que seria fatal. Achei que o poder do meu amor pudesse ser maior do que qualquer doença. Mas durante os três dias em que fiquei abraçado a ela pude senti-la morrendo um pouco mais a cada hora. Como água escorrendo pelos dedos. Fiquei junto dela até seu coração parar de bater e sua pele inalmente esfriar. A febre fez seu trabalho e então a abandonou.

– Sinto muito – disse Catherine, consternada, quando Leo icou em silêncio. Ela segurou a mão saudável dele. – Realmente sinto muito. Eu... ah, que coisa inadequada para se dizer.

– Tudo bem – retrucou Leo. – Ainda não inventaram as palavras certas para determinadas situações nessa vida.

– Sim. – A mão de Catherine continuou segurando a dele. – Depois que Laura morreu – disse ela em seguida – o senhor adoeceu com a mesma febre.

– Foi um alívio.

– Por quê?

– Porque eu queria morrer. Só que Merripen, com suas malditas poções ciganas, não o permitiu. Demorei muito para perdoá-lo por isso. Senti ódio dele por me manter vivo. Senti ódio do mundo por girar sem ela. Senti ódio de mim mesmo por não ter reunido coragem para pôr fim àquilo tudo. Todas as noites eu dormia implorando a Laura que me assombrasse. E acho que ela fez isso por algum tempo.

– Quer dizer... em sua mente? Ou literalmente, como um espectro?

– Acho que as duas coisas. Transformei minha vida e a de todos ao meu redor num inferno, até finalmente aceitar que ela se fora.

– E o senhor ainda a ama. – A voz de Catherine soou triste. – É por isso que nunca se casará.

– Não. Tenho um carinho extraordinário pela lembrança dela. Mas isso foi há muito tempo. E não quero passar por isso de novo. Eu só sei amar de forma arrebatadora.

– Talvez não seja assim da próxima vez.

– Não, seria pior. Porque naquela época eu era só um garoto. E agora quem sou, o que necessito... é demais para qualquer pessoa.

– Um riso sarcástico veio de sua garganta. – É demais até mesmo para mim, Cat.

CAPÍTULO 8

Quando eles chegaram ao pátio de toras, a uma curta distância da Ramsay House, Catherine estava imensamente preocupada. Leo se tornara monossilábico e se apoiava nela pesadamente. Estava tremendo e suando, seu braço um peso frio cruzando a frente do tronco dela. Uma parte do vestido de Catherine grudou no ombro dela, bem onde o sangue de Leo o ensopara. Ela viu um grupo indistinto de homens se preparando para descarregar uma carroça de madeira. *Por favor, meu bom Deus, faça com que Merripen esteja entre eles.*

– Merripen está com vocês? – gritou ela.

Para seu grande alívio, a figura sombria e magra de Merripen apareceu.

– Sim, Srta. Marks?

– Lorde Ramsay foi ferido – disse ela com desespero. – Nós caímos... o ombro dele foi perfurado.

– Leve-o para casa. Eu os encontrarei lá.

Antes que ela pudesse responder, ele já havia começado a correr para a casa num ritmo rápido e constante.

Quando Catherine guiou o cavalo para a entrada, Merripen já estava lá.

– Houve um acidente nas ruínas – disse ela. – Tem um pedaço de madeira alojado no ombro dele há pelo menos uma hora. Ele está muito frio e falando coisas confusas.

– Eu costumo falar assim – disse Leo atrás dela. – Estou perfeitamente lúcido. – Ele tentou descer do cavalo numa espécie de queda lenta. Estendendo os braços, Merripen o segurou com habilidade. Encaixou seu ombro sob o de Leo e pôs o braço bom dele ao redor de seu pescoço. A dor fez Leo se contrair e gemer.

– Ah, seu desgraçado filho da mãe.

– Você está lúcido – disse Merripen secamente. Ele olhou para Catherine. – Onde está o cavalo de lorde Ramsay?

– Ainda está nas ruínas.

Merripen a examinou com um olhar.

– Está ferida, Srta. Marks?

– Não, senhor.

– Ótimo. Corra até a casa e encontre Cam.

Como os Hathaways já estavam um tanto acostumados com emergências, lidaram com a situação de maneira rápida e eficiente. Cam e Merripen ajudaram Leo a entrar e subir pela escadaria, um de cada lado dele. Embora houvesse uma casa de solteiro ao lado da propriedade para uso de Leo, ele havia insistido para que Merripen e Win morassem nela, salientando que recém-casados precisavam muito mais de privacidade do que ele. Quando Leo retornou a Hampshire, acabou se instalando em um dos quartos de hóspedes na casa principal.

Cam, Merripen e Leo formavam um trio bastante harmonioso, cada qual com sua própria área de responsabilidade. Embora Leo fosse o dono da propriedade, não fazia nenhum tipo de objeção a partilha de autoridade. Ao voltar da França após dois anos fora, ficou grato ao ver como Cam e Merripen haviam reconstruído a propriedade durante sua ausência. Eles fizeram a Ramsay House passar de desmantelada a próspera e imponente, e nenhum deles pedira nada em troca. E Leo reconheceu que tinha muito a aprender com ambos.

Administrar uma propriedade exigia muito mais do que sentar-se na biblioteca com um cálice de vinho do Porto, tal como os aristocratas nos romances faziam. Era necessário amplo conhecimento em agricultura, comércio, pecuária, construção, produção de madeira e aperfeiçoamento do solo. Tudo isso, acrescido às responsabilidades da política e do Parlamento, era muito mais do que um homem poderia assumir. Além disso, Merripen e Leo tinham concordado em dividir as responsabilidades relativas à madeira e à agricultura, ao passo que Cam lidava com os negócios e investimentos.

Quando havia emergências médicas, embora Merripen fosse competente em tais questões, em geral Cam assumia o comando. Tendo aprendido as artes da cura com sua avó cigana, era

relativamente experiente em tratar doenças e ferimentos. Era melhor, e até mesmo mais seguro, deixá-lo fazer o possível por Leo em vez de enviá-lo para um médico.

De uns tempos para cá havia se tornado praxe na medicina usar sangria para tratar todos os males imagináveis, apesar das controvérsias em meio à comunidade médica. Alguns estatísticos tinham começado a registrar históricos de casos para provar que a sangria não fazia bem nenhum, mas o procedimento continuava a ser usado. Às vezes até mesmo

para tratar hemorragia, sob o respaldo da crença de que era melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada.

– Amelia – disse Cam enquanto ele e Merripen acomodavam Leo na cama –, vamos precisar que mandem latas de água quente da cozinha, além de todas as toalhas das quais puderem dispor. E Win, você e Beatrix podem levar a Srta. Marks para o quarto dela e ajudá-la?

– Ah, não – protestou Catherine. – Obrigada, mas não preciso de ajuda. Posso me lavar sozinha e...

Mas suas objeções foram ignoradas. Win e Beatrix não descansaram enquanto não supervisionaram seu banho, a ajudaram a lavar os cabelos e a vestir uma roupa limpa. O par de óculos extra foi encontrado e Catherine ficou aliviada por recuperar sua visão. Win insistiu para cuidar das mãos de Catherine e aplicar unguento e ataduras em seus dedos.

Finalmente Catherine pôde ir para o quarto de Leo. Win e Beatrix resolveram aguardar no andar de baixo. Ela encontrou Amelia, Cam e Merripen ao lado da cama. Leo estava sem camisa e envolto em cobertores. Ela não deveria ter icado nem um pouco surpresa por lagrar Leo discutindo com os três ao mesmo tempo.

– Não precisamos da permissão de Leo – disse Merripen para Cam. – E lhe enfiarei isto goela abaixo se for preciso.

– De jeito nenhum – rugiu Leo. Eu vou matá-lo se tentar...

– Ninguém vai forçar você a tomar isto – interrompeu Cam, exasperado.

– Mas tem de explicar seus motivos, *phral*, porque você não está sendo lógico.

– Não tenho de explicar nada. Você e Merripen podem pegar esta porcaria e enfiá-la no...

– O que foi? – perguntou Catherine da porta. – Algum problema? Amelia saiu para o corredor, o rosto tenso de preocupação e desgosto.

– Sim, o problema é que meu irmão é um cabeça-dura idiota – disse ela alto o bastante para Leo ouvir. Ela se virou para Catherine e baixou a voz. – Cam e Merripen disseram que o ferimento não é grave, mas pode piorar muito se não o limparem direito. O pedaço de madeira se alojou entre a clavícula e a articulação do ombro e não há como saber a profundidade que atingiu. Eles têm de lavar a ferida para tirar farpas ou ibras de roupa, caso contrário infeccionará. Em outras palavras, vai ser complicado. E Leo se recusa a tomar láudano.

Catherine a olhou, confusa.

– Mas... ele tem de tomar algum sedativo.

– Sim. Mas não quer. Fica dizendo para Cam ir em frente e tratar o ferimento. Como se alguém pudesse fazer um trabalho meticuloso desses com um homem gritando de dor.

– Eu lhe disse que não vou gritar – respondeu Leo do quarto. – Eu só grito de dor quando a Srta. Marks começa a recitar suas poesias.

Apesar de sua consternação, Catherine quase sorriu.

Espiando pelo batente, ela viu que Leo estava com uma cor horrível, a pele bronzeada tendo adquirido uma palidez cinzenta. Ele estremeceu como um cão molhado. Quando olhou para ela, pareceu tão desafiador, exausto e infeliz que Catherine não pôde evitar perguntar:

– Posso dar uma palavra com o senhor, milorde?

– Por certo – foi a resposta taciturna. – Eu adoraria discutir com mais alguém.

Ela entrou no quarto, enquanto Cam e Merripen lhe davam espaço. Com uma expressão que ostentava um pedido de desculpas, perguntou:

– Posso ficar por um momento a sós com lorde Ramsay...?

Cam lhe dirigiu um olhar inquisidor, claramente se perguntando que influência ela pensava poder ter sobre Leo.

– Faça o que puder para convencê-lo a tomar aquele remédio que está ali na mesa de cabeceira.

– E se isso não funcionar – acrescentou Merripen –, experimente uma forte pancada no crânio com aquele atiçador de lareira.

Os dois saíram para o corredor.

Já a sós com Leo, Catherine se aproximou da cabeceira. Estremeceu à visão da estaca cravada no ombro dele, a carne dilacerada vertendo sangue. Como não havia nenhuma cadeira perto da cama, sentou-se cautelosa na beirada do colchão. Olhou-o fixamente, e então perguntou com uma voz doce e preocupada:

– Por que não quer tomar o láudano?

– Mas que diabos, Catherine... – Leo deu um suspiro exasperado. – Não posso. Acredite, sei como vai ser se eu não tomar, mas não tenho escolha. É... – Ele parou e desviou o olhar dela, cerrando os lábios para conter outra crise de calafrios.

– Por quê? – Catherine queria tanto penetrar em sua mente, compreendê-lo, que se viu tocando a mão de Leo. Quando não houve resistência, sentiu-se encorajada e deslizou seus dedos enfaixados pela

palma fria dele. – Conte-me – incitou. – Por favor.

A mão de Leo se virou e segurou a dela com um cuidado que provocou uma reação no corpo inteiro de Catherine. A sensação foi de alívio, de que algo estava se encaixando exatamente em seu lugar. Ambos olharam para as mãos unidas, o calor se concentrando na área das palmas e dos dedos.

– Depois que Laura morreu – ela o ouviu dizendo com a voz embargada –, eu me comportei muito mal. Pior do que agora, se é

que a senhorita pode imaginar isso. Mas não importava o que izesse, nada me proporcionava o esquecimento do qual eu necessitava. Uma noite fui até East End com algumas de minhas companhias mais depravadas, para um antro de ópio. – Leo parou ao sentir a mão de Catherine se contrair em reação àquilo. – Dava para sentir o cheiro da fumaça em todo o beco. O ar estava marrom por causa dela. Levaram-me para uma sala cheia de homens e mulheres amontoados sobre catres e almofadas, murmurando e sonhando. O modo como os cachimbos de ópio brilhavam... era como dúzias de pequenos olhos vermelhos piscando no escuro.

– Parece uma visão do inferno – sussurrou Catherine.

– Sim. E era exatamente no inferno que eu queria estar. Alguém me trouxe um cachimbo. Na primeira tragada, senti-me tão melhor que quase chorei.

– Qual é a sensação? – perguntou Catherine, a mão segurando fortemente a dele.

– Em um instante, tudo no mundo se encaixa e nada, por mais triste ou doloroso que seja, parece capaz de mudar isso. Imagine toda a culpa, o medo e a fúria que você já sentiu sendo carregados para longe como uma pluma à brisa.

Talvez em outro momento Catherine o tivesse julgado severamente por ter se entregado a tamanha perversão. Mas agora sentia compaixão. Entendia a dor que o levava a tais profundezas.

– Mas a sensação não dura – murmurou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Não. E quando passa, você fica pior do que antes. Não consegue sentir prazer em nada. As pessoas que ama não importam mais. Você só consegue pensar na fumaça do ópio e em quando poderá usá-lo de novo.

Catherine itou o per il de Leo. Parecia quase impossível que aquele homem fosse o mesmo que ela havia desprezado e tratado com desdém no último ano. Ele sempre parecera nunca se importar com nada, um tanto

superficial e autocomplacente, quando na verdade se importava até demais.

– Cheguei ao ponto em que a ideia de prosseguir me soava muito exaustiva. Até empunhei uma pistola para dar im a tudo. Foi Cam quem me impediu. Ele disse que, segundo a crença cigana, se você sofre demais transforma o espírito do morto em um espectro. Disse-me que eu tinha de deixar Laura ir. Para o bem dela. – Leo encarou Catherine com seus olhos profundamente azuis. – E foi isso que fiz. Jurei largar o ópio e desde então nunca mais toquei nessa coisa maldita. Por Deus, Cat, você não sabe como foi difícil. Exigiu toda a minha força de vontade. Se eu voltasse a usá-lo, ainda que apenas uma vez... poderia terminar no fundo de um poço do qual nunca mais conseguiria sair. Não posso correr esse risco. Não correrei.

– Leo... – Catherine o notou pestanejar, surpreso. Era a primeira vez que o chamava pelo nome. – Beba o láudano – disse. – Não o deixarei ter uma recaída. Não o deixarei se transformar num degenerado.

Ele contorceu a boca.

– Está se oferecendo para se responsabilizar por mim?

– Sim.

– Isso é demais para você.

– Não – disse Catherine com convicção. – Não é.

Ele deu um sorriso triste, seguido por um olhar demorado e curioso. Como se Catherine fosse alguém que ele devia conhecer, mas não soubesse exatamente de onde.

Catherine mal podia acreditar que estava sentada na beira da cama de Leo, segurando a mão daquele homem com quem tivera brigas homéricas durante tanto tempo. Nunca havia imaginado que Leo se abriria voluntariamente com ela.

– Confie em mim – insistiu.

– Dê-me um bom motivo para isso.

– Pode confiar em mim.

Leo balançou a cabeça levemente, sustentando o olhar dela. No início Catherine pensou que ele estivesse se recusando a crer nas palavras dela. Mas daí descobriu que estava balançando a cabeça de pesar e espanto em função das próprias atitudes. Apontou para o copinho com líquido na mesa de cabeceira.

– Dê-me o láudano – murmurou –, antes que eu mude de ideia.

–

Catherine lhe entregou o copo e Leo o esvaziou com poucos e eficientes goles. Um arrepio de repulsa o percorreu ao devolver o frasco vazio para Catherine.

Ambos aguardaram pelo efeito do remédio.

– Suas mãos... – disse Leo, tateando os dedos enfaixados de Catherine. Roçou as unhas dela de leve com a pontinha do polegar.

– Não é nada – sussurrou Catherine. – São só alguns arranhões.

Os olhos azuis ficaram embaçados e desfocados, então Leo os fechou. O rosto franzido de dor começou a relaxar.

– Já lhe agradei por me tirar das ruínas? – perguntou Leo.

– Não precisa agradecer.

– Mesmo assim... obrigado. – Ele ergueu uma das mãos de Catherine e pousou a palma dela em seu próprio rosto, mantendo os olhos fechados. – Meu anjo da guarda – disse, começando a icar com a fala arrastada. – Até agora nunca achei que tivesse um.

– Se tinha, você provavelmente correu rápido demais para que ele conseguisse acompanhá-lo. – comentou ela.

Ele emitiu um som baixo de divertimento.

Ao sentir o rosto barbeado de Leo sob sua mão, Catherine foi preenchida por uma ternura surpreendente. Teve de lembrar a si que o ópio estava exercendo sua influência. Aquele sentimento entre eles não era real. Ainda assim parecia que havia algo novo surgindo dos escombros do velho conlito entre eles. Uma sensação de intimidade a invadiu ao sentir a ondulação abaixo da mandíbula de Leo quando ele engoliu.

Eles ficaram daquele jeito por um instante, até que um barulho vindo da porta fez Catherine se sobressaltar.

Cam entrou no quarto, olhou de relance para o copo vazio e meneou a cabeça para Catherine em aprovação.

– Muito bem – disse. – Isso facilitará as coisas para Ramsay. E, mais importante ainda, para mim.

– Vai se foder – respondeu Leo com uma voz fraca, entreabrindo os olhos quando Cam e Merripen se aproximaram da cabeceira. Amelia os seguiu com um braço carregado de toalhas e panos limpos. Relutantemente, Catherine se afastou e ficou à porta.

Cam olhou para seu cunhado com uma mistura de preocupação e afeto. A luz solar abundante vinda da janela incidia sobre as camadas de cabelos pretos brilhantes.

– Posso cuidar disso, *phral*. Mas podemos mandá-lo para um médico *gadjo* se preferir.

– Meu Deus, não! Qualquer coisa que ele izesse seria muito pior do que suas tentativas. E ele começaria com um maldito frasco de sanguessugas.

– Nada de sanguessugas aqui – respondeu Cam enquanto tirava os travesseiros de trás das costas de Leo. – Tenho pavor delas.

– Tem? – perguntou Amelia. – Eu não sabia.

Cam ajudou Leo a se abaixar até o colchão.

– Quando eu era garoto e ainda morava com a tribo, atravessei a vau de um igarapé junto a outras crianças. Todos nós saímos com sanguessugas grudadas nas pernas. Eu diria que gritei como uma garota, só que as garotas gritaram muito menos.

– Pobre Cam – disse Amelia, sorrindo.

– Pobre Cam? – repetiu Leo, parecendo indignado. – E quanto a mim?

– Não sei se devo ter muita compaixão por você – respondeu Amelia –, porque desconfio que só fez isso para se livrar do plantio de nabos.

Leo respondeu com duas palavras escolhidas a dedo que a fizeram sorrir.

Puxando as cobertas até a cintura do irmão, Amelia enfiou algumas toalhas sob o ombro ferido e pela lateral do corpo dele com cuidado. A visão do tronco esguio e naturalmente musculoso – e daquela camada instigante de pelos no peito – fez o estômago de Catherine dar uma pequena cambalhota. Ela se afastou um pouco mais, porém permaneceu junto ao batente da porta, relutante em ir embora, mas ao mesmo tempo sem saber se era impróprio ficar.

Cam deu um beijo na cabeça da esposa e a afastou da cama com delicadeza.

– Espere ali, *monisha*, precisamos de espaço para trabalhar. – Ele se virou para uma bandeja de apetrechos ao lado.

Catherine empalideceu ao ouvir o tilintar de facas e instrumentos de metal.

– Você não vai sacrificar uma cabra ou realizar uma dança tribal? – perguntou Leo, meio tonto. – Ou pelo menos entoar alguma coisa?

– Nós fazemos tudo isso lá embaixo – disse Cam. – Ele entregou uma tira de couro para Leo. – Ponha isto entre os dentes. E tente não fazer muito barulho enquanto estivermos trabalhando. Meu filho está dormindo.

– Antes de eu pôr isto na boca – disse Leo – pode me dizer o último

lugar em que estive? – Ele fez uma pausa. – Pensando bem... deixa para lá. Não quero saber. – Leo obedeceu, colocando a tira entre os dentes, e depois a tirou temporariamente para acrescentar: – Seria bom se você não amputasse nada.

– Se amputarmos – disse Merripen, limpando com desvelo ao redor do ombro ferido –, não será de propósito.

– Está pronto, *phral*? – Catherine ouviu Cam perguntar gentilmente. – Segure-o firme, Merripen. Certo. Quando eu contar até três.

Amelia se juntou a Catherine no corredor, o rosto demonstrando tensão. Ela pôs os braços ao redor da cintura de Cat.

Eles ouviram um gemido fraco de Leo, seguido por um luxo de palavras em romani entre Cam e Merripen. A língua estrangeira era enérgica, porém calmante.

Ficou claro que, apesar dos efeitos do ópio, o procedimento era bem di-ícil de se tolerar. Sempre que Catherine ouvia um gemido ou som de dor vindo de Leo, enrijece o corpo inteiro e retorcia os dedos.

Depois de dois ou três minutos, Amelia olhou pela porta.

– Alguma farpa? – perguntou.

– Só uma pequena, *monisha* – respondeu Cam. – Poderia ter sido muito pior, mas... – Ele parou quando Leo emitiu um som abafado. – Desculpe-me, *phral*. Merripen, pegue as pinças e... sim, aquela parte bem ali.

O rosto de Amelia estava pálido quando se virou novamente para Catherine. E ela surpreendeu a governanta quando estendeu os braços e a puxou para si do mesmo jeito que teria feito com Win, Poppy ou Beatrix. Catherine se enrijeceu um pouco, não de aversão, mas de espanto.

– Estou tão feliz por você não ter se machucado, Catherine! – disse Amelia. – Obrigada por cuidar de lorde Ramsay.

Catherine assentiu levemente. Amelia se afastou e lhe sorriu.

– Sabe, ele ficará bem. Tem mais vidas do que um gato.

– Espero que sim – respondeu Catherine, circunspecta. – Espero que isso não seja resultado da maldição de Ramsay.

– Não acredito em maldições, feitiços ou coisas desse tipo. A única maldição que meu irmão enfrenta é autoimposta.

– Quer dizer... por causa da dor pela morte de Laura Dillard?

Amelia arregalou os olhos azuis.

– Ele contou a você?

Catherine assentiu.

Amelia foi pega desprevenida. Segurando o braço de Catherine, a puxou para o corredor, onde havia menos risco de ser ouvida.

– O que ele disse?

– Que ela gostava de aquarelas – respondeu Catherine com hesitação. – Que estavam noivos, que ela contraiu febre escarlatina e morreu nos braços dele. E que... o assombrou durante algum tempo. Literalmente. Mas isso não pode ser verdade... pode?

Amelia ficou em silêncio durante quase meio minuto.

– Acho que pode – disse com notável calma. – Eu não admitiria isso para muitas pessoas porque faria eu parecer uma lunática. – Um sorriso irônico surgiu em seus lábios. – Mas você convive com os Hathaways por tempo suficiente para saber que somos de fato um bando de lunáticos. – Ela fez uma pausa. – Catherine.

– Sim?

– Meu irmão nunca fala com ninguém sobre Laura Dillard. *Nunca*. Catherine pestanejou.

– Ele estava sentindo dor. Tinha perdido sangue.

– Não acho que a confidência tenha se dado por esse motivo.

– Por qual outro motivo poderia ser? – perguntou Catherine com dificuldade.

Seu rosto provavelmente revelava quanto ela temia a resposta.

Amelia a analisou atentamente, deu de ombros e ofereceu um sorriso triste.

– Já falei demais. Perdoe-me. É só que desejo muito a felicidade de meu irmão. – Ela parou por um segundo antes de acrescentar com sinceridade:

– E a sua.

– Eu lhe garanto, senhora, que uma coisa não tem nada a ver com a outra.

– É claro – murmurou Amelia, dirigindo-se novamente à porta para esperar.

CAPÍTULO 9

Depois que o ferimento já estava limpo e enfaixado, Leo se encontrava pálido e exausto. Dormiu durante o resto do dia, acordando ocasionalmente quando alguém vinha lhe despejar caldo ou chá contra a febre garganta abaixo. A família foi inexorável em seus esforços para cuidar dele.

Conforme ele havia esperado, o ópio lhe causara pesadelos repletos de criaturas se erguendo da terra para agarrá-lo e puxá-lo para abaixo da super ície, onde olhos vermelhos brilhantes piscavam na escuridão. Preso em um entorpecimento narcótico, Leo não conseguia acordar totalmente dos sonhos, então se debatia no calor e tormento, e afundava em mais alucinações. O único alívio era quando um pano molhado frio lhe era aplicado na testa, com uma presença confortadora pairando ao seu lado.

– Amelia? Win? – murmurava, confuso.

– Shhhh...

– Calor – dizia, suspirando de maneira aflita.

– Fique deitado quietinho.

Ele chegou a icar vagamente consciente mais duas ou três vezes durante a troca do pano... um frio impiedoso aplicado em sua testa... a mão delicada tocando seu rosto.

Quando acordou na manhã seguinte, estava cansado, febril e entregue a uma melancolia profunda. Era a ressaca costumeira do ópio, é claro, mas saber disso não ajudava a aliviar a tristeza esmagadora.

– Você está com um pouco de febre – disse-lhe Cam. – Vai ter de tomar mais chá de milefólio para abaixá-la. Mas não há nenhum sinal de infecção. Descanse hoje, creio que estará muito melhor amanhã.

– Esse chá tem gosto de água suja – resmungou Leo. – E não vou icar na cama o dia inteiro.

Cam pareceu solidário.

– Eu entendo, *phral*. Você não se sente doente o bastante para descansar, mas não está bem o bastante para fazer qualquer outra coisa. Ainda assim, tem de se dar uma chance de sarar ou...

– Vou descer para tomar um café da manhã decente.

– O café da manhã acabou. Já tiraram as coisas do aparador.

Leo ficou carrancudo e esfregou as mãos no rosto, fazendo uma expressão de dor ao sentir uma pontada forte no ombro.

– Peça a Merripen para vir aqui. Quero falar com ele.

– Ele está com os arrendatários, plantando nabos.

– Onde está Amelia?

– Cuidando do bebê. Os dentes dele estão nascendo.

– E quanto a Win?

– Está com a chefe das criadas, conferindo o estoque e encomendando suprimentos. Beatrix está levando cestas para os idosos na cidade. E eu tenho de visitar um inquilino que não paga o aluguel há dois meses. Acho que não há ninguém disponível para entretê-lo.

Leo reagiu àquela informação com um silêncio mal-humorado. E então conseguiu perguntar pela pessoa que realmente queria. A pessoa que não tinha se dado ao trabalho de ir vê-lo nem de perguntar como ele estava passando, mesmo depois de ter prometido protegê-lo.

– Onde está a Srta. Marks?

– A última vez que a vi estava ocupada costurando. Parece que os consertos se acumularam e...

– Ela pode costurar aqui.

Cam ficou estupefato.

– Quer que a Srta. Marks faça os consertos aqui no seu quarto?

– Sim, mande-a vir para cá.

– Perguntarei a ela se está disposta a vir – disse Cam, parecendo em dúvida.

Depois de se lavar e vestir um roupão, Leo voltou para a cama. Estava dolorido e irritantemente trôpego. Uma criada trouxe uma pequena bandeja com uma única fatia de torrada e uma xícara de chá. Ele tomou seu café da manhã encarando o vão da porta vazio, muito mal-humorado.

Onde estava Catherine? Cam ao menos tinha se dado ao trabalho de dizer a ela que ele mandara chamá-la? Se tinha, evidentemente ela resolvera ignorar seu apelo.

Megera dura e insensível. E isso após ter prometido se responsabilizar por ele. Ela o convencera a beber o láudano, e então o abandonara.

Bem, agora Leo não a queria mais. Se a inal ela decidisse aparecer, a mandaria embora. Riria desdenhosamente e lhe diria que era melhor icar sozinho a tê-la ali. Iria...

– Milorde?

O coração de Leo deu um pulo ao vê-la à porta, usando um vestido azul-escuro, os cabelos dourados arrumados no alto da cabeça em seu usual penteado rígido.

Tinha um livro em uma das mãos e um copo com um líquido esbranquiçado na outra.

– Como se sente esta manhã?

– Enlouquecido de tédio – disse Leo fazendo uma careta. – Por que demorou tanto para vir me ver?

– Pensei que ainda estivesse dormindo. – Ao entrar no quarto, Catherine tinha deixado a porta escancarada. A figura longa e peluda de Dodger, o furão, surgiu atrás dela. Depois de se erguer para examinar o ambiente, o bichinho correu para debaixo da cômoda. Catherine observou o furão com desconiança. – Provavelmente um dos novos esconderijos dele – disse, e suspirou. Ela ofereceu a Leo o copo com o líquido turvo. – Beba isto, por favor.

– O que é?

– Chá de casca de salgueiro, para febre. Coloquei um pouco de limão e açúcar para melhorar o sabor.

Leo tomou a bebida amarga, observando Catherine se movimentar pelo quarto. Ela abriu uma segunda janela para arejar um pouco mais o ambiente. Levou a bandeja do café da manhã para o corredor e a entregou a uma criada que passava. Quando voltou para Leo, tocou a testa dele para verificar a temperatura.

Leo segurou o pulso dela, interrompendo o movimento. Encarou-a em meio a um princípio de reconhecimento.

– Era você – disse. – Você estava aqui ontem à noite.

– Perdão?

– Você trocou o pano na minha testa. Mais de uma vez.

Catherine segurou os dedos dele com ternura. Sua voz foi muito suave:

– Como se eu fosse entrar no quarto de um homem no meio da noite. Mas ambos sabiam que ela havia entrado. O peso da melancolia de Leo

diminuiu bastante, principalmente quando ele notou a preocupação nos olhos de Catherine.

– Como estão suas mãos? – perguntou ele, virando os dedos machucados dela para inspecioná-los.

– Sarando, obrigada. – Ela fez uma pausa. – Disseram-me que o senhor

queria companhia.

– Sim – respondeu Leo prontamente. – Vou me contentar com a sua. Ela sorriu.

– Muito bem.

Leo desejou puxá-la para si e sentir seu perfume, um cheiro leve, de limpeza, como chá, talco e lavanda.

– Devo ler para o senhor? – perguntou ela. – Trouxe um romance. Gosta de Balzac?

O dia estava melhorando rapidamente.

– Quem não gosta?

Catherine ocupou a cadeira ao lado da cama.

– Ele divaga um pouco demais para o meu gosto. Preiro romances com mais ação.

– Mas com Balzac – disse Leo – você precisa se entregar por completo. Precisa chafurdar e rolar na linguagem... – Fazendo uma pausa, ele olhou mais atentamente para o rosto pequeno e oval de Catherine. Ela estava pálida e com olheiras, sem dúvida resultantes das muitas visitas noturnas a ele. – Você parece cansada – comentou sem rodeios. – Por minha causa. Perdoe-me.

– Ah, de modo algum, não foi por sua causa. Tive pesadelos.

– Com o quê?

Ela assumiu uma expressão cautelosa. Território proibido. E ainda assim Leo não conseguiu evitar insistir.

– Os pesadelos têm a ver com o passado da senhorita? Com a situação na qual Rutledge a encontrou?

Catherine deu um suspiro profundo e se levantou, parecendo atordoada e levemente indisposta.

– Talvez eu deva ir.

– Não – falou Leo rapidamente, gesticulando para que ela icasse. – Não vá embora. Preciso de companhia. Ainda estou sofrendo os efeitos colaterais do láudano que você me convenceu a tomar. – Percebendo que Catherine continuava hesitante, acrescentou: – E estou com febre.

– Uma febre baixa.

– Espere, Catherine, você é uma dama de companhia – disse ele fazendo uma careta. – Faça seu trabalho, está bem?

Por um momento ela pareceu indignada, e então explodiu em uma risada apesar de seus esforços para contê-la.

– Sou dama de companhia de Beatrix – corrigiu. – Não sua.

– Hoje é minha. Sente-se e comece a ler.

Para a surpresa de Leo, a abordagem arbitrária funcionou. Catherine voltou a sentar-se e abriu o livro na primeira página. Ela usou a ponta do dedo indicador para ajeitar seus óculos, um gesto

meticuloso que Leo adorava. – Un Homme D’Affaires – leu. – Um homem de negócios. Capítulo Um.

– Espere.

Catherine o fitou com expectativa.

Leo escolheu as palavras cuidadosamente:

– Há *algum* ponto de seu passado sobre o qual gostaria de falar?

– Com que objetivo?

– Estou curioso a respeito da senhorita.

– Não gosto de falar sobre mim mesma.

– Veja bem, isso é prova de como você é interessante. Não há nada mais tedioso do que pessoas que gostam de falar sobre si mesmas. Eu sou um exemplo perfeito.

Ela olhou para o livro como se estivesse se esforçando para se concentrar na página. Mas depois de apenas alguns segundos, ergueu os olhos exibindo um sorriso que pareceu fazer Leo derreter. – O senhor pode ser muitas coisas, milorde. Mas tedioso de initivamente não é uma delas.

Quando Leo olhou para Catherine, sentiu de novo o mesmo carinho e a felicidade inexplicáveis que havia experimentado na véspera, antes do contratempo nas ruínas.

– O que gostaria de saber? – perguntou Catherine.

– Quando percebeu que precisava de óculos?

– Eu tinha 5 ou 6 anos. Morava com meus pais num cortiço em Portpool Lane. Como naquela época as meninas não podiam frequentar a escola, uma vizinha tentava dar aulas particulares a algumas de nós. Ela disse a minha mãe que eu era muito boa em memorização, mas um pouco lenta em leitura e escrita. Um dia minha mãe me mandou buscar um pacote no açougue. Ficava a apenas duas ruas de distância, mas acabei me perdendo. Tudo se transformou num borrão. Fui encontrada perambulando e chorando a algumas ruas dali, até inalmente alguém me levar ao açougue.

– Ela sorriu. – O açougueiro era um homem muito gentil. Quando contei a ele que pensava não ser capaz de encontrar o caminho de casa, ele disse

que tinha uma ideia. Então me fez experimentar os óculos de sua esposa. Flagrei-me perplexa diante da verdadeira aparência do mundo. Foi mágico. Eu conseguia enxergar o padrão dos tijolos nas paredes, pássaros em pleno voo e até mesmo a trama do tecido do avental do açougueiro. Ele disse que esse era o meu problema. Eu simplesmente não enxergava. E desde então eu uso óculos.

– Seus pais ficaram aliviados ao saber que a inal de contas a ilha deles não era lenta?

– Pelo contrário. Discutiram durante dias sobre qual lado da família eu havia puxado para herdar tal problema. Minha mãe ficou muito a lita e disse que os óculos poderiam arruinar minha aparência.

– Que besteira!

Catherine pareceu triste.

– Minha mãe não era propriamente uma pessoa dotada de muito caráter.

– Considerando-se as ações dela... abandonar marido e filho e fugir para a Inglaterra com o amante... eu não teria esperado muitos princípios mesmo.

– Quando eu era criança, pensava que eles eram casados – disse Catherine.

– Havia amor entre eles?

Pensando no assunto, ela mordeu o lábio, atraindo a atenção de Leo para a delicadeza sedutora de sua boca.

– Eles sentiam atração um pelo outro, isicamente falando – admitiu ela.

– Mas isso não é amor, é?

– Não – disse Leo, baixinho. – O que aconteceu com seu pai?

– Prefiro não falar sobre isso.

– Ora, não a tornei minha conidente? – Ele lhe lançou um olhar de reprovação. – Seja justa, Catherine. Não pode ser mais di ícil para você do que foi para mim.

– Está bem. – Ela respirou fundo. – Quando minha mãe adoeceu, meu pai achou isso um grande fardo. Pagou uma mulher para tomar conta dela até o im, daí me enviou para morar com minha tia e minha avó, e nunca mais tive notícias dele. Pelo que sei, pode até estar morto.

– Sinto muito – disse Leo. E foi sincero. Realmente lamentava, desejando poder voltar no tempo de algum modo para confortar a garotinha de óculos abandonada pelo homem que deveria protegê-la. – Nem todos os

homens são assim. – Sentiu necessidade de salientar.

– Eu sei. Seria injusto da minha parte culpar toda a população masculina pelos pecados de meu pai.

Leo sentiu-se desconfortável ao perceber que o próprio comportamento não fora muito mais virtuoso do que o do pai de Catherine, pois se entregara ao próprio sofrimento amargo a ponto de abandonar suas irmãs.

– Não me admira que a senhorita sempre tenha me odiado – disse ele. – Provavelmente, faço a senhorita se lembrar dele. Abandonei minhas irmãs quando elas precisaram de mim.

Catherine o olhou ixamente, não com tom de pena ou censura, apenas...

de avaliação.

– Não – disse ela com sinceridade. – O senhor não é como ele. Voltou para sua família. Trabalha por ela, se importa com ela. E eu nunca odiei o senhor.

Leo a olhou atentamente, bastante surpreso com a revelação.

– Não?

– Não. Na verdade... – Ela silenciou de repente.

– Na verdade...? – perguntou Leo. – O que ia dizer?

– Nada.

– Ia, sim. Algo como gostar de mim contra a sua vontade.

– É claro que não – objetou Catherine, mas Leo notou o esboço de sorriso nos lábios dela.

– Irresistivelmente atraída pela minha bela aparência? – sugeriu ele. – Pela minha conversa fascinante?

– Não e não.

– Seduzida pelos meus olhares fatais? – Ele acompanhou a frase com um arquear de sobrancelhas travesso, o qual finalmente a fez rir.

– Sim, deve ser isso.

Recostando-se nos travesseiros, Leo a olhou com satisfação. Que risada maravilhosa Catherine possuía, leve e gutural.

E que problema aquele desejo louco e impróprio por ela poderia acarretar! Catherine estava se tornando real para ele, dimensional, vulnerável de modos que Leo nunca havia imaginado.

Enquanto Catherine lia em voz alta, o furão saiu de baixo da cômoda e subiu no colo dela. Adormeceu em um círculo de ponta-cabeça, a boca aberta. Leo não o culpou nem um pouco. O colo de Catherine parecia um ótimo lugar para repousar.

Leo ingiu interesse na narrativa detalhada e complexa enquanto sua mente se ocupava imaginando como Catherine seria nua. Parecia trágico o fato de que ele nunca a veria assim. Mesmo no código de ética depravado de Leo, um homem não tomava uma virgem, a não ser que tivesse intenções sérias em relação à moça. Ele havia passado por isso uma vez, se permitido se apaixonar loucamente, e como consequência quase perdera tudo.

E havia alguns riscos que um homem não podia correr duas vezes.

CAPÍTULO 10

Passava da meia-noite. Catherine acordou com um choro de bebê. Os dentes do pequeno Rye estavam nascendo e, nos últimos tempos, o anjinho geralmente dócil andava irritado.

Catherine mirou a escuridão sem enxergar direito, afastou as cobertas das pernas e tentou encontrar uma posição mais confortável para dormir. De lado. De bruços. Nada parecia bom.

Após alguns minutos, o choro do bebê parou. Sem dúvida ele fora acalmado por sua mãe atenciosa.

Mas Catherine ficou com insônia. Sozinha, ansiosa. O pior tipo de insônia. Tentou se ocupar com antigos cânticos celtas para contar carneirinhos, ainda adotados por fazendeiros nas áreas rurais em vez de números modernos ... *yan, tan, tethera, pethera...* Dava para ouvir o eco de séculos

nas sílabas antigas. *Sethera, methera, hovera, covera...*

Sua mente evocou uma imagem de olhos azuis singulares, rajados de tons claros e escuros, como faixas de céu e oceano. Leo a ficara observando enquanto ela lia para ele, e também enquanto ela costurava. E por trás dos gracejos dele, da fachada relaxada, percebera que ele a desejava. *Yan, tan, tethera...*

Talvez Leo estivesse acordado agora. Sua febre havia ido embora ao anoitecer, mas poderia ter voltado. Talvez ele estivesse precisando de água. De um pano frio.

Antes que pudesse mudar de ideia, Catherine se levantou da cama e pegou seu roupão. Encontrou os óculos na penteadeira e os encaixou cuidadosamente sobre o nariz.

Os pés descalços atravessaram o corredor com piso de madeira enquanto ela partia em sua missão humanitária.

A porta do quarto de Leo estava entreaberta. Catherine se esgueirou para dentro de modo sorrateiro, como uma ladra, andando na pontinha dos pés até a cama, do mesmo jeito que izera na noite anterior. Uns poucos raios de luz vindos da janela aberta se

iniltravam no quarto, deixando a penumbra como uma peneira. Dava para ouvir a respiração suave e regular de Leo.

Catherine se aproximou dele e estendeu o braço com hesitação, seus batimentos cardíacos se acelerando assim que pôs os dedos na testa dele. Sem febre. Apenas com um calor leve e saudável.

A respiração de Leo ficou entrecortada quando ele acordou.

– Cat? – A voz estava embargada por causa do sono. – O que você está fazendo?

Ela não devia ter ido vê-lo. Qualquer desculpa que desse soaria falsa e ridícula, afinal não havia nenhum motivo racional para tê-lo incomodado.

Desconcertada, ela murmurou:

– Eu... vim ver se... – A voz esmoreceu.

Catherine começou a recuar, no entanto Leo lhe segurou o pulso com notável destreza, considerando-se que era noite e ele mal havia acordado. Ambos ficaram parados, Catherine debruçada em cima dele, o pulso preso.

Leo puxou o braço de Catherine com delicadeza, obrigando-a a se inclinar mais, até que ela perdeu o equilíbrio e caiu lentamente. Apavorada com a possibilidade de machucá-lo, Catherine tentou apoiar as mãos no colchão, mas Leo usou de todos os movimentos para aproximá-la ainda mais de si. Ela se assustou ao deparar com uma pele nua entremeada de músculos, o peito coberto por uma penugem crespada e macia.

– Milorde – sussurrou –, eu não queria...

A mão de Leo envolveu-lhe a nuca, atraindo a boca de Catherine para a dele.

Aquilo não foi um beijo, foi uma posse. Ele a tomou totalmente, a língua quente investindo dentro dela, privando-a de qualquer escolha ou reflexão. O cheiro masculino de sua pele encheu as narinas de Catherine. Sensações demais para assimilar de uma só vez... a boca quente e macia, as mãos firmes a segurando, os contornos masculinos fortes do corpo dele.

O mundo girou devagar quando Leo se virou com ela nos braços, prendendo-a parcialmente na cama. Os beijos eram rudes e doces, e envolviam lábios, dentes e língua. Ofegante, Catherine passou os braços ao redor do pescoço e do ombro enfaixado dele. Leo se posicionou em cima, grande e sombrio, beijando-a como se quisesse devorá-la.

As dobras do roupão de Catherine se abriram, a batinha da camisola se erguendo até os joelhos. A boca de Leo separou-se da dela para então dar início a uma deliciosa exploração de seu pescoço, seguindo terminações nervosas até o ponto na junção entre ombro e pescoço. Os dedos dele fizeram seu trabalho na frente da camisola, abrindo os pequeninos botões

e afastando o tecido fino.

Leo abaixou a cabeça, os lábios descendo devagar até a curva trêmula de um dos seios de Catherine, até chegarem ao cume. Tomando-a na boca, ele esquentou o mamilo frio com leves carícias feitas pela língua. Catherine gemeu, arfante, o som misturado às rajadas do hálito de Leo. Ele se posicionou entre as coxas de Catherine, soltando seu peso até ela sentir o corpo rígido pressionando-a mais intimamente. E então buscou o outro seio, fechando a boca ao redor do mamilo, umedecendo e puxando, provocando ondas envolventes de prazer.

A cada movimento mais sensações eram reveladas, as linhas tênues da excitação se transformando numa crueza primitiva. Leo cobriu a boca de Catherine com beijos longos e entorpecentes, ao mesmo tempo que, mais abaixo, dava início a um ritmo sutil, investindo e deslizando, usando o próprio corpo para excitá-la. Catherine se contorcia embaixo dele com volúpia, tentando buscar aquela solidez sedutora. Seus corpos estavam unidos como as páginas de um livro fechado, e tudo parecia tão certo, tão loucamente prazeroso, que a assustava.

– Não – sussurrou ela, empurrando-o. – Espere. Por favor...

Então sem querer ela apertou o ombro machucado de Leo, e ele rolou para o lado, dizendo um palavrão.

– Milorde? – Ela saiu da cama de maneira atabalhoadada e ficou em pé, todos os membros trêmulos. – Sinto muito, eu o machuquei? O que posso...

– Saia.

– Sim, mas...

– *Agora*, Catherine. – A voz dele saiu grave e gutural. – Ou volte para a cama e me deixe terminar.

Ela saiu correndo.

CAPÍTULO 11

Depois de uma noite péssima, Catherine procurou os óculos desajeitadamente e percebeu que os havia perdido durante sua ida ao quarto de Leo. Resmungando, sentou-se à penteadeira e enterrou o rosto nas mãos.

Um impulso estúpido, pensou sombriamente. Um momento de loucura. Nunca deveria ter cedido a ele.

A culpa era toda dela.

Que bela munição havia proporcionado a Leo! Ele a atormentaria com aquilo. Aproveitaria todas as oportunidades para humilhá-la. Conhecia-o bem o suficiente para não duvidar disso.

O humor de Catherine não melhorou com o aparecimento de Dodger, que surgiu da caixa de chinelos ao lado da cama. O furão abriu a tampa com a cabeça, guinchou num alegre cumprimento e surrupiou lá de dentro um chinelo de Catherine. Só Deus sabia para onde pretendia levá-lo.

– Pare com isso, Dodger – disse ela, cansada, apoiando a cabeça nos braços enquanto o observava.

Tudo estava indistinto. Precisava de seus óculos. E era muito difícil procurar por algo quando não dava para enxergar mais do que meio metro adiante. Além disso, se uma das criadas encontrasse os óculos no quarto de Leo ou, que Deus a livrasse, na cama dele, todos icariam sabendo.

Dodger abandonou o chinelo, correu para Catherine e se ergueu, encostando o corpinho comprido e esguio no joelho dela. Estava tremendo, o que era normal nos furões, segundo Beatrix. Como a temperatura de um furão caía quando ele adormecia, estremecer era seu jeito de se aquecer ao acordar. Catherine estendeu a mão para acariciá-lo. Mas quando ele tentou subir em seu colo, ela o afastou.

– Não estou me sentindo bem – disse para o furão, com pesar, embora não houvesse nada de errado com ela fisicamente.

Chilrando de contrariedade mediante a rejeição, Dodger se virou e saiu correndo do quarto.

Catherine continuou com a cabeça sobre a mesa, cansada e

envergonhada demais para se mexer.

Catherine dormiu até mais tarde. Agora ouvia os sons de passos e conversas abafadas nos andares inferiores. Será que Leo já havia descido para tomar café da manhã?

Não teria coragem de encará-lo.

Sua mente voltou para aqueles minutos intensos na noite anterior. Uma nova onda de desejo a invadiu ao pensar no modo como ele a beijara, na sensação de ter a boca de Leo em lugares íntimos do seu corpo.

Ouviu o furão retornar para o quarto, guinchando e pulando como fazia quando estava especialmente feliz com alguma coisa.

– Vá embora, Dodger – ordenou Catherine com desânimo.

Mas Dodger insistiu, indo para o lado dela e se erguendo de novo, o corpinho um cilindro alongado. Fitando-o de relance, Catherine notou algo preso nos dentes do animal. Ela piscou. Lentamente, estendeu a mão e pegou o objeto.

Seus óculos.

Impressionante como um pequeno gesto de bondade podia fazer uma pessoa sentir-se muito melhor.

– Obrigada – sussurrou, os olhos se enchendo de lágrimas enquanto acariciava a cabeça minúscula de Dodger. – Adoro você, sua doninha nojenta.

Dodger subiu no colo dela, virou de ponta-cabeça e suspirou.

Catherine se vestiu com esmero, pondo grampos extras nos cabelos, apertando a faixa de seu vestido cinza um pouco mais do que de costume e até mesmo dando nós duplos nos cadarços de suas botas sóbrias de cano curto. Como se pudesse se conter tão completamente a ponto de nada se soltar. Nem mesmo seus pensamentos.

Ao entrar na sala do café da manhã, viu Amelia à mesa. Estava dando pão para seu bebê, Rye, que o mastigava e babava copiosamente.

– Bom dia – murmurou Catherine, dirigindo-se ao bule para servir-se de uma xícara de chá. – Pobre Rye... Percebi que chorou à noite. O novo dentinho ainda não nasceu?

– Ainda não – disse Amelia com pesar. – Lamento que ele tenha perturbado seu sono, Catherine.

– Ah, ele não me incomodou. Eu já estava acordada. Foi uma noite insone.

– Deve ter sido para lorde Ramsay também – observou Amelia. Catherine a olhou de relance, mas felizmente não parecia haver

nenhum tipo de malícia no comentário. Ela tentou manter a expressão neutra.

– É? Espero que ele esteja bem esta manhã.

– Ele parece muito bem, mas está meio calado. Preocupado. – Amelia fez uma careta. – E acho que o fato de eu ter dito a ele que estamos planejando fazer o baile daqui a um mês não ajudou a melhorar seu humor de forma alguma.

Mexendo o açúcar em seu chá com muito cuidado, Catherine perguntou:

– Vai divulgar que o evento tem como invalidez encontrar uma noiva para lorde Ramsay?

Amelia sorriu.

– Não, nem mesmo eu sou tão indelicada assim. Mas icará óbvio que muitas jovens elegíveis foram convidadas. E, é claro, meu irmão é um ótimo partido.

– Certamente não sei por quê – murmurou Catherine, tentando parecer despreocupada, sendo que estava tomada por desespero.

Percebeu que não poderia permanecer com a família Hathaway se ou quando Leo se casasse. Não conseguiria suportar vê-lo com outra mulher. Principalmente se ela o fizesse feliz.

– Ah, é simples – disse Amelia de modo travesso. – Lorde Ramsay é um nobre que ainda possui todos os fios de cabelo e todos os dentes, e ainda é fértil. E suponho que eu não o acharia feio se não fosse meu irmão.

– Ele é muito bonito – ressaltou Catherine sem pensar, e corou quando Amelia lhe lançou um olhar astuto.

Ela então se dedicou a beber seu chá, mordiscou um pãozinho e saiu em busca de Beatrix. Era hora dos estudos matutinos.

Catherine e Beatrix haviam estabelecido um padrão, começando suas lições com alguns minutos de etiqueta e conduta social e dedicando o

restante da manhã a temas como história, iloso ia e até mesmo ciências. Beatrix há muito já dominava os assuntos “da moda” ensinados às jovens apenas com o objetivo de torná-las esposas e mães adequadas. Agora Catherine sentia como se ela e Beatrix tivessem se tornado colegas de estudo.

Embora Catherine não houvesse tido o privilégio de conhecer os patriarcas dos Hathaways, achava que ambos, particularmente o Sr. Hathaway, teriam ficado felizes com as realizações de seus filhos. Os Hathaways eram uma família intelectualizada, todos capazes de discutir com facilidade um tema ou assunto num nível abstrato. E havia algo mais que partilhavam: uma capacidade de dar saltos imaginativos e fazer conexões entre assuntos discrepantes.

Certa noite, por exemplo, a conversa no jantar se concentrara na novidade de que um fabricante de bobinas chamado John Stringfellow havia projetado uma carruagem aérea a vapor. Obviamente o invento não funcionara, mas a ideia em si era fascinante. Durante o debate sobre a possibilidade de o homem algum dia ser capaz de voar em uma invenção mecânica, os Hathaways abordaram outros assuntos como mitologia grega, física, pipas chinesas, o reino animal, iloso ia francesa e as invenções de Leonardo da Vinci. Tentar acompanhar a discussão foi quase vertiginoso.

Intimamente, Catherine se preocupava com a possibilidade de tamanha pirotecnia verbal afastar possíveis pretendentes de Poppy

e Beatrix. E, no caso de Poppy, isso de fato se revelara problemático. Pelo menos até ela conhecer Harry.

Contudo, quando Catherine tentara tocar no assunto com Cam Rohan delicadamente, ainda nos primórdios de seu emprego na casa, ele fora um tanto resoluto em sua resposta:

– Não, Srta. Marks, não tente mudar Poppy nem Beatrix – dissera-lhe. – Isso não vai funcionar, e só as deixaria infelizes. Apenas ajude-as a aprender como se comportar em sociedade e falar sobre amenidades, como os *gadjos* fazem.

– Em outras palavras – dissera Catherine ironicamente –, quer que elas aparentem adaptação, mas *não se adaptem* de fato?

Cam ficara encantado com o discernimento dela.

– Exatamente.

E agora Catherine compreendia quão Cam se provara certo. Nenhum dos Hathaways jamais seria como os frequentadores da sociedade

londrina, e nem ela queria que fossem.

Catherine se dirigiu à biblioteca para pegar alguns livros para seus estudos com Beatrix. No entanto, ao entrar no cômodo, parou dando um suspiro ao lagrar Leo inclinado sobre a mesa imensa, escrevendo algo num papel em cima de uma série de desenhos.

Leo virou a cabeça e olhou para ela de modo penetrante. Catherine sentiu calor e frio. Seu crânio latejava nos lugares onde havia prendido os cabelos com muita força.

– Bom dia – disse ela, sem fôlego, dando um passo para trás. – Não queria incomodá-lo.

– Não está me incomodando.

– Vim pegar alguns livros, se... se puder.

Leo fez apenas um sinal a irmativo com a cabeça e voltou sua atenção para os desenhos.

Muito constrangida, Catherine se dirigiu à estante e procurou os exemplares que desejava. A quietude era tanta que pensava ser

possível ouvir os batimentos de seu coração. Necessitando desesperadamente quebrar o silêncio opressivo, perguntou:

– Está desenhando algo para a propriedade? Uma casa de arrendatário?

– Uma ampliação dos estábulos.

– Ah.

Catherine olhou para as ileiras de livros, sem enxergá-las de fato. Eles iam mesmo ingir que não havia acontecido nada na noite anterior? Certamente ela esperava que sim.

Mas então ouviu Leo dizer:

– Se quer um pedido de desculpas, não o terá. Catherine se virou para encará-lo.

– Como disse?

Leo ainda estava contemplando a série de plantas.

– Quando você visita a cama de um homem à noite, não espera chá e conversas.

– Eu não o visitei em sua cama – disse ela na defensiva. – Isto é, o senhor estava deitado, mas não era meu desejo encontrá-lo lá.

– Consciente de que estava falando coisas sem sentido, ela resistiu à vontade de bater na própria cabeça.

– Às duas da manhã – informou-lhe Leo –, quase sempre serei encontrado em uma cama, envolvido em uma dentre duas atividades. Uma

delas é dormir. Não creio que precise explicar a outra.

– Eu só queria verificar se o senhor estava febril – disse Catherine, enrubescendo. – Se precisava de alguma coisa.

– Aparentemente eu precisava.

Ela nunca sentira-se tão desconfortável. Não cabia em si de tanto constrangimento.

– Vai contar para alguém? – forçou-se a perguntar. Leo ergueu uma das sobrancelhas zombeteiramente.

– Teme que eu vá tagarelar sobre nosso encontro noturno? Não, Catherine, não tenho nada a ganhar com isso. E lamento muito que não tenhamos feito o suficiente para justificar fofocas.

Corando, Catherine se dirigiu a um monte de esboços e papéis no canto da mesa. Ela os arrumou em uma pilha perfeita.

– Eu o machuquei? – conseguiu perguntar, lembrando-se de como inadvertidamente apertara o braço ferido dele. – Está doendo esta manhã?

Leo hesitou antes de responder:

– Não, a dor acabou diminuindo depois que você foi embora. Mas Deus sabe que não precisaria de muito para recomeçar.

Catherine estava dominada pelo remorso.

– Sinto tanto! Deveríamos aplicar um cataplasma?

– Um cataplasma? – repetiu Leo, sem entender. – Ah, meu... *ah*. Estamos falando do meu ombro?

Ela pestanejou, confusa.

– É claro que estamos falando do seu ombro. Sobre o que mais poderia ser?

– Cat... – Leo desviou o olhar dela. Para a surpresa de Catherine, houve uma trepidação de riso na voz dele. – Quando um homem ica excitado e é abandonado insatisfeito, em geral sente dor por algum tempo.

– Onde?

O olhar dele disse tudo.

– Quer dizer... – Um forte rubor a invadiu quando ela inalmente entendeu. – Bem, não me interessa se sente dor *aí*. Eu só estava preocupada com seu ferimento!

– Está muito melhor – garantiu-lhe Leo, seus olhos brilhando de divertimento. – Quanto à outra dor...

– Essa não tem nada a ver comigo – retrucou ela logo em seguida.

– Peço licença para discordar.

A dignidade de Catherine fora reduzida a nada. Obviamente, não havia opção senão se retirar.

– Vou embora.

– E quanto aos livros que queria?

– Voltarei para pegá-los depois.

Porém, ao se virar para sair, a bainha de sua manga boca de sino esbarrou na pilha de esboços que havia acabado de organizar, derrubando todos no chão.

– Ai, meu Deus! – Ela ficou de quatro, juntando os papéis.

– Pode deixar – disse Leo. – Eu faço isso.

– Não, fui eu quem...

Catherine parou quando notou algo entre os esboços de estruturas e paisagens e as páginas de anotações. Um desenho a lápis de uma mulher...

uma mulher nua deitada de lado, os cabelos louros espalhados. Uma coxa esguia repousava sobre a outra, de maneira recatada, ocultando parcialmente a sombra delicada de um triângulo feminino.

E havia um par de óculos muito familiar equilibrado no nariz dela. Catherine pegou o desenho, a mão trêmula, o coração batendo

violentamente contra as costelas. Foram necessárias várias tentativas antes de ela conseguir falar, com uma voz aguda e abafada:

– Sou eu.

Leo havia se abaixado no chão atapetado ao lado dela. Ele assentiu, parecendo pesaroso. Daí ruborizou, o contraste da pele deixando seus olhos surpreendentemente azuis.

– Por quê? – sussurrou Catherine.

– Não era para ser degradante – disse ele. – Era para apreciação pessoal, e de ninguém mais.

Ela se obrigou a olhar de novo para o desenho, sentindo-se terrivelmente exposta. De fato, só teria ficado mais constrangida

caso ele de fato a tivesse visto nua. E, contudo, a interpretação estava longe de ser grosseira ou humilhante. A mulher havia sido desenhada com linhas longas e graciosas, em uma pose artística. Sensual.

– O senhor nunca... nunca me viu assim – Catherine conseguiu dizer, antes de acrescentar debilmente: –, não é?

Um sorriso autodepreciativo se abriu nos lábios de Leo.

– Não, ainda não desci ao nível do voyeurismo. – Ele fez uma pausa. – Desenhei direito? Não é fácil adivinhar como você é debaixo de todas estas

camadas de roupas.

Um riso nervoso se sobrepôs ao constrangimento de Catherine.

– Mesmo que o traço esteja iel às minhas formas, eu certamente não o admitiria. – Ela pôs o desenho na pilha, virado para baixo. Sua mão tremia.

– O senhor já desenhou outras mulheres assim? – perguntou ela timidamente.

Leo balançou a cabeça.

– Comecei algo com você, e até agora não continuei.

O rubor dela aumentou.

– Fez outros desenhos como esse? De mim, nua?

– Um ou dois. – Ele tentou parecer arrependido.

– Ah, por favor, *por favor*, destrua todos eles.

– Por certo. Mas a honestidade me obriga a lhe dizer que provavelmente farei mais. Desenhá-la nua se tornou meu passatempo favorito.

Catherine estremeceu e enterrou o rosto nas mãos. A voz então atravessou o filtro rígido formado por seus dedos.

– Eu ficaria mais confortável se o senhor colecionasse alguma coisa.

Ela ouviu a risada rouca de Leo.

– Cat. Querida. Pode olhar para mim? Não? – Ela enrijeceu, mas não se mexeu quando sentiu os braços dele ao seu redor. – Eu só estava brincando. Não vou desenhá-la assim outra vez. – Leo continuava a abraçá-la, guiando o rosto dela cuidadosamente para seu ombro. – Está zangada?

Catherine balançou a cabeça.

– Com medo? – continuou ele.

– Não. – Ela deu um suspiro trêmulo. – Apenas surpresa pelo senhor me imaginar assim.

– Por quê?

– Porque essa não sou eu.

Leo entendeu o que ela quis dizer.

– Ninguém se vê com total exatidão.

– Estou certa de que eu nunca descansaria completamente nua!

– Isso é uma grande pena – disse Leo, que suspirou, exasperado. – Você já devia saber que sempre a desejei, Cat. E já tive fantasias tão pecaminosas com você que ambos seríamos mandados diretamente para o inferno caso eu lhe contasse. E o modo como a desejo não tem nada a ver com a cor de seus cabelos nem com as roupas horrorosas que usa. – Leo

acariciou a cabeça dela gentilmente. – Catherine Marks, ou quem quer que você seja... tenho o desejo mais profano de icar na cama com você durante... ah, no mínimo semanas ... cometendo todos os pecados mortais conhecidos pelo homem. Gostaria de fazer mais do que desenhá-la nua. Quero desenhar com pena e tinta diretamente em sua pele... lores ao redor de seus seios, trilhas de estrelas descendo pelas suas coxas. – Os lábios quentes roçaram na pontinha da orelha de Catherine. – Quero mapear seu corpo, seu norte, seu sul, leste e oeste. Eu iria...

– Não – disse ela, mal conseguindo respirar. Leo deixou escapar um sorriso pesaroso.

– Eu lhe disse. Diretamente para o inferno.

– Isso é culpa minha. – Catherine apertou o rosto quente de encontro ao ombro de Leo. – Eu não devia tê-lo visitado ontem à noite. Não sei por que fiz isso.

– Acho que sabe. – Ele roçou a boca no alto da cabeça de Catherine. – Não volte ao meu quarto à noite, Catherine. Porque se isso acontecer de novo, não conseguirei parar.

Ele afrouxou os braços e a deixou livre para se levantar. Daí estendeu a mão e puxou Cat. A papelada foi recolhida do chão e Leo pegou o desenho. O papel-pergaminho foi rasgado, redobrado e rasgado de novo. Leo pegou os pedaços e os entregou a Catherine.

– Destruirei os outros também.

Ela ficou de pé, imóvel, enquanto ele saía da sala. E seus dedos apertaram os pedaços de papel-pergaminho, amassando-os até se transformarem numa bola.

CAPÍTULO 12

No mês que se seguiu, Leo manteve -se deliberadamente ocupado demais para evitar ver Catherine com frequência. Duas novas fazendas arrendadas precisavam de planos de irrigação. Era um nicho no qual Leo havia adquirido certa experiência, enquanto Cam trabalhava com os cavalos e Merripen supervisionava a extração de madeira. Leo havia projetado um sistema de valas e fossos alimentado por rios dos arredores. Só que no trecho onde o canal era baixo demais para a água luir naturalmente, precisariam instalar uma roda hidráulica. A roda, provida de caçambas, ergueria a quantidade necessária de água e a enviaria por um canal artificial.

Sem camisa e suando sob o esplendor suave do sol de Hampshire, Leo e os arrendatários cavaram valas e canais de drenagem, carregaram pedras e terra. Ao inal de cada dia de labuta, Leo icava com todos os músculos doloridos, quase cansado demais para se manter desperto durante o jantar. Seu corpo ganhara tônus e emagrecera de tal forma que ele acabou obrigado a pegar calças de Cam emprestadas enquanto o alfaiate da vila ajustava suas roupas.

– Pelo menos o trabalho o mantém longe de seus vícios – gracejou Win certa noite antes do jantar, acariciando os cabelos de Leo afetuosamente ao se juntar a ele na sala de estar.

– Acontece que gosto dos meus vícios – disse-lhe Leo. – Foi por isso que me dei ao trabalho de adquiri-los.

– O que você precisa adquirir é uma esposa – disse Win gentilmente. – E não estou dizendo isso por egoísmo, Leo.

Ele sorriu para Win, a mais gentil das irmãs, que tinha enfrentado muitas batalhas pessoais em prol do amor.

– Você não possui nenhuma molécula de egoísmo, Win. Mas por mais que seu conselho pareça sensato, não vou segui-lo.

– Deveria. Você precisa formar uma família.

– Tenho família mais que suiciente com a qual lidar. E há coisas que preferiria fazer a me casar.

– Como o quê?

– Ah, cortar minha língua e me juntar aos monges trapistas... rolar nu sobre melão e cochilar em um formigueiro... Devo continuar?

– Isso não será necessário – disse Win, sorrindo. – Mas algum dia você se casará, Leo. Tanto Cam quanto Merripen disseram que sua linha do matrimônio na mão está bem nítida.

Leo analisou a própria palma, estupefato.

– Isto aqui é uma prega causada pelo jeito como seguro a caneta.

– É uma linha do matrimônio. E é muito longa, praticamente se estendendo além dos dois lados da mão. O que significa que algum dia você se casará com um amor predestinado. – Win ergueu as sobrelhas claras com veemência, como se perguntando *O que você acha disso?*

– Os ciganos romani não acreditam realmente na quiromancia – informou-lhe Leo. – Isso é bobagem. Eles fazem isso para tirar dinheiro dos tolos e bêbados.

Antes de Win responder, Merripen entrou na sala.

– Os *gadjos* certamente sabem complicar as coisas – disse ele, entregando uma carta para Leo e sentando-se no sofá.

– O que é isso? – perguntou Leo, olhando de relance para a assinatura na pé da folha de papel. – Mais uma carta do advogado? Pensei que ele estivesse tentando *descomplicar* as coisas para nós.

– Quanto mais ele explica – disse Merripen –, mais confuso fica. Como cigano, ainda tenho dificuldade para entender o conceito de propriedade de terra. Mas a propriedade Ramsay... – ele balançou a cabeça com desgosto – é um nó cego de acordos, concessões, usos, exceções, adições e arrendamentos.

– Isso é porque a propriedade é muito velha – disse Win sabiamente. – Quanto mais antiga a casa senhorial, mais tempo teve para adquirir problemas. – Ela olhou de soslaio para Leo. – A propósito, acabei de saber que a condessa Ramsay e a filha dela,

Srta. Darwin, desejam nos fazer uma visita. Recebemos uma carta delas hoje mais cedo.

– Não brinca! – Leo estava indignado. – Com que objetivo? Tripudiar? Inventariar? Ainda tenho um ano antes de elas ganharem o direito de reivindicar a casa.

– Talvez elas queiram fazer as pazes e encontrar uma solução aceitável para todos nós – sugeriu Win.

Win sempre tendia a pensar o melhor das pessoas e a acreditar na bondade inerente à natureza humana.

Leo não era assim.

– Fazer as pazes uma ova – murmurou ele. – Por Deus, estou tentado a me casar só para irritar aquele par de bruxas.

– Tem alguma candidata em mente? – perguntou Win.

– Nenhuma. Mas se algum dia eu de fato me casasse, seria com uma mulher que eu tivesse certeza que nunca amaria.

Um movimento na porta atraiu a atenção de Leo e, discretamente, ele observou Catherine adentrar a sala. Ela deu um sorriso neutro para o grupo, evitando o olhar de Leo, então se dirigiu a uma poltrona num cantinho. Incomodado, Leo notou que Catherine tinha emagrecido. Estava com os seios menores, a cintura fina como um palito e a pele mais pálida. Será que ela estava evitando uma nutrição adequada de propósito? O que estava causando sua falta de apetite? Ela ia acabar adoecendo.

– Pelo amor de Deus, Srta. Marks – disse ele, irritado –, está ficando magra como um galho de bétula.

– Leo! – protestou Win.

Catherine o encarou com indignação.

– Não fui *eu* quem teve de mandar apertar as calças.

– A senhorita parece moribunda devido à inanição – continuou Leo fazendo uma careta. – Qual é o seu problema? Por que não está comendo?

– Ramsay – murmurou Merripen, evidentemente achando que Leo havia passado dos limites.

Catherine se levantou e olhou de maneira furiosa para Leo.

– O senhor é um abusador hipócrita e não tem direito algum de criticar minha aparência, portanto... portanto... – Ela buscava desesperadamente pela frase certa. – *Vai se foder!* – E se precipitou para fora da sala, as saias farfalhando raivosamente.

Merripen e Win observaram, boquiabertos.

– Onde a senhorita aprendeu a falar desse jeito? – questionou Leo, indo atrás de Catherine.

– Com o senhor – rebateu ela veementemente.

– Ao menos sabe o que isso significa?

– Não, e nem quero saber. Fique longe de mim!

Enquanto Catherine pisoteava com uma raiva incontrolável pela casa e Leo a seguia, ele se deu conta de que havia ansiado por uma briga com ela, por qualquer tipo de interação.

Catherine saiu e contornou a casa, e logo eles se lagraram na horta. O

ar estava com um aroma pungente por causa das ervas aquecidas pelo sol.

– Catherine – disse ele, exasperado. – Caso insista em fugir, irei atrás da senhorita até o canteiro de salsinhas caso necessário, mas também podemos parar e resolver isso aqui.

Ela se virou para ele, as bochechas vivamente rubras.

– Não há nada para resolver. O senhor mal me dirigiu a palavra durante *dias* e agora faz comentários pessoais ofensivos...

– Eu não quis ser ofensivo. Só disse que...

– Eu não estou magra como um galho de bétula, seu idiota desprezível. Acha que sou insignificante a ponto de o senhor ousar me tratar com tanto desrespeito? O senhor é muito...

– Desculpe-me.

Catherine se calou, a respiração ofegante.

– Eu não devia ter falado daquela forma – justificou Leo com a voz rouca. – Você não é insignificante e eu me importo com seu

bem-estar. Ficaria irritado com qualquer um que não a tratasse bem, e nesse caso é você que está se maltratando. Não está se cuidando.

– Você também não.

Leo abriu a boca para argumentar, mas não conseguiu pensar numa resposta eficaz. Abriu e fechou a boca de novo.

– Todos os dias você trabalha até a exaustão – disse Catherine.
– Emagreceu cinco quilos, pelo menos.

– As novas fazendas precisam de sistemas de irrigação. Sou a pessoa mais adequada para implementá-los.

– O senhor não precisar cavar valas e carregar pedras.

– Sim, preciso.

– Por quê?

Leo a encarou, pensando em se devia dizer a verdade. Optou por ser franco.

– Porque o trabalho até a exaustão é a única coisa me que me impede de ir ao seu quarto à noite e seduzi-la.

Catherine arregalou os olhos. Sua boca se abriu e fechou tal como a de Leo minutos antes.

Ele olhou para ela com uma mistura de divertimento cauteloso e excitação crescente. Não podia mais negar que considerava as conversas com Catherine a melhor coisa do mundo. Ou que o melhor de tudo era simplesmente estar perto dela. Criatura fascinante, teimosa, birrenta... bem

diferente de seus amores passados. E, em momentos como esse, dona de todo o encanto de um porco-espinho furioso.

Mas ela o desafiava, o tratava de igual para igual como nenhuma outra mulher jamais fizera. Ele a desejava além da razão.

– Você não poderia me seduzir – disse Catherine, irritada. Ambos estavam imóveis, se encarando.

– Nega a atração entre nós? – A voz de Leo veio num tom mais grave do que de costume. Ele notou Catherine estremecer, e então ela empinou o queixo com determinação.

– Nego que a vontade racional possa ser minada pela sensação física – disse ela. – O cérebro está sempre no comando.

Leo não pôde evitar o sorriso zombeteiro.

– Meu Deus, Catherine. Obviamente você nunca experimentou o ato, ou saberia que o maior órgão no comando *não* é o cérebro. Na verdade, o cérebro para de funcionar por completo.

– É fácil acreditar que o cérebro de um homem pararia.

– O cérebro de uma mulher não é menos primitivo que o de um homem, principalmente quando se trata de distração física.

– Certamente o senhor prefere pensar assim.

– Devo provar isso a você?

Catherine, cética, retorceu a boca delicada. Mas então, como se incapaz de resistir, perguntou:

– Como?

Leo segurou o braço dela e a conduziu para uma área mais isolada da horta, atrás de uma pérgula coberta de feijões-da-espanha escarlate. Eles icaram perto de uma estufa de vidro usada para fazer as plantas lorescerem antes da época. Uma estufa permitia a um jardineiro cultivar plantas e flores independentemente das condições climáticas.

Leo olhou ao redor para se certificar de que não estavam sendo observados.

– Eis um desafio para sua mais alta função cerebral. Primeiro, vou beijá-la. Em seguida, farei uma pergunta simples. Se você responder corretamente, lhe darei razão.

Catherine franziu a testa e desviou o olhar.

– Isso é ridículo – disse para ninguém em particular.

– Você certamente tem o direito de recusar – disse Leo. – É claro que encararei isso como uma perda por desistência.

Cruzando o braço, Catherine semicerrou os olhos.

– Um beijo?

Leo expôs as palmas das mãos, como se para demonstrar que não tinha nada a esconder. Em momento algum parou de olhar para ela.

– Um beijo, uma pergunta.

Lentamente, Catherine relaxou e baixou os braços. Permaneceu postada diante dele, em dúvida.

Leo não esperava de fato que ela fosse concordar com o desafio. Sentiu o coração palpitar. Ao se aproximar dela, a expectativa lhe causou um aperto no fundo do peito.

– Posso? – perguntou, tirando os óculos de Catherine. Ela piscou, mas não apresentou resistência.

Leo dobrou os óculos e os colocou no bolso de seu casaco. Muito gentilmente, inclinou a cabeça de Catherine para cima, usando as duas mãos para segurar -lhe o rosto. Ele a deixara nervosa. *Que bom*, pensou.

– Está pronta? – perguntou.

Catherine assentiu, a cabeça emoldurada pelas palmas de Leo, os lábios trêmulos.

Leo pousou a boca levemente sobre a dela, beijando-a com uma pressão cautelosa e complacente. Os lábios de Cat estavam frios e doces. Entreabrindo-os de um jeito provocativo, ele aprofundou o beijo. Então a abraçou, puxando-a para si. Ela era esguia, porém compacta, e tinha um corpo lexível como o de um gato. Leo a sentiu começando a se encaixar nele, um relaxamento lento e impotente. Concentrando-se na boca de Catherine, ele a explorou com ardor carinhoso, tateando com a língua até sentir a vibração do gemido suave dela entre seus lábios.

Erguendo a cabeça, ele encarou o rosto corado dela. Ficou tão hipnotizado pelo verde acinzentado dos olhos semicerrados que teve dificuldade para se lembrar da pergunta que pretendia fazer.

– A pergunta é: – lembrou a si mesmo em voz alta, balançando a cabeça para desanuviá-la – um fazendeiro tem 12 carneiros. Todos exceto sete morrem. Quantos restam?

– Cinco – respondeu ela prontamente.

– Sete. – Um sorriso se abriu no rosto dele ao observar Catherine refletindo sobre a pergunta.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Isso foi um truque. Faça-me outra pergunta.

– Não foi o que combinamos.

– Mais uma – insistiu ela.

Uma risada rouca escapou dele.

– Meu Deus, você é teimosa. Está bem. – Ele se aproximou e abaixou a cabeça, e Catherine enrijeceu.

– O que está fazendo?

– Um beijo, uma pergunta – lembrou-lhe.

Catherine ficou mortificada. Mas cedeu mesmo assim, a cabeça se inclinando para trás enquanto Leo a atraía novamente para si. Dessa vez Leo não foi tão hesitante. Sua boca foi firme e ávida, a língua mergulhando no interior doce e quente da boca de Catherine. Ela abraçou o pescoço de Leo, os dedos lhe acariciando os cabelos delicadamente.

Leo ficou zozinho de desejo e prazer. Não conseguia puxar o corpo de Catherine para perto o suficiente, necessitava de partes dela que se via incapaz de alcançar. As mãos dele tremiam com o desejo de tocar a pele clara e suave debaixo do tecido grosso do espartilho. Continuou tentando sentir mais dela, a beijá-la com muito mais ardor, e Catherine instintivamente tentou ajudá-lo, sugando a língua dele e dando um gemidinho de prazer. Os pelos da nuca de Leo se eriçaram quando um arrepio lhe subiu da espinha até a base do crânio.

Ele interrompeu o beijo, ofegante.

– Faça-me uma pergunta – lembrou-lhe Catherine com a voz embargada.

Leo mal conseguia se lembrar do próprio nome. Só queria se concentrar no jeito como Catherine se encaixava nele. Mas de algum modo conseguiu dizer:

– Alguns meses têm 31 dias, outros, trinta. Quantos meses têm 28 dias? As sobrancelhas finas dela se franziram de perplexidade.

– Um.

– Todos eles – foi a resposta gentil de Leo. Ele tentou parecer solidário diante da indignação e da incredulidade dela.

– Faça-me outra – disse Catherine, furiosa e determinada.

Leo balançou a cabeça, o riso lhe tirando o fôlego.

– Não consigo pensar em mais nenhuma. Meu cérebro está privado de sangue. Aceite isso, Catherine, você perdeu o...

Ela agarrou as lapelas do casaco dele e o puxou de volta, então a boca de Leo se grudou na de Catherine antes mesmo que ele pudesse perceber

o que estava fazendo. Todo o divertimento desapareceu. Cambaleando para a frente com Catherine ainda em seus braços, Leo se apoiou na estufa de vidro. Então se apoderou dos lábios dela com um ardor furioso e incondicional, deleitando-se com o corpo dela arqueando de encontro ao seu. Ele estava morrendo de desejo, sentindo-se denso e dolorido devido à necessidade de possuí-la. Beijou-a incontidamente, quase a devorando, acariciando-lhe o interior da boca de modos quase deliciosos demais para suportar.

Antes de perder completamente o autocontrole, Leo afastou os lábios dos de Catherine e a abraçou com força contra o peito.

Mais uma pergunta, pensou vagamente, e obrigou o que restava de sua mente a inventar alguma coisa.

A voz saiu rouca, como se ele tivesse acabado de tentar respirar em um incêndio.

– Quantos animais de cada espécie Moisés levou para a arca? A resposta de Catherine soou abafada no casaco dele.

– Dois.

– Nenhum – conseguiu dizer Leo. – Foi Noé, não Moisés.

Mas Leo não estava mais achando o jogo divertido e nem Catherine parecia interessada em vencer. Eles icaram em pé,

juntos, fortemente abraçados. Seus corpos projetavam uma única sombra que se estendia por um caminho da horta.

– Digamos que tenha havido um empate – murmurou ele. Catherine balançou a cabeça.

– Não, você estava certo – disse ela debilmente. – Não consigo pensar em nada.

Passaram mais um tempinho abraçados, Catherine sentindo o ritmo frenético do coração de Leo. Ambos estavam zonzos, mutuamente concentrados numa pergunta que não podia ser feita. Numa resposta que não podia ser dada.

Deixando escapar um suspiro trêmulo, Leo inalmente a soltou. Encolheu-se quando o tecido de suas calças roçou em seu membro excitado. Graças a Deus o corte de seu casaco era longo o suficiente para disfarçar o problema. Ele tirou os óculos de Catherine do bolso e os colocou cuidadosamente sobre o nariz dela.

Ofereceu-lhe o braço em um convite mudo, uma trégua, e ela aceitou.

– O que significa “vai se foder”? – perguntou ela, insegura, enquanto Leo

a conduzia horta afora.

– Se eu lhe dissesse – respondeu ele –, isso levaria a pensamentos impróprios. E sei quanto você os odeia.

Leo passou grande parte do dia seguinte à beira de um riacho no lado oeste da propriedade, escolhendo o melhor local para instalar a roda hidráulica e marcando a área. A roda teria cerca de cinco metros de diâmetro e seria equipada com uma ileira de caçambas que se esvaziariam numa calha, através da qual a água escoaria ao longo de uma série de dutos de madeira. Pelos cálculos de Leo, o sistema seria capaz de irrigar uns 150 acres, ou dez fazendas de bom tamanho.

Depois de traçar planos com os arrendatários e operários,incar estacas de madeira no chão e atravessar a vau de um riacho frio e lamacento, Leo voltou a cavalo para a Ramsay House. Era im de tarde, o sol havia assumido um tom amarelado e os prados estavam

tranquilos e livres de brisa. Leo estava cansado, empapado de suor e farto de combater moscas-varejeiras. Irritado, concluiu que todos os poetas românticos que escreviam versos arrebatadores sobre estar na natureza certamente nunca tinham se envolvido num projeto de irrigação.

Leo estava com as botas tão incrustadas de lama que as largou à porta da cozinha e entrou na casa de meias. A cozinheira e a criada estavam ocupadas fatiando maçãs e abrindo massa de torta, enquanto Win e Beatrix poliam prata à bancada de trabalho.

– Olá, Leo – disse Beatrix alegremente.

– Nossa, você está um desastre! – exclamou Win.

Leo sorriu para ambas e franziu o nariz ao sentir um cheiro acre no ar.

– Não achei que houvesse odor capaz de superar o meu neste momento. O que é? Polidor de metal?

– Não, na verdade é... – Win pareceu cautelosa. – Bem, é um tipo de tinta.

– Para tecido?

– Para cabelos – disse Beatrix. – A Srta. Marks quer escurecer os cabelos antes do baile, mas estava com medo de usar a tinta do farmacêutico, porque deu errado da última vez. Então a cozinheira sugeriu

uma receita que a mãe usava. Você ferve cascas de nozes e canela com

vinagre e...

– Por que a Srta. Marks quer pintar os cabelos? – perguntou Leo, tentando manter o tom casual, embora sua essência estivesse revoltada com tal ideia. Aqueles cabelos lindos, em um tom dourado-claro de âmbar, cobertos por uma tinta escura banal.

Win respondeu cautelosamente:

– Acho que ela quer icar menos... evidente... no baile, com tantos convidados presentes. Eu não a pressionei para me dar

explicações, pois achei de bom-tom que ela tivesse direito a alguma privacidade. Leo, por favor, não a aborreça mencionando isso.

– Ninguém acha estranho termos uma criada que insiste em se disfarçar? – quis saber Leo. – Esta família é tão excêntrica que aceita qualquer tipo de estranheza sem nem mesmo questionar?

– Isso não é tão estranho assim – argumentou Beatrix. – Muitos animais mudam de cor. Alguns tipos de moluscos, por exemplo, ou determinadas espécies de sapos e, é claro, camaleões...

– Com licença – disse Leo com os dentes cerrados, e saiu da cozinha com passos decididos enquanto Win e Beatrix o observavam se retirar.

– Eu ia mencionar alguns fatos muito interessantes sobre os camaleões

– disse Beatrix.

– Bea, querida – murmurou Win –, talvez seja melhor você ir até os estábulos procurar Cam.

Catherine estava sentada à penteadeira, contemplando seu próprio reflexo no espelho. Havia vários artefatos organizados diante de si; toalhas dobradas, um pente, um jarro, uma bacia e um pote cheio de uma lama escura coada similar a graxa. Ela havia pintado apenas um cacho do cabelo com aquela coisa e estava aguardando que fizesse efeito, para ver a cor inal. Depois de seu último desastre com a tinta, quando seus cabelos ficaram verdes, não queria correr mais nenhum risco.

A apenas dois dias do baile dos Hathaways, Catherine não tinha escolha senão deixar sua aparência o mais apagada possível. Haveria convidados de municípios vizinhos, bem como várias famílias de Londres. E, como

sempre, ela temia ser reconhecida. Contudo, se tornasse sua aparência discreta e icasse pelos cantinhos, ninguém jamais a notaria. Damas de companhia eram quase sempre solteironas ou viúvas pobres, mulheres desinteressantes incumbidas de zelar por moças que ainda tinham seus melhores anos por vir. Catherine não

era muito mais velha do que as ditas jovens, mas sentia-se a décadas de distância.

Sabia que seu passado viria à tona algum dia. E quando isso acontecesse, seria o fim de seu período com os Hathaways. A única época verdadeiramente feliz em sua vida. Ela iria lamentar aquela perda profundamente.

Iria lamentar perder todos eles.

A porta foi aberta, interrompendo sua contemplação silenciosa. Ela se virou em sua cadeira e lagrou Leo em um notável desalinho. Estava suado, desganhado e sujo, em pé ali, de meias.

Catherine se ergueu num sobressalto e ficou de frente para ele, lembrando-se tarde demais de que não estava usando nada além de uma camisola amarrotada.

O olhar duro de Leo a varreu, sem perder nenhum detalhe, e Catherine ficou vermelha de raiva.

– O que está fazendo? – gritou ela. – Ficou louco? Saia do meu quarto imediatamente!

CAPÍTULO 13

Leo fechou a porta e alcançou Catherine em dois passos. Ele a arrastou à força para perto do jarro e da bacia.

– *Pare com isso* – gritou Catherine, debatendo-se enquanto ele empurrava sua cabeça para a bacia e despejava água sobre o cacho de cabelo impregnado de tinta. Ela protestou furiosamente: – Qual é o seu problema? O que está fazendo?

– Tirando essa lama viscosa dos seus cabelos. – Ele despejou o restante da água sobre a cabeça de Catherine.

Ela gritou e lutou, conseguindo jogar água nele também, até o chão icar cheio de poças e o tapete, ensopado. Eles continuaram no embate até Catherine se lagrar sobre a camada de lã encharcada que cobria o chão. Os óculos tinham voado para longe, transformando o quarto em um borrão. No entanto o rosto de Leo estava a poucos centímetros do dela, os olhos azuis encarando-a. Ele a subjugou facilmente, prendendo-lhe os pulsos e o tronco como se ela fosse leve feito uma peça de roupa ondulando em um varal. Leo pesava muito, e seus músculos e sua virilidade estavam aninhados entre as coxas de Catherine.

Catherine se contorcia, impotente. Queria que ele a soltasse, e ao mesmo tempo desejava que permanecesse em cima dela para sempre, com os quadris pressionando-a cada vez mais forte, mais fundo. Os olhos dela marejaram.

– Por favor – choramingou ela. – Por favor, não prenda meus pulsos. Ao ouvir o tom de medo na voz de Catherine, o rosto de Leo mudou. Ele

soltou os braços dela imediatamente. Catherine estava encolhida, enganchada no ombro dele, e estava pingando água da cabeça dela.

– Não, não ique com medo de mim – murmurou ele. – Eu nunca... – Catherine sentiu o beijo de Leo em seu rosto, no contorno de seu queixo, em seu pescoço que latejava sem parar. Ela foi tomada por ondas de calor, a sensação aumentando nos pontos tocados por ele. Catherine relaxou os braços no chão, no entanto

seus joelhos comprimiram o corpo de Leo, prendendo-o instintivamente.

– Que diferença isso faz para você? – perguntou ela, ainda encostada na

camisa molhada de Leo. – Por que se interessa pela cor dos meus c-cabelos? – Ela sentia o peito rijo dele, uma muralha sob a camisa, e desejou explorar sob a roupa, roçar a boca e o rosto na penugem escura.

A voz de Leo veio suave e ardente:

– Porque essa não é você. Isso não está certo. Do que está se escondendo?

Catherine balançou a cabeça debilmente, seus olhos nadando em lágrimas.

– Não posso explicar. É demais... não posso. Mas se você soubesse, eu teria de ir embora. E quero icar aqui. Só mais um pouco. – Um soluço lhe escapou da garganta. – Não icar aqui com você, quero dizer icar com sua família.

– Mas você pode ficar. Conte-me, para que eu possa protegê-la.

Ela engoliu mais um soluço. Havia um ilete irritante na lateral de seu rosto. Uma lágrima deslizara para a linha do couro cabeludo. Catherine ergueu a mão para enxugá-la, mas Leo já havia posto a boca ali, os lábios sugando o ilete salgado. As mãos trêmulas de Catherine envolveram a cabeça de Leo. Não estava em seus planos lhe oferecer qualquer tipo de incentivo, mas ele acabou por interpretar o gesto assim, e com isso a boca encontrou a dela avidamente. Catherine gemeu, perdida numa enxurrada de sensações urgentes.

Leo segurou-lhe a nuca, sustentando-a enquanto a beijava. Catherine sentia a excitação nele, a ouvia na respiração rouca, enquanto Leo buscava, provocava e lambia fundo. Leo aliviou o próprio peso de cima dela, a mão quente pousando no ponto do vestido molhado que cobria a barriga. A camisola cobria tão pouco que daria no mesmo se ela estivesse nua, os mamilos se

intumescendo contra o tecido frio e transparente. Ele a beijou sobre a musselina molhada, a boca envolvendo o ponto rosado encoberto pelo tecido. Dominado pela paixão, Leo desfez o laço e abriu a camisola de Catherine, revelando as formas dos seios empinados, pequenos e redondos.

– Cat... – A respiração acelerada de Leo contra a pele dela a fazia tremer. – Eu poderia morrer de desejo por você, você é tão linda... doce...

Deus... – Ele tomou um dos botões rosados com a boca, circundando-o com a língua, puxando-o suavemente. Ao mesmo tempo, seus dedos procuravam a carne íntima dela, percorrendo a fenda delicada, acariciando-a até abrir -se para ele, úmida. Catherine sentiu o polegar dele

passar gentilmente sobre um ponto de sensibilidade excruciante, a carícia enviando calor até o fundo de sua garganta. Ela ergueu os quadris em resposta à carícia suave, e ele a provocou leve e carinhosamente, até o prazer vibrar pelo corpo inteiro e uma promessa extraordinária de alívio pairar fora de alcance.

O toque de Leo se aprofundou, um dedo sendo introduzido em seu corpo. A invasão gentil a fez recuar, surpresa. Mas Catherine estava no chão, deitada de costas, e não havia para onde escapar. Estendeu o braço instintivamente, a mão procurando a dele.

Leo roçou o nariz no pescoço de Catherine.

– Minha querida inocente. Relaxe e deixe-me tocá-la, deixe-me... – Ela sentiu o conjunto intrincado de ossos e tendões das costas da mão de Leo enquanto o dedo dele deslizava mais fundo na maciez lúida. Tomou fôlego, o corpo aceitando impotentemente a intromissão cuidadosa.

Leo semicerrou seus olhos ardentes com cílios espessos, o azul-claro era o centro da chama. Um rubor havia lhe tomado o rosto e a ponte do nariz.

– Quero estar dentro de você – disse ele, rouco, acariciando-a. – Aqui... e mais fundo...

Catherine emitiu um som desconexo quando a provocação sutil e íntima a fez dobrar os joelhos e contrair os dedos dos pés. Ela sentia um calor desesperado, ansiando por coisas que era incapaz de exprimir. Puxando a cabeça de Leo, Catherine o beijou freneticamente, necessitando da pressão voluptuosa daquela boca, das investidas da língua dele...

Uma série de batidas à porta rompeu a bruma sombria de sensações. Leo praguejou, afastou a mão do vão entre as coxas de Catherine e aninhou o corpo dela sob o dele. Cat emitiu uns murmúrios, o coração batendo loucamente.

– Quem é? – perguntou Leo com aspereza.

– Rohan.

– Se você abrir esta porta, vou matá-lo. – A frase foi dita com a sinceridade feroz de um homem que havia sido levado além de seus limites. Aparentemente fora o bastante para fazer até mesmo Cam Rohan parar.

Depois de um longo momento, Cam disse:

– Quero dar uma palavrinha com você.

– *Agora?*

– Definitivamente sim – foi a resposta inexorável.

Leo fechou os olhos, inspirou de forma tensa e deixou o ar sair devagar.

– Lá embaixo, na biblioteca.

– Daqui a cinco minutos? – insistiu Cam.

Leo olhou para a porta fechada exibindo uma expressão de incrédula raiva.

– *Vá*, Rohan.

Quando os passos de Cam se afastaram, Leo baixou os olhos para Catherine. Ela parecia incapaz de parar de se retorcer e tremer, os nervos tremendo de agitação. Murmurando baixinho, ele a abraçou e lhe massageou as costas e os quadris com movimentos circulares.

– Calma, amor. Deixe-me abraçá-la. – Pouco a pouco, o desejo frenético foi desaparecendo e Catherine ficou imóvel nos braços de Leo, o rosto encostado no dele.

Leo se levantou, a ergueu facilmente e a levou para a cama. Pousou o corpo seminu sobre o colchão. Enquanto Catherine se empoleirava na beira da cama, tentando se enrolar na colcha, ele procurava os óculos dela. Encontrou-os no canto do quarto e os entregou a Catherine.

Os óculos estavam começando a parecer desgastados, pensou ela tristemente, ajeitando a armação de metal amassada e polindo as lentes com a ponta da colcha.

– O que você vai dizer ao Sr. Rohan? – perguntou ela, hesitante, pondo os óculos.

– Ainda não sei. Mas durante os próximos dois dias, até o maldito baile terminar, vou manter certa distância entre nós. Porque nosso relacionamento parece ter se tornado in lamável demais para conseguirmos nos controlar. Mas depois vamos conversar. Sem evasivas, sem mentiras.

– Por quê? – perguntou Catherine, os lábios secos.

– Temos de tomar algumas decisões.

Que tipos de decisões? Ele estava planejando dispensá-la? Ou fazer algum tipo de proposta indecente?

– Talvez eu devesse ir embora de Hampshire – disse ela com dificuldade.

Os olhos de Leo brilharam perigosamente. Tomando a cabeça de Catherine nas mãos, inclinou-se para sussurrar no ouvido dela algo que poderia muito bem ser uma promessa ou uma ameaça.

– Aonde você for, eu a encontrarei.

Ele se dirigiu à porta e parou antes de sair.

– A propósito, aqueles desenhos nem de longe lhe faziam justiça.

Após tomar um banho e vestir uma roupa decente, Leo seguiu para a biblioteca. Cam o aguardava lá, não muito mais feliz do que

Leo se sentia. Mesmo assim, havia uma calma nele, uma tolerância relaxada que ajudava a reduzir o mau humor de Leo. Não havia nenhum homem em quem Leo confiasse mais.

Quando ambos se conheceram, Leo nunca teria escolhido um sujeito como Cam Rohan para ser marido de Amelia. Aquilo simplesmente não era praxe. Cam era cigano e ninguém consideraria a herança romani uma vantagem na sociedade inglesa. Mas o temperamento do homem, sua paciência, seu humor e sua decência inerente eram impossíveis de se negar.

Num espaço de tempo relativamente curto, Cam se tornara um irmão para Leo. Tinha visto Leo em seu pior momento e oferecido apoio constante enquanto o cunhado lutava para se desvencilhar de uma vida destituída de inocência e esperança. E de algum modo, nos últimos anos, Leo conseguira recuperar um pouco de ambas.

Em pé à janela, Cam ofereceu um olhar firme e penetrante.

Sem dizer uma palavra, Leo foi até o aparador, serviu-se de uma dose de conhaque e deixou a taça aquecer em seus dedos. Para sua surpresa, notou que a própria mão não estava muito firme.

– Fui chamado nos estábulos – disse Cam. – Encontrei suas irmãs preocupadas e as criadas histéricas porque você resolveu se fechar num quarto com a Srta. Marks. Não pode se aproveitar de uma mulher que trabalha para você. Sabe disso.

– Antes de entrar no terreno da moralidade – disse Leo –, não vamos nos esquecer de que você seduziu Amelia antes de se casar com ela. Ou corromper uma inocente é aceitável contanto que ela não esteja trabalhando para você?

Houve um brilho de irritação nos olhos cor de avelã de Cam.

– Eu sabia que ia me casar com ela quando a seduzi. Você pode dizer o mesmo?

– Eu não dormi com a Srta. Marks. Ainda não – disse Leo, carrancudo. – Mas nesse ritmo dormirei até o fim da semana. Parece que não consigo me conter. – Ele ergueu os olhos para o céu. – Senhor, por favor, me castigue. – Diante da ausência de qualquer

reação do Todo-poderoso, Leo bebeu um gole de conhaque. A bebida desceu pela garganta como uma torrente de fogo suave.

– Pense que seria um erro possuí-la – disse Cam.

– Sim, é o que eu penso. – Leo tomou outro gole de conhaque.

– Às vezes é preciso cometer um erro para evitar cometer outro ainda maior. – Cam sorriu ligeiramente ao ver a expressão maldosa de Leo. – Achou que seria capaz de evitar isso para sempre, *phral*?

– Esse era o plano. E me saí bastante bem até pouco tempo atrás.

– Você é um homem em seu apogeu. É natural querer ter uma mulher. Além disso, tem um título para transmitir. E, pelo que sei, a principal responsabilidade dos nobres é dar continuidade à sua linhagem.

– Meu bom Deus, vamos voltar a isso de novo? – De cara feia, Leo terminou seu conhaque e pôs a taça de lado. – A última coisa que quero é ter filhos.

Cam ergueu uma sobrancelha, parecendo se divertir.

– Qual é o problema com as crianças?

– Elas são grudentas. Interrompem. Choram quando não conseguem o que querem. Para ter esse tipo de companhia, minhas amigadas já são suficientes.

Cam se instalou numa poltrona, esticou as pernas longas e olhou para Leo de um modo falsamente casual.

– Você vai ter de fazer alguma coisa em relação à Srta. Marks. Porque isso não pode continuar. Até mesmo para os Hathaways é...
– Hesitou, procurando uma palavra.

– Indecente – completou Leo. Então ficou caminhando pela sala. Parando à lareira fria e escura, pôs as mãos sobre o console e abaixou a cabeça. – Rohan – disse com cautela. – Você viu o estado em que fiquei depois de Laura.

– Sim. – Cam fez uma pausa. – Os ciganos diriam que você foi um homem que sofreu demais. Aprisionou a alma da sua amada.

– Ou isso ou fiquei louco.

– O amor é uma forma de loucura, não é? – perguntou Cam prosaicamente.

Leo riu sem achar graça.

– Para mim, inegavelmente.

Ambos ficaram em silêncio. E então Cam murmurou:

– Laura ainda está com você, *phral*?

– Não. – Leo olhou para a lareira vazia. – Finalmente aceitei que ela se foi. Não sonho mais com ela. Mas me lembro de como foi tentar viver quando eu estava morto por dentro. Seria ainda pior agora. Não posso passar por isso de novo.

– Você parece achar que tem escolha – disse Cam. – Mas não tem. O amor escolhe você. A sombra se move sob o comando do sol.

– Adoro esses ditados ciganos – maravilhou-se Leo. – E você conhece muitos.

Levantando-se, Cam foi até o aparador e serviu-se de uma dose de conhaque.

– Espero que você não esteja pensando em torná-la sua amante – disse sem rodeios. – Rutledge mandaria arrastá-lo e esquartejá-lo, ignorando o fato de você ser cunhado dele.

– Não, eu não faria isso de maneira alguma. Torná-la minha amante iria suscitar mais problemas do que resolvê-los.

– Se você não consegue deixá-la em paz, não pode torná-la sua amante e nem se casará com ela, a única opção é mandá-la embora.

– A opção mais sensata – concordou Leo sombriamente. – E a que menos aprecio.

– A Srta. Marks demonstrou o que deseja?

Leo assentiu com a cabeça.

– Ela está com pavor de encarar isso. Porque, Deus a livre, possivelmente deseja a *mim*.

CAPÍTULO 14

Nos dois dias posteriores, a casa dos Hathaways ficou agitada como uma colmeia. Grandes quantidades de comida e lores foram trazidas, móveis foram guardados temporariamente, portas foram arrancadas de suas dobradiças, tapetes foram enrolados e pisos, encerados e polidos.

Convidados de Hampshire e condados vizinhos compareceriam ao baile, bem como famílias distintas de Londres. Para desgosto de Leo, os convites tinham sido ansiosamente aceitos por uma multidão de nobres com ilhas em idade para se casar. E como anfitrião, era seu dever dançar com o máximo possível de mulheres.

– Essa é a pior coisa que você já fez comigo – disse ele a Amelia.

– Ah, de jeito nenhum, tenho certeza de que já fiz coisas piores.

Leo pensou no assunto, percorrendo em sua mente uma longa lista de afrontas de que se lembrava.

– Não importa, você tem razão. Mas para ser bem claro... só estou tolerando isso para agradá-la.

– Sim, eu sei. E espero que me agrade mais ainda encontrando alguém para poder se casar e gerar um herdeiro antes de Vanessa Darwin e a mãe dela tomarem posse de nossa casa.

Ele a fitou, os olhos semicerrados.

– Quase se pode deduzir que você se importa mais com a casa do que com a minha felicidade futura.

– De modo algum. Para mim, sua felicidade futura significa no mínimo tanto quanto a casa.

– Obrigado – respondeu Leo secamente.

– Mas também acho que você será muito mais feliz quando se apaixonar e se casar.

– Se algum dia eu me apaixonasse por alguém, por certo não estragaria tudo me casando com essa pessoa.

Os convidados começaram a chegar no início da noite. As mulheres usavam vestidos de seda ou tafetá, com broches brilhando em decotes profundos arredondados e mãos enluvadas até o pulso. Muitos braços femininos estavam adornados com braceletes da moda.

Em contrapartida, os cavalheiros estavam vestidos com severa simplicidade: paletós pretos, calças impecáveis combinando e gravatas brancas ou pretas. As roupas tinham um corte agradavelmente solto, tornando os movimentos muito mais naturais em relação às vestimentas apertadas do passado recente.

A música se espalhava pelas salas repletas de lores. As mesas cobertas de cetim dourado quase rangiam sob pirâmides de frutas, pratos de queijo, legumes no vapor, pães doces, pudins, peças de carne, peixe defumado e aves assadas. Lacaios percorriam o circuito de salas públicas oferecendo charutos e bebidas para os homens na biblioteca, ou vinho e champanhe nas salas de jogos.

A sala de visitas estava cheia, com grupos de pessoas ao fundo e casais dançando no centro. Leo tinha de admitir que havia uma quantidade incomum de mulheres bonitas presentes. Todas pareciam agradáveis e jovens. Todas pareciam iguais. Mas ele dançou com o máximo possível delas, tomando o cuidado de incluir as que não tinham se levantado até então e até mesmo convencendo uma ou duas viúvas de nobres a rodopiar com ele.

Mas durante todo o tempo icou lançando olhares de relance para Catherine Marks.

Ela estava usando um vestido lavanda, o mesmo que usara no casamento de Poppy. Seus cabelos estavam presos em um coque liso e apertado na nuca. Tomava conta de Beatrix enquanto permanecia discretamente em segundo plano.

Leo havia visto Catherine daquele jeito inúmeras vezes, quieta entre as viúvas e damas de companhia, enquanto garotas apenas um pouco mais jovens do que ela lertavam, riam e dançavam. Era um absurdo Catherine não ser notada, mesmo em segundo plano. Ela estava à altura de qualquer mulher ali.

De algum modo, Catherine provavelmente percebera o olhar dele. Virou-se e o encarou, e pareceu incapaz de desviar os olhos do mesmo jeito que ele.

Uma viúva requisitou a atenção de Catherine, perguntando alguma coisa, e ela se virou para a mulher inconveniente.

Ao mesmo tempo, Amelia surgiu ao lado de Leo e o puxou pela manga.

– Milorde – disse ela, tensa. – Temos um problema. Um problema bem sério.

Ele olhou de relance para a irmã com preocupação imediata e viu que ela exibia um sorriso falso, um disfarce para qualquer um que pudesse estar observando.

– Estou louco para que algo interessante aconteça esta noite – disse ele.

– O que houve?

– A Srta. Darwin e a condessa Ramsay estão aqui.

Leo ficou pálido.

– Aqui? Agora?

– Cam, Win e Merripen estão conversando com elas no saguão de entrada.

– Quem diabos as convidou?

– Ninguém. Elas persuadiram conhecidos em comum, os Ulsters, a trazê-las como convidadas. E não podemos mandá-las embora.

– Por que não? Elas não são bem-vindas.

– Por mais que tenha sido impróprio terem aparecido sem convite, seria ainda pior caso as rejeitássemos. Isso nos faria parecer *extremamente* deselegantes, e no mínimo não seria uma demonstração de boas maneiras.

– As boas maneiras em geral se opõem diretamente aos meus desejos. – refletiu Leo em voz alta.

– Sei como se sente.

Eles trocaram um sorriso amargo.

– O que acha que elas querem?

– Vamos descobrir – disse Leo. Oferecendo-lhe o braço, ele a conduziu da sala de estar para o saguão de entrada.

Vários olhares curiosos os acompanharam enquanto eles se juntavam aos outros Hathaways, que estavam conversando com duas mulheres vestidas com trajes de baile suntuosos.

A mais velha, presumivelmente a condessa Ramsay, era uma mulher de aparência comum, um pouco roliça, nem bonita nem feia. A mais jovem, a Srta. Vanessa Darwin, era de uma beleza extraordinária, alta, com um corpo bem torneado e seios fartos, tudo devidamente exibido num vestido azul esverdeado enfeitado com penas de pavão. Seus cabelos muito negros estavam presos num conjunto perfeito de cachos. A boca era pequena e carnuda, cor de ameixa madura, e seus olhos eram escuros, provocantes e tinham cílios espessos.

Tudo em Vanessa Darwin transmitia segurança sexual, algo ao qual Leo nunca se opusera em nenhuma mulher, mas que nessa garota soava um

pouco irritante. Provavelmente porque ela o olhava como se já esperando que ele caísse aos seus pés e começasse a ofegar como um cão pug com problemas respiratórios.

Com Amelia em seu braço, Leo se aproximou da dupla. As apresentações foram feitas e ele fez uma reverência com polidez impecável.

– Bem-vinda a Ramsay House, milady. E a Srta. Darwin também. Que surpresa agradável.

A condessa sorriu para ele.

– Espero que nossa vinda inesperada não tenha sido um inconveniente para o senhor, milorde. Contudo, quando lorde e lady Ulster disseram que o senhor estava oferecendo um baile, o primeiro na Ramsay House desde a restauração, íamos certas de que não se importaria com a presença de seus parentes mais próximos.

– Parentes? – perguntou Amelia, confusa. O parentesco entre os Hathaways e os Darvins era tão distante que di icilmente seria considerado como tal.

A condessa Ramsay continuou a sorrir.

– Somos primos, não somos? E quando meu pobre marido faleceu, que Deus o tenha, encontramos consolo ao saber que a propriedade passaria para mãos competentes como as suas. Muito embora... – Ela dirigiu seu olhar a Cam e Merripen – não esperássemos a variedade pitoresca de cunhados que vocês parecem ter acumulado.

Captando a referência nada sutil ao fato de Cam e Merripen serem ciganos, Amelia franziu a testa de maneira ostensiva.

– Agora escute aqui...

– Como é maravilhoso – interrompeu-a Leo, tentando evitar uma explosão – poderemos enfim nos falar sem a interferência de advogados.

– Concordo, milorde – respondeu a condessa Ramsay. – Os advogados deixaram a situação na Ramsay House bastante complexa, não é? Mas somos apenas mulheres e por isso não assimilamos grande parte do que eles dizem. Não é, Vanessa?

– Sim, mamãe – foi a resposta discreta.

As bochechas rechonchudas da condessa Ramsay se projetaram ainda mais quando ela deu mais um sorriso. O olhar dela percorreu todo o grupo.

– O mais importante é o laço de afeto familiar.

– Isso signi ica que decidiu não tirar a casa de nós? – perguntou Amelia abruptamente.

Cam pôs uma das mãos na cintura da esposa e a apertou num sinal de advertência.

Surpresa, a condessa arregalou os olhos para Amelia.

– Valha-me Deus! Não sou nem um pouco capaz de discutir assuntos legais. Meu pobre cérebro quase entra em colapso quando

tento.

– Contudo – disse Vanessa Darvin em uma voz sedosa –, pelo que sabemos há uma chance de não termos direito a Ramsay House, se lorde Ramsay se casar e tiver um filho dentro de um ano. – Ela olhou para Leo de maneira ousada, dos pés à cabeça. – E ele parece bem equipado para fazê-lo.

Leo arqueou uma sobrancelha, achando graça na ênfase delicada que ela pôs no termo “bem equipado”.

Cam interveio antes que Amelia pudesse proferir uma resposta sarcástica:

– As senhoras precisam de hospedagem durante sua estada em Hampshire?

– Obrigada por sua gentil preocupação – respondeu Vanessa Darvin –, mas estamos hospedadas na casa de lorde e lady Ulster.

– No entanto, alguns refrescos seriam bem-vindos – sugeriu a condessa Ramsay com ar jovial. – Acho que uma taça de champanhe me revigoraria bastante.

– Certamente – disse Leo. – Posso acompanhá-las até as mesas do bufê?

– Que gentileza – respondeu ela, radiante. – Obrigada, milorde. – A condessa se aproximou para segurar o braço oferecido por Leo e Vanessa foi para o outro lado dele. Com um sorriso encantador, Leo conduziu a dupla para longe.

– Que pessoas horríveis – disse Amelia um tanto triste. – Provavelmente estão aqui para inspecionar a casa. E monopolizarão Leo a noite inteira, sendo que ele devia estar dançando com jovens elegíveis.

– A Srta. Darvin é uma jovem elegível – disse Win, parecendo preocupada.

– Pelo amor de Deus, Win. Acha que elas vieram aqui para a Srta. Darvin conhecer Leo? Acha que ela poderia tentar conquistá-lo?

– Haveria vantagens para os dois lados se eles se casassem – disse Win.

– A Srta. Darwin se tornaria lady Ramsay e icaria com toda a propriedade, e não apenas com a en iteuse. E todos poderíamos continuar morando

aqui, mesmo se Leo gerasse um herdeiro.

– A ideia de ter uma cunhada como a Srta. Darwin é intolerável.

– Não podemos julgá-la pela primeira impressão – disse Win. – Talvez ela seja uma boa pessoa.

– Duvido muito – disse Amelia. – Mulheres com a aparência dela nunca precisam ser boas. – Notando que Cam e Merripen estavam conversando entre si em romani, ela perguntou ao marido: – Sobre o que vocês estão falando?

– Há penas de pavão no vestido dela – observou Cam, usando o mesmo tom que teria usado para dizer *Há aranhas venenosas carnívoras no vestido dela*.

– Dão um efeito muito vistoso. – Ela o itou de modo irônico. – Você não gosta de penas de pavão?

– Para os ciganos, uma única pena de pavão é um mau presságio – disse Merripen seriamente.

– E a Srta. Darwin está usando *dezenas* delas – acrescentou Cam.

Eles icaram observando Leo se afastar com Vanessa Darwin como se ele estivesse indo para um poço cheio de víboras.

Leo acompanhou Vanessa Darwin até a sala de estar, onde a condessa Ramsay já se encontrava, perto das mesas do bufê, acompanhada de lorde e lady Ulster. Após alguns minutos de conversa com Vanessa, icou óbvio que ela era uma jovem com o mínimo de inteligência e natureza muito sedutora. Leo já havia conhecido e levado mulheres como Vanessa para a cama. Ela lhe inspirava pouco interesse. Contudo, poderia ser bom para a família Hathaway construir relações com Vanessa Darwin e a mãe, ainda que apenas para conhecer os planos de ambas.

Tagarelando alegremente, Vanessa lhe con idenciou como o ano de luto pela morte do pai fora de tal modo maçante, e quão

ansiosa icara por passar uma temporada em Londres no ano seguinte.

– Mas como esta propriedade é encantadora! – exclamou ela. – Lembro-me de tê-la visitado uma vez, quando meu pai possuía o título de lorde. Era um monte de lixo, com jardins inférteis. Agora é uma joia.

– Graças ao Sr. Rohan e ao Sr. Merripen – disse Leo. – A transformação

se deveu ao esforço incansável deles. Vanessa pareceu intrigada.

– Quem diria. Essas pessoas não costumam ser muito trabalhadoras.

– Na verdade, os ciganos são muito trabalhadores. Mas como são nômades, têm interesse limitado pela atividade rural.

– Mas pelo jeito seus cunhados não são nômades.

– Ambos encontraram um bom motivo para ficar em Hampshire. Vanessa deu de ombros.

– Eles parecem cavalheiros, e presumo que isso seja o esperado.

Leo ficou irritado com o tom desdenhoso dela.

– De fato, ambos têm relações com a nobreza, sendo apenas metade ciganos. Merripen herdará o condado irlandês um dia.

– Já ouvi algo a respeito. Mas... nobreza irlandesa – disse ela com uma careta de repulsa.

– Considera os irlandeses inferiores? – perguntou Leo, medindo as palavras.

– O senhor não?

– Sim, sempre achei uma estupidez as pessoas se recusarem a ser inglesas.

Ou Vanessa ignorou o comentário ou preferiu deixá-lo passar despercebido. Ela proferiu exclamações de prazer quando eles se aproximaram da sala de estar, com suas ileiras de janelas reluzentes, seu interior cor de creme e seu teto rebaixado.

– Que lindo! Acho que vou adorar morar aqui.

– Conforme a senhorita já comentou – salientou Leo –, talvez não tenha essa chance. Ainda disponho de um ano para me casar e procriar.

– O senhor tem a reputação de ser um solteirão esquivo, o que deixa algumas dúvidas a respeito da primeira parte. – Um brilho provocador surgiu nos olhos dela. – Quanto à última, estou certa de que não seria uma dificuldade.

– Eu não diria isso – respondeu Leo delicadamente.

– Não precisa dizer, milorde. Costumam dizer isso a seu respeito com frequência. Vai negar?

Aquela não era uma pergunta que se esperaria de uma moça bem criada ao primeiro contato. Leo supôs que deveria ficar impressionado com a audácia dela. Porém, após participar de inúmeras conversas similares nos salões de Londres, não considerava mais tais comentários intrigantes.

Em Londres, um pouco de sinceridade era muito mais chocante do que

a audácia.

– Eu não diria que sou impecável no quarto – disse ele. – Apenas competente. E as mulheres em geral não percebem a diferença.

Vanessa deu uma risadinha.

– O que torna alguém impecável no quarto, milorde?

Leo olhou de relance para ela, sem sorrir.

– O amor, é claro. Sem ele, tudo se torna apenas uma questão de técnica. Ela pareceu desconcertada, mas a máscara do flerte logo reapareceu.

– Ah, o amor é uma coisa passageira. Posso ser jovem, mas não sou ingênua.

– Eu percebi – disse ele. – Gostaria de dançar, Srta. Darwin?

– Depende, milorde.

- Do quê?
- Depende se o senhor é competente ou impecável nisso.
- *Touché* – disse Leo, sorrindo apesar do mau humor.

CAPÍTULO 15

Quando soube por Amelia da presença inesperada da condessa Ramsay e de Vanessa Darwin, Catherine ficou cheia de curiosidade.

Logo em seguida, de tristeza.

Em pé no lado da sala, ela e Beatrix observavam Leo valsando com a Srta. Darwin.

Eles formavam um par impressionante, a beleza enigmática de Leo em equilíbrio perfeito com a graça vibrante da Srta. Darwin. Leo era um ótimo dançarino, embora um pouco mais atlético do que gracioso ao guiar sua parceira pela sala. E as saias do vestido azul esverdeado da Srta. Darwin giravam lindamente, com uma prega ou outra enrolando nas pernas de Leo de vez em quando, devido ao movimento da valsa.

A Srta. Darwin era muito bonita, tinha olhos escuros brilhantes e cabelos negros fartos. Ela murmurou algo que arrancou um sorriso de Leo. Ele parecia encantado por ela. Absolutamente encantado.

Catherine sentiu um aperto esquisito no estômago ao observá-los, como se tivesse acabado de engolir um monte de pregos. Beatrix icou ao lado dela e tocou -a de leve nas costas, como se para oferecer consolo. Catherine percebeu a inversão em seus papéis costumeiros; em vez de ser a companheira mais velha e sábia, agora era ela quem precisava de apoio e orientação.

Tentou manter o rosto inexpressivo.

– Como a Srta. Darwin é bonita... – comentou.

– Suponho que sim – disse Beatrix de forma não comprometedora.

– Na verdade, ela é encantadora – acrescentou Catherine num tom triste.

Beatrix observava Leo e a Srta. Darwin com olhos pensativos enquanto ambos executavam um giro perfeito. – Eu não diria *encantadora*...

– Não consigo ver nenhum defeito nela.

– Eu consigo. Os cotovelos dela são nodosos.

Semicerrando os olhos por trás dos óculos, Catherine achou que talvez Beatrix estivesse certa. Eles *eram mesmo* um pouco nodosos.

– Isso é verdade – disse, sentindo-se um pouquinho melhor. – E o

pescoço dela não parece longo demais?

– Ela é uma girafa – disse Beatrix assentindo com empatia.

Catherine tentava captar a expressão de Leo, se perguntando se ele havia notado o comprimento anormal do pescoço da Srta. Darwin. Aparentemente não.

– Seu irmão parece empolgado com ela – murmurou.

– Tenho certeza de que só está sendo gentil.

– Ele nunca é gentil.

– É sim, quando quer alguma coisa – disse Beatrix.

Mas aquilo só fez Catherine mergulhar em mais tristeza. A inal a resposta para a pergunta “O que Leo poderia querer da beldade de cabelos negros?” não lhe agradava em nada.

Um jovem cavalheiro veio convidar Beatrix para dançar e Catherine deu sua permissão. Suspirando, encostou-se na parede e deixou seus pensamentos divagarem.

O baile estava se revelando um sucesso total. Todos estavam se divertindo, a música era agradável, a comida, deliciosa e o clima daquela noite estava ideal, nem quente nem frio demais.

Mas Catherine estava infeliz.

Contudo não ia se permitir desmoronar como um bolo seco. Obrigando-se a assumir uma expressão agradável, virou-se para ijar conversa com duas senhorinhas ao seu lado. As mulheres estavam absortas num debate animado sobre os méritos comparativos de um ponto corrente e um ponto partido nos biquinhos de crochê. Tentando ouvir com atenção, Catherine entrelaçou os dedos enluvados.

– Srta. Marks.

Ela se virou à voz masculina familiar.

Leo estava lá, estonteante em seu traje formal preto e branco, os olhos azuis brilhando maliciosamente.

– A senhorita me daria a honra? – perguntou, fazendo o gesto do convite para a valsa. Ele a estava tirando para dançar. Conforme prometera certa vez.

Catherine empalideceu ao perceber a in inidade de olhares em cima deles. Uma coisa era o an itrião conversar brevemente com a dama de companhia de sua irmã. Outra bem diferente era dançar com ela. Leo sabia disso, e não dava a mínima.

– Vá embora – disse Catherine num sussurro ríspido, o coração disparado.

Um sorriso sutil perpassou nos lábios dele.

– Não posso. Todos estão olhando. Vai recusar meu convite em público? Ela não podia constrangê -lo daquela forma. Seria uma violação de etiqueta recusar o convite de um homem para dançar caso antes ela não tivesse dado sinais de recusa da dança. E, além disso, ser o foco das atenções... de falatórios... era contrário a todos os instintos de

autopreservação naquela sociedade.

– Ah, por que está fazendo isso? – sussurrou ela de novo, desesperada e furiosa... e ainda assim sentindo um frêmito de prazer em meio à confusão interior.

– Porque eu quero – disse ele, seu sorriso se escancarando. – E você também quer. – Ele era imperdoavelmente arrogante.

Mas também estava certo.

O que tornava Catherine uma *idiota*. Caso ela aceitasse o convite, mereceria o que quer que acontecesse depois.

– Sim. – Mordendo o lábio, deu-lhe o braço e permitiu ser conduzida para o centro do salão.

– Você podia ao menos tentar sorrir – sugeriu Leo. – Está parecendo um prisioneiro sendo levado para a forca.

– Acho que está mais para a guilhotina – disse ela.

– É só uma dança, Catherine.

– O senhor deveria valsar com a Srta. Darwin de novo – respondeu ela, estremecendo por dentro ao notar o tom triste na própria voz.

Leo riu baixinho.

– Uma vez foi o bastante. Não tenho nenhuma vontade de repetir a experiência.

Catherine tentou em vão conter a onda de prazer que a invadiu.

– Vocês não se deram bem?

– Ah, nós nos demos maravilhosamente bem enquanto a conversa não se desviava do tema de maior interesse.

– A propriedade?

– Não, ela mesma.

– Estou certa de que a maturidade deixará a Srta. Darwin menos egocêntrica.

– Talvez. Isso não tem importância alguma para mim.

Leo a tomou nos braços de um modo irme, confortador e inexplicavelmente certo. E a noite que parecera tão assustadora apenas alguns minutos antes se tornou tão maravilhosa que Catherine ficou zozza.

Ele a segurou, a mão direita tocando de modo preciso a omoplata de Catherine, e a esquerda segurando a dela. Mesmo através das camadas de luvas, ela sentia a emoção do contato.

A dança começou.

Na valsa, o homem era o principal responsável pelo controle do tempo, do ritmo e da sequência dos passos. E Leo não deixou nenhuma oportunidade para Catherine vacilar. Era fácil segui-lo, todos os movimentos inegociáveis. Houve momentos em que quase pareceram lutar antes de iniciar mais uma série de giros. A música era uma espécie de manifestação audível do desejo. Catherine ficou calada, temendo quebrar o encanto, concentrando-se apenas nos olhos azuis acima dos dela. E, pela primeira vez, sentiu-se totalmente feliz.

A dança durou três minutos, talvez quatro. Catherine tentou guardar cada segundo na memória, assim poderia fechar os olhos no futuro e trazer todos eles de volta. Quando a valsa terminou num acorde agudo e agradável, ela se lagrou prendendo a respiração, desejando que aquilo pudesse durar só um pouquinho mais.

Leo fez uma mesura e lhe ofereceu o braço.

– Obrigada, milorde. Foi ótimo.

– Gostaria de dançar de novo?

– Acho que não. Seria escandaloso. A inal de contas, não sou uma convidada.

– Você é parte da família – disse Leo.

– É muita gentileza sua dizer isso, milorde, mas o senhor sabe que não é verdade. Sou uma dama de companhia paga, o que significa...

Catherine parou ao perceber que alguém, um homem, estava olhando para ela. Olhando-o de relance, viu o rosto que a assombrara em pesadelos.

A visão do sujeito, uma igura que ela há muito vinha tentando evitar, tirou-lhe o pouco da tranquilidade que lhe restava e a fez entrar em pânico. Foi a mão no braço de Leo que a impediu de se curvar como se tivesse sido chutada no estômago. Ela tentou tomar fôlego, mas só conseguiu arfar.

– Catherine? – Leo parou e a virou de frente para si, olhando preocupado para seu rosto lívido. – O que foi?

– Um pouco de tontura – conseguiu dizer ela. – Deve ter sido pelo esforço da dança.

– Deixe-me ajudá-la a sentar-se...

– Não.

O homem ainda a estava olhando, o início do reconhecimento despontando em suas feições. Catherine precisava escapar antes que ele se aproximasse. Engoliu em seco para conter a forte pressão das lágrimas brotando na garganta.

Aquela que poderia ter sido a noite mais feliz de sua vida subitamente se transformou na pior.

Acabou, pensou ela com uma tristeza amarga. Sua vida com os Hathaways tinha chegado ao fim. Ela desejou morrer.

– O que posso fazer pela senhorita? – perguntou Leo em voz baixa.

– Por favor, vá procurar Beatrix... Diga-lhe...

Ela não conseguiu terminar. Balançando a cabeça cegamente, abandonou a sala de estar o mais depressa que pôde.

O *esforço da dança uma ova*, pensou Leo sombriamente. A mulher tinha carregado uma pilha de pedras para ele poder sair de um buraco. O que quer que a estivesse perturbando, não tinha nada a ver com tontura. Olhando ao redor com olhos semicerrados, Leo notou uma quietude em meio ao tagarelar da multidão.

Guy, lorde Latimer, estava observando Catherine Marks tão atentamente quanto Leo. E assim que ela saiu da sala de estar, Latimer começou a se dirigir à porta.

Leo franziu as sobrancelhas, irritado, já decidindo que na próxima vez que sua família planejasse um baile ou sarau, examinaria pessoalmente a lista de convidados. Caso visse Latimer na listagem, riscaria o nome dele com a mais escura das tintas.

Latimer, que estava na casa dos 40 anos, tinha chegado ao ponto no qual um homem não poderia mais ser chamado de farrista, o que sugeria certa imaturidade juvenil, mas sim de devasso, que implicava uma inconveniência da meia-idade.

Sendo herdeiro de um condado, Latimer tinha pouco com que se

preocupar além de aguardar pela morte do pai. Nesse ínterim, dedicava-se a vícios e perversões. Esperava que os outros consertassem seus erros e não se importava com o bem-estar de ninguém além do próprio. Provavelmente o lugar em seu peito onde deveria haver um coração era oco como uma cabaça. Ele era esperto, ardiloso e calculista, e só visava satisfazer as próprias necessidades ilimitadas.

E Leo, nas profundezas de seu desespero com a morte de Laura Dillard, fizera o possível para imitá-lo.

Ao lembrar-se das aventuras nas quais se envolvera com Latimer e seu núcleo de aristocratas dissolutos, Leo sentia -se nitidamente sujo. Desde seu retorno da França, tomara todo o cuidado para evitar Latimer. No entanto a família de Latimer era do condado vizinho de Wiltshire, e seria impossível evitá -lo para sempre.

Ao notar Beatrix se aproximando da sala de estar, Leo a alcançou em alguns passos impacientes e a pegou pelo braço.

– Chega de dançar por enquanto, Bea – murmurou ao ouvido dela. – A Srta. Marks não está disponível para zelar por você.

– Por que não?

– É o que pretendo descobrir. Enquanto isso, fique longe de problemas.

– O que devo fazer?

– Não sei. Vá à mesa do bufê comer alguma coisa.

– Não estou com fome. – Beatrix deu um suspiro. – Mas acho que não é preciso estar com fome para comer.

– Boa garota – murmurou ele, e saiu rapidamente da sala.

CAPÍTULO 16

–Pare! Estou dizendo para parar bem aí!

Catherine ignorou a ordem, mantendo a cabeça baixa enquanto seguia rapidamente pelo corredor em direção à escadaria dos criados. Estava tomada pela vergonha e pelo medo. Mas também furiosa, pensando em quão injusto era aquele homem arruinar sua vida repetidamente. Sabia que um dia isso aconteceria, que embora Latimer e os Hathaways frequentassem círculos diferentes, inevitavelmente eles acabariam se encontrando. Mas valera a pena correr o risco para icar com os Hathaways, sentir que era parte de uma família, ainda que por pouco tempo.

Latimer segurou o braço de Catherine com uma força contundente. Ela se virou de frente para ele, o corpo inteiro tremendo.

Ela ficou surpresa ao notar quanto Latimer havia envelhecido, as feições destruídas pela vida desregrada. Ele estava mais gordo, com a cintura mais roliça e os cabelos ruivos escassos. O mais notável era que seu rosto havia adquirido uma aparência enrugada devido a tanta permissividade.

– Não o conheço, senhor – disse Catherine com frieza. – Está sendo inconveniente.

Latimer não largou o braço dela. Seu olhar devorador a fazia sentir-se suja e nauseada.

– Nunca me esqueci de você. Procurei-a durante anos. Arranjou outro protetor, não é? – Ele lambeu os lábios, e o movimento da mandíbula o fazia parecer pronto para engolir Catherine inteira. – Eu queria ser o seu primeiro. Paguei uma fortuna por isso.

Tremendo, Catherine tomou fôlego.

– Largue-me ou vou...

– O que está fazendo aqui, vestida como uma solteirona?

Catherine desviou o olhar, tentando conter as lágrimas.

– Estou trabalhando para a família Hathaway. Para lorde Ramsay.

– *Nisso* eu posso acreditar. Diga-me que serviços está prestando para Ramsay.

– Largue-me. – A voz dela saiu fraca e tensa.

– Nem morto. – Latimer puxou o corpo rígido de Catherine e ela sentiu o hálito azedo de vinho em seu rosto. – A vingança – disse ele baixinho – é própria de um ser pequeno e desprezível. E esse sem dúvida é o motivo pelo qual sempre gostei tanto dela.

– Do que quer se vingar? – perguntou Catherine, desprezando-o do fundo de sua alma. – Não perdeu nada por minha causa. Exceto talvez um mínimo fragmento de orgulho, do qual pôde facilmente se dispor.

Latimer sorriu.

– É aí que se engana. O orgulho é tudo que tenho. E sou mesmo bastante sensível em relação a ele. Nãoicarei satisfeito enquanto não me for devolvido com juro. Oito anos de juro compostos é bastante coisa, não acha?

Catherine o encarou friamente. A última vez que o vira, era uma garota de 15 anos sem recursos, sem ninguém para protegê-la. Mas Latimer não fazia ideia de que Harry Rutledge era seu irmão. Tampouco parecera-lhe ocorrer que poderiam haver homens dispostos a servir de obstáculo a ele e aos desejos dele.

– Seu canalha nojento – praguejou Catherine. – Imagino que seu único modo de possuir uma mulher seja comprando uma. Só que não estou à venda.

– Mas já estive uma vez, não é? – perguntou Latimer bem devagar. – Você foi um objeto caro, e me foi garantido que valia a pena. Obviamente não é mais virgem, a inal está a serviço de Ramsay, mas ainda assim eu gostaria de uma amostra daquilo pelo qual paguei.

– Eu não lhe devo nada! Deixe-me em paz.

Latimer a surpreendeu quando sorriu, seu rosto se suavizando.

– Ora, vamos, você me causou um prejuízo. Não sou um sujeito tão mau assim. Sei ser generoso. Quanto Ramsay lhe paga?

Pagarei o triplo. Não seria nenhum sacri fício partilhar minha cama. Conheço uma ou duas coisinhas sobre como agradar uma mulher.

– Estou certa de que sabe muitas coisas sobre como agradar a si – protestou ela, contorcendo-se. – *Largue-me!*

– Não lute, ou vai me obrigar a machucar você.

Eles estavam tão envolvidos no con lito que não perceberam a aproximação de uma terceira pessoa.

– Latimer. – Era a voz de Leo, cortando o ar como uma lâmina de aço. – Se houvesse uma pessoa com direitos de molestar minhas criadas, esta

pessoa seria eu. E certamente eu não precisaria de sua ajuda.

Para imenso alívio de Catherine, a mão brutal afrouxou e a soltou. Ela recuou tão rápido que quase caiu. Mas Leo de pronto pôs uma das mãos em seu ombro, oferecendo-lhe apoio. A leveza da mão dele, de um homem atento à fragilidade, contrastava nitidamente com a de Latimer.

Catherine nunca vira Leo com aquela expressão, um brilho assassino nos olhos. Muito diferente do homem com quem ela havia dançado apenas minutos antes.

– A senhorita está bem? – perguntou ele.

Catherine fez que sim com a cabeça, erguendo os olhos para ele, confusa e a lita. Até que ponto Leo conhecia lorde Latimer? Meu bom Deus, era possível que fossem amigos? E nesse caso... se tivesse tido a chance, será que Leo teria feito com ela o mesmo que Latimer izera tantos anos atrás?

– Deixe-nos a sós – murmurou Leo a Catherine, tirando a mão do ombro dela.

Olhando para Latimer, Catherine estremeceu de repulsa e correu para longe dos dois, como se sua vida estivesse desabando.

Leo observou Catherine se afastar, resistindo à vontade de segui-la. Ele a procuraria depois para minimizar ou reparar qualquer possível dano. E o dano era considerável. Estava escrito nos olhos dela.

Voltando-se a Latimer, Leo se lagrara fortemente tentado a matar o canalha ali mesmo. Em vez disso, assumiu uma expressão implacável.

– Eu não sabia que você tinha sido convidado – disse. – Se soubesse, teria aconselhado as criadas a se esconderem. Latimer, você realmente precisa se impor a mulheres que não o desejam quando pode ter tantas outras?

– Há quanto tempo está com ela?

– Se está se referindo ao período de trabalho da Srta. Marks, ela está com a família há quase três anos.

– Não precisa continuar ingindo que ela é uma criada – disse Latimer. – Foi esperto de sua parte instalar sua amante na casa, para a própria conveniência. Quero prová-la. Apenas por uma noite.

Leo estava achando cada vez mais difícil conter sua ira.

– Por que, em nome de Deus, acha que ela é minha amante?

– *Ela é a garota*, Ramsay. Aquela sobre a qual lhe falei. Não se lembra?

– Não – respondeu Leo sucintamente.

– Estávamos bêbados naquele dia – admitiu Latimer. – Mas pensei que você estivesse prestando atenção.

– Mesmo quando está sóbrio, Latimer, na melhor das hipóteses você é irrelevante e tedioso. Então por que diabos eu teria prestado atenção a algo que você disse quando estava bêbado? E o que diabos quer dizer com “*ela é a garota*”?

– Eu a comprei da velha dona do bordel que eu frequentava. Em uma espécie de leilão particular. Ela era a coisa mais encantadora que eu já tinha visto, não tinha mais do que uns 15 anos, com cachinhos dourados e olhos incríveis. A mulher assegurou que a garota estava intacta e, contudo, tinham lhe ensinado todos os modos de se agradar um homem. Paguei uma fortuna para tê-la a meu serviço pelo período de um ano, com a opção de continuar o arranjo se eu assim o desejasse.

– Que conveniente – disse Leo, semicerrando os olhos. – Creio que você nunca se deu ao trabalho de perguntar à garota se ela

concordava com o arranjo, não é?

– Isso era irrelevante. O acordo era totalmente em benefício dela. Catherine teve a sorte de nascer linda, e aprenderia a lucrar com isso. Além do mais, elas são todas prostitutas, não são? É só uma questão de circunstância e preço. – Latimer fez uma pausa, sorrindo de modo zombeteiro. – Ela não lhe contou nada disso?

Leo ignorou a pergunta.

– O que aconteceu?

– No dia em que Catherine foi entregue em minha casa, antes de eu provar a mercadoria, um homem entrou e a levou. Literalmente a sequestrou. Um de meus lacaios tentou impedi-lo e foi baleado na perna. Quando percebi o que estava acontecendo, o homem já havia escapado com Catherine pela porta da frente. Só pude presumir que ele tinha perdido o leilão e resolvido levar o que queria à força. Depois disso, Catherine desapareceu. Eu a procurei durante oito anos. – Latimer soltou uma risada rouca. – E agora ela é sua. Na verdade, não sei se estou surpreso. Você sempre foi um degenerado. Como conseguiu adquiri-la?

Leo ficou calado por um momento. O peito estava dominado pela angústia por causa de Catherine. Quinze anos. Traída por aqueles que deveriam protegê-la. Vendida para um homem sem moral ou compaixão. Só de pensar no que Latimer teria feito com ela, ele ficava nauseado. A depravação de Latimer não teria parado na mera violação física. Ele teria

destruído a alma dela. Não era de admirar que Catherine achasse impossível confiar em alguém. Essa era a única reação racional a circunstâncias impossíveis.

Leo olhou para Latimer friamente e refletiu que, se fosse só um pouco menos civilizado, mataria o desgraçado ali mesmo. Contudo, teria apenas de se conformar e mantê-lo longe de Catherine, fazendo todo o possível para deixá-la segura.

– Ela não pertence a ninguém – disse Leo com cuidado.

– Ótimo. Então eu vou...

– No entanto, ela está sob minha proteção.

Latimer arqueou uma sobrancelha, parecendo se divertir.

– O que devo deduzir disso? Leo estava extremamente sério.

– Que você não se aproximará dela. Que ela nunca mais terá de suportar o som de sua voz nem o insulto de sua presença.

– Acho que não poderei fazer isso.

– Acho que terá de fazer.

Latimer deu uma risada rouca.

– Mas é claro que você não está me ameaçando. Leo sorriu friamente.

– Por mais que eu sempre tivesse tentado ignorar seus delírios alcoólicos, Latimer, certas coisas ainda estão na minha lembrança. Algumas de suas condições de má conduta desagradariam a muitas pessoas. Sei o suficiente de seus segredos para mandá-lo diretamente para a prisão de Marshalsea. E se isso não bastasse, eu estaria mais do que disposto a apelar para uma pancada em seu crânio com um objeto rombudo. Na verdade, estou bastante entusiasmado com essa ideia. – Notando o espanto nos olhos do homem, Leo sorriu sem achar graça. – Vejo que entendeu minha sinceridade. Isso é bom. Pode poupar a nós dois de algumas inconveniências. – Ele fez uma pausa para dar mais impacto à frase seguinte: – E agora ordenarei aos meus criados que o acompanhem para fora da minha propriedade. Você não é bem-vindo.

O rosto do outro ficou lívido.

– Você se arrependerá por fazer de mim um inimigo, Ramsay.

– Não tanto quanto me arrependi por um dia tê-lo feito meu amigo.

– O que aconteceu com Catherine? – perguntou Amelia a Leo quando ele retornou à sala de estar. – Por que ela saiu tão repentinamente?

– Lorde Latimer a abordou – respondeu ele em poucas palavras. Amelia balançou a cabeça com incredulidade e indignação.

– Que nojento descarado! Por que ousaria fazer isso?

– Porque é o que ele faz. Ele é uma afronta à educação e a todos os padrões de decência moral. A pergunta é: por que diabos ele foi convidado?

– Nós não o convidamos. Convidamos os pais dele. Obviamente ele veio no lugar dos pais. – Ela lançou-lhe um olhar acusador. – E ele é um velho conhecido seu.

– De agora em diante, vamos presumir que qualquer velho conhecido meu é um devasso ou criminoso, e deve ser mantido longe da propriedade e da família.

– Lorde Latimer machucou Catherine? – perguntou Amelia ansiosamente.

– Não isicamente. Mas quero que alguém vá vê-la. Imagino que ela esteja no quarto. Você vai ou enviará Win?

– Vou, é claro.

– Não faça perguntas. Apenas certifique-se de que ela esteja bem.

Meia hora depois, Win foi até Leo com a informação de que Catherine havia se recusado a dizer qualquer coisa além de que queria icar sozinha e descansar sem ser perturbada.

Provavelmente era melhor assim, pensou Leo. Embora quisesse muito ir ao encontro dela e lhe oferecer consolo, ele a deixaria dormir.

No dia seguinte, eles resolveriam tudo.

Leo acordou às nove horas e foi para a porta de Catherine. Ainda estava fechada, e lá dentro estava bem silencioso. Ele precisou de todo seu autocontrole para não abrir a porta e acordá-la. Mas ela precisava descansar... principalmente em virtude do assunto que Leo pretendia discutir com ela mais tarde.

Quando Leo desceu a escadaria, teve a impressão de que todos na casa, inclusive os criados, estavam em meio a uma crise de sonambulismo. O baile só havia terminado às quatro da manhã, e mesmo então alguns dos convidados pareceram relutar para ir embora. Sentado à sala do café da manhã, Leo bebeu uma caneca

de chá forte e viu quando Amelia, Win e Merripen entraram. Cam, que sempre gostava de acordar tarde, ainda não estava lá.

– O que aconteceu com Catherine ontem? – perguntou Amelia em voz baixa. – E quanto à partida precipitada de lorde Latimer? Houve muitos falatórios sobre isso.

Leo passara a noite pensando se deveria discutir os segredos de Catherine com o restante da família. Teria de lhes contar alguma coisa. E embora não quisesse entrar em detalhes, achou que seria mais fácil para Catherine caso outra pessoa desse a explicação.

– Quando Cat era uma garota de 15 anos – começou ele cuidadosamente –, sua dita família fez um acordo com Latimer.

– Que tipo de acordo? – perguntou Amelia. Ela arregalou os olhos quando Leo lançou-lhe um olhar que dizia tudo. – Meu bom Deus!

– Felizmente Rutledge interveio antes de ela ser forçada a... – Leo parou, surpreso com o tom de fúria na própria voz. Tentou controlá-lo antes de prosseguir. – Não preciso entrar em detalhes. Contudo, obviamente Cat não gosta de falar sobre esse momento da vida dela. Ela escondeu esse fato durante os últimos oito anos. Na noite passada, Latimer a reconheceu e a perturbou muito. Estou certo de que ela acordará esta manhã com a ideia de ir embora de Hampshire.

Merripen tinha uma expressão carrancuda, mas os olhos estavam cheios de compaixão.

– Ela não precisa ir a lugar nenhum. Está segura conosco.

Leo fez um sinal afirmativo com a cabeça, esfregando a borda da xícara de chá com a almofada do polegar.

– Deixarei isso claro quando for conversar com ela.

– Leo – disse Amelia cuidadosamente –, tem certeza de que você é a melhor pessoa para lidar com isso? Com todo o histórico de discussões entre vocês...

Ele lançou-lhe um olhar severo.

– Tenho.

– Amelia? – Uma voz hesitante veio da porta.

Era Beatrix, usando um roupão azul amarrotado, os cabelos escuros soltos em cachos selvagens. A testa estava enrugada de preocupação.

– Bom dia, querida – disse Amelia ternamente. – Não precisa se levantar cedo, se não quiser.

Beatrix respondeu com uma profusão de palavras.

– Eu queria ver como a coruja machucada que coloquei no celeiro estava passando. E também procurar Dodger, porque não o vejo desde ontem à tarde. Então abri apenas um pouco a porta do quarto da Srta. Marks para ver se ele estava lá. Vocês sabem como Dodger gosta de dormir na caixa de chinelos dela...

– Mas ele não estava lá? – perguntou Amelia.

Beatrix fez que não com a cabeça.

– Nem a Srta. Marks. A cama está arrumada e a bolsa de viagem não está lá. E encontrei isto na penteadeira.

Ela estendeu uma folha de papel dobrada, a qual Amelia abriu e leu.

– O que diz o bilhete? – perguntou Leo, já em pé. Amelia entregou o bilhete para Leo, sem dizer palavra.

Por favor, me perdoem por ir embora sem me despedir. Não tenho escolha. Nunca serei capaz de expressar minha gratidão por sua generosidade e sua bondade. Espero que não me achem presunçosa por dizer que, embora não sejam minha família de sangue, vocês são a família do meu coração.

Sentirei saudade de todos. Um beijo,

Catherine Marks.

– Meu bom Deus! – rugiu Leo, jogando a folha dobrada sobre a mesa. – O drama nesta família é mais do que um homem pode suportar. Achei que pudéssemos ter uma conversa racional no conforto da Ramsay House, mas em vez disso ela simplesmente escolhe fugir na calada da noite, deixando um bilhete cheio de disparates sentimentais.

– Não são disparates – disse Amelia defensivamente.

Os olhos de Win se encheram de lágrimas compadecidas ao ler o bilhete.

– Kev, temos de encontrá-la. Merripen segurou a mão dela.

– Ela foi para Londres – murmurou Leo. A seu ver, Harry Rutledge era a única pessoa a quem Cat poderia recorrer. Embora Harry e Poppy tivessem sido convidados para o baile, o grande movimento no hotel os obrigara a permanecer em Londres.

Raiva e urgência explodiram dentro dele, do nada. Leo se esforçava para não demonstrar, mas a descoberta de que Cat havia abandonado... *o havia abandonado*... o encheu de uma fúria possessiva diferente de tudo o que já havia sentido.

– A diligência do correio geralmente sai de Stony Cross às cinco e meia – disse Merripen. – O que significa que você tem uma boa chance de alcançá-la antes de ela chegar a Guildford. Irei com você, se quiser.

– Eu também – disse Win.

– Todos deveríamos ir – declarou Amelia.

– Não – disse Leo de maneira carrancuda. – Quando eu alcançar a Srta. Marks, vocês não vão querer estar lá.

– Leo – disse Amelia, desconiada –, o que está planejando fazer com ela?

– Por que você sempre insiste em fazer perguntas quando sabe que não gostará das respostas?

– Porque como uma verdadeira otimista – disse ela com sarcasmo –, sempre espero estar errada.

CAPÍTULO 17

Agora que as correspondências geralmente eram transportadas por locomotiva, os horários de partida da diligência eram limitados. Catherine tivera sorte em conseguir um lugar em uma diligência com destino a Londres.

No entanto, não estava se considerando nada sortuda.

Sentia-se infeliz e com frio, mesmo no interior abafado da diligência. O veículo estava repleto de passageiros do lado de dentro e de fora, com bagagens e pacotes amarrados de qualquer jeito no teto. A coisa toda parecia perigosamente pesada ao sacolejar por trechos irregulares da estrada. Quinze quilômetros por hora, calculara um dos passageiros, admirando a força e resistência dos cavalos.

Catherine olhou tristemente para os prados de Hampshire que se estendiam até a loresta densa e as cidades-mercado fervilhantes de Surrey.

Só havia uma mulher na diligência além dela, uma gorducha matrona bem-vestida que estava viajando com o marido. Ela cochilava no lado oposto ao de Catherine, emitindo roncos suaves. Sempre que a diligência sacolejava, os enfeites no chapéu dela trepidavam ruidosamente. E era um chapéu e tanto, adornado com cachos de cerejas artificiais, uma pluma e um passarinho empalhado.

Ao meio-dia a diligência parou em uma estalagem, onde os cavalos seriam trocados para o próximo trecho da estrada. Resmungando de alívio à perspectiva do breve descanso, os passageiros saíram do veículo e entraram na taverna.

Catherine pegou sua bolsa de viagem de tapeçaria, temendo deixá-la na diligência. A bolsa estava pesada e continha uma camisola, roupas de baixo e meias, um sortimento de pentes e grampos, uma escova de cabelo, um xale e um romance volumoso com uma dedicatória bem-humorada de Beatrix... “Esta história com certeza vai entreter a Srta. Marks sem melhorá-la nem um pouco! Com amor da incorrigível B. H.”

A estalagem parecia razoavelmente equipada, mas não luxuosa, o tipo de lugar frequentado por cocheiros e trabalhadores. Catherine olhou,

desconsolada, para a parede de madeira coberta de cartazes e se virou para observar dois cavaleiros trocando os cavalos.

Ela quase deixou a bolsa cair no pátio de carruagens quando sentiu o farfalhar de um movimento independente ali dentro. Não era como se algo tivesse se deslocado... era mais como... se houvesse uma coisa viva dentro da bolsa.

A pulsação dela disparou, como batatinhas se sacudindo em água fervente.

– Ai, não – murmurou. Virando-se para a parede e tentando desesperadamente manter a bolsa fora de vista, soltou o fecho e a entreabriu uns cinco centímetros.

Uma cabecinha macia emergiu. Catherine ficou perplexa ao ver um par de olhos brilhantes e bigodes agitados um tanto familiares.

– *Dodger* – sussurrou. Dodger tagarelou alegremente, os cantos da boca se curvando em seu sorriso perpétuo de furão. – Ah, seu menino *levado*! – Talvez tivesse se esgueirado enquanto ela arrumava a bolsa. – O que eu faço com você? – perguntou, desesperada. Empurrando a cabeça do bichinho de volta para dentro da bolsa, ela o acariciou para mantê-lo quieto. Não tinha escolha senão levar o danadinho para Londres e deixá-lo aos cuidados de Poppy até poder ser devolvido a Beatrix.

Assim que um dos cavaleiros gritou “Tudo pronto!”, Catherine voltou para a diligência e pôs a bolsa de tapeçaria aos seus pés. Abrindo-a mais uma vez, olhou para Dodger, que estava enroscado nas dobras de sua camisola.

– Fique quietinho – disse firmemente. – E não cause problemas.

– O que disse? – Ela ouviu a voz da matrona, que entrava na diligência, o chapéu de pluma tremendo de indignação.

– Ah, eu não estava falando com a senhora – apressou-se Catherine. – Estava... falando sozinha.

– Sem dúvida. – Os olhos da mulher se estreitaram enquanto ela se esparramava no banco oposto.

Catherine ficou sentada rigidamente. Esperava um farfalhar ou som revelador na bolsa. Contudo, Dodger permaneceu quieto.

A matrona fechou os olhos e apoiou o queixo na prateleira alta e arredondada formada por seus seios. Dois minutos depois, parecia estar cochilando de novo.

Talvez não fosse ser tão complicado assim esconder o furão, afinal de

contas, pensou Catherine. Se a mulher continuasse dormindo e o outro cavalheiro voltasse a ler seu jornal, ela conseguiria levar Dodger para Londres sem que fosse notado.

Mas justamente quando Catherine se permitiu ter um pouco de esperança, a situação saiu de seu controle.

Sem aviso, Dodger pôs a cabeça para fora, examinou o ambiente novo e interessante e saiu da bolsa. Catherine abriu a boca num apelo silencioso e ficou paralisada, as mãos ao alto. O furão correu para o centro acolchoado do chapéu da matrona. Com uma dentada ou duas cortou um cacho de cerejas artificiais. Triunfante e orgulhosamente, desceu para o banco e pulou para o colo de Catherine. Fez uma dança alegre de guerra de furão, uma série de pulos e giros.

– Não – sussurrou Catherine, tirando as cerejas dele e tentando enfiá-lo de volta na bolsa de tapeçaria.

Dodger protestou, guinchando e tagarelando.

A mulher resmungou e pestanejou, acordando, irritada com o barulho.

– O que... o que...

Cat ficou imóvel, a pulsação latejando em seus ouvidos.

Dodger se enrolou no pescoço dela e ficou pendurado frouxamente ali, fingindo-se de morto.

Como um cachecol, pensou Cat, tentando conter uma nervosa explosão de riso.

O olhar indignado da matrona se dirigiu ao cacho de cerejas no colo de Catherine.

– Ora... estas são as cerejas do *meu chapéu*, não são? Você estava tentando *roubá-las* enquanto eu dormia?

Catherine ficou séria imediatamente.

– Não, ah, não, foi um acidente. Eu sinto muito...

– Você o *arruinou*, e este era meu melhor chapéu. Custou duas libras e seis xelins! Devolva isso imediatamente... – Mas daí ela parou, emitindo um som abafado, a boca se arredondando como um “O” petri icado quando Dodger saltou para o colo de Catherine, surrupiou as cerejas e entrou na bolsa de tapeçaria, onde estava mais seguro.

A mulher deu um grito ensurdecedor, saindo da diligência atabalhoada em meio às saias armadas.

Cinco minutos depois, Catherine e a bolsa de tapeçaria foram expulsas da diligência, sem cerimônia. Ela ficou na beira do pátio, cercada por uma

mistura de cheiros fortes – esterco, cavalos e urina combinados aos aromas de carne cozida e pão quente vindos da taverna.

O cocheiro subiu na boleia, ignorando os protestos indignados de Catherine.

– Mas eu paguei por todo o trajeto até Londres! – gritou ela.

– Pagou por um passageiro, não dois. Dois passageiros fazem metade da viagem.

Catherine olhou incredulamente do semblante sério dele para a bolsa de tapeçaria em sua mão.

– *Isto* não é um passageiro!

– Estamos quinze minutos atrasados por causa da senhorita e de seu rato – berrou o cocheiro, apurando os ombros e estalando o chicote.

– Ele não é um rato, ele é... Espere, como chego a Londres?

Um dos cavaleiros respondeu implacavelmente:

– As próximas correspondências chegam amanhã de manhã, senhorita. Talvez deixem a senhorita e seu animal de estimação viajarem em cima.

Catherine o encarou furiosamente.

– Não quero viajar em cima de nada, paguei para viajar *dentro*, até Londres, e considero isso uma espécie de roubo! O que farei até amanhã de manhã?

O cavaliço, um jovem com bigode comprido, deu de ombros.

– Poderia perguntar se há um quarto disponível – sugeriu. – Mas talvez eles não gostem de hóspedes com ratos. – Ele olhou para além de Catherine quando outro veículo surgiu no pátio.

– Saia da frente, senhorita, ou será atropelada pela carruagem.

Furiosa, Catherine saiu pisando firme até a entrada da estalagem. Olhou para dentro de sua bolsa de tapeçaria, onde Dodger brincava com as cerejas. Já não bastava, pensou com frustração, ter acabado de abandonar uma vida que adorava, ter passado uma noite inteira chorando quase sem parar e estar exausta? Por que o destino cruel tinha de pôr Dodger sob seus cuidados?

– Você – esbravejou ela – é a gota d'água. Atormentou-me durante *anos*, roubou todas as minhas ligas e...

– Com licença – disse uma voz gentil.

Catherine ergueu os olhos, de cara feia. E então perdeu o equilíbrio momentaneamente.

Seus olhos estupefatos contemplaram Leo, lorde Ramsay, que parecia

estar se divertindo. Ele se aproximou num passo tranquilo, as mãos nos bolsos.

– Sei que não deveria perguntar. Mas por que está gritando com sua bagagem?

Embora sua postura estivesse relaxada, ele a examinava cuidadosamente.

Avistar Leo deixou Catherine sem fôlego. Ele era tão bonito, tão querido e familiar que ela quase foi dominada pelo impulso de correr para ele. Não conseguia entender por que Leo tinha vindo atrás dela.

Como queria que ele não tivesse vindo!

Tentando fechar a bolsa desajeitadamente, concluiu que talvez não devesse anunciar a presença de Dodger antes de conseguir um quarto.

– Por que está aqui, milorde? – perguntou, hesitante.

Ele deu de ombros preguiçosamente.

– Esta manhã, quando acordei, depois de apenas quatro horas e meia de sono, achei que seria uma boa ideia entrar na carruagem e pegar a estrada pitoresca para Haslemere e visitar... – Leo fez uma pausa e olhou para o letreiro acima da porta –... Spread Eagle Inn. Que nome inusitado. – Ele retorceu os lábios perante a expressão perplexa dela, mas seu olhar era terno. Então pôs as mãos no rosto de Catherine, erguendo gentilmente o queixo relutante. – Seus olhos estão inchados.

– É a poeira da viagem – disse Catherine com di culdade, engolindo em seco mediante a ternura do toque de Leo. Teve vontade de impelir o queixo para ele, como um gato ansioso por ser acariciado. Ela estava à beira das lágrimas.

Não podia ser. Sua reação a Leo não era nada menos do que estarrecedora. Se eles icassem apenas um pouco mais no pátio de carruagens, ela perderia a compostura.

– Teve problemas com a carruagem? – perguntou ele.

– Sim, e só haverá outra de manhã. Preciso conseguir um quarto.

Leo não tirou os olhos dela.

– Você poderia voltar para Hampshire comigo.

A sugestão foi mais arrasadora do que ele poderia imaginar.

– Não, não posso. Vou para Londres, ver meu irmão.

– E depois?

– Depois provavelmente vou viajar.

– Viajar?

– Sim, vou... vou dar uma volta pelo continente. E morar na França ou na Itália.

– Sozinha? – Leo não se deu ao trabalho de esconder seu ceticismo.

– Vou contratar uma dama de companhia.

– Você não pode contratar uma dama de companhia, você é uma dama de companhia.

– Acabei de abandonar o cargo – retrucou ela.

Por apenas um instante, houve uma intensidade alarmante no olhar de Leo. Algo predatório. Algo perigoso.

– Tenho um cargo novo para você – disse ele, e um leve arrepio desceu pela espinha de Catherine.

– Não, obrigada.

– Você ainda não ouviu minha proposta.

– Não preciso ouvir. – Ela se virou e entrou às cegas na estalagem. Chegando ao balcão do estalajadeiro, aguardou resolutamente, até que

um homem atarracado veio recebê-la. Embora exibisse uma careca brilhante, ele tinha uma barba densa e grisalha, além de costeletas.

– Posso ajudá-los? – perguntou, olhando de Catherine para Leo, logo atrás dela.

Leo falou antes de Catherine conseguir dizer uma só palavra:

– Gostaria de um quarto para minha esposa e eu.

Sua esposa? Catherine se virou para lhe lançar um olhar ofendido.

– Quero meu próprio quarto. E não...

– Ela não quer, na verdade. – Leo deu um sorriso para o estalajadeiro, o sorriso triste e comiserador de um homem sofrido

para outro. – Tivemos uma briga conjugal. Está zangada porque não deixei a mãe dela nos visitar.

– Ahh... – O estalajadeiro emitiu um som incompreensível. – Não ceda, senhor. Elas *nunca* vão embora quando dizem que irão. Quando minha sogra me visita, os próprios ratos se atiram para o gato, implorando para serem devorados. Nome?

– Sr. e Sra. Hathaway.

– Mas – começou Catherine, irritada. Ela parou quando sentiu a bolsa de tapeçaria tremendo em sua mão. Dodger queria sair. Precisava mantê-lo escondido ao menos até estarem seguros no quarto. – Está bem – disse sucintamente. – Vamos logo.

Leo sorriu.

– Ansiosa por fazer as pazes depois da briga, querida?

O olhar dela poderia fulminá-lo ali mesmo.

Para o nervosismo e a impaciência de Catherine aumentarem, os procedimentos demoraram mais dez minutos, incluindo as providências para acomodar o cocheiro e o lacaios de Leo. Além disso, a bagagem de Leo, duas malas de bom tamanho, teve de ser levada para dentro.

– Pensei que não conseguiria alcançá-la antes de você chegar a Londres

– disse Leo, tendo a delicadeza de parecer meio encabulado.

– Por que pediu apenas um quarto? – sussurrou ela rispidamente.

– Porque você não icaria segura sozinha. Precisa de mim para lhe proteger.

Ela lhe lançou um olhar penetrante.

– Na verdade, preciso me proteger contra você!

Eles foram levados para um quarto parcamente mobiliado, com uma cama de metal carcomido e uma colcha desbotada devido a muitas lavagens. Havia duas cadeiras perto da lareira diminuta, uma estofada e a outra, menor, não. Em um canto havia um lavatório gasto, no outro, uma mesa pequena. O chão tinha sido varrido e as

paredes pintadas de branco estavam nuas, exceto por um quadro emoldurado que consistia num lema floreado em papel gofrado:

O tempo e a maré não esperam por nenhum homem.

Felizmente não havia nenhum odor forte no quarto, apenas um leve cheiro de carne assada vindo da taverna lá embaixo, e de cinzas da lareira apagada.

Depois que Leo fechou a porta, Catherine pôs a bolsa no chão e a abriu. A cabeça de Dodger surgiu e o animal fez um giro completo enquanto

examinava o quarto. Ele pulou para fora e correu para debaixo da cama.

– Trouxe Dodger com você? – perguntou Leo, confuso.

– Sem querer.

– Entendo. Foi por isso que a expulsaram da diligência?

Ao olhar para ele, Catherine sentiu as entranhas se reagrupando, um calor subindo e se instalando enquanto o observava tirar o casaco e a gravata. Tudo naquela situação era impróprio, então o decoro não parecia mais importar.

Então ela lhe contou a história do farfalhar na bolsa e de como o furão roubara as cerejas do chapéu da matrona. Quando chegou à parte de Dodger ter ingido ser um cachecol, Leo ficou sem fôlego de tanto rir. Parecia achar tanta graça, tão infantil em seu divertimento, que Catherine

não se importou se era à custa dela ou não. Até mesmo se divertiu com ele, dando risos frouxos.

Mas de algum modo as risadas dela se transformaram em soluços. Ela sentiu os olhos marejados até mesmo enquanto ria, e pôs as mãos no rosto para conter as emoções intensas. Impossível. Sabia que estava parecendo uma louca, rindo e chorando ao mesmo tempo. Aquele tipo de descontrole emocional era seu pior pesadelo.

– Sinto muito – disse ela, engasgada, balançando a cabeça e escondendo os olhos com o antebraço coberto pela manga do vestido. – Por favor, vá embora. Por favor.

Entretanto, Leo a abraçou. Segurou o corpo trêmulo de Catherine contra seu peito rijo e a envolveu fortemente. Catherine sentiu o beijo dele na curva quente de sua orelha. O cheiro do creme de barbear lhe invadiu as narinas, a fragrância masculina familiar e reconfortante. Ela não percebeu que não havia parado de dizer *lamento* até Leo responder, em voz baixa e infinitamente terna:

– Sim, você deveria lamentar... mas não por chorar. Mas simplesmente por ir embora sem me deixar uma só palavra.

– E-eu deixei uma carta – protestou ela.

– Aquele bilhete sentimental? Certamente não achou que seria suficiente para me impedir de vir atrás de você. Agora se acalme. Estou aqui, você está segura e não vou abandoná-la. Estou aqui. – Catherine percebeu que tentava se apertar contra Leo, se aprofundar no abraço dele.

Quando o choro se transformou em soluços úmidos, ela sentiu Leo removendo o casaco de viagem de seus ombros. Em sua exaustão, viu-se agindo como uma criança obediente, tirando os braços das mangas. Nem mesmo protestou quando ele soltou os pentes e grampos de seus cabelos. Seu couro cabeludo latejou fortemente quando o penteado apertado foi desfeito. Leo também lhe tirou os óculos, colocando-os de lado, e pegou um lenço no casaco retirado.

– Obrigada – murmurou Catherine, enxugando os olhos vermelhos e o nariz no quadrado engomado de algodão. Ficou em pé, indecisa como uma criança, o lenço enrolado nos dedos.

– Venha cá. – Leo sentou-se na cadeira grande diante da lareira e puxou Catherine.

– Ah, eu não posso... – começou ela, mas Leo a fez se calar e a acomodou em seu colo. As camadas das saias se espalharam pesadamente em cima

de ambos. Catherine pousou a cabeça no ombro dele, o ritmo agitado de seus pulmões acompanhando aos poucos o ritmo cadenciado dos dele. A mão de Leo brincava nos cabelos dela. Em outros tempos ela teria se esquivado ao toque de um homem, independentemente de o gesto ser inofensivo. Mas naquele quarto,

isolados do resto do mundo, Catherine e Leo não pareciam eles mesmos.

– O senhor não devia ter me seguido – ela conseguiu dizer afinal.

– A família inteira queria vir – respondeu Leo. – Aparentemente os Hathaways não conseguem viver sem sua influência civilizadora. Então fui encarregado de levá-la de volta.

Aquilo quase a fez chorar de novo.

– Não posso voltar.

– Por que não?

– Já sabe. Lorde Latimer deve ter lhe contado.

– Contou um pouco. – Ele acariciava a lateral do pescoço de Catherine com as costas dos dedos. – Sua avó era a dona do bordel, não era? – O tom dela era tranquilo e casual, como se ser neta de uma dona de casa de tolerância fosse a coisa mais natural do mundo.

Catherine assentiu e engoliu em seco pesarosamente.

– Quando minha mãe adoeceu, fui morar com minha avó e minha tia Althea. No início eu não entendia direito qual era o negócio da família, mas depois de algum tempo percebi o que significava trabalhar para minha avó. Tia Althea já não era mais popular entre os clientes por causa da sua idade. E então completei 15 anos, e isso significava que havia chegado minha vez. Althea disse que eu tinha sorte, porque ela havia começado com 12 anos. Perguntei se eu poderia ser professora ou costureira, algo desse tipo. Mas ela e minha avó disseram que eu nunca ganharia dinheiro suficiente para lhes pagar o que haviam gastado comigo. Trabalhar para elas era a única saída lucrativa. Comecei a pensar em lugares para onde poderia fugir, em modos de sobreviver sozinha. Mas não havia nenhum trabalho que eu pudesse conseguir sem recomendações. Exceto numa fábrica, mas era perigoso, e além disso o salário era baixo demais para pagar um quarto em qualquer lugar. Implorei à minha avó que me deixasse procurar meu pai, porque sabia que ele nunca teria me largado lá se soubesse dos

planos delas. Mas ela disse... – Catherine parou, as mãos agarrando a saia.

Leo pegou os dedos de Catherine e os entrelaçou aos seus, até as mãos

de ambos ficarem enganchadas como o fecho de uma pulseira.

– O que ela disse, amor?

– Que ele já sabia, que tinha aprovado e receberia uma porcentagem do dinheiro que eu recebesse. Eu não quis acreditar. – Ela deixou escapar um suspiro entrecortado. – Mas devia saber, não é?

Leo ficou em silêncio, o polegar esfregando a palma dela suavemente. A pergunta não precisava de resposta.

Catherine cerrou os dentes para conter um tremor de pesar e continuou:

– Althea levou cavalheiros para que me conhecessem, um de cada vez, e me disse para ser encantadora e gentil. Então informou que, dentre todos eles, lorde Latimer era o que tinha feito a oferta mais alta. – Ela fez uma careta, seu rosto contra a camisa de Leo. – Ele era o homem de quem eu menos havia gostado. Ficava dando piscadelas e dizendo que tinha surpresas gostosas para mim.

Leo resmungou algumas palavras para si. Quando Catherine parou, insegura, ele passou a mão ao longo da espinha dorsal dela.

– Continue.

– Mas Althea me disse o que esperar, porque achou que eu me sairia muito melhor caso já soubesse. E os atos que ela descreveu, as coisas que eu deveria...

A mão de Leo parou nas costas dela.

– Foi-lhe pedido que pusesse alguma dessas coisas em prática?

Ela balançou a cabeça.

– Não, mas tudo aquilo parecia *apavorante*.

Um tom de solidariedade e divertimento aqueceu a voz dele.

– É claro que parecia, para uma garota de 15 anos.

Catherine ergueu a cabeça e encarou o rosto dele. Leo era bonito demais para o próprio bem, e para o dela. Embora estivesse sem óculos, ela conseguia ver todos os detalhes estonteantes ... a marca escura do bigode barbeado, as ruguinhas de riso nos cantos externos dos olhos, a penugem clara contrastando com a cor rosada da pele. E, principalmente, o azul matizado dos olhos, ora claro ora escuro, luz do sol e sombra.

Leo esperou pacientemente, abraçando-a como se não houvesse nada no mundo que preferisse fazer.

– Como você fugiu?

– Certa manhã, quando todos ainda estavam dormindo, fui até a

escrivania de minha avó. Estava tentando encontrar dinheiro. Planejava fugir e conseguir alojamento e um emprego decente em algum lugar. Não havia um único centavo. Mas encontrei uma carta em um dos nichos, dirigida a mim. Eu nunca a tinha visto.

– De Rutledge – disse Leo, uma afirmativa em vez de uma pergunta. Catherine assentiu.

– Um irmão que eu nunca soube que existia. Harry havia escrito que se algum dia eu precisasse, deveria enviar uma carta para o endereço dele. Escrevi um bilhete às pressas para lhe informar sobre minha situação complicada e pedi a William que o entregasse...

– Quem é William?

– Um garotinho que trabalhava lá... ele carregava coisas escadaria acima e abaixo, limpava sapatos, saía para dar recados e fazer o que quer que lhe mandassem. Acho que era filho de uma das prostitutas. Um menino muito gentil. Ele entregou o bilhete para Harry. Espero que Althea nunca tenha descoberto isso. Porque, se descobriu, temo pelo que possa ter acontecido a ele. – Catherine balançou a cabeça e suspirou. – No dia seguinte, fui enviada para a casa de lorde Latimer. Mas Harry chegou a tempo. – Ela fez uma pausa, reflexivamente. – Naquele momento, ele soou só um

pouquinho menos assustador do que lorde Latimer. Estava com muita raiva. Na época achei que era de mim, mas agora acho que era da situação.

– A culpa por vezes assume a forma de raiva.

– Mas nunca culpei Harry pelo que me aconteceu. Não era responsabilidade dele cuidar de mim.

O rosto de Leo se endureceu.

– Aparentemente você não era responsabilidade de ninguém.

Catherine deu de ombros, constrangida.

– Harry não sabia o que fazer comigo. Perguntou-me aonde eu queria morar, já que eu não poderia ficar com ele, e eu perguntei se ele poderia me mandar para um lugar longe de Londres. Então optamos por uma escola em Aberdeen, chamada Blue Maid's.

Leo fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– Alguns nobres mandam suas filhas rebeldes ou ilegítimas para lá.

– Como sabe disso?

– Conheço uma mulher que frequentou a Blue Maid's. Disse que era um lugar austero. De comida simples e disciplina.

– Eu o adorava.

Ele enrijeceu os lábios.

– Era de esperar.

– Vivi ali durante seis anos, sendo que, nos últimos dois, fui professora do lugar.

– Rutledge costumava visitá-la?

– Só uma vez. Mas costumávamos trocar cartas. Nunca ia para casa nas férias porque o hotel não era um lar de fato, e Harry não queria me ver. – Ela fez uma careta discreta. – Ele não era um homem muito bom, até conhecer Poppy.

– Não estou convencido de que Rutledge seja um homem bom agora – disse Leo. – Mas contanto que trate minha irmã bem, não terei nenhuma desavença com ele.

– Ah, mas Harry a *ama* – disse Catherine sinceramente. – De verdade. A expressão de Leo se abrandou.

– Como pode ter tanta certeza?

– Dá para perceber. O modo como ele fica quando está perto dela, o olhar e... Por que você está sorrindo assim?

– Mulheres. Vocês interpretam tudo como amor. Veem um homem com uma expressão idiota e presumem que ele foi lechado pelo Cupido, quando na verdade está digerindo um nabo estragado.

Ela o olhou com indignação.

– Está zombando de mim?

Leo riu e a abraçou com mais força enquanto ela tentava sair do colo dele.

– Só estou fazendo uma observação sobre seu gênero.

– Suponho que considere os homens superiores.

– De forma alguma. Apenas somos mais simples. Uma mulher é um conjunto de necessidades diferentes, enquanto um homem só tem uma. Não, não se levante. Conte-me por que foi embora de Blue Maid's.

– A diretora me pediu para ir.

– É mesmo? Por quê? Espero que você tenha feito algo repreensível ou chocante.

– Não, eu era muito bem-comportada.

– Lamento ouvir isso.

– Mas uma tarde a diretora Marks me chamou em seu gabinete e...

– Marks? – Leo a encarou atentamente. – Você adotou o sobrenome dela?

– Sim, eu a admirava muito. Queria ser como ela. Ela era rígida, porém gentil, e nada parecia fazê-la perder a compostura. Eu costumava ir à sala dela, aí ela servia chá e conversávamos durante um bom tempo. Ela disse que eu tinha feito um ótimo trabalho e que futuramente poderia voltar e continuar lecionando. Mas primeiro

queria que eu deixasse Aberdeen e conhecesse um pouco do mundo. Aleguei que ir embora de Blue Maid's era a última coisa que eu queria fazer, mas ela respondeu que era por isso que eu precisava fazê-lo. Um amigo em uma agência de empregos em Londres lhe dissera que uma família em... “circunstâncias incomuns”, foi o termo que ela usou, estava procurando uma mulher para trabalhar como governanta e dama de companhia para duas irmãs, sendo que uma delas tinha acabado de ser expulsa da escola de aperfeiçoamento para moças.

– Beatrix.

Catherine meneou a cabeça em concordância.

– A diretora achou que eu poderia ser a pessoa ideal para os Hathaways. Só que eu não tinha noção de quanto eles seriam ideais para *mim*. Fui fazer uma entrevista e achei toda a família um pouco maluca, mas do jeito mais adorável possível. Trabalhei para eles durante quase três anos, fui muito feliz e agora... – Ela parou, o rosto retorcido numa careta.

– Não, não – disse Leo rapidamente, segurando o rosto dela. – Não comece isso de novo.

Catherine ficou tão chocada ao sentir os lábios dele roçando em suas bochechas e em suas pálpebras cerradas que as lágrimas evaporaram imediatamente. Quando conseguiu olhar de novo para Leo, notou que ele estava dando um sorrisinho. Então ele lhe acariciou os cabelos e encarou o rosto arrasado pela dor exibindo uma preocupação profunda que Catherine nunca tinha visto nele.

Ela ficou assustada ao perceber quanto havia acabado de revelar. Agora Leo conhecia todos os segredos que ela tentara esconder por tanto tempo. As mãos de Catherine no peito dele estremeciam como as asas de um pássaro cativo.

– Milorde – disse ela com di iculdade –, por que veio atrás de mim? O que quer de mim?

– Estou surpreso por você ainda ter de perguntar – murmurou Leo, ainda lhe acariciando os cabelos. – Quero lhe fazer uma proposta, Cat.

É *claro*, pensou ela amargamente.

– Ser sua amante.

Ele falou com uma voz calma que transmitia um leve sarcasmo:

– Não, isso nunca daria certo. Primeiro porque seu irmão tomaria providências para que eu fosse assassinado ou, no mínimo, mutilado. Depois porque você é irritadiça demais para ser uma amante. É mais adequada como esposa.

– De quem? – perguntou Catherine, franzindo a testa.

Leo olhou diretamente nos olhos semicerrados dela.

– Minha, é claro.

CAPÍTULO 18

Ofendida e indignada, Catherine se debateu com tanta violência que Leo se viu obrigado a soltá-la.

– Estou farta de você, de sua insensibilidade e de suas brincadeiras de mau gosto – gritou ela, levantando-se. – Seu canalha, seu...

– Eu não estou brincando, droga! – Leo se levantou e estendeu o braço, mas Catherine recuou. Ele então tentou segurá-la, mas ela se esforçou para se desvencilhar. Ficaram lutando até Catherine cair na cama.

Leo caiu em cima dela, em uma descida controlada, na verdade uma investida. Catherine o sentiu afundando em suas saias, o peso muito superior ao dela, a massa muscular do tronco prendendo-a na cama. Ela se contorceu a litamente quando a excitação fez todo o seu corpo formigar. Porém, quanto mais se contorcia, pior icava. Ela se aquietou então, mas as mãos continuaram a se abrir e fechar sobre nada.

Leo a itou, os olhos dançando de maneira travessa... mas havia algo mais na expressão dele, uma determinação que a perturbou profundamente.

– Pense no assunto, Cat. Casar-se comigo resolveria os problemas de nós dois. Você teria a proteção do meu nome. Não precisaria abandonar nossa família. E não poderiam mais me atazanar para que eu me casasse.

– Sou ilegítima – disse ela, pronunciando a palavra distintamente como se Leo fosse um estrangeiro tentando aprender seu idioma. – Você é um visconde. Não pode se casar com uma bastarda.

– E quanto ao duque de Clarence? Ele teve dez ilhos bastardos com aquela atriz... como era mesmo o nome dela?

– Srta. Jordan.

– Sim, essa mesma. Todos os ilhos deles eram ilegítimos, mas alguns se casaram com nobres.

- Você não é o duque de Clarence.
- Certo. Tenho sangue azul tanto quanto você. Herdei o título por puro acaso.
- Isso não importa. Casar-se comigo seria um escândalo e um tanto inadequado, fecharia portas para você.
- Meu bom Deus, mulher, deixei duas de minhas irmãs se casarem com ciganos. Essas portas já foram fechadas, trancadas e encarceradas.

Catherine não conseguia pensar com clareza. Mal dava para escutá-lo devido à pulsação aos seus ouvidos, o clamor selvagem de seu sangue. A vontade e o desejo a dominavam por inteiro. Quando Leo baixou a boca para ela, Catherine baixou o rosto e disse desesperadamente:

- O único jeito de garantir que a Ramsay House continuará sendo da família é se casando com a Srta. Darwin.

Ele deu um riso irônico.

- Também é um jeito de garantir que cometerei sororicídio.
- O quê? – perguntou ela, perplexa.
- Sororicídio. Assassinato da esposa.
- Não, você quer dizer uxoricídio...
- Tem certeza?
- Sim, *uxor* é a palavra latina para “esposa”...
- Então o que é sororicídio?
- Assassinato da irmã.
- Ah, bem, se eu me casasse com a Srta. Darwin, é quase certo que acabaria fazendo isso também. – Leo sorriu para Catherine. – O fato é que eu nunca conseguiria ter esse tipo de conversa com ela.

Provavelmente ele tinha razão. Catherine havia convivido com os Hathaways por tempo suficiente para conhecer o estilo brincalhão da família, para conseguir acompanhar as mudanças de rumo das conversas, que podiam começar com um deles falando sobre o problema crescente da poluição do Tâmis e indar num

debate sobre a legitimidade do fato de o Conde de Sandwich ter inventado os sanduíches. Catherine conteve um

riso triste ao perceber que, embora pudesse ter exercido uma leve influência civilizatória sobre os Hathaways, a influência deles sobre ela tinha sido muito maior.

Leo abaixou a cabeça e beijou o pescoço de Cat com uma deliberação lenta que a fez se contorcer. Obviamente, ele havia perdido o interesse no assunto Srta. Darwin.

– Vamos, Cat. Diga que se casará comigo.

– E se eu não puder lhe dar um filho?

– Nunca há garantias. – Leo ergueu a cabeça e sorriu. – Mas pense no quanto nos divertiremos tentando.

– Não quero ser responsável pela perda da Ramsay House.

A expressão dele adquiriu uma nova seriedade.

– Ninguém a responsabilizaria por isso. É uma casa. Nada mais, nada menos. Uma estrutura na terra pode não durar para sempre. Mas uma família permanece.

A frente do espartilho de Catherine havia afrouxado. Ela percebeu que Leo o tinha desabotoado enquanto estavam conversando. Tentou fazê-lo parar, mas ele já havia conseguido abri-lo, deixando o corpete e a camisola

à mostra.

– Sendo assim, sua única responsabilidade – disse Leo roucamente – seria ir para a cama comigo quantas vezes eu quisesse, e participar de todos os meus esforços para produzir um herdeiro. – Quando Catherine desviou o rosto, ofegante, ele se inclinou para sussurrar ao ouvido dela: – Eu vou satisfazê-la. Completá-la. Seduzi-la da cabeça aos pés. E você vai adorar.

– Você é o sujeito mais arrogante e absurdo do... ah, por favor, não faça isso. – Ele estava explorando sua orelha, fazendo cócegas com a ponta da língua macia e úmida. Ignorando seus protestos, Leo a beijou e lambeu até chegar ao contorno íntimo do pescoço. – Não – gemeu ela, mas Leo não quis saber e tomou a boca ofegante de Catherine na dele, deixando a língua brincar lá também, e a

sensação, o gosto e o cheiro dele a inebriaram. Então ela enlaçou o pescoço dele e se rendeu com um leve gemido.

Depois que a boca de Catherine foi provocada e explorada por inteiro, Leo ergueu a cabeça e a fitou nos olhos entorpecidos.

– Quer saber qual é a melhor parte do meu plano? – perguntou ele com uma voz rouca. – Para torná-la uma mulher honesta, terei de corrompê-la primeiro.

Catherine ficou consternada ao se ouvir rindo estupidamente.

– Sem dúvida você é bom nisso.

– Talentoso – garantiu-lhe. – O truque é descobrir do que você mais gosta, e depois lhe oferecer uma pequena dose desse prazer. E aí vou torturá-la até você ficar absolutamente enlouquecida.

– Isso não parece nem um pouco prazeroso.

– Acha que não? Então icará surpresa quando me implorar para repetir.

Catherine não conseguiu conter mais uma risada.

Então ambos ficaram imóveis, corados, olhando-se fixamente. Ela se ouviu sussurrar:

– Estou com medo.

– Eu sei, querida – disse Leo gentilmente. – Mas você terá que confiar em mim.

– Por quê?

– Porque você pode.

Eles continuaram se olhando. Catherine estava paralisada. O que ele pedia era impossível. Entregar-se totalmente a um homem, qualquer um, era contrário à sua própria natureza. Sendo assim, deveria ser fácil recusá-lo.

Mas, quando tentou pronunciar a palavra *não*, Catherine se viu incapaz de produzir qualquer som.

Leo começou a despi-la, tirando a camisola ampla e farfalhante. E Catherine permitiu. Na verdade, ela até mesmo o ajudou afrouxando os cordões com mãos trêmulas, erguendo os quadris e

deixando os braços livres. Ele desenganchou o corpete habilmente, revelando grande familiaridade com roupas de baixo femininas. Contudo, não estava com pressa, por isso removeu as camadas protetoras lenta e deliberadamente, uma a uma.

Em Catherine estava coberta por nada além de um rubor, a pele pálida com as marcas temporárias deixadas pelas arestas do corpete e pelas costuras das roupas. A mão de Leo desceu até o ventre dela, as pontas dos dedos correndo sensivelmente ao longo dos contornos delicados como um viajante mapeando um território inexplorado. A expressão dele era absorta, terna, e a palma deslizava pelo estômago...

mais abaixo... roçando de leve os pelos íntimos macios.

– Loura em todos os lugares – sussurrou Leo.

– Isso... isso o agrada? – perguntou ela timidamente, ofegando quando a mão de Leo tocou-lhe o seio.

Houve a sugestão de um sorriso na voz dele.

– Cat, tudo em você é tão lindo que mal consigo respirar. – Os dedos acariciaram a curva suave do seio, brincando com o mamilo até deixá-lo túrgido e rosado. Então ele se inclinou e o tomou na boca.

O coração de Catherine quase parou quando ela ouviu um barulho vindo lá de baixo, na taverna, um tinido como o de pratos sendo retirados, e vozes. Era inimaginável que as pessoas estivessem realizando seus afazeres diários usuais enquanto ela estava nua na cama com Leo.

Leo passou uma das mãos por baixo dos quadris de Catherine, alinhando-a perfeitamente à saliência rígida sob as calças dele. Ela gemeu de encontro aos lábios dele, tremendo de prazer intenso e desejando icar em contato com o corpo dele para sempre. Leo a beijou profundamente, e mais abaixo a mão pressionou o quadril dela para o dele num ritmo correspondente, as investidas voluptuosas a levando a uma nova dimensão de sensações. Mais perto, mais perto, ondas incitando Catherine a prosseguir... mas

então ele a soltou. Ela emitiu um som de perturbação, seu corpo ardendo pelo desejo insatisfeito.

Leo sentou-se e tirou as próprias roupas, revelando um corpo viril, musculoso e enxuto. Havia pelos no peito, uma penugem escura instigante que descia até a barriga. Catherine viu que o corpo de Leo estava pronto para se acoplar ao dela e sentiu seu estômago se contrair nervosamente de expectativa. Leo se voltou para ela, puxando-a por inteiro, os corpos se tocando completamente.

Catherine começou a explorá-lo com hesitação, deslizando os dedos no peito e na pele lisa na lateral do torso. Encontrou a pequena cicatriz no ombro resultante do acidente nas ruínas e a beijou. Ouviu a respiração rouca de Leo. Encorajada, abaixou-se um pouco mais na cama e esfregou o nariz e a boca na penugem macia. Sentia os músculos de Leo se retesando em todos os lugares em que seus corpos se tocavam.

Tentando se lembrar das instruções de Althea dadas muito tempo atrás, abaixou-se até a forma ereta da excitação dele. A pele era diferente de tudo que já sentira, lisa e sedosa, e se deslocava facilmente sobre a rigidez surpreendente. De maneira ainda tímida, ela se inclinou para beijar a lateral do membro, os lábios encontrando uma pulsação intensa. Então ergueu os olhos para captar a reação dele, uma indagação no olhar.

Leo não estava respirando direito. E a mão estava trêmula quando ele a passou nos cabelos de Catherine.

– Você é a mulher mais adorável, a mais doce... – Ele ofegou quando ela o beijou novamente, e riu, insegura. – Não, amor... está tudo bem. Chega disso por enquanto. Estendendo o braço, ele a puxou para que Catherine se deitasse ao seu lado.

Leo estava mais insistente agora, mais dominante, de um modo que permitia a Catherine relaxar totalmente. Era estranho abrir mão de todo o controle em prol dele, quando tinham sido adversários tão ferozes. Leo separou as coxas de Catherine com a mão, e ela sentiu a umidade ali antes mesmo de ele tocá-la. Ele a provocou por entre os pelos protetores,

expandindo-a intimamente. Catherine apoiou a cabeça no braço dele e fechou os olhos, respirando fundo quando o dedo de Leo deslizou para dentro.

Ele parecia se deleitar com a reação dela. Abaixou a cabeça e mordiscou-lhe o seio delicadamente, lambendo e roçando os dentes em sintonia com o arremeter lento do dedo lá embaixo. Parecia que todo o corpo de Catherine seguia aquele ritmo sedutor, todos os tremores, pulsações, músculos e pensamentos a lorando juntos, e novamente, até a sensação se acumular numa onda de prazer extraordinária. Catherine gemeu, deixando a onda levá-la, o calor aumentar e a invadir... até se reduzir ao tremor e à fraqueza.

Leo assomou sobre o corpo dela, ofegante, encarando o rosto deslumbrado de Catherine. Ela estendeu os braços e o puxou, as pernas se entreabrindo para acomodá-lo. Quando ele forçou a entrada, ela sentiu uma dor aguda e ardente. Leo foi mais fundo. Era muita coisa, a intrusão lenta, irme e implacável. Depois que Leo foi o mais longe que a carne resistente de Catherine permitia, parou e tentou acalmá-la. Beijou o rosto e o pescoço dela com delicadeza.

A intimidade do momento, a sensação de tê-lo dentro de si, era maravilhosa. Ela se lagrou tentando acalmá -lo também, as mãos acariciando as costas fortes e lisas. Murmurando o nome dele, Catherine deslizou as palmas até os lomos musculosos e o incentivou a continuar. Ele voltou a penetrá-la de maneira cuidadosa. Aquilo doía, contudo havia algo de prazeroso na pressão suave e profunda. Catherine se abriu para ele instintivamente, puxando-o ainda mais.

Ela adorou os sons que Leo emitiu, os gemidos baixos, as palavras entrecortadas e a respiração rouca. E então foi ficando mais fácil recebê-lo, os lábios se abrindo naturalmente a cada investida, a carne escorregadia se precipitando e agarrando. Catherine dobrou os joelhos, se ajustando para poder enlaçá-lo com as pernas. O corpo de Leo estremeceu e ele emitiu um gemido similar ao de dor.

– Cat... Cat ... – Leo saiu de dentro de Catherine abruptamente e investiu de encontro à barriga dela, fazendo jorrar em sua pele um calor úmido e pulsante. Leo a abraçou com força, gemendo com o rosto colado na junção entre o ombro e o pescoço.

Eles ficaram deitados juntos, tentando recuperar o fôlego. Catherine estava fraca de exaustão, os membros pesados. A satisfação a havia

saturado e acalmado, como água pingando numa esponja seca. Pelo menos por enquanto era impossível se preocupar com qualquer outra coisa.

– Tem razão – disse ela de maneira letárgica. – Você é talentoso.

Ele rolou de lado pesadamente, como se o movimento exigisse grande esforço. Então lhe deu um beijo delicado no ombro, e Catherine sentiu o formato do sorriso dele em sua pele.

– Como você é deliciosa – sussurrou ele. – Foi como fazer amor com um anjo.

– Sem halo – murmurou Catherine, e foi recompensada pelo riso baixinho de Leo. Ela tocou na secreção em sua barriga.

– Por que fez desse jeito?

– Por que saí de dentro de você? Não quero que engravide se não estiver pronta para isso.

– Você quer ter ilhos? Quero dizer... não por causa da cláusula de enfiteuse, mas por eles mesmos?

Leo pensou a respeito.

– Isoladamente, não. Mas com você... eu não me importaria.

– Por que comigo?

Leo pegou uma mecha dos cabelos dela e brincou com ela, deixando os fios claros deslizarem por entre os dedos.

– Não sei ao certo. Talvez porque eu consiga enxergá-la sendo mãe.

– Consegue? – Catherine nunca tinha se visto como tal.

– Ah, sim. Do tipo prático que faz você comer os nabos e repreende por correr com objetos pontiagudos.

– Sua mãe era assim?

Leo se esticou, seus pés ultrapassando os dela.

– Sim. E agradeço a Deus por isso. Meu pai, que Deus o abençoe, era um estudioso brilhante a um passo da loucura. Alguém na família tinha de ser sensato. – Apoiando-se em um cotovelo, ele a avaliou. Aí usou a almofada do polegar para acariciar o arco da sobancelha dela. – Não se mexa, amor, vou pegar um pano para você.

Catherine esperou, com os joelhos dobrados, observando-o sair da cama e se dirigir ao lavatório. Leo pegou uma toalha, a umedeceu com a água do jarro e se limpou e icientemente. Pegando outro pano, molhou-o generosamente e o levou até ela. Catherine percebeu que Leo pretendia fazer o serviço, mas estendeu a mão e disse timidamente:

– Eu faço isso.

Leo encontrou as roupas que havia tirado, vestiu a roupa de baixo e as calças e voltou para Catherine, o peito ainda nu.

– Seus óculos – murmurou, pondo-os cuidadosamente sobre o nariz de Catherine. As mãos dele eram fortes e quentes contra o rosto úmido e frio dela. Notando o calafrio que a percorreu, ele puxou a colcha até os ombros de Catherine e se sentou na beira do colchão.

– Cat – disse seriamente. – Isso que acabou de acontecer entre nós...

devo interpretar como um “sim” para minha proposta?

Catherine hesitou e balançou a cabeça. E então o itou de um jeito cauteloso, porém resoluto, como se para indicar que nada que ele izesse ou dissesse a faria mudar de ideia.

A mão de Leo encontrou o contorno do quadril de Catherine e o apertou por sobre a colcha.

– Prometo que será melhor, assim que esse incômodo inicial passar e você tiver tempo para...

– Não, não é isso. Eu gostei. – Ela fez uma pausa, corando intensamente.

– Gostei demais. Mas não nos damos bem fora da cama. Discutimos muito.

– Não será assim a partir de agora. Vai ser bom. Eu deixarei que vença todas as discussões, mesmo quando eu estiver certo. – Ele torceu os lábios, divertido. – Vejo que não está convencida. Teme que vamos icar brigando sobre o que exatamente?

Catherine olhou para a colcha e alisou uma costura levantada.

– Está na moda entre os nobres que tanto o marido quanto a mulher tenham um caso extraconjugal. Eu nunca aceitaria isso. – Quando Leo abriu a boca para argumentar, ela continuou apressadamente: – E você nunca escondeu sua aversão a casamento. É impossível acreditar que tenha mudado de ideia tão rápido...

– Compreendo. – Leo apertou a mão dela com uma força vital. – Você está certa... tenho sido contra a ideia de casamento desde que perdi Laura. E inventei todos os tipos de pretexto para não voltar a correr esse risco. Mas não posso mais negar que você vale totalmente a pena. Eu não a pediria em casamento se não soubesse, sem sombra de dúvida, que você poderia satisfazer todas as minhas necessidades e eu poderia satisfazer as suas. – Leo deslizou os dedos sob o queixo de Catherine e a fez olhar para ele. – Quanto à idelidade, não tenho nenhum problema com isso. – Seu sorriso se tornou irônico. – Minha consciência já está pesada demais com pecados passados e duvido que eu seja capaz de suportar outros.

– Você ficaria entediado comigo – argumentou ela, ansiosa. Aquilo o fez sorrir discretamente.

– Por certo você não tem ideia da variedade prodigiosa de maneiras com que uma mulher e um homem podem entreter um ao outro. Eu não icarei entediado. Você também não. – Leo acariciou a bochecha rosada de Catherine com um dedo carinhoso. Mas o olhar continuava irme. – Se eu fosse para a cama com outra mulher, seria uma traição a duas pessoas, a minha esposa e a mim. Eu não faria isso conosco. – Ele fez uma pausa. – Acredita em mim?

– Sim – confessou ela. – Eu sempre soube que você era honesto. Irritante, mas honesto.

Houve um brilho de divertimento nos olhos dele.

– Então me dê sua resposta.

– Antes de tomar qualquer decisão, eu gostaria de conversar com Harry.

– É claro. – Um sorriso divertido perpassou nos lábios de Leo. – Ele se casou com minha irmã, e agora quero me casar com a dele. Se Harry tiver alguma objeção, eu lhe direi que não é uma troca justa.

Vendo-o sentado ali, inclinado para ela, os cabelos castanho-escuros caindo sobre a testa, Cat mal podia acreditar que Leo Hathaway estava mesmo tentando convencê-la a se casar com ele. Embora estivesse certa da sinceridade dele, muitas promessas eram quebradas a despeito das melhores intenções das pessoas de cumpri-las.

Decifrando a expressão de Catherine, Leo estendeu o braço e a puxou para seu peito quente e rijo.

– Eu lhe diria para não ter medo – murmurou –, mas isso nem sempre é possível. Por outro lado... você já começou a confiar em mim, Catherine. Não há por que parar agora.

CAPÍTULO 19

Ao saber que as salas de jantar privativas da taverna estariam ocupadas durante algum tempo, Leo pediu que uma bandeja fosse levada ao quarto e que um banho quente fosse preparado.

Enquanto esperava, Catherine adormeceu sob a colcha. Remexeu-se e abriu os olhos, piscando, quando ouviu a porta se abrindo, cadeiras sendo arrastadas, o tilintar de louça e talheres, e o baque de uma enorme tina de estanho.

Havia algo pesado, quente e peludo perto dela. Dodger tinha se arrastado para baixo da colcha e estava cochilando ao lado do seu ombro. Quando Catherine olhou para ele, notou o brilho dos olhinhos do furão e ouviu um pequeno bocejo antes de ele adormecer de novo.

Lembrando-se de que estava usando só a camisa de Leo, Catherine se escondeu debaixo da colcha e espiou pela beira enquanto duas camareiras preparavam o banho. Será que desconhariam do que tinha ocorrido entre ela e Leo? Catherine se preparou para receber um olhar malicioso ou acusador, talvez uma risadinha desdenhosa, mas aparentemente as camareiras estavam ocupadas demais para se importar. Não foram nada além de eficientes, e voltaram com mais dois baldes cheios. Uma delas pôs toalhas dobradas sobre um banco de três pernas.

As camareiras teriam saído do quarto sem nenhum incidente caso Dodger, atraído pelo cheiro de comida, não tivesse saído de baixo da colcha. Ele se ergueu na cama e as itou, retorcendo os bigodes para a bandeja de jantar sobre a mesinha. Sua expressão parecia dizer: *ah, ótimo, eu estava ficando com fome!*

Quando uma das criadas viu Dodger, seu rosto se contorceu de pavor.

– *Ahhh!* – Ela apontou um dedo roliço e trêmulo para o furão. – É uma ratazana, um rato ou...

– Não, é um furão – explicou Leo, seu tom moderado e tranquilizador. – Na verdade, o animal de estimação preferido da

realeza, inofensivo e muito civilizado. A rainha Elizabeth tinha um e realmente não há nenhuma necessidade de violência...

A camareira tinha apanhado um atizador de lareira, prevendo um

ataque.

– *Dodger* – disse Catherine imediatamente. – Venha cá.

Dodger serpenteou até ela. Antes que ela pudesse afastá-lo, ele a beijou da sua forma, lambendo-lhe o rosto.

Uma das camareiras pareceu paralisada de medo, e a outra fez cara de nojo.

Tentando manter o rosto sério, Leo deu meia coroa para cada camareira e as conduziu para fora do quarto. Quando a porta foi fechada e trancada, Catherine ergueu o furão carinhoso de seu peito e o olhou de cara feia.

– Você é a criatura mais inconveniente do mundo, e não é nem um pouco civilizado.

– Aqui, Dodger. – Leo pôs um pedaço de carne e de pastinaca num pires e o furão correu para ele.

Enquanto o bichinho estava ocupado devorando sua refeição, Leo foi até Catherine, segurou o rosto dela com mãos gentis e se abaixou para lhe dar um beijo breve e afetuoso.

– Jantar ou banho primeiro?

Catherine ficou constrangida ao ouvir seu estômago se contrair com um ronco audível.

Leo sorriu.

– Jantar, ao que parece.

A refeição consistia em carne de boi, purê de pastinaca e uma garrafa de vinho tinto forte. Catherine comeu vorazmente, e até mesmo limpou o prato com um pedaço de pão.

Leo foi uma companhia divertida, contando histórias engraçadas, selecionando con idências gentilmente, repondo o vinho na taça de Catherine. O rosto dele estava muito bonito à luz

da única vela na mesa, os cílios densos sombreando os olhos azuis incandescentes.

Ocorreu a Catherine que aquela era a primeira refeição que fazia a sós com ele. Antes temeria tal perspectiva, sabendo que icaria na defensiva a cada segundo. Mas agora não havia nenhum con lito naquela conversa fácil. Incrível. Quase desejou que uma das irmãs Hathaways estivesse por perto para poder partilhar a descoberta ... *Seu irmão e eu acabamos de passar uma refeição inteira sem brigar!*

Lá fora, uma chuvinha se insinuava, e logo o céu foi escurecendo aos poucos, e os pingos de chuva se transformaram num aguaceiro constante que se sobrepunha aos sons das pessoas, dos cavalos e da atividade no

pátio de carruagens. Catherine tremia e estava toda arrepiada, mesmo usando o roupão pesado que Leo lhe dera.

– Hora do banho – disse Leo, se levantando para puxar a cadeira dela. Imaginando se ele pretendia ficar no quarto, Catherine arriscou dizer:

– Talvez você possa me conceder um pouco de privacidade.

– Eu não sonharia em fazer isso – disse Leo. – Você pode precisar de ajuda.

– Posso me banhar sozinha. E preferiria não ser observada.

– Meu interesse é puramente estético. Eu a imaginarei como *Hendrickje banhando-se em um rio*, de Rembrandt, entrando nas águas da inocência.

– Puramente? – perguntou ela, em dúvida.

– Ah, eu tenho uma alma muito pura. O problema são minhas partes íntimas, estas, sim, me colocam em apuros.

Catherine não pôde evitar rir.

– Você pode ficar no quarto, desde que vire de costas.

– Combinado. – Ele foi para perto da janela.

Catherine olhou de relance para a tina, com grande expectativa. Provavelmente nunca ansiara tanto por um banho. Depois de se

assegurar de que seus cabelos estavam presos no alto da cabeça, tirou o roupão, a camisa e os óculos. Colocou-os sobre a cama e olhou cautelosamente para Leo, que parecia muito interessado na vista do pátio de carruagens. Ele tinha aberto a janela alguns centímetros, deixando o ar com cheiro de chuva entrar no quarto.

– Não olhe – disse Catherine apreensiva.

– Não vou olhar. Embora você devesse mesmo perder suas inibições – disse Leo. – Elas podem impedir que você ceda à tentação.

Catherine afundou cuidadosamente na tina velha.

– Eu diria que já cedi bastante por hoje. – Ela suspirou de alívio quando a água aplacou todas as ardências e dores íntimas.

– E eu adorei ajudar.

– Você não ajudou – disse Catherine. – Você é a tentação. – Ela o ouviu rir.

Leo manteve distância e ficou olhando para a chuva enquanto Catherine se banhava. Depois que ela se enxaguou, estava tão cansada que chegara a duvidar da própria capacidade de sair da tina. Levantando-se, as pernas trêmulas, tentou desajeitadamente pegar a toalha dobrada no banco ao lado.

Quando saiu da água, Leo se aproximou rapidamente e ergueu a toalha, posicionando-a ao redor dela. Envolvendo-a numa espécie de casulo, ele a abraçou por um instante.

– Deixe-me dormir com você esta noite – disse, encostado nos cabelos de Catherine, a voz suplicante.

Catherine o olhou de forma zombeteira.

– O que você faria se eu não quisesse? Providenciaria outro quarto? Ele balançou a cabeça.

– Se eu icasse em outro quarto, eu me preocuparia com sua segurança. Dormirei no chão.

– Não, nós dividiremos a cama. – Catherine apertou o rosto contra o peito de Leo, relaxando totalmente em seus braços. Como

isso é confortável, pensou, maravilhada. Como sentia-se calma e segura com ele!

– Por que a coisa entre nós não era assim antes? – perguntou de forma sonhadora. – Se você tivesse sido como está sendo agora, eu nunca teria brigado com você por nada.

– Eu tentei ser gentil com você, uma ou duas vezes. Não deu certo.

– Tentou? Eu nunca notei. – A pele de Catherine, já rosada do banho, adquiriu um tom mais escuro. – Eu era desconhecida. Receosa. E você... era tudo que eu temia.

Ao ouvir isso, Leo a abraçou com mais força. Então a avaliou pensativamente, como se destrinchando algo na própria mente, uma nova compreensão. Os olhos azuis estavam mais ternos do que ela jamais vira.

– Vamos fazer um trato, Cat. De agora em diante, em vez de presumirmos o pior um do outro, tentaremos presumir o melhor. Combinado?

Catherine fez que sim com a cabeça, fascinada com a mansidão dele. De algum modo, aquelas frases simples pareceram produzir uma mudança entre eles, maior do que tudo que havia acontecido até então.

Leo a soltou cuidadosamente. Catherine foi para a cama enquanto ele se lavava desajeitadamente em uma tina que nem de longe dava para acomodar um homem do tamanho dele. Ela ficou deitada, observando-o, sonolenta, seu corpo esquentando sob as cobertas da cama limpa e seca. E, apesar de todos os problemas que a aguardavam, caiu num sono profundo.

Em seus sonhos, Catherine retornou ao dia em que completara 15 anos. Estava sem seus pais havia cinco, morando com a avó e a tia Althea. A mãe já havia morrido. Ela nunca soube exatamente quando foi, tendo sido informada bem depois do ocorrido. Um dia perguntara a Althea se podia visitar a mãe doente, e Althea respondera que ela já estava morta.

Mesmo sabendo que a mãe sofria de uma doença arrasadora e fatal, mesmo sabendo que não havia esperança, a notícia fora um choque. Catherine começara a chorar, mas Althea simplesmente demonstrara total impaciência, dizendo secamente:

– Não adianta chorar. Isso aconteceu há muito tempo e ela está enterrada desde o verão. – A informação deixara Catherine aturdida e com uma sensação de atraso, como quem aplaude no momento errado numa peça de teatro. Ela nunca teve a oportunidade de se enlutar adequadamente porque perdera o momento.

Elas moravam numa casinha em Marylebone. Era uma casa pobre, porém decente, entre o consultório de um cirurgião-dentista com uma réplica de um dente pendurada no letreiro e uma biblioteca patrocinada por uma iniciativa privada. A biblioteca era de sua avó, que todos os dias ia lá para trabalhar.

Aquele prédio muito frequentado com sua coleção de livros vasta e oculta era o lugar mais irresistível do mundo. Catherine o observava da janela, imaginando como seria percorrer as salas repletas de volumes antigos. Sem dúvida o ar devia cheirar a papel-pergaminho, couro e poeira de livros, um perfume literário que se espalhava pelas salas silenciosas. Certa vez ela dissera a Althea que queria trabalhar lá, uma declaração que produzira um sorriso estranho na tia e uma promessa de que por certo conseguiria isso.

Contudo, embora o letreiro proclamasse claramente que o objetivo do ponto comercial era ser uma biblioteca voltada a cavalheiros distintos, Catherine pouco a pouco foi percebendo que havia algo errado no lugar. Ninguém jamais saía com livro algum.

Toda vez que Catherine mencionava essa incongruência, Althea e a avó demonstravam irritação, a mesma reação que tiveram quando Catherine perguntou se o pai um dia voltaria para ela.

No décimo quinto aniversário de Catherine, ela ganhara dois vestidos novos. Um azul e outro branco, com saias até o chão e acinturados no lugar certo, bem diferentes dos modelos infantis com costura peitoral. Tia Althea

lhe dissera que dali em diante prenderia os cabelos e se comportaria como uma mulher. Não era mais uma criança.

Catherine aceitara a promoção com orgulho e ansiedade, perguntando-se o que esperariam dela, agora que se tornara uma mulher.

Logo Althea lhe explicara quais eram as tais expectativas, com seu rosto magro e comprido mais austero do que de costume e sem conseguir olhar nos olhos de Catherine. Conforme suspeitara, o estabelecimento ao lado não era uma biblioteca. Era uma casa de prostituição, na qual Althea trabalhava desde os 12 anos. Ela garantira a Catherine que o trabalho era bastante fácil... era só deixar o homem fazer o que quisesse, pensar em outra coisa e tirar dinheiro dele. Não importava quais fossem os desejos dele ou como ele usasse seu corpo: o desconforto era relativamente pequeno se nenhuma resistência fosse imposta.

– Não quero fazer isso – dissera Catherine, empalidecendo ao perceber por que tal conselho estava lhe sendo dado.

Althea arqueara as sobrancelhas finas:

– Para o que mais você acha que serve?

– Qualquer coisa, menos isso.

– Garota estúpida, sabe quanto gastamos para sustentá-la? Tem ideia do sacri ício que foi icar com você? É claro que não... você acha que lhe devíamos isso. Mas está na hora de nos pagar. Não estamos lhe pedindo para fazer nada que eu já não tenha feito. Você se acha melhor do que eu?

– Não – disse Catherine, lágrimas de vergonha escorrendo pelas bochechas. – Mas não sou uma prostituta.

– Cada um de nós nasceu para um im, minha querida. – A voz de Althea soou calma, até mesmo gentil. – Algumas pessoas nascem privilegiadas, outras são abençoadas com talento artístico ou inteligência natural. Você, infelizmente, é comum em todos os aspectos... tem uma inteligência banal e não possui nenhum talento perceptível. Mas herdou beleza e uma natureza de prostituta. Sendo assim, sabemos qual é o seu fim, não é?

Catherine se encolheu. Tentou parecer calma, mas a voz tremia.

– Ser comum na maioria dos aspectos não significa que preencho os requisitos para ser uma prostituta.

– Você está se iludindo, minha criança. Você é o produto de duas famílias de mulheres iníquo. Sua mãe era incapaz de ser fiel a alguém. Os homens a achavam irresistível, e ela por sua vez nunca resistia a ser desejada. E pelo nosso lado... sua bisavó era uma cafetina que treinou a

ilha no negócio. Daí chegou a minha vez, e agora é a sua. De todas as garotas que trabalham para nós, você será a mais afortunada. Não será contratada por nenhum homem que venha da rua. Será a luz de nosso pequeno negócio. Um homem de cada vez, por um período negociado. Você se preservará muito mais assim.

Por mais que Catherine tivesse resistido, logo se viu sendo vendida para Guy, vulgo lorde Latimer. Ele era um estranho, como qualquer homem, com um hálito azedo, rosto áspero e mãos pegajosas. Tentava beijá-la, pôr as mãos nas fendas de suas roupas, despi-la como um caçador depenando uma perdiz morta. E ainda por cima se divertia com a resistência dela, rosnando ao ouvido o que faria com ela, e ela o odiava, odiava todos os homens.

– Não vou machucá-la... se você não resistir... – dissera Latimer, agarrando as mãos de Catherine e as colocando à força na virilha dele. – Você vai gostar disso. Sua vaginazinha entende das coisas. Eu vou lhe mostrar...

– *Não, não toque em mim, não...*

Catherine acordou, soluçando, golpeando em lágrimas um peito duro.

– Não...

– Cat. Sou eu. Calma, sou eu. – Leo passou a mão quente nas costas de Catherine.

Ela ficou parada, o rosto molhado pressionando a penugem macia. O som da voz dele era grave e familiar.

– Milorde?

– Sim. Foi só um pesadelo. Já acabou. Deixe-me abraçá-la.

A cabeça de Catherine estava latejando. Estava abalada e enojada, gelada de vergonha. Leo a aninhou em seu peito. Ao senti-la tremendo, acariciou-lhe os cabelos.

– Com o que estava sonhando?

Ela balançou a cabeça, emitindo um som que exprimia calafrio.

– Era com Latimer, não era?

Após longa hesitação, Catherine pigarreou e respondeu:

– Em parte.

Leo tocou de leve as costas tensas de Cat e beijou-lhe as bochechas úmidas.

– Está com medo de que ele venha atrás de você? Ela balançou a cabeça.

– De algo pior.

Muito gentilmente, Leo perguntou:

– Não pode me contar?

Afastando-se dele, Catherine se encolheu em posição fetal, olhando na direção oposta.

– Não é nada. Lamento tê-lo acordado.

Leo se encaixou nela, os dois ficaram de conchinha. Catherine estremeceu ao sentir o calor dele em toda a extensão de suas costas, as pernas compridas peludas encaixadas sob as suas e o braço musculoso a envolvendo por completo. Foi dominada por todas as texturas, os cheiros e as pulsações de Leo, que respirava junto ao seu pescoço. Que criatura extraordinária um homem poderia ser!

Era errado sentir tanto prazer com aquilo. Tudo que Althea dissera a respeito dela provavelmente era verdade. Catherine tinha uma natureza de prostituta, uma ânsia por atenção masculina... puxara mesmo à mãe. Tinha reprimido e ignorado esse lado durante anos. Mas agora lhe estava sendo mostrado, tão nítido quanto um reflexo no espelho.

– Não quero ser como ela – sussurrou sem pensar.

– Como quem?

– Minha mãe.

Leo apoiou a mão no quadril de Catherine.

– Seu irmão me deu a forte impressão de que você de
initivamente não

é como ela. – Ele fez uma pausa. – No que teme ser parecida?

Catherine ficou em silêncio, ofegando enquanto tentava conter as lágrimas. Leo a estava fazendo derreter com essa ternura recém-descoberta. Ela teria preferido o velho e zombeteiro Leo, pois parecia não ter nenhuma defesa contra este de agora.

Ele beijou a cavidade atrás da orelha de Catherine.

– Minha menina querida – sussurrou. – Não me diga que está sentindo culpa por ter gostado da relação sexual?

Catherine ficou ainda mais alarmada por ele ter percebido tudo tão rápido.

– Talvez um pouco – conseguiu responder.

– Meu bom Deus, estou na cama com uma puritana. – Leo esticou o corpo encolhido de Catherine e se deitou em cima dela, ignorando seu protesto. – Por que é errado uma mulher gostar disso?

– Não acho que seja errado para as outras mulheres.

– É errado só para você então? – A voz de Leo foi levemente sarcástica.

– Por quê?

– Porque sou a quarta geração de uma família de prostitutas. E minha tia disse que eu tinha uma tendência natural a isso.

– Todos têm, amor. É assim que o mundo é povoado.

– Não, não a isso. À prostituição.

Ele bufou com desdém.

– Não existe essa coisa de inclinação natural a se vender. A prostituição

é imposta às mulheres por uma sociedade que lhes oferece pouquíssimas opções para se sustentarem. E quanto a você... nunca conheci mulher menos talhada para isso. – Ele brincou com os cachos emaranhados dela. – Acho que não entendo sua lógica. Não é pecado algum gostar do toque de um homem, e isso também não tem nada a ver com prostituição. Tudo que sua tia tenha lhe dito foi pura manipulação, por motivos óbvios. – Ele levou a boca ao pescoço de Catherine, beijando ao longo de toda a super ície firme.

– Você não deve sentir-se culpada – disse ele. – Principalmente quando não há o menor motivo para isso.

Ela fungou.

– Moral é um motivo.

– Ah. Esse é o problema. Você tem moral, e sente culpa e prazer, tudo junto. – Leo pôs a mão em concha sobre o seio dela, carinhosamente. A sensação se irradiou para a boca do estômago de Catherine. – Não há nada de moral em negar o prazer, e nada de errado em senti-lo. – Ela o sentiu sorrir de encontro à sua pele. – Você está precisando se entregar a várias longas noites de sexo selvagem comigo. Isso tirará toda a sua culpa. E se não funcionar, pelo menos eu icarei feliz. – Ele deslizou a mão pelo corpo de Catherine, o polegar roçando os pelos íntimos. Ela contraiu a barriga sob a palma dele. Os dedos trilharam mais fundo.

– O que está fazendo? – perguntou Catherine.

– Ajudando-a com seu problema. Não, não me agradeça. O prazer é meu.

– A boca sorridente de Leo roçou na de Catherine e ele se reposicionou em cima dela, na escuridão. – Que palavra você usa para isso, amor?

– Para o quê?

– Para esse lugar maravilhoso... aqui.

O corpo de Catherine estremeceu à carícia gentil.

– Não tenho uma palavra para isso.

– Como se refere a isso?

– Eu não me refiro! Ele riu baixinho.

– Conheço várias palavras. Mas os franceses, como era de esperar, têm a mais bonita. *Le chat*.

– O gato? – perguntou Catherine, perplexa.

– Sim, um duplo sentido para um felino e a parte mais macia de uma mulher. Gata. Bichaninha. Chaninha. A pelagem mais suave... não, não seja tímida. Peça-me para acariciá-la.

As palavras deixaram Catherine sem fôlego.

– Milorde – protestou ela debilmente.

– Peça e eu o farei – disse Leo, tirando os dedos para brincar na cavidade sensível atrás do joelho dela.

Catherine conteve um gemido.

– Peça – sussurrou ele.

– Por favor.

Leo beijou a coxa de Catherine, a boca dele quente e macia, os pelos eriçados arranhando a pele suave dela de um jeito excitante.

– Por favor o quê?

Homem perverso. Ela se contorceu e cobriu o rosto com as mãos, embora ambos estivessem na total escuridão. A voz foi abafada pelos próprios dedos.

– Por favor, me acaricie aí.

O toque de Leo foi tão leve que a princípio ela mal o sentiu. Os dedos se mexendo, brincando.

– Assim?

– Sim, ah, sim... – Catherine ergueu os quadris, convidativa. Leo tocou as dobras do sexo dela, massageando delicadamente, sentindo a maciez interna. As carícias hábeis colocaram o corpo dela numa prontidão trêmula.

– O que mais eu devo fazer? – sussurrou ele, movendo-se mais para baixo na escuridão. Catherine sentiu o hálito de Leo em sua intimidade, calor contra umidade, um toque suave e intermitente. Ela arqueou e retesou os quadris involuntariamente.

– Faça amor comigo.

Ele soou gentilmente pesaroso.

– Não, você está dolorida demais.

– *Leo* – choramingou ela.

– Devo beijá-la em vez disso? Aqui? – Ele girou a ponta do dedo. Catherine arregalou os olhos na escuridão. Perplexa e muito excitada

com a sugestão, lambeu os lábios secos.

– Não. Eu não sei. – Catherine se contorceu ao senti-lo respirar de encontro a ela, os dedos a abrindo delicadamente. – Sim.

– Peça-me gentilmente.

– Pedir para você... Ah, eu não posso.

Os dedos provocantes a deixaram.

– Então devemos ir dormir?

Catherine segurou a cabeça de Leo entre as mãos.

– Não.

Ele foi implacável.

– Você sabe como pedir.

Ela não conseguia. As sílabas vergonhosas ficaram presas na garganta, e Catherine só conseguiu gemer de frustração.

E Leo, o canalha monstruoso, abafou o riso na coxa dela.

– Estou muito feliz por você achar isso divertido – disse Catherine furiosamente.

– Eu acho – assegurou-lhe ele, o riso na voz. – Ah, Cat, temos um caminho tão longo a percorrer!

– Não se dê a esse trabalho – disparou ela, tentando se afastar, mas Leo prendeu suas pernas no lugar, segurando-a com facilidade.

– Não precisa ser teimosa – disse ele. – Vá em frente, diga. Por mim. Um longo silêncio se passou. Catherine engoliu em seco e disse:

– Beije-me.

– Onde?

– Aí embaixo – conseguiu dizer, a voz tremendo. – Na minha vagina. Por favor.

Leo ronronou em aprovação.

– Que garota má você é. – Ele abaixou a cabeça e explorou a maciez úmida. Catherine sentiu a boca de Leo cobrindo a parte mais sensível dela com um beijo molhado e franco, e o mundo se incendiou. – Era isso que você queria?

– Mais, mais! – gritou, ofegante.

A língua de Leo a percorreu em investidas luidas, saboreando-a. O corpo de Catherine se enrijeceu quando ele começou a sugar e a pincelar

com a língua, e o prazer voluptuoso e crescente a dominou por inteiro. Ela estava impregnada por sensações úmidas, cada deslizar da língua de Leo a deixando aberta a mais prazer. Com as mãos em concha, Leo abarcou os quadris de Catherine, incitando-a para sua boca. Ela explodiu em tremores intensos, gritando, suas terminações nervosas estremecendo num calor maravilhoso. A boca de Leo continuou suavemente, como se relutasse em parar. Por um momento ardente, ela sentiu a língua de Leo penetrá-la, causando mais alguns últimos tremores.

Pouco tempo depois, assim que o ar com cheiro de chuva adentrou pela janela parcialmente aberta e alcançou sua pele, Catherine sentiu frio. Pensou que agora Leo fosse satisfazer as próprias necessidades e se ergueu para ir até ele, confusa e exausta. No entanto ele a acomodou na dobra de seu braço e puxou as cobertas sobre ambos. Catherine estava satisfeita e debilitada, incapaz de continuar acordada.

– Durma – ouviu-o sussurrar. – E se tiver mais pesadelos... eu os afastarei com beijos.

CAPÍTULO 20

A noite chuvosa dera lugar a uma manhã verdejante e úmida. Leo acordou com os sons do pátio de carruagens, que logo cedo ganhava vida com relinchos, tilintares e sons dos cascos dos cavalos pisoteando o chão. Passos abafados soavam pelos corredores enquanto as pessoas deixavam seus quartos e iam comer na taverna.

A parte favorita de Leo nos encontros românticos sempre eram os momentos de expectativa imediatamente antes do ato sexual. Já a parte menos apreciada era a manhã do dia seguinte, quando seu primeiro pensamento ao acordar era “já dá para ir embora sem ser ofensivo?”.

Contudo, essa manhã era diferente de qualquer outra. Ele abriu os olhos e se deu conta de que estava na cama com Catherine Marks; e não havia nenhum outro lugar onde preferisse estar. Ela ainda dormia profundamente, deitada de lado e com a palma da mão para cima. Seus dedos estavam curvados como pétalas de orquídea. Catherine icava linda de manhã, relaxada e corada pelo sono.

Leo a avaliou, fascinado. Ele nunca havia conhecido tanto em uma mulher, mas sabia que seus segredos estavam a salvo com ela. E os dela com ele. Eles combinavam muito. Independentemente do que acontecesse a partir de agora, seus dias de rixa tinham terminado. Sabiam demais um sobre o outro.

Infelizmente, a questão do noivado não estava resolvida. Leo sabia que Cat estava longe de estar tão convencida quanto ele a respeito da compatibilidade entre ambos. Além disso, Harry Rutledge teria o direito de opinar, e até então Leo raramente tinha gostado das opiniões dele. Era possível, até, que Harry fosse apoiar a ideia de Cat de viajar pelo continente.

Leo franziu as sobrancelhas ao se dar conta de que até agora ela havia sobrevivido praticamente sem qualquer tipo de proteção. Como uma mulher tão merecedora de afeto podia ter recebido tão pouco? Queria compensá-la por tudo o que ela não ganhara. Queria

lhe dar tudo de que fora privada. O truque seria convencer Catherine a deixá-lo fazer isso.

Ela estava com o rosto tranquilo, os lábios entreabertos. Encolhida em

meio à roupa de cama branca, com o ombro rosado visível e os cabelos dourados espalhados, ela parecia um confeito colocado entre espirais de chantili.

Houve um leve movimento aos pés da cama, quando Dodger se esgueirou pela beirada do colchão e foi para o lado de Catherine. Ela se remexeu, bocejou e o procurou para acariciá-lo. O furão se enroscou junto ao seu quadril e fechou os olhos.

Catherine acordou devagarinho, se espreguiçando com um tremor discreto. Então levantou as pálpebras. Olhou para Leo, atordoadada, claramente se perguntando por que ele estava ali. Foi um olhar de inocência irresistível, aqueles olhos cinzentos como o oceano contemplando-o enquanto a mente se organizava. Meio hesitante, ela pôs a mão fria no rosto de Leo, examinando os pelos que haviam crescido durante a noite. Sua voz saiu baixa e admirada:

– Você está tão áspero quanto o porco-espinho de Beatrix. Leo beijou a palma da mão dela.

Catherine se aconchegou a ele cuidadosamente, o hálito agitando os pelos no peito de Leo quando perguntou:

– Vamos para Londres hoje?

– Sim.

Por um momento, ela ficou calada.

– Ainda quer se casar comigo? – perguntou abruptamente. Leo manteve a mão de Catherine na dele.

– Insistirei nisso.

Catherine posicionou o rosto num ângulo em que Leo não conseguia vê-

lo.

– Mas... não sou como Laura.

Ele ficou um pouco surpreso com o comentário.

– Não – disse francamente. Laura era fruto de uma família amorosa, de uma vida idílica num vilarejo. Não tinha conhecido nem o medo nem o sofrimento que permearam a infância de Catherine. – Você é tão parecida com Laura quanto sou com o garoto que eu era naquela época – continuou.

– O que isso importa?

– Talvez fosse melhor para você ficar com alguém como ela. Com alguém que você... – Ela calou-se.

Leo se virou e se apoiou num dos cotovelos, itando os olhos azuis acinzentados míopes dela.

– Alguém que eu amasse? – completou, e lagrou Catherine franzindo as sobrancelhas e mordendo o lábio com insegurança. Ele desejou morder e sugar aquela boquinha perfeita como se fosse uma ameixa madura. Em vez disso, contornou levemente o lábio inferior de Catherine com um dedo.

– Eu já lhe disse, amo como um louco. Meu amor é desmedido, ciumento, possessivo... Fico absolutamente intolerável.

Leo roçou as costas dos dedos pelo queixo e o pescoço de Catherine, sentindo a pulsação e a leve ondulação quando ela engoliu. Conhecendo os sinais da excitação feminina, estendeu a carícia até o mamilo intumescido e a curva lateral do seio.

– Se eu a amasse, Cat, a teria no café da manhã, no almoço e no jantar. Você nunca teria paz.

– Eu estabeleceria limites. E o faria respeitá-los. – Ela suspirou quando Leo afastou o lençol. – É preciso apenas mão firme, só isso.

Aborrecido com a perturbação, Dodger deslizou da cama, indignado, e entrou na bolsa de tapeçaria de Catherine.

Leo esfregou o nariz na curva delicada do seio dela e acariciou seu cume com a língua.

– Talvez você tenha razão – observou ele, pegando a mão de Catherine e a guiando até sua carne rígida.

– Eu... eu não quis dizer...

– Sim, eu sei. Mas sou uma pessoa que interpreta as coisas muito literalmente. – Leo mostrou-lhe como segurá-lo e acariciá-lo, o jeito como gostava de ser tocado. Eles ficaram deitados juntos na cama quente, ofegantes, enquanto ela o explorava com dedos pálidos e delicados. Quantas vezes Leo fantasiara aquele momento, ter a formal e pudica Srta. Marks nua na cama com ele...? Era glorioso.

A mão de Catherine se fechou sobre toda a extensão rígida, e a pressão deliciosa quase o levou ao clímax.

– *Deus...* não, não, espere... – Leo afastou a mão dela com uma risada ofegante.

– Fiz alguma coisa errada? – perguntou Catherine ansiosamente.

– Não, de modo algum, amor. Mas é melhor que isso dure mais de cinco minutos, principalmente quando a mulher ainda não está satisfeita. – Leo estendeu a mão para os seios de Catherine, massageando-os com delicadeza. – Como você é linda! Venha mais para cá e deixe-me beijar seu seio. – Quando Catherine hesitou, ele segurou o mamilo entre o polegar e o

indicador, beliscando-o de brincadeira. Ela se contraiu, surpresa.

– Muita força? – perguntou Leo contritamente, os olhos fixos no rosto dela. – Então faça o que pedi, e serei mais delicado. – O duplo piscar de olhos e o ritmo alterado da respiração de Catherine não escaparam à percepção de Leo. Estendendo os braços, ele passou as mãos lentamente sobre as curvas suaves do seu corpo, aprendendo mais e mais a respeito dela a cada segundo.

– Você é intolerável – disse Catherine com a voz trêmula. Mas obedeceu

à pressão encorajadora das palmas de Leo e subiu nele devagar. Ela era leve e flexível, a pele como seda, os cachos louros roçavam na barriga dele.

O bico do seio já estava irremediavelmente contraído quando Leo o tomou na boca. Brincou com ele, passando a parte achatada da

língua sobre o ponto intumescido e apreciando os sons involuntários que Catherine emitia.

– Beije-me – disse ele, segurando-lhe a nuca e puxando-a para si. – E apoie seus quadris nos meus.

– Pare de me dar ordens – protestou ela, ofegante.

Num impulso, Leo resolveu provocá-la, exibindo um sorriso arrogante.

– Aqui na cama, eu sou o mestre. Darei ordens e você as obedecerá sem fazer nenhuma pergunta. – Ele parou deliberadamente, erguendo as sobrancelhas. – Entendido?

Catherine se retesou. Para Leo, nunca existira nada melhor do que vê-la dividida entre a indignação e excitação. Sentiu o ardor de Catherine aumentando, os batimentos cardíacos acelerados. Ela tomou fôlego, os braços se arrepiando. E então a tensão pareceu abandonar seu corpo, os membros relaxando.

– Sim – sussurrou ela finalmente, sem conseguir olhar para ele.

Os batimentos cardíacos de Leo também se aceleraram.

– Boa garota – disse ele num tom rouco. – Agora abra as coxas para que eu possa senti-la de encontro a mim.

Pouco a pouco, o ângulo das pernas dela foi aumentando.

Catherine parecia tonta, um pouco perdida, voltada para si como se para entender o enigma das próprias reações a Leo. Seus olhos brilhavam, transbordando prazer e confusão involuntariamente, e só de ver aquilo Leo sentiu uma torrente de desejo lhe invadir o corpo todo. Ele queria completá-la além do imaginável, descobrir e satisfazer todas as necessidades dela.

– Ponha sua mão abaixo do seu seio – disse ele. – E traga-o para minha boca.

Catherine se inclinou para obedecer, tremendo. E então foi Leo quem ficou perdido, totalmente absorto na doce suavidade dela. Ele perdeu a consciência de tudo, exceto do instinto, do desejo primitivo de reivindicar, conquistar e possuir.

Então ele a fez se ajoelhar em cima dele, e seguiu a umidade inebriante e salgada até a entrada macia do corpo dela. Investigando com a língua, ele a percorreu e lambeu até sentir os músculos esguios e delgados das coxas de Catherine se contraindo ritmicamente.

Com um murmúrio rouco, Leo a soltou e a ajudou a sentar-se com as pernas abertas sobre os quadris dele. Encaixou-se na fenda macia e segurou a cintura de Catherine para irmá-la. Ela estremeceu e entendeu o que ele queria.

– Devagar – murmurou quando Catherine desceu sobre ele. – Desça tudo. – Leo mal conseguiu conter um gemido a lito ao senti-la se contraindo ao redor dele, a carne inchada tentando sugá-lo para dentro. Nunca houve nada tão bom quanto aquilo. – Ai, meu Deus... vá até o fim.

– Não consigo. – Ela se contorceu e parou, decepcionada.

Era inconcebível Leo ter achado alguma graça naquele momento, quando todo o seu corpo estava sendo torturado pelo desejo. Mas ela estava tão adoravelmente desengonçada em cima dele! De algum modo, conseguindo conter uma risada, Leo segurou Catherine com mãos trêmulas, a ajeitando e acariciando.

– Você consegue – disse, rouco. – Ponha as mãos nos meus ombros e incline seu corpinho lindo para a frente.

– É demais.

– Não é.

– É.

– Eu sou o experiente aqui. Você é a novata, lembra-se?

– Isso não muda o fato de que você é muito... *ah*.

Em algum ponto da discussão, Leo percorrera o último trecho crucial, forçando o quadril para cima, então seus corpos se encaixaram totalmente.

– Ah – disse Catherine de novo, os olhos semicerrados e uma nova cor tingindo a pele.

Leo sentiu a proximidade de um clímax explosivo, o qual necessitava apenas de um mínimo de estimulação para ganhar um impulso irresistível.

O corpo de Catherine se contraiu ao redor dele, num ritmo voluptuosamente contido que ameaçava deixá-lo louco. Ela se movimentava com hesitação, a leve fricção fazendo ambos estremecerem.

– Cat, espere – sussurrou ele por entre lábios secos.

– Não posso, não posso... – Ela continuava a se movimentar, e Leo arfou como se estivesse numa mesa de tortura.

– Fique quieta.

– Estou tentando! – Mas ela já havia começado a se movimentar instintivamente, então Leo simplesmente gemeu e acompanhou o ritmo, observando os lábios dela se abrirem em suspiros de prazer, e quando sentiu que os espasmos a dominaram, todas as sensações foram fortes demais para suportar.

Com um esforço hercúleo, Leo saiu de dentro dela e jorrou seu prazer nos lençóis, sibilando por entre os dentes cerrados. Todos os músculos protestaram devido à privação do calor delicioso que o envolvera. Ofegante, piscando para afastar aquela chuva de faíscas nos olhos, Leo sentiu Catherine se enroscando nele.

Ela pôs uma das mãos sobre o coração disparado de Leo e beijou o ombro dele.

– Eu não queria que você parasse – sussurrou Catherine.

– Nem eu. – Leo a abraçou e sorriu pesarosamente junto aos cabelos dela. – Mas esse é o problema do *coitus interruptus*. Alguém sempre precisa descer numa estação no meio do caminho antes do destino final.

CAPÍTULO 21

A caminho de Londres, Leo pediu Catherine em casamento mais duas vezes. Ela recusou ambas, determinada a agir de modo sensato e discutir a situação com seu irmão primeiro. Quando Leo salientou que fugir da Ramsay House no meio da noite dificilmente poderia ser considerado um comportamento sensato, ela reconheceu que talvez não devesse ter agido com tanta impulsividade.

– Por mais que eu deteste admitir isso – disse a Leo enquanto a carruagem seguia pela estrada por onde os malotes do correio eram transportados –, eu não estava em meu juízo perfeito desde o baile. Foi um choque ver lorde Latimer de maneira tão inesperada. E quando ele pôs as mãos em mim, eu voltei a me sentir uma criança assustada, e só consegui pensar em fugir. – Ela parou, pensativamente. – Mas encontrei conforto ao saber que podia correr para Harry.

– Você tem a mim também – disse Leo baixinho.

Ela o encarou, espantada.

– Eu não sabia disso.

Leo sustentou o olhar dela.

– Agora sabe.

Deixe-me ser seu irmão mais velho, dissera Harry a Catherine no último encontro deles em Hampshire, tornando claro que queria experimentar o tipo de relacionamento familiar que ambos nunca puderam ter. Muito constrangida, Catherine refletia que estava prestes a testá-lo bem antes do que qualquer um deles poderia imaginar. E ainda eram praticamente estranhos um ao outro.

Mas Harry tinha mudado bastante no curto espaço de tempo desde o casamento com Poppy. Agora estava muito mais gentil e afetuoso, e certamente disposto a pensar em Catherine como algo além de uma meia-irmã inconveniente que não era bem-vinda em lugar nenhum.

Ao chegarem ao hotel de Rutledge, Leo e Catherine foram levados imediatamente para os suntuosos aposentos particulares de Harry e Poppy.

Dentre todos os Hathaways, Poppy era com quem Catherine sempre sentira -se mais à vontade. Era uma jovem afetuosa e falante que adorava ordem e rotina. Sua natureza era basicamente alegre e tolerante, fornecendo um equilíbrio necessário à intensidade compulsiva de Harry.

– Catherine! – exclamou ela, abraçando-a e depois se afastando para olhá-la com preocupação. – Por que está aqui? Aconteceu alguma coisa? Todos estão bem?

– Sua família está bem – adiantou-se Catherine. – Mas houve... um problema. Tive de ir embora. – Ela ficou com um aperto no peito.

Poppy olhou com cara feia para Leo.

– Você fez alguma coisa?

– Por que está perguntando isso?

– Porque quando acontece algum problema, geralmente você está envolvido.

– É verdade. Mas dessa vez não sou o problema, sou a solução.

Harry se aproximou deles, os olhos verdes semicerrados.

– Se você é a solução, Ramsay, tenho medo de conhecer o problema. – Harry lançou um olhar alerta para Cat, e a surpreendeu ao puxá-la num abraço protetor. – O que foi, Cat? – perguntou ao ouvido dela. – O que aconteceu?

– Ah, Harry – gaguejou Catherine –, lorde Latimer foi ao baile na Ramsay House.

Aquela única frase foi o suficiente para fazê-lo compreender tudo.

– Vou cuidar disso – disse sem hesitação. – Vou cuidar de você. Catherine fechou os olhos e deu um longo suspiro.

– Harry, não sei o que fazer.

– Você fez bem em me procurar. Enfrentaremos isso juntos. – Harry olhou para Leo de relance. – Presumo que Cat tenha lhe contado sobre Latimer.

Leo pareceu pesaroso.

– Acredite, se eu soubesse da situação antes, ele não teria chegado nem perto dela.

Harry manteve Catherine na dobra de seu braço quando se virou de frente para Leo.

– Para início de conversa, por que o canalha foi convidado para a festa na Ramsay House?

– A família de Latimer foi convidada como uma cortesia condizente com sua posição social em Hampshire. Ele foi no lugar dos pais. Depois de tentar se impor à Srta. Marks, eu o expulsei de lá. Ele não voltará.

Os olhos de Harry brilharam perigosamente.

– Vou falar com a pessoa certa. Amanhã à noite ele desejará estar morto.

Catherine sentiu uma pontada no estômago. Harry era um homem de muita influência. Além de seus relacionamentos no hotel, tinha acesso a uma grande quantidade de informações altamente valiosas e confidenciais. O acervo mental de Harry talvez pudesse ser usado até para estourar guerras, derrubar reinos e desmantelar o sistema financeiro britânico.

– Não, Harry – disse Poppy. – Se está planejando fazer com que lord Latimer seja morto ou mutilado, terá de pensar em outra coisa.

– Eu gosto do plano de Harry – disse Leo.

– Isso está fora de questão – informou-lhe Poppy. – Venham, vamos discutir alternativas razoáveis. – Ela olhou para Catherine. – Você deve estar faminta depois de viajar tanto. Vou pedir para trazerem chá e sanduíches.

– Para mim não, obrigada – disse Catherine. – Não estou...

– Sim, ela quer sanduíches – interrompeu Leo. – Só comeu pão com chá no café da manhã.

– Não estou com fome – protestou Catherine. – Ele reagiu ao olhar irritado dela com um olhar implacável.

Era uma experiência nova ter alguém preocupado com os detalhes triviais de seu bem-estar, como perceber o que você comeu no jejum. Catherine avaliou e analisou a sensação, e a achou estranhamente agradável, embora fosse resistente à ideia de receber ordens. Aquela pequena interação era semelhante às mil situações que vira entre Cam e Amelia, ou Merripen e Win, e ao modo como todos na casa às vezes se preocupavam uns com os outros. Ao modo como se preocupavam com o bem-estar de todos.

Depois que o chá foi pedido, Poppy voltou para a sala particular. Sentada ao lado de Catherine no sofá forrado de veludo, disse:

– Conte-nos o que aconteceu, querida. Lorde Latimer a abordou no início da noite?

– Não, o baile já havia começado há algum tempo...

Catherine relatou os acontecimentos de um modo prosaico, as mãos fechadas no colo.

– O problema é que não importa quanto tentemos manter lorde Latimer calado sobre o passado, ele tornará isso público – disse ela.

– O escândalo é iminente e nada irá impedi-lo. O melhor jeito de apagar as chamas é se eu desaparecer de novo.

– Um novo nome, uma nova identidade? – perguntou Harry, balançando a cabeça. – Você não pode fugir para sempre, Cat. Dessa vez vamos enfrentar isso juntos, como já devíamos ter feito anos atrás. – Ele apertou a ponte do nariz, pensando em várias opções. – Começarei reconhecendo-a publicamente como minha irmã.

Catherine sentiu-se empalidecer. As pessoas iam ficar muito curiosas quando soubessem que o misterioso Harry Rutledge tinha uma irmã há muito perdida. Estava bem certa de que não conseguiria suportar o escrutínio e as perguntas.

– As pessoas me reconheceriam como a governanta dos Hathaways – disse ela numa voz sufocada. – Questionariam por que a irmã de um hoteleiro rico teria aceitado tal cargo.

– Elas que pensem o que quiserem – disse Harry.

– Isso não refletirá bem em você.

Leo falou secamente:

– Considerando as relações que seu irmão já possui, Cat, ele por certo já está acostumado com boatos nada lisonjeiros.

O modo impessoal como Leo se dirigiu a ela fez Harry semicerrar os olhos.

– Acho interessante você ter vindo a Londres tendo Ramsay como companheiro de viagem – disse ele a Catherine. – Quando resolveram viajar juntos? E a que horas vocês partiram na noite passada, para chegar a Londres ao meio-dia?

Toda a cor que antes havia abandonado o rosto de Catherine agora retornava em excesso.

– Eu... ele... – Ela olhou de relance para Leo, que adotara uma expressão de interesse inocente, como se ele também quisesse ouvir a explicação dela. – Eu parti sozinha ontem de manhã – conseguiu dizer, olhando novamente para Harry.

Harry se inclinou para a frente, o rosto carrancudo.

– *Ontem* de manhã? Onde você passou a noite? Ela ergueu o queixo e tentou parecer casual.

– Em uma estalagem.

– Você tem ideia de como esses lugares são perigosos para uma mulher sozinha? Perdeu o juízo? Quando penso no que poderia ter lhe acontecido...

– Ela não estava sozinha – disse Leo.

Harry o encarou com incredulidade.

Foi um daqueles silêncios que falam muito mais do que as palavras. Era quase possível ver o cérebro de Harry trabalhando como os mecanismos elaborados que ele gostava de construir nas

horas vagas. Quase possível ver o momento em que ele chegara a uma conclusão certa e extremamente indesejável.

Harry falou com Leo num tom que fez Catherine gelar até os ossos:

– Nem mesmo você se aproveitaria de uma mulher assustada e vulnerável que tinha acabado de passar por maus momentos.

– Você nunca se importou nem um pouco com ela – respondeu Leo. – Por que deveria começar agora?

Harry ficou de pé, os punhos cerrados.

– Ai, céus – murmurou Poppy. – Harry...

– Você dividiu um quarto com ela? – quis saber Harry. – Uma cama?

– Isso não é da sua maldita conta, é?

– Sim, é da minha conta quando se trata de minha irmã, e ela deveria estar sendo protegida por você, não molestada!

– Harry – interrompeu Catherine. – Ele não...

– Raramente ico disposto a ouvir lições de moral – disse Leo a Harry – quando são feitas por alguém que entende disso ainda menos do que eu.

– Poppy – disse Harry, o olhar ixo em Leo como se estivesse pensando em matá-lo –, saia da sala, Catherine também.

– Por que devo sair quando sou o tema da discussão? – perguntou Catherine. – Não sou mais uma criança.

– Venha, Catherine – disse Poppy em voz baixa, dirigindo-se à porta. – Deixe que se vangloriem e briguem de seu modo masculino. Iremos para algum lugar onde possamos discutir seu futuro de maneira sensata.

Catherine achou uma ótima ideia. Então seguiu Poppy enquanto Harry e Leo continuavam a se encarar furiosamente.

– Vou me casar com ela – disse Leo. O rosto de Harry ficou pálido.

– Vocês se desprezam.

– Nós chegamos a um acordo.
– Ela o aceitou?
– Ainda não. Quer discutir isso com você primeiro.
– Graças a Deus. Porque vou lhe dizer que essa é a pior ideia que já ouvi.

Leo arqueou uma sobrancelha.

– Você duvida que eu seja capaz de protegê-la?
– Duvido que vocês sejam capazes de evitar matar um ao outro! Duvido que algum dia ela seja feliz em circunstâncias tão incertas. Duvido... não, não vou me dar ao trabalho de externar todas as minhas preocupações, isso levaria tempo demais. – O olhar de Harry estava frio como gelo. – A resposta é não, Ramsay. Farei o que for preciso para cuidar de Cat. Você pode voltar para Hampshire.

– Temo que não seja fácil se livrar de mim – respondeu Leo. – Talvez não tenha notado que não pedi sua permissão. Não há escolha. E já aconteceram certas coisas que não podem ser desfeitas. Entende o que quero dizer?

Pela expressão de Harry, as barreiras entre Leo e a morte certa estavam bem frágeis.

– Você a seduziu deliberadamente – Harry conseguiu dizer.
– Ficaria mais feliz se eu dissesse que foi uma casualidade?
– A única coisa que me faria feliz seria amarrar pedras em você e atirá-lo no Tâmis.

– Compreendo. E até mesmo concordo. Não consigo imaginar como seria encarar um homem que tivesse desonrado uma de minhas irmãs; seria difícil evitar matá-lo na mesma hora. Ah, mas espere... – Leo tamborilou um dedo no queixo, pensativamente. – Eu *consigo*, sim. Porque passei por isso *dois meses atrás*.

Harry semicerrou os olhos.

– Não foi a mesma coisa. Sua irmã ainda era virgem quando me casei com ela.

Leo lançou um olhar desprovido de arrependimentos.

- Quando desonro uma mulher, faço isso direito.
- Chega – resmungou Harry, pulando na garganta de Leo.

Eles caíram no chão, rolando e lutando. Embora Harry tenha conseguido bater a cabeça de Leo no chão, o tapete grosso absorveu a maior parte do impacto. Harry tentou lhe dar uma gravata, mas Leo abaixou o queixo e se libertou. Eles rolaram duas vezes, trocando socos, mirando garganta, rins e plexo solar, num tipo de luta que geralmente acontecia nos becos pobres de East End.

– Você não vai vencer esta, Rutledge – disse Leo, ofegante, quando eles se separaram e levantaram, cambaleantes. – Não sou um de seus parceiros de esgrima afetados e idiotas. – Ele acertou um soco e recebeu um de volta.

– Eu me saí bem em brigas em todas as casas de jogos e tavernas de Londres... – Leo ingiu que ia dar um soco com a mão esquerda e desferiu um golpe breve com a direita, causando um impacto certo no queixo de Harry. – E, além disso tudo, moro com Merripen, que sabe dar um golpe direto no queixo com o mesmo impacto do coice de uma mula...

– Você *nunca* para de falar? – Harry retribuiu o soco e recuou antes de Leo poder revidar.

– Isso se chama comunicação. Você devia experimentar de vez em quando. – Exasperado, Leo baixou a guarda e ficou ali, indefeso. – Principalmente com sua irmã. Já se deu ao trabalho de ouvi-la? Droga, homem, ela veio para Londres esperando algum tipo de conselho ou consolo fraterno, e a primeira coisa que você fez foi mandá-la sair da sala.

Harry baixou os punhos. Olhou para Leo de maneira acusadora, mas quando falou a voz estava repleta de autocondenação:

– Falhei em relação a ela durante anos. Acha que não sei de tudo que poderia ter feito e não iz? Mas farei o possível para reparar isso. Que droga, Ramsay... a última coisa de que ela precisava nessa situação era que sua inocência lhe fosse tirada quando não podia se defender.

– É exatamente disso que ela precisava.

Harry balançou a cabeça em descrença.

– Dane-se. – Ele passou a mão nos cabelos pretos e deu uma risada sufocada um tanto peculiar. – Eu *odeio* discutir com um Hathaway. Todos vocês dizem coisas malucas como se fossem perfeitamente lógicas. Será que está cedo demais para um conhaque?

– De modo algum. Estou me sentindo sóbrio demais para esta conversa.

Harry se dirigiu a um aparador e pegou duas taças.

– Enquanto sirvo – disse –, explique-me por que ser de lorada por você foi tão benéfico para minha irmã.

Leo tirou o casaco, o pendurou nas costas da cadeira e sentou-se.

– Catherine ficou isolada e sozinha durante tempo demais...

– Ela não estava sozinha, estava morando com os Hathaways.

– Mesmo assim, icava à margem da família, com o nariz encostado na janela, como uma órfã de um conto de Dickens. Um nome falso, roupas sem graça, cabelos tingidos... ela escondeu sua identidade por tanto tempo que mal sabe quem é. Mas a verdadeira Catherine surge quando está comigo. Nós baixamos a guarda. Falamos a mesma língua, se é que me entende. – Leo fez uma pausa, olhando para o brilho do conhaque rodopiando na taça.

– Catherine é uma mulher contraditória e, ainda assim, quanto mais a conheço, mais as contradições fazem sentido. Ela passou tempo demais nas sombras. Não importa quanto tente se convencer do contrário, ela deseja pertencer a algum lugar, a alguém. E, sim, ela quer um homem em sua cama. Eu, em particular. – Leo pegou o conhaque que Harry lhe entregou e sorveu um gole. – Ela lorescerá comigo. Não porque sou um grande exemplo de homem virtuoso, e também nunca a irmei ser. Mas sou o sujeito certo para ela. Não me intimido com sua língua ferina e ela não consegue me passar a perna. E Catherine sabe disso.

Harry sentou-se ao lado de Leo, bebendo conhaque também. Observou Leo pensativamente, por um lado tentando avaliar sua sinceridade e por outro julgando a veracidade de suas palavras.

– O que você ganharia com esse arranjo? – perguntou em voz baixa. – Pelo que sei, precisa se casar e procriar em breve. Se Cat não conseguir lhe dar um filho, os Hathaways perderão a Ramsay House.

– Nós sobrevivemos a coisas muito piores do que perder uma maldita casa. Eu me casarei com Catherine e correrei o risco.

– Talvez você a estivesse testando – disse Harry, o rosto inexpressivo. – Tentando determinar se Catherine é fértil antes de se casar com ela.

Instantaneamente ofendido, Leo se obrigou a lembrar que estava lidando com a preocupação legítima de um irmão com uma irmã.

– Não dou a mínima se ela é fértil ou não – disse calmamente. – Se isso servir para atenuar suas preocupações, esperaremos o tempo que for preciso para tornar a cláusula de eniteuse irrelevante. Eu a quero, independentemente de qualquer coisa.

– E o que Cat quer?

– Cabe a ela dizer isso. Quanto a lidar com Latimer... já o deixei ciente de que tenho poder sobre ele. E que farei uso desse poder caso ele comece a criar problemas. Mas a melhor proteção que posso oferecer a Catherine é meu nome. – Terminando seu conhaque, Leo pôs a taça vazia de lado. – O que você sabe sobre a avó e a tia dela?

– A velha encarquilhada morreu muito tempo atrás. A tia, Althea Hutchins, administra o lugar agora. Mandeí meu assistente Valentine avaliar a situação e ele voltou um tanto nauseado. Aparentemente, numa tentativa de renovar o negócio, a Srta. Hutchins o transformou num bordel de sadismo, onde há todo tipo de depravação. As mulheres que têm a infelicidade de trabalhar lá em geral estão gastas demais para serem empregadas em outros bordéis. – Harry terminou seu conhaque. – Parece que a tia está doente,

provavelmente em consequência de alguma doença venérea não tratada.

Leo o encarou com cautela.

– Você contou para Catherine?

– Não, ela nunca perguntou. E não creio que queira saber.

– Ela tem medo – disse Leo em voz baixa.

– Do quê?

– Do que quase se tornou. Das coisas que Althea lhe disse.

– Como o quê?

Leo balançou a cabeça.

– Ela fez uma con idência. – Leo sorriu discretamente à óbvia irritação de Harry. – Você a conhece há anos, Rutledge... sobre o que, em nome de Deus, vocês conversavam quando estavam juntos? Impostos? O tempo? – Ele se levantou e pegou seu casaco. – Se me der licença, vou providenciar um quarto.

Harry franziu a testa.

– Aqui?

– Sim, onde mais?

– E quanto à casa que vocês geralmente alugam?

– Está fechada para o verão. Mas mesmo se não estivesse, eu ainda icaria aqui. – Leo deu um leve sorriso. – Considere isso mais uma

oportunidade de experimentar a alegria da união familiar.

– A alegria era muito maior quando a família icava na maldita Hampshire – disse Harry quando Leo saiu do apartamento.

CAPÍTULO 22

–Harry estava certo sobre uma coisa – disse Poppy para Catherine enquanto elas caminhavam pelos jardins nos fundos do hotel.

Em contraste à preferência moderna pelo romantismo dos jardins desestruturados – com canteiros de lores que pareciam ter surgido espontaneamente e caminhos sinuosos –, os de Rutledge eram ordenados e magníficos. Cercas -vivas disciplinadas formavam muros que guiavam as pessoas através de um arranjo cuidadoso de fontes, estátuas, gramados e canteiros de flores elaborados.

– Está de initivamente na hora de ele apresentá-la às pessoas identi icando-a como sua irmã – continuou Poppy. – E de você ser conhecida por seu nome verdadeiro. A propósito, qual é?

– Catherine Wogens. Poppy pensou no assunto.

– Certamente só acho isso porque sempre a conheci como Srta. Marks...

mas acho que gosto mais de Marks.

– Eu também. Catherine Wogens era uma garota assustada em circunstâncias difíceis. Sou muito mais feliz como Catherine Marks.

– Mais feliz? – perguntou Poppy suavemente. – Ou apenas menos amedrontada?

Catherine sorriu.

– Nos últimos anos, aprendi muito sobre a felicidade. Encontrei paz na escola, embora fosse calada e reservada demais para fazer amizades lá. Somente quando fui trabalhar para os Hathaways é que vi as interações diárias de pessoas que se amam. E então, no último ano, inalmente tive momentos de alegria verdadeira. A sensação de que, pelo menos por ora, tudo era como devia ser, e então não houve mais nada que eu pudesse desejar.

Poppy lhe lançou um olhar sorridente.

– Momentos como...?

Elas entraram no jardim de rosas, abarrotado com uma profusão de botões, o ar carregado com o perfume estimulado pelo calor do sol.

– Noites na sala, quando a família estava reunida e Win fazia suas

leituras. Passeios com Beatrix. Ou aquele dia chuvoso em Hampshire, quando todos nós izemos um piquenique na varanda. Ou... – Ela calou-se, chocada ao perceber o que estivera prestes a dizer.

– Ou? – perguntou Poppy, parando para examinar e cheirar uma rosa grande e resplandecente. Seu olhar astuto se dirigiu rapidamente ao rosto de Catherine.

Era di ícil expressar seus pensamentos mais pessoais, mas Catherine se obrigou a admitir a verdade inconveniente:

– Depois que lorde Ramsay machucou o ombro nas ruínas da velha casa senhorial... no dia seguinte ele icou na cama com febre... e eu passei horas ao lado dele. Nós conversamos enquanto eu costurava, e também li Balzac para ele.

Poppy sorriu.

– Leo deve ter gostado muito disso. Ele adora literatura francesa.

– Ele me contou sobre o tempo que passou na França. Disse que os franceses têm um jeito maravilhoso de descomplicar as coisas.

– Sim, ele precisava muito disso. Quando foi para a França com Win, Leo era um homem arrasado. Você não o reconheceria. Não sabíamos por quem devíamos temer mais: por Win, com seus pulmões fracos, ou por Leo, que estava num processo de autodestruição.

– Mas eles voltaram bem – disse Catherine.

– Sim, ambos finalmente ficaram bem. Mas diferentes.

– Por causa da França?

– Sim, e também por causa das dificuldades que enfrentaram. Win me disse que ninguém se torna uma pessoa melhor só porque está no topo de uma montanha, mas sim durante a escalada para chegar lá.

Catherine sorriu ao pensar em Win, cujas coragem e paciência a fizeram suportar anos de doença.

– Isso é típico dela – disse. – Perceptivo. E forte.

– Leo também é assim – disse Poppy. – Só que ele é muito mais irreverente.

– E cínico – observou Catherine.

– Sim, cínico... mas também divertido. Talvez seja uma combinação estranha de características, mas esse é meu irmão.

O sorriso de Catherine se prolongou. Havia tantas imagens de Leo em sua mente... resgatando pacientemente um porco-espinho que tinha caído num buraco de cerca... trabalhando numa série de plantas para a nova

casa de arrendatário, o rosto sério e concentrado... deitado ferido na cama, os olhos vidrados de dor ao murmurar *Isso é demais para você*.

Não, respondera Catherine decididamente. *Não é*.

– Catherine – disse Poppy de maneira hesitante –, o fato de Leo ter vindo para Londres com você... eu me pergunto se... isto é, espero... há um noivado em vista?

– Ele me pediu em casamento – admitiu Catherine. – Mas eu...

– Pediu? – Poppy a surpreendeu com um abraço entusiasmado. – Ah, isso é bom demais para ser verdade! Por favor, me diga que aceitará.

– Temo que a situação não seja assim tão simples – disse Catherine tristemente, se afastando. – Há muito no que se pensar, Poppy.

A alegria de Poppy desapareceu rapidamente, uma ruga de preocupação surgindo entre as sobrancelhas.

– Você não o ama? Mas com o tempo amará, tenho certeza disso. Há tanta coisa nele que vale a pena...

– Isso não é uma questão de amor – disse Catherine fazendo uma careta.

– Casamento não é uma questão de amor?

– Não, é claro que é, mas estou querendo dizer que apenas amor não é capaz de me fazer superar determinadas dificuldades.

– Então você o ama? – perguntou Poppy esperançosamente.

Catherine ficou muito vermelha.

– Há muitas qualidades que aprecio em lorde Ramsay.

– E você disse que ele a faz feliz.

– Bem, tenho de admitir que naquele dia...

– Teve um momento de alegria verdadeira, como você o colocou.

– Meu Deus, Poppy, sinto-me como se estivesse sendo interrogada. Poppy sorriu.

– Desculpe-me, é só porque desejo muito esse casamento. Para o bem de Leo, o seu e o da família.

A voz seca de Harry surgiu de trás delas.

– Parece que estamos em desacordo, meu amor. – As mulheres se viraram quando ele se aproximou. Harry olhou afetuosamente para a esposa, no entanto havia um ar de preocupação nele. – O chá e os sanduíches estão esperando – disse. – E a briga terminou. Vamos voltar para nossos aposentos?

– Quem ganhou a briga? – perguntou Poppy, travessa.

Aquilo fez Harry dar um de seus raros sorrisos.

– Digamos que surgiu uma conversa no meio da briga. O que sem dúvida foi bom, porque revelou que nenhum de nós sabe lutar como um cavalheiro.

– Esgrima – apontou Poppy – oferece um jeito bem cavalheiresco de lutar.

– Esgrima não é uma luta de verdade. É mais como jogar xadrez correndo o risco de ser espetado.

– Bem, ico feliz por vocês não terem se machucado – disse Poppy alegremente –, já que há uma clara possibilidade de se tornarem cunhados.

– Nós já somos cunhados.

– Cunhados ao quadrado, então. – Poppy pôs o braço no de Harry, que olhou de relance para Catherine quando eles começaram a andar.

– Você ainda não decidiu, não é? Sobre se casar com Ramsay?

– Certamente não – disse ela em voz baixa, acompanhando-os.
– Minha cabeça está girando. Preciso de tempo para pensar.

– Harry – disse Poppy –, quando você fala que estamos em desacordo, espero que não queira dizer que é contra a ideia de Leo e Catherine se casarem.

– Por enquanto – disse ele, parecendo escolher cuidadosamente as palavras – acho que convém ter cautela.

– Mas você não quer que Catherine faça parte da minha família? – questionou Poppy, perplexa. – Ela teria a proteção dos Hathaways e icaria sob sua influência.

– Sim, eu gostaria muito. Só que isso exigiria que Cat se casasse com Ramsay, e não estou nem um pouco convencido de que seria o melhor para ela.

– Pensei que você gostasse de Leo – protestou Poppy.

– Eu gosto. Se existe um homem em Londres com mais charme ou inteligência, ainda não o conheci.

– Então por que faz objeções?

– Porque o passado dele não o recomenda como um marido con iável. Cat foi traída muitas vezes em sua vida. – O tom de Harry era sério e triste. Ele olhou para a irmã. – E eu sou uma das pessoas que falhou com você. Não quero que sofra assim de novo.

– Harry – disse Catherine seriamente –, você está sendo duro demais

consigo.

– Agora não é hora de enfeitar verdades desagradáveis – retrucou Harry. – Se eu pudesse mudar o passado, o faria sem hesitação. Mas neste momento só me resta tentar repará-lo e ser melhor no futuro. E eu diria o mesmo sobre Ramsay.

– Todos merecem uma segunda chance – disse Catherine.

– De acordo. E gostaria de acreditar que ele virou a página. Mas ainda não sei.

– Você tem medo de que ele tenha uma recaída – disse Catherine.

– Não seria o primeiro a recair. Porém, Ramsay está chegando à idade em que o caráter de um homem já se revela mais ou menos moldado. Se ele continuar a evitar suas práticas libertinas, acho que será um bom marido. Mas, até ele provar isso, não quero arriscar seu futuro como a esposa de um homem que pode se mostrar incapaz de honrar seus votos.

– Ele honraria seus votos – insistiu Poppy.

– Como sabe disso?

– Porque ele é um Hathaway.

Harry sorriu para ela.

– Ele tem sorte por ter você para defendê-lo, querida. – Harry olhou para o rosto preocupado de Catherine. – Estou errado por desconfiar que você tem as mesmas dúvidas, Cat?

– Acho difícil confiar em qualquer homem – admitiu ela.

Os três se calaram enquanto continuavam a passar por mais um caminho bem cuidado.

– Catherine – Poppy aventurou-se a dizer –, posso lhe perguntar algo extremamente pessoal?

Cat a olhou, demonstrando preocupação e divertimento ao mesmo tempo, então sorriu.

– Não consigo imaginar nada mais pessoal do que o que estamos discutindo. Sim, é claro.

– Meu irmão lhe disse que a ama?

Catherine hesitou por um longo momento.

– Não – respondeu, o olhar ixo no caminho à frente. – Na verdade, recentemente o ouvi dizer a Win que só se casaria com uma mulher se tivesse certeza de que *não* a amava. – Ela olhou de relance para Harry, que felizmente se absteve de comentários.

Poppy franziu a testa.

– Talvez não tenha sido intenção dele dizer isso. Leo costuma fazer piadas sobre coisas e dizer o oposto do que realmente sente. Com ele, nunca se sabe.

– É exatamente o que penso – disse Harry num tom neutro.

Após comer vários sanduíches com um ímpeto proveniente de um apetite nunca antes visto, Catherine foi para uma suíte particular que Harry havia providenciado para ela.

– Mais tarde, depois que você tiver descansado, enviarei uma camareira com algumas de minhas roupas – disse-lhe Poppy. – Ficarão um pouco largas em você, mas podem ser facilmente ajustadas.

– Ah, não há necessidade disso – protestou Catherine. – Mandarei buscar as coisas que deixei em Hampshire.

– Nesse meio-tempo você precisará de algo mais para vestir. E eu tenho um *monte* de vestidos que nunca usei. Harry é ridiculamente exagerado quando se trata de comprar coisas para mim. Além disso, você não precisa de seus vestidos conservadores de solteirona agora. Sempre desejei vê-la com cores bonitas... rosa ou verde-jade... – Ela sorriu ao ver a expressão de Catherine. – Você será como uma borboleta saindo do casulo.

Catherine tentou responder com humor, embora seus nervos estivessem à flor da pele de ansiedade:

– Eu me sentia bastante confortável como uma lagarta.

Poppy foi ao encontro de Harry em seu museu particular, aonde ele ia frequentemente para re ler sobre um problema ou trabalhar sob a certeza de que não seria interrompido. Somente Poppy tinha permissão para entrar e sair quando quisesse.

O cômodo era cheio de prateleiras com objetos exóticos e interessantes, presentes de hóspedes estrangeiros, relógios, estatuetas e coisas bizarras que Harry trouxera de suas viagens.

Ele estava sentado à escrivaninha, sem casaco, mexendo em

engrenagens, molas e pedaços de arame, do jeito que sempre fazia quando estava perdido em pensamentos. Poppy se aproximou, sentindo uma pontada de prazer ao observar os movimentos das mãos dele e se lembrar do modo como elas brincavam em seu corpo.

Harry ergueu a cabeça quando ela fechou a porta, os olhos atentos e pensativos. Ele largou os objetos metálicos. Ainda sentado na cadeira, puxou Poppy pela cintura, para o seu colo, posicionando-a entre suas coxas abertas.

Poppy acariciou os cabelos negros sedosos e brilhantes do marido, que se encaracolaram levemente entre seus dedos.

– Estou distraíndo-o? – perguntou, inclinando-se para beijá-lo.

– Sim – respondeu ele junto à boca de Poppy. – Não pare.

O riso de Poppy se dissolveu entre os lábios de ambos, como açúcar derretendo em chá quente. Erguendo a cabeça, ela tentou se lembrar do que tinha ido fazer ali.

– Humm, não – disse quando a boca de Harry se dirigiu ao seu pescoço.

– Não consigo pensar quando você faz isso. Queria lhe perguntar uma coisa...

– A resposta é sim.

Recuando, Poppy sorriu e olhou para Harry, seus braços ainda ao redor do pescoço dele.

– O que você realmente acha dessa situação com Catherine e Leo?

– Não sei ao certo. – Ele brincou com a frente do corpete de Poppy, correndo os dedos pela fileira de botões.

– Não puxe estes, Harry – avisou-lhe. – São decorativos.

– De que adianta botões que não servem para nada? – perguntou ele, parecendo confuso.

– É a moda.

– Como consigo tirar este vestido? – Intrigado, Harry começou a procurar colchetes ocultos.

Poppy encostou seu nariz no dele.

– Isso é um mistério – sussurrou. – Vou deixá-lo descobrir depois que você me disser o que pretende fazer a respeito de Catherine.

– O escândalo se dissipa mais rápido quando é ignorado. Qualquer tentativa de abrandá-lo só aumenta as chamadas. Vou apresentar Cat como minha irmã, explicar que foi estudar na Blue Maid's e que depois aceitou um emprego com os Hathaways como uma gentileza para você e sua irmã.

– E quanto a todas as perguntas constrangedoras? – perguntou Poppy. – Como devo responder?

– Como os políticos. Fazendo-se de desentendida e se esquivando.

Ela refletiu a respeito, os lábios cerrados.

– Acho que não temos escolha – disse. – Mas e quanto à proposta de Leo?

– Você acha que ela deveria aceitar?

Poppy assentiu decididamente.

– Não sei de que adianta esperar. Nunca se sabe que tipo de marido um homem se tornará, até você se casar com ele. E então acaba ficando tarde demais.

– Pobrezinha da minha esposa – murmurou Harry, dando um tapinha nas nádegas de Poppy por cima das camadas de saias. – Ficou tarde demais para você, não foi?

– Bem, sim, eu já me resignei a viver tendo de suportar seu jeito apaixonado de fazer amor e sua conversa espirituosa. – Ela deu um suspiro. – Digo a mim mesma que é melhor do que ser uma solteirona.

Harry se levantou e a puxou, beijando-a até ela icar zonha e com as bochechas rosadas.

– Harry – insistiu Poppy enquanto ele roçava o nariz atrás da sua orelha –, quando você dará sua bênção para a união entre Catherine e meu irmão?

– Quando ela disser que, não importa o que eu diga, se casará com ele mesmo assim. – Erguendo a cabeça, ele mirou profundamente nos olhos de Poppy. – Vamos para o apartamento tirar um cochilo.

– Não estou com sono – sussurrou ela. Harry sorriu.

– Eu também não. – Pegando-a pela mão, ele a conduziu para fora da sala. – Agora, quanto àqueles botões...

CAPÍTULO 23

No dia seguinte, Catherine foi acordada por uma criada que acendeu a lareira e levou o café da manhã. Uma das alegrias de icar no hotel de Rutledge era a comida deliciosa preparada pelo talentoso chef Broussard. Catherine suspirou de satisfação quando viu o que tinha sobre a bandeja: chá, ovos frescos levemente cozidos em nata acompanhados de *pistolettes* – pãezinhos recheados – e um prato de frutas vermelhas maduras.

– Havia um bilhete debaixo da porta, senhorita – disse a criada.
– Eu o coloquei ao lado da bandeja.

– Obrigada. – Pegando o pequeno envelope lacrado, Catherine sentiu uma pontada de prazer quando viu seu nome escrito no estilo inconfundível de Leo, a letra itálica semiarticulada perfeita de um arquiteto experiente.

– Quando acabar de comer, senhorita, toque a campainha que subirei para retirar os pratos. E se precisar de ajuda para se vestir ou pentear os cabelos, também tenho jeito para isso.

Catherine esperou a criada sair para abrir o envelope.

Passeio misterioso planejado para esta manhã. Esteja pronta às dez horas em ponto. Use sapatos de caminhada.

R

Um sorriso surgiu no rosto de Catherine.

– Passeio misterioso – disse ela vendo Dodger se erguer na cama, o pequeno focinho farejando apreciativamente ao detectar comida. – O que Leo pode estar planejando? Não, Dodger, nem pense em atrapalhar minha refeição. Terá de esperar até eu terminar. Eu me recuso a dividir comida com você.

Parecendo entender o tom severo dela, Dodger se espreguiçou e rolou lentamente, dando três voltas no colchão.

– E não pense que icará comigo para sempre – acrescentou Catherine, mexendo o açúcar em seu chá. – Só vou cuidar de você enquanto eu não conseguir devolvê-lo a Beatrix.

Ela estava com tanta fome que comeu praticamente tudo, exceto a pequena parte que reservara para o furão. Os ovos estavam ótimos, e as gemas amarelas, fumegantes e perfeitas para umedecer as crostas crocantes do *pistolette*. Quando terminou, usou uma colher para colocar um ovo e algumas frutas vermelhas num pires, e o pôs no chão para o bichinho. Dodger a circundou alegremente, parou para ser acariciado e foi devorar sua comida.

Catherine tinha acabado de lavar e escovar os cabelos quando ouviu uma batida à porta. Era Poppy, acompanhada da camareira que tinha trazido a comida. Poppy estava carregando pelo menos três vestidos, enquanto a criada segurava um cesto imenso cheio de peças femininas brancas, meias, luvas e outros acessórios.

– Bom dia – disse Poppy alegremente, entrando para estender os vestidos na cama. Olhando de relance para o furão que comia no canto, balançou a cabeça e sorriu.

– Olá, Dodger.

– Todas essas coisas são para mim? – perguntou Catherine. – Realmente não preciso de tanto...

– Faço questão – informou-lhe Poppy –, portanto não ouse me devolver nada. Incluí algumas roupas de baixo feitas pela costureira e um daqueles espartilhos dos “reformistas do vestuário”. Lembra-se de quando os vimos no estande feminino na Great Exhibition?

– É claro. – Catherine sorriu. – Impossível me esquecer de uma coleção de roupas íntimas femininas penduradas para todo mundo ver.

– Bem, houve um bom motivo para madame Caplin ter ganhado a medalha na exposição. Seus espartilhos são muito mais leves do que os comuns, não têm nem de longe aquela quantidade de barbatanas estreitas e pontudas, e a coisa toda se ajusta ao corpo em vez de moldá-lo de uma forma desconfortável. Harry disse à governanta do hotel, a Sra. Pennywhistle, que bancaria um para todas as criadas que quisessem.

Catherine ergueu as sobrancelhas.

– É mesmo?

– Sim, porque o espartilho dá muito mais liberdade de movimento. E permite respirar. – Poppy pegou um vestido verde-água na cama e o mostrou para ela. – Use este hoje. Estou certa de que servirá. Temos a mesma altura, só que você é mais magra e eu tenho de me apertar para caber nele.

– Você é muito generosa, Poppy.

– Bobagem, nós somos irmãs. – Ela deu um olhar afetuosamente para Catherine. – Independentemente de você se casar ou não com Leo, sempre seremos irmãs. Leo me falou sobre seu passeio às 10 horas. Ele lhe disse para onde vocês vão?

– Não, disse para você?

– Sim. – Poppy sorriu.

– Para onde?

– Vou deixá-lo fazer surpresa. Mas direi que o passeio tem minha total aprovação e de Harry.

Depois dos esforços combinados de Poppy e da criada, Catherine se viu no vestido verde-água, numa tonalidade perfeita que brincava entre o verde e o azul. O corpete era justo e confortável, elegantemente cortado e sem nenhuma costura na cintura, e as saias eram simples até os joelhos, a partir de onde se desdobravam em fileiras de babados. O casquinho combinando, justo até a cintura, era ornado com seda em tons de azul, verde e prateado. Um chapéu pequeno e gracioso foi posto em seus cabelos, que tinham sido presos num coque em cascata, com as pontas viradas para dentro e presas com grampos escondidos.

Para Catherine, que tinha passado tanto tempo sem usar nada bonito ou da moda, o efeito foi desconcertante. Ela viu uma mulher diferente no espelho, decididamente feminina e elegante.

– Ah, senhorita, está tão bonita quanto as garotas pintadas nas latas de doces – exclamou a criada.

– Ela tem razão, Catherine – disse Poppy, radiante. – Espere até meu irmão vê-la! Ele vai lamentar cada palavra horrível que já lhe disse.

– Eu já disse coisas horríveis para ele também – respondeu Catherine seriamente.

– Todos nós sabíamos que havia um motivo por trás da animosidade entre vocês – comentou Poppy. – Mas nunca conseguimos concordar sobre o que era. Beatrix tinha razão, é claro.

– Sobre o quê?

– Ela disse que você e Leo eram como um casal de furões, um pouco rudes e atrapalhados na corte.

Catherine sorriu timidamente.

– Beatrix é muito intuitiva.

Poppy olhou de soslaio para Dodger, que estava lambendo cuidadosamente o último resíduo de ovo no pires.

– Eu pensava que com o tempo Beatrix superaria sua obsessão por animais. Agora percebo que esse é o jeito de a mente dela funcionar. Ela não vê quase nenhuma diferença entre o mundo animal e o humano. Só espero que encontre um homem que aceite sua individualidade.

– Que jeito sutil de expor a situação – disse Catherine, rindo. – Você se refere a um homem que não reclame de encontrar coelhos em seus sapatos ou um lagarto em sua caixa de charutos?

– Exatamente.

– Ela encontrará – assegurou-lhe Catherine. – Beatrix é muito amorosa e muito digna de amor para ficar solteira.

– Assim como você – disse Poppy com sinceridade. Ela foi pegar o furão que tinha ido investigar o conteúdo do cesto. – Vou icar com Dodger hoje. Cuidarei da correspondência durante a manhã inteira e ele pode dormir em minha escrivaninha enquanto eu trabalho.

O furão icou pendurado na mão de Poppy, sorrindo para Catherine enquanto era levado embora.

Leo icara injuriado por ter de deixar Catherine sozinha na noite anterior. Sua vontade era permanecer ao lado dela, cuidar dela,

como um grifo guardando um tesouro exótico. Embora ele nunca tivesse apresentado uma natureza ciumenta, agora parecia estar recuperando bem rápido o tempo perdido. Era particularmente irritante Catherine depender tanto de Harry. Mas também era natural ela querer depender do irmão, especialmente porque ele a resgatara de uma situação terrível e fora a única pessoa com quem ela pôde contar nos anos subsequentes. Embora Harry tivesse mostrado pouco amor ou interesse por Catherine até pouco tempo atrás, ele era tudo que ela já tivera.

O problema era que Leo também tinha um desejo ardente de ser *tudo* para Catherine. Queria ser seu único conidente, amante e amigo mais íntimo, queria suprir as necessidades mais profundas dela. Aquecê-la com seu corpo quando ela sentisse frio, dar -lhe de beber quando sentisse sede e lhe massagear os pés quando estivesse cansada. Unir sua vida à dela de todos os modos fundamentais e rotineiros.

Porém, Leo não a venceria com um gesto, uma conversa ou uma noite inteira fazendo amor. Teria de vencer seus argumentos aos poucos, removendo partes estratégicas aqui e ali até que suas objeções inalmente desmoronassem. Isso exigiria paciência, atenção e tempo. Tudo bem. Ela valia tudo isso e mais.

Chegando à porta da suíte de Catherine, Leo bateu discretamente e aguardou. Ela apareceu de imediato, abrindo a porta e sorrindo para ele.

– Bom dia – disse ela com um olhar ansioso.

Quaisquer palavras de cumprimento que Leo pretendia dizer foram esquecidas naquele instante. Seu olhar a percorreu lentamente. Ela estava como uma daquelas mulheres maravilhosas pintadas em caixas de chapéus ou exibidas em gráficas. E aquela perfeição imaculada o fez desejar desembrulhá-la, como se ela fosse um bombom envolto em papel de seda.

O silêncio de Leo durou tanto que Catherine foi forçada a falar de novo:

– Estou pronta para o passeio. Para onde vamos?

– Não consigo lembrar – disse Leo, ainda a encarando. Ele tomou impulso para a frente, como se para empurrá-la de volta ao quarto.

Mantendo-se firme, Catherine pôs uma das mãos enluvadas no peito dele.

– Temo que não possa entrar, milorde. Não seria apropriado. E espero que tenha contratado uma carruagem aberta em vez de uma fechada para este passeio.

– Podemos ir de carruagem se você preferir. Mas nosso destino é a uma distância curta e a caminhada é agradável, passaremos pelo parque St. James. Gostaria de ir a pé?

Catherine assentiu imediatamente.

Quando eles saíram do hotel, Leo ficou do lado do meio-fio, reservando o canto da calçada a Catherine. Ela apoiou a mão na dobra do braço dele, e enquanto caminhavam contou que ela e Beatrix já tinham lido sobre o parque, que o rei James mantivera uma porção de animais lá, inclusive camelos, crocodilos e um elefante, bem como uma ileira de aviários ao longo do que depois veio se tornar a rua Birdcage. O assunto levou Leo a

falar sobre o arquiteto John Nash, responsável pelo projeto da alameda central do parque. A alameda se tornara a rota cerimonial real do palácio de Buckingham.

– Nash, como diziam naquele tempo, cantava de galo – disse Leo. – Era arrogante e presunçoso, requisitos básicos para um arquiteto desse calibre.

– Mesmo? – Catherine pareceu se divertir. – Por que, milorde?

– Por causa da quantidade descomunal de dinheiro gasta em uma obra importante, e a natureza pública dela... realmente é muita presunção acreditar que o design que se tem na cabeça é digno de ser construído em grande escala. Uma pintura, por exemplo, é pendurada em um museu onde as pessoas têm de procurá-la ou, se preferirem, evitá-la. Mas não há muito a se fazer para evitar um prédio, e Deus nos livre se for um prédio feio.

Catherine olhou para ele com astúcia, prestando muita atenção.

– Já sonhou em projetar um grande palácio público ou monumento, como o Sr. Nash fez?

– Não, não tenho nenhuma ambição de ser um grande arquiteto. Apenas um arquiteto útil. Gosto de desenhar projetos menores, como as casas dos arrendatários na propriedade. Na minha opinião, não são menos importantes do que um palácio. – Ele encurtou o passo para acompanhar Catherine, e a conduziu cuidadosamente por um trecho acidentado do calçamento. – Quando fui para a França pela segunda vez, enquanto dava um passeio pela Provence, encontrei por acaso um dos professores da Académie des Beaux-Arts. Um senhor fascinante.

– Que feliz coincidência.

– Destino.

– Você acredita em destino?

Leo lhe deu um sorriso torto.

– Impossível não acreditar, morando com Rohan e Merripen, não acha? Catherine lhe sorriu de volta e balançou a cabeça.

– Sou uma pessoa cética. Acredito que o destino é quem somos e o que fazemos de nossas oportunidades. Continue... fale-me sobre o professor.

– Eu visitei o professor Joseph várias vezes depois do encontro fortuito, e fiz esboços, desenhei e estudei em seu *atelier*. – Ele pronunciou a última palavra bem ao modo francês, com ênfase na segunda sílaba. Fazendo uma pausa, sorriu melancólico. – Frequentemente nossa conversa era regada a *chartreuse*. Eu não enjoava daquilo.

– Sobre o que conversavam? – perguntou Catherine de maneira afável.

– Geralmente arquitetura. O professor Joseph tinha uma visão purista...

para ele, uma casa pequena com um design perfeito tinha tanto valor quanto um grande prédio público. E ele falava sobre coisas que nunca havia mencionado na *Académie*: sua percepção das conexões entre o físico e o espiritual... sobre a capacidade de uma

obra perfeita do homem, como uma pintura, escultura ou um prédio, proporcionar um momento de transcendência. De clareza. Uma chave para vislumbrar o paraíso.

Leo parou ao notar a expressão confusa dela.

– Eu a entediei. Perdoe-me.

– Não, não é nada disso. – Eles caminharam em silêncio por quase meio minuto antes de Catherine falar: – Eu nunca conheci você de verdade. Está pondo por terra grande parte de minhas suposições a seu respeito. Isso é muito desconcertante.

– Significa que está começando a aceitar a ideia de se casar comigo?

– De modo algum – disse ela, e Leo sorriu.

– Você aceitará – disse ele. – Não pode resistir para sempre aos meus encantos. – Leo a guiou para fora do parque, por uma rua repleta de lojas e estabelecimentos comerciais.

– Está me levando a um armazinho? – perguntou Catherine, vendo as vitrines e os letreiros. – Uma loja de flores? Uma livraria?

– Aqui – disse Leo, parando diante de uma vitrine. – O que acha deste lugar?

Ela semicerrou os olhos para ler o letreiro pendurado do lado de dentro.

– Telescópios? – perguntou, perplexa. – Quer que eu comece a aprender astronomia?

Leo a virou de novo para a vitrine.

– Continue a ler.

– “Fornecedor de telescópios e binóculos para acampamentos, hipódromos e óperas com cartas-patente de Sua Majestade. Exames oftalmológicos com iluminação realizados pelo Dr. Henry Schaeffer com equipamentos modernos para a correção científica da acuidade visual” – leu ela em voz alta.

– O Dr. Schaeffer é o melhor oftalmologista de Londres – observou Leo.

– Alguns dizem que é o melhor do mundo. Ele foi professor de astronomia em Trinity, onde seu trabalho com lentes o levou a um interesse pelo olho

humano. Ele recebeu o certificado de oftalmologista e fez avanços notáveis em sua área. Marquei uma consulta para você com ele.

– Mas não preciso do melhor oftalmologista de Londres – protestou Catherine, pasma por Leo ter se dado a todo esse trabalho.

– Venha, Cat – disse ele, puxando-a para a porta. – Está na hora de você ter óculos adequados.

O interior da loja era fascinante, repleto de prateleiras com telescópios, lupas, binóculos, instrumentos estereoscópios e todos os tipos de óculos. Uma secretária jovem e simpática os cumprimentou e foi chamar o Dr. Schaeffer. O médico veio logo, revelando um temperamento expansivo e jovial. Suas bochechas rosadas eram emolduradas por belas barbas brancas, e um bigode grosso alvo como neve se curvava para cima quando ele sorria.

Schaeffer os conduziu por sua loja, parando para lhes mostrar um estereoscópio e explicando como a ilusão de profundidade era criada.

– Este instrumento serve para dois objetivos – disse o oftalmologista, piscando por trás dos próprios óculos. – Em primeiro lugar, os cartões do estereograma podem ajudar a tratar problemas de focalização em determinados pacientes. Em segundo, ajudam a entreter crianças agitadas.

Catherine estava cautelosa, porém receptiva, quando ela e Leo seguiram o Dr. Schaeffer para as salas nos fundos. Antes, sempre que Catherine ia comprar seus óculos, o oculista simplesmente lhe trazia uma bandeja cheia de lentes, lhe entregava várias para segurar diante dos olhos e, quando Catherine pensava estar enxergando suficientemente bem, fabricava os óculos sob medida.

O Dr. Schaeffer, no entanto, insistiu em examinar os olhos de Catherine usando um instrumento que chamou de “lupa para córnea”, isso após pingar gotas midriáticas nos olhos dela para

dilatar as pupilas. Depois de a irmar que não havia nenhum sinal de doença ou degeneração, pediu a Catherine que lesse letras e números de uma série de três cartazes na parede. Ela foi obrigada a relê-los com várias lentes, até eles inalmente chegarem a uma nitidez quase milagrosa.

Quando chegou a hora de escolher a armação, Leo surpreendeu Catherine e o Dr. Schaeffer assumindo um papel ativo.

– Os óculos que a Srta. Marks usa atualmente deixam marcas na ponte do nariz.

– O contorno do arco de apoio deve ser ajustado – disse o oftalmologista.

– Sem dúvida. – Leo tirou um papel do bolso do casaco e o colocou sobre a mesa. – Mas tenho mais algumas ideias. E se a ponte fosse erguida para afastar um pouco as lentes do rosto?

– Está pensando num design parecido com o de um pincenê? – perguntou Schaeffer pensativamente.

– Sim, os óculos se ajustariam mais confortavelmente e, além disso, se manteriam no lugar.

Schaeffer olhou atentamente para o desenho que Leo lhe entregara.

– Vejo que desenhou hastes curvas nas orelhas. Um detalhe incomum.

– A intenção é prender os óculos mais firmemente no rosto.

– Esse é o problema, mantê-los no lugar?

– Sem dúvida – respondeu. – Essa mulher é muito ativa. Um dia caçando animais, caindo de telhados e carregando pedras é rotineiro para ela.

– Milorde – disse Catherine em reprovação.

Schaeffer sorriu ao examinar as formas tortas da armação dela.

– Pelas condições desta armação, Srta. Marks, quase daria para acreditar no que lorde Ramsay diz. – O bigode dele se curvou para cima. – Com sua permissão, direi ao joalheiro com quem trabalho para fazer a armação que desenhou.

– Faça-a em prata – disse Leo. E parou, olhando para Catherine com um sorrisinho. – E diga-lhe para pôr um toque de iligrana nas hastes junto às orelhas. Nada vulgar... mantenha delicado.

Catherine balançou a cabeça imediatamente.

– Esse adorno é caro e desnecessário.

– Faça-o assim mesmo – disse Leo para o oftalmologista, ainda olhando para Catherine. – Seu rosto merece adornos. E eu dificilmente poria uma moldura comum numa obra-prima, não é?

Ela lançou-lhe um olhar de reprovação. Não gostava de bajulações, não acreditava nelas e tampouco pretendia se derreter com o charme dele. Mas Leo lhe ofereceu um sorriso desprovido de qualquer arrependimento. E enquanto ele estava sentado lá, examinando-a com olhos azuis maliciosos, ela sentia uma contração perturbadoramente agradável no coração, seguida por uma sensação de desequilíbrio. O tombo seria tão grande, tão grande... e ainda assim ela parecia impotente para afastar o perigo.

Só conseguia ficar lá com seu equilíbrio precário, suspensa pelo desejo e pelo perigo... incapaz de se salvar.

CAPÍTULO 24

Foi con irmado pelo Sr. Harry Rutledge, famoso hoteleiro de Londres, que uma mulher identi icada como Srta. Catherine Marks é de fato sua meia-irmã. Catherine trabalhava em relativa obscuridade como dama de companhia para a família do visconde Ramsay de Hampshire. Quando lhe foi questionado por que a jovem não fora apresentada antes à sociedade, o Sr. Rutledge explicou que a discrição era apropriada às circunstâncias do nascimento da jovem, ilha de Nicolette Wogens, mãe do Sr. Rutledge, e de um cavalheiro anônimo. O Sr. Rutledge enfatizou a natureza decorosa e re inada da irmã, e seu próprio orgulho em reconhecer o parentesco com uma mulher que descreve como “estimável em todos os aspectos”.

– Muito lisonjeiro – disse Catherine em voz baixa, pousando o exemplar do *Times*. Ela olhou com pesar para Harry, que estava no lado oposto da mesa do café da manhã. – Agora é que as perguntas vão começar.

– Eu lidarei com elas – disse Harry. – Tudo que você tem de fazer é se comportar do modo decoroso e re inado descrito quando Poppy e eu a levamos ao teatro.

– Quando iremos ao teatro? – perguntou Poppy, pondo na boca o último pedaço de bolo mergulhado em mel.

– Amanhã à noite, se vocês quiserem.

Catherine assentiu, tentando não parecer perturbada com a perspectiva. As pessoas iriam encará-la e cochichar. Parte dela estremecia com a ideia de ser exibida. Por outro lado, estariam indo a uma peça, o que significava que a atenção do público estaria concentrada principalmente no palco.

– Devo convidar Leo? – quis saber Poppy. Ela e Harry olharam para Catherine.

Ela deu de ombros, como se não izesse diferença, embora descon iasse de que aquilo não tivesse enganado ninguém.

– Você teria alguma objeção? – perguntou-lhe Harry.

– Não, é claro que não. Ele é irmão de Poppy e meu ex-patrão.

– E possivelmente seu noivo – murmurou Harry.

Catherine olhou brevemente para ele.

– Eu ainda não aceitei a proposta.

– Mas está pensando nela... não é?

O coração de Catherine acelerou um pouco.

– Não tenho certeza.

– Cat, não quero atormentá-la com isso, mas quanto tempo você pretende esperar para dar uma resposta a Ramsay?

– Não muito. – Cat franziu as sobrancelhas, olhando para seu chá. – Para ter alguma esperança de manter a Ramsay House, ele precisará se casar com alguém em breve.

Uma batida à porta anunciou a entrada do braço direito de Harry, Jake Valentine. Ele trazia uma pilha de relatórios diários do gerente do hotel, bem como um punhado de cartas. Uma delas era endereçada a Poppy, que a recebeu com um sorriso cordial.

– Obrigada, Sr. Valentine.

– Sra. Rutledge – disse ele, retribuindo o sorriso e fazendo uma reverência antes de sair. Catherine teve a impressão de senti-lo um pouco encantado com Poppy, e não podia culpá-lo por isso.

Poppy abriu o envelope e leu a carta, arqueando cada vez mais as sobrancelhas finas à medida que se aproximava do fim.

– Meu Deus, isso é estranho.

Harry e Catherine olharam de forma inquisidora.

– É de lady Fitzwalter, que conheci num evento de caridade. Nesta carta ela me pergunta muito diretamente se eu poderia convencer meu irmão a procurar a Srta. Darwin e a condessa Ramsay, que estão na cidade. E fornece o endereço da casa delas.

– Não é tão estranho – disse Catherine de maneira pragmática, embora a notícia tivesse lhe causado um pouco de ansiedade. – A inal de contas, uma dama em hipótese alguma deve procurar um homem, e certamente não é incomum recorrer a uma amizade mútua para promover o encontro.

– Sim, mas por que a Srta. Darwin quereria falar com Leo?

– Pode ser sobre a cláusula de eniteuse – disse Harry, parecendo interessado. – Talvez ela deseje fazer algum tipo de concessão.

– Tenho certeza de que ela pretende conceder *alguma coisa* a ele –

disse Catherine de mau humor. Não conseguiu evitar se lembrar da beleza da Srta. Darwin, com seus cabelos negros, e nem de como ela e Leo formavam um belo par enquanto valsavam. – Mas duvido que ela pretenda discutir questões legais. É algo mais pessoal, caso contrário deixaria os advogados tratarem do assunto.

– Cam e Merripen ficaram apavorados com a Srta. Darwin – disse Poppy a Harry, dando um sorriso. – Amelia me escreveu dizendo que o vestido de baile dela era enfeitado com penas de pavão, fato que Rom enxergou como um mau presságio.

– Em algumas seitas hindus – disse Harry – os gritos do pavão são associados à estação chuvosa e, portanto, à fertilidade.

– Perigo ou fertilidade? – perguntou Poppy secamente. – Bem, vai ser interessante descobrir o que a Srta. Darwin representará.

– Eu não quero ir – disse Leo imediatamente ao ser informado da necessidade de visitar a Srta. Darwin.

– Isso não importa, você não tem escolha – disse Poppy, pegando o casaco de Leo quando ele entrou no apartamento.

Ao ver Catherine sentada na sala com Dodger em seu colo, Leo foi até ela.

– Boa tarde – disse ele, pegando a mão de Catherine e lhe beijando as costas dos dedos. Ela arfou ao sentir os lábios dele, tão quentes contra sua pele.

– Posso? – perguntou Leo, olhando de relance para o lugar no sofá ao lado dela.

– Sim, é claro.

Depois que Poppy sentou-se em uma cadeira perto da lareira, ele se acomodou ao lado de Catherine.

Ela acariciava o pelo de Dodger repetidamente, no entanto ele não se mexia. Quando um furão dormia, ficava tão inerte e se revelava tão impossível de se acordar que dava para pensar que estava morto. Dava para pegá-lo, e até mesmo sacudi-lo, e ele continuaria dormindo tranquilamente.

Leo se aproximou para brincar com as patinhas do furão, erguendo-as

gentilmente e as deixando cair sobre o colo de Catherine. Ambos riram quando Dodger continuou inconsciente.

Catherine sentiu um cheiro incomum em Leo, cheiro de forragem, feno e um odor forte de animal. Ela fungou, curiosa.

– Você está com um cheirinho de... cavalo... Foi cavalgar esta manhã?

– É *eau de zoo* – brincou Leo, seus olhos brilhando. – Fui a uma reunião com o secretário da sociedade zoológica de Londres e demos uma volta pelo pavilhão mais próximo.

– Para quê? – perguntou Catherine.

– Um velho conhecido meu, com quem trabalhei como aprendiz para Rowland Temple, foi incumbido de desenhar uma jaula de gorilas no zoológico a pedido da rainha. Eles estão confinados em jaulas pequenas, o

que é uma grande crueldade. Quando meu amigo se queixou da insculdade de desenhar uma jaula de gorilas suficientemente grande, segura e que não custasse uma fortuna, sugeri que cavássemos um poço.

– Um poço? – repetiu Poppy. Leo sorriu.

– Os gorilas não atravessam águas profundas.

– Como ficou sabendo disso, milorde? – perguntou Catherine, divertida.

– Por meio de Beatrix?

– Naturalmente. – Ele pareceu contrito. – E agora, depois de minha sugestão, aparentemente fui escolhido como consultor.

– Se seus novos clientes reclamarem – disse Catherine –, pelo menos você não entenderá o que eles estão dizendo.

Leo conteve uma risada.

– Obviamente você não viu o que os gorilas atiram quando estão irritados. – Ele retorceu a boca. – Mesmo assim, preiro passar meu tempo com primatas a visitar a Srta. Darwin e a mãe dela.

A peça em cartaz naquela noite era bastante piegas, mas divertida. Ela versava sobre um belo camponês russo que estava se esforçando para estudar. No dia do casamento com seu verdadeiro amor, a pobre moça foi atacada pelo príncipe do domínio e, quando desfaleceu, foi fatalmente picada por uma serpente. Antes de morrer, a moça conseguiu chegar em

casa e contar ao noivo o que acontecera, e o belo camponês jurou se vingar do príncipe. Isso o levou a se fazer passar por outro nobre na corte real, onde conheceu uma mulher igualzinha à noiva. Descobriu-se que a mulher era gêmea idêntica da camponesa morta e, para complicar ainda mais, era apaixonada pelo filho honrado do príncipe vilão.

Então houve o intervalo.

Infelizmente, o prazer de Catherine e Poppy com a peça foi prejudicado pelos cochichos de Harry e Leo, que insistiram em salientar que, durante a agonia de sua morte, a mulher picada pela cobra estava apertando o lado errado do corpo. Além disso, uma pessoa moribunda por causa de envenenamento provavelmente não teria forças para perambular de um lado a outro do estado murmurando declarações de amor poéticas.

– Você não tem nenhum romantismo na alma – disse Poppy a Harry no intervalo.

– Por certo não tenho mesmo na alma – respondeu ele seriamente. – Mas tenho de sobra em outros locais.

Ela riu, erguendo a mão para alisar uma ruga imaginária na gravata impecavelmente branca do marido.

– Querido, pode por favor pedir a alguém que traga um pouco de champanhe para nosso camarote? Catherine e eu estamos com sede.

– Vou providenciar – disse Leo, levantando-se e abotoando seu paletó. – Preciso esticar as pernas depois de uma hora e meia nessa cadeira absurdamente pequena. – Ele olhou para Catherine. – Gostaria de dar uma volta?

Ela balançou a cabeça, sentindo-se muito mais segura no camarote do que andando no meio da multidão.

– Obrigada, mas estou bem aqui.

Quando Leo afastou as cortinas ao fundo do camarote, ficou evidente que os corredores estavam excessivamente cheios. Um cavalheiro e duas damas entraram e cumprimentaram os Rutledges cordialmente. Catherine ficou tensa quando Harry a apresentou para lorde e lady Despencer, e para a irmã dela, Sra. Lisle. Previu uma recepção fria, talvez um comentário desdenhoso, mas em vez disso eles foram educados e afáveis. Talvez, pensou Catherine com amargura, devesse parar de esperar o pior das pessoas.

Poppy perguntou a lady Despencer sobre um dos ilhos dela, que andara meio adoentado, e a mulher simplesmente listou todos as

medicações e precauções tomadas para seu restabelecimento. Mais um grupo de pessoas entrou no camarote, esperando a vez para falar com Harry, e Catherine se afastou para abrir espaço para elas. Ficou no fundo do camarote, ao lado das cortinas, esperando com paciência compulsória enquanto conversas luíam em torrentes no corredor e grandes ondas de barulho vinham da plateia abaixo. O clamor e o movimento incessantes a irritaram. O teatro estava abafado, o ar quente de corpos humanos se agrupando por toda parte. Catherine tinha esperanças de que o intervalo terminasse logo.

Em pé, com as mãos atrás das costas, Catherine sentiu a mão de alguém afastando cortinas e envolvendo sua cintura. Um corpo masculino se encostou nela. Um sorriso surgiu em seus lábios

enquanto Catherine se perguntava que tipo de brincadeira Leo estava fazendo.

Mas a voz que chegou aos seus ouvidos não era de Leo. Era a voz de seus pesadelos.

– Como você está bonita com suas penas distintas, minha pombinha.

CAPÍTULO 25

Catherine se retesou, sua mão em punho, mas não conseguiu soltar o braço que lorde Latimer segurava. Ele torceu retorceu o pulso enluvado, puxando-o alguns centímetros para cima, e continuou a falar baixinho.

Surpresa e paralisada, no início Catherine não conseguiu ouvir nada além dos próprios batimentos cardíacos violentos e acelerados. O tempo pareceu tremer, falhar e retornar de modo arrastado.

– Tantas perguntas a seu respeito... – dizia ele, a voz cheia de desdém. – Todos querem saber mais sobre a irmã misteriosa de Rutledge... ela é bonita ou feia? Distinta ou vulgar? Rica ou pobre? Talvez eu deva fornecer as respostas. “Ela é uma beleza”, direi a meus amigos curiosos. “Treinada por uma dona de bordel famosa. Ela é uma fraude. E, acima de tudo, é uma prostituta.”

Catherine ficou calada, respirando por narinas dilatadas. Não podia fazer um escândalo em sua primeira aparição pública como irmã de Harry. Qualquer conflito com lorde Latimer exporia a ligação deles e apressaria sua ruína social.

– Por que também não explica que é um devasso nojento que tentou violentar uma garota de 15 anos?

– Tsc, tsc... você já devia saber como as coisas são, Catherine. As pessoas nunca culpam um homem por suas paixões, não importa quão perversas sejam. Elas culpam a mulher por despertá-las. Você não irá longe, pedindo compaixão. As pessoas desprezam as mulheres vitimadas, especialmente as bonitas.

– Lorde Ramsay vai...

– Ramsay a usará e a descartará, que é o que ele faz com todas as mulheres. Certamente você não é tão presunçosa ou estúpida a ponto de achar que na sua vez será diferente.

– O que você quer? – perguntou Catherine entre os dentes.

– Quero aquilo pelo qual paguei tantos anos atrás – sussurrou ele. – E terei. Não há outro futuro para você, minha querida. Você

não foi feita para uma vida respeitável. Quando cair na boca do povo, nunca terá chance de ser recebida em lugar nenhum.

Os dedos que a prendiam se soltaram, e seu torturador desapareceu. Chocada, Catherine cambaleou até sua cadeira e sentou-se

pesadamente, tentando se recompor. Olhava direto para a frente, sem enxergar nada, cercada pelo clamor do teatro. Tentou examinar seu medo objetivamente, erguer uma barreira ao redor. Não era que de fato temesse Latimer. Ela tinha horror a ele, mas aquele homem certamente não representava o perigo de outrora. Agora ela tinha dinheiro suficiente para viver como quisesse. Tinha Harry, Poppy e os Hathaways.

Mas Latimer havia identificado suas preocupações legítimas com uma exatidão cruel. Era possível combater um homem, mas nunca um boato. Era possível mentir sobre o passado, mas a verdade sempre vinha à tona. Era possível prometer fidelidade e compromisso, mas tais promessas frequentemente eram quebradas.

Catherine sentiu-se dominada pela melancolia. Sentiu-se... maculada. Poppy sentou-se perto dela, sorrindo.

– Está quase na hora do segundo ato – disse. – Acha que o camponês vai conseguir se vingar do príncipe?

– Ah, sem dúvida – respondeu Catherine. Ela tentou parecer alegre, mas sua voz saiu forçada.

O sorriso de Poppy desapareceu, e ela olhou atentamente para Catherine.

– Está se sentindo bem, querida? Você está pálida. Aconteceu alguma coisa?

Antes de Catherine responder, Leo abriu caminho no camarote, acompanhado de um garçom trazendo uma bandeja de champanhe. Uma campainha baixa soou no fosso da orquestra, assinalando que o intervalo logo terminaria. Para o alívio de Catherine, os visitantes começaram a sair do camarote e a multidão se retirou do corredor.

– Aqui está – disse Leo, entregando o champanhe a Poppy e Catherine. – Talvez vocês precisem beber rápido.

– Por quê? – perguntou Catherine, tentando sorrir.

– O champanhe perde o gás muito depressa nessas taças baixas e largas.

Catherine virou uma tacinha de champanhe com uma rapidez nada feminina, fechando os olhos e engolindo, embora as borbulhas tivessem feito sua garganta arder.

– Eu não quis dizer tão rápido – observou Leo, olhando-a com um

sorriso preocupado.

As luzes começaram a diminuir e as pessoas se acomodaram em seus lugares.

Catherine olhou de relance para o suporte de prata sobre o qual a garrafa gelada fora colocada, com um guardanapo branco cuidadosamente enrolado em seu gargalo.

– Posso tomar outra? – sussurrou.

– Não, você vai icar tonta se tomar outra logo. – Leo tirou a taça vazia de Catherine, a pôs de lado e segurou a mão enluvada dela. – Conte-me – disse gentilmente. – No que está pensando?

– Mais tarde – sussurrou-lhe de volta, tirando a mão da dele. – Por favor. – Ela não queria que a noite de todos fosse arruinada e tampouco correr o risco de ver Leo saindo feito louco atrás de Latimer no teatro para confrontá-lo. Não havia vantagem em contar coisa alguma naquele momento.

O teatro escureceu e a peça recomeçou, embora o encanto melodramático da história já não conseguisse mais tirar Catherine de sua angústia paralisante. Ela icou olhando ixamente para o palco, ouvindo o diálogo dos atores como se fosse uma língua estrangeira. Ao mesmo tempo sua mente tentava encontrar uma solução para seu dilema interior.

O fato de ela já saber as respostas não parecia importar. A situação na qual tinha sido posta um dia nunca fora culpa dela. Latimer, Althea e sua avó eram os verdadeiros culpados. Mas Catherine poderia dizer isso para si pelo resto da vida e ainda assim

os sentimentos de culpa, dor e confusão ainda estariam lá. Como poderia se livrar deles? O que poderia libertá-la?

Durante os dez minutos seguintes, Leo deu várias olhadas de relance para Catherine, percebendo que havia algo muito errado. Ela parecia disposta a se concentrar na peça, mas era óbvio que sua mente estava ocupada com algum problema avassalador. Ela estava distante, inatingível, como se envolta numa pedra de gelo. Na tentativa de confortá-la, Leo pegou a mão dela mais uma vez e roçou o polegar na beiradinha do punho. A frieza da pele de Catherine era impressionante.

Muito preocupado, ele se inclinou para Poppy.

– O que diabos aconteceu com Catherine? – sussurrou.

– Não sei – respondeu Poppy se sentindo impotente. – Harry e eu estávamos conversando com lorde e lady Despencer, com Catherine afastada do lado. Quando nós duas nos sentamos, notei que ela não parecia bem.

– Vou levá-la de volta para o hotel – disse Leo.

Harry, que tinha ouvido a última parte da conversa, franziu as sobrancelhas e murmurou:

– Vamos todos embora.

– Não há necessidade de irmos embora – protestou Catherine. Ignorando-a, Leo olhou para Harry.

– Seria melhor se você icasse e assistisse ao restante da peça. E se alguém perguntar sobre Catherine, diga que sentiu ondas de calores.

– Não diga para ninguém que tive ondas de calores – sussurrou Catherine rapidamente.

– Então diga que eu tive – disse Leo a Harry.

Aquilo pareceu tirar Catherine de seu torpor. Leo ficou aliviado ao vislumbrar seu humor costumeiro quando ela disse:

– Os homens não podem ter ondas de calores. Essa é uma condição feminina.

– Mesmo assim, eu tenho – disse Leo. – Posso até desmaiar. – Ele a ajudou a se levantar da cadeira.

Harry também se levantou, olhando preocupadamente para a irmã.

– É isso que você quer, Cat?

– Sim – disse ela, parecendo aborrecida. – Se eu não for, ele vai pedir que lhe tragam seus sais.

Leo acompanhou Catherine até lá fora e chamou uma carruagem de aluguel. Era um veículo de duas rodas parcialmente aberto, com um banco de cocheiro elevado atrás. Podia -se falar com o cocheiro por meio de uma abertura no teto.

Quando Catherine se aproximou do veículo, teve a estranha sensação de estar sendo observada. Temendo que Latimer a tivesse seguido, olhou de relance para a esquerda, onde um homem estava em pé ao lado de uma

das imensas colunas do pórtico do teatro. Para seu alívio, não era Latimer, mas um sujeito muito mais jovem. Ele era alto e magro. Usava uma roupa escura surrada e um chapéu esapado, o que lhe conferia um aspecto de espantalho. Tinha a palidez característica de um londrino que passava a maior parte do tempo em ambientes fechados e cuja pele nunca fora tocada pelo sol sem o filtro do ar poluído da cidade. As sobrancelhas eram tiras muito pretas no rosto magricela, e a pele ostentava rugas um tanto acentuadas para a sua idade.

O homem a estava olhando fixamente.

Catherine parou, insegura, com uma vaga sensação de reconhecimento. Onde a inal já tinha visto aquele sujeito? Não conseguia se lembrar de quando poderia tê-lo conhecido.

– Venha – disse Leo, com a intenção de ajudá-la a entrar na carruagem. Mas Catherine resistiu, atraída pelos olhos negros como os de um corvo

fixados nela.

Leo seguiu a direção do olhar de Catherine.

– Quem é?

O jovem deu um passo para a frente, tirando o chapéu e revelando cabelos pretos desgrehados.

– Srta. Catherine? – disse ele timidamente.

– William! – exclamou ela, surpresa.

– Sim, senhorita. – A boca do jovem se curvou num esboço de sorriso. William deu mais um passo hesitante e fez uma mesura desajeitada.

Leo se pôs entre eles protetoramente e olhou para Catherine.

– Quem é?

– Acho que é o garoto sobre quem lhe contei... aquele que trabalhava na casa de minha avó.

– O menino de recados?

Catherine assentiu.

– Foi graças a ele que consegui mandar meu recado a Harry... William levou a carta para meu irmão. Milorde, deixe-me falar com ele.

O rosto de Leo ficou implacável.

– Você seria a primeira a me dizer que uma dama nunca deve parar para conversar com um homem na rua.

– *Quer* se preocupar com etiqueta *agora*? – perguntou ela, irritada. – Vou falar com ele. – Notando a recusa no rosto de Leo, ela suavizou a voz e acariciou a mão dele sorrateiramente. – Por favor.

Leo cedeu.

– Dois minutos – resmungou, não muito satisfeito. Ele permaneceu ao lado de Catherine, os olhos azuis gélidos enquanto encarava William.

Parecendo intimidado, William obedeceu ao sinal de Catherine para se aproximar.

– A senhorita virô u’a dama, Srta. Marks – disse ele em seu sotaque carregado do sul de Londres. – Mas eu sabia que era a

senhorita, o rosto continua igual e ainda usa os mesmos óculos pequenos. Sempre esperei que a senhorita ‘tivesse bem.

– Você mudou mais do que eu, William – disse Catherine, esboçando um sorriso. – Como cresceu! Ainda está... trabalhando para minha avó?

Ele balançou a cabeça e sorriu com tristeza.

– Ela morreu tem uns dois anos, senhorita. O médico falô que o coração dela falhô, mas as menina na casa disseram que num podia ser, porque ela num tinha coração.

– Ah – sussurrou Catherine, o rosto icando pálido e tenso. Aquilo era de esperar, é claro. Sua avó sofrera de doença cardíaca durante anos. Catherine achou que deveria se sentir aliviada com a notícia, mas em vez disso só sentiu um calafrio. – E... minha tia? Althea ainda está lá?

William olhou cautelosamente ao redor.

– Ela é a dona agora – disse baixinho. – Trabaio pra ela prestando pequenos serviços, do jeito que’u fazia pra sua avó. Mas o lugar ‘tá diferente, senhorita. ‘Tá muito pior.

Catherine se encheu de compaixão. Era muito injusto ele icar preso àquela vida, sem nenhuma formação ou instrução para ter escolha. Secretamente, decidiu perguntar a Harry se havia algum tipo de emprego para William no hotel, algo que pudesse levá-lo a um futuro decente.

– Como está minha tia? – perguntou.

– ‘Tá bem doente, senhorita. – O rosto ino de William estava sério. – O dotô disse que ela deve ter pegado uma doença venérea faz uns anos...

passou pras juntas e pro cérebro. Sua tia não ‘tá com a cabeça boa. E também não consegue enxergá direito.

– Lamento muito – murmurou Catherine, tentando sentir pena, mas em vez disso um nó de puro medo subiu-lhe pela garganta. Ela tentou engoli-lo de volta, fazer mais perguntas, mas Leo a interrompeu bruscamente.

– Já chega – disse ele. – A carruagem está esperando.

Catherine olhou para seu amigo de infância com preocupação.

– Há algo que eu possa fazer para ajudá-lo, William? Você precisa de dinheiro? – Ela se arrependeu imediatamente de ter feito a pergunta assim que notou a vergonha e o orgulho ferido no rosto dele. Se tivesse tido mais tempo e as circunstâncias o permitissem, teria pensado num jeito mais delicado de perguntar.

William balançou a cabeça com convicção.

– Num preciso de nada, não, senhorita.

– Estou no hotel Rutledge. Se quiser me ver e houver algo que eu possa...

– Eu nunca incomodaria ocê, senhorita. Marks. A senhorita sempre foi boa pra mim. Trouxe remédio quando eu ‘tava doente uma vez, lembra? Foi até o catre na cozinha d’onde eu dormia e me cobriu com um dos cobertor da sua cama. Se sentou no chão e cuidô de mim...

– Estamos indo embora – disse Leo, atirando uma moeda para William. William a pegou no ar. Então baixou a mão fechada e olhou para Leo

com uma mistura de ganância e ressentimento, endurecendo o rosto. Quando falou, o sotaque saiu totalmente exagerado:

– ‘Brigado, sinhô.

Leo conduziu Catherine para longe, segurando seu cotovelo firmemente, e a ajudou a entrar na carruagem. Quando ela estava instalada no banco estreito e olhou para fora de novo, William já não estava mais lá.

O banco era tão pequeno que as fartas saias de Catherine, camadas de seda cor -de-rosa dispostas como pétalas, se espalharam sobre uma das coxas de Leo.

Olhando para o per il dela, Leo a achou rígida e irritada, como a Srta. Marks de antigamente.

– Você não precisava ter me arrastado daquele jeito – disse ela.
– Foi rude com William.

Ele lançou-lhe um olhar impenitente.

– Sem dúvida mais tarde, depois que pensar melhor no assunto, eu me sentirei péssimo por isso.

– Ainda havia algumas coisas que eu queria perguntar a ele.

– Sim, estou certo de que havia muito mais a aprender sobre doenças

venéreas. Perdoe-me por privá-la de uma conversa tão instrutiva. Eu devia ter deixado vocês dois relembrem os bons e velhos tempos no bordel, com você em pé em uma via pública.

– William é um ótimo garoto – disse Catherine em voz baixa. – Ele merecia uma vida muito melhor. Teve de trabalhar desde que começou a andar, limpando sapatos e carregando baldes de água pesados pela escadaria... ele não tinha família, nenhuma instrução. Você não sente nenhuma compaixão por pessoas em circunstâncias infelizes?

– As ruas estão cheias dessas crianças. Faço o que posso por elas no Parlamento, e dou dinheiro para a caridade. Sim, sinto compaixão por elas. Mas no momento estou mais interessado em suas circunstâncias infelizes do que nas de qualquer outra pessoa. E tenho algumas perguntas para você, a começar por esta: o que houve no intervalo da peça?

Quando Catherine não respondeu, Leo segurou o queixo dela de modo gentil, porém firme, e a obrigou a olhar para ele.

– Conte-me.

Ela o encarou, tensa.

– Lorde Latimer me abordou.

Leo semicerrou os olhos, tirando a mão do queixo dela.

– Enquanto você estava no camarote?

– Sim. Harry e Poppy não viram. Latimer falou comigo através das cortinas no fundo.

Leo foi tomado por uma raiva explosiva. Por um momento, achou que não conseguiria falar. Quis entrar e matar o desgraçado.

– O que ele disse? – perguntou, furioso.

– Que eu era uma prostituta. E uma fraude.

Leo só percebeu que estava apertando a mão de Catherine com força quando ela fez uma careta de dor, então a soltou imediatamente.

– Lamento por você ter passado por isso – conseguiu dizer. – Eu não devia tê-la deixado. Não achei que ele ousaria se aproximar de você depois do aviso que lhe dei.

– Acho que ele quis deixar claro que não se sente intimidado por você. – Ela deu um suspiro trêmulo. – E acho que até hoje está com o orgulho ferido por ter pagado por algo que não recebeu. Talvez eu possa lhe dar um pouco do dinheiro que Harry me destinou e isso seja suficiente para ele me deixar em paz. Não revelar nada a meu respeito.

– Não, isso só nos levaria a uma chantagem prolongada. E Latimer

nunca ficaria quieto. Preste atenção, Cat ... Harry e eu discutimos como lidar com o problema. Basta dizer que daqui a alguns dias Latimer se verá numa posição na qual será preso ou forçado a fugir da Inglaterra.

– Por qual crime? – perguntou ela, arregalando os olhos.

– Há uma longa lista para escolher – respondeu Leo. – Ele cometeu quase todos os delitos. E prefiro não lhe dizer nenhum delito específico porque não é apropriado para os ouvidos de uma dama.

– Você pode fazê-lo sair da Inglaterra? Mesmo?

– Mesmo.

Leo a sentiu relaxar um pouco, os ombros abaixando.

– Isso seria um alívio – disse Catherine. – Mas...

– Sim?

Catherine virou o rosto de modo a ficar fora do alcance do olhar indagador de Leo.

– Isso realmente não importa. Porque o que ele disse foi nada mais do que a verdade. Eu sou uma fraude.

– Que autocompaixão mais sem sentido! Você foi uma fraude como aspirante a prostituta. Como uma mulher decente e educada que desperta uma atração irresistível nos furões, você é totalmente autêntica.

– Nem todos os furões. Apenas Dodger.

– Prova de que ele tem um ótimo gosto.

– Não tente me agradar – murmurou Catherine. – Não há nada mais irritante do que alguém tentando fazer você se sentir melhor quando você quer chafurdar na tristeza.

Leo conteve um sorriso.

– Sinto muito – disse contritamente. – Vá em frente e chafurde. Você estava fazendo isso muito bem antes de eu interrompê-la.

– Obrigada. – Ela deu um suspiro e esperou um instante. – Maldição – lamentou. – Não posso fazer isso agora. – Ela afundou os dedos entre os de Leo e ele lhe acariciou as juntas com o polegar. – Quero corrigir uma coisa

– disse Catherine. – Nunca fui aspirante a prostituta.

– A que você aspirava?

– A viver em paz e em segurança em algum outro lugar.

– Só isso?

– Sim, só isso. E ainda não consegui. Embora... os últimos anos tenham sido o mais perto que já cheguei disso.

– Case-se comigo e poderá ter as duas coisas – disse-lhe Leo.
– Ficaré

segura e morará em Hampshire. E terá a mim, o que obviamente é a cereja do bolo.

Ela deixou escapar uma risada relutante.

– Muito mais cereja do que um bolo precisa.

– Cereja nunca é demais, Cat.

– Milorde, não acredito que deseje sinceramente se casar comigo tanto quanto deseja ver as coisas feitas do seu jeito.

– Quero me casar com você exatamente para que as coisas não sejam feitas do meu jeito o tempo todo – disse ele, e estava sendo sincero. – Não é bom para mim me entregar aos meus desejos. E você me diz “não” com bastante frequência.

Ela deu um suspiro, divertida.

– Ultimamente não tenho dito o suficiente.

– Então vamos praticar em sua suíte no hotel. Tentarei satisfazer minha vontade e você poderá tentar se opor.

– Não.

– Está vendo? Você já está aperfeiçoando suas habilidades.

Leo instruiu o cocheiro a levá-los para o beco que ladeava os estábulos atrás do hotel. Era um modo muito mais discreto de entrar do que desfilando pelo saguão. Eles subiram pela escadaria dos fundos e seguiram pelo corredor que levava à suíte de Catherine. O hotel estava bastante silencioso àquela hora, todos na rua em seus programas noturnos ou dormindo profundamente.

Quando chegaram à porta de Catherine, Leo aguardou enquanto ela procurava a chave na bolsinha de seda que havia pendurado em um dos pulsos.

– Permita-me – disse Leo quando ela encontrou a chave. Ele a pegou e abriu a porta.

– Obrigada. – Catherine pegou a chave de volta e se virou para ele à soleira.

Leo olhou para o rosto delicado, lendo as emoções transparecidas em seus olhos: desespero, recusa, anseio.

– Convide-me a entrar – disse ele baixinho.

Ela balançou a cabeça.

– Você deve ir embora. Não é decente você ficar aqui.

– A noite ainda está começando. O que você vai fazer aí sozinha?

– Dormir.

– Não, não vai. Vai icar acordada o máximo possível, se atormentando com pesadelos. – Vendo que tinha marcado um ponto, Leo aproveitou sua vantagem.

– Deixe-me entrar.

CAPÍTULO 26

Leo ficou à soleira, tirando suas luvas despreocupadamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. Catherine sentiu a boca ficar seca enquanto o observava. Precisava dele. Precisava ser abraçada e reconfortada, e Leo sabia disso. Se ela o deixasse entrar em sua suíte, não havia nenhuma dúvida sobre o que aconteceria depois.

Catherine se sobressaltou ao ouvir o som de vozes no final do longo corredor. Estendeu as mãos rapidamente, agarrou as lapelas do paletó de Leo, o puxou e fechou a porta, deixando ambos em segurança do lado de dentro do quarto.

– *Shhh* – sussurrou.

Leo pôs as mãos na cintura de Catherine, prendendo-a contra a porta.

– Você sabe como me calar.

As vozes iam ficando mais altas à medida que as pessoas avançavam pelo corredor.

Sorrindo diante do rosto tenso dela, Leo começou a falar num tom perfeitamente audível:

– Cat, eu gostaria de saber se...

Ela tomou fôlego, a lita, e colou a boca na dele para calá-lo. Leo ficou prontamente em silêncio, beijando-a com um prazer ousado e ávido. Catherine podia sentir o calor e a rigidez de Leo mesmo através das camadas das roupas elegantes dele. Apalpou desesperadamente sob as roupas dele, pondo as mãos debaixo do paletó, onde o calor do corpo de Leo se concentrara.

Catherine gemeu, o som capturado entre os lábios de ambos. A língua de Leo foi mais fundo e ela sentiu pontadas de prazer equivalentes em seu baixo ventre. As pernas bambearam e seu equilíbrio desapareceu. Os óculos saíram do lugar, presos entre o rosto deles. Leo ergueu a mão, os tirou cuidadosamente e colocou no bolso. Com lentidão deliberada, inseriu a chave na porta e a

trancou por dentro. Catherine ficou muda, dividida entre o desejo e a cautela.

Em meio ao silêncio, Leo foi acender um candeeiro. Um som de atrito quando um fósforo foi riscado... um brilho quando o pavio se acendeu.

Catherine piscou como uma coruja na penumbra do quarto, vendo a sombra imensa de Leo na sua frente. Ansiava por ele, a vacuidade em seu íntimo se contraindo. Ela estremeceu só de pensar em como o corpo de Leo a completara, só de pensar na pressão suave dentro dela.

Cegamente, Catherine se virou de costas, oferecendo acesso à ilharga de colchetes atrás do vestido. O tecido comprimiu-lhe os seios enquanto Leo o puxava na parte de trás, afrouxando e empurrando o corpete para baixo. Ela sentiu a boca de Leo roçando em sua nuca delicada, produzindo um calor excitante. Leo baixou o vestido até a cintura, tentando passá-lo pelos quadris. Ela se movimentou para ajudá-lo, saindo do monte de camadas de seda cor-de-rosa e chutando seus sapatos. Virando-a de novo, Leo abriu o corpete, parando para beijar cada um de seus ombros.

– Solte os cabelos. – O hálito dele em sua pele a fez estremeecer. Catherine obedeceu, tirando os grampos do coque e os juntando num

montinho. Depois de colocá-los sobre a penteadeira, foi para a cama e se deitou no colchão, aguardando tensamente enquanto Leo se despiu. Ela desejou estar de óculos para apreciar a figura intrigante e indistinta de Leo, o jogo de luz e sombras na pele dele.

– Não aperte tanto os olhos, amor. Vai forçá-los.

– Não consigo vê-lo.

Leo se aproximou dela, todos os contornos do corpo repletos de beleza masculina.

– Pode ver a esta distância? Catherine o olhou atentamente.

– Algumas partes.

Leo deu uma risada rouca, indo para a cama e para cima de Catherine, apoiando-se nos braços para não esmagá-la. Os

mamilos de Catherine se intumesceram sob o leve véu de sua camisola. Os corpos se juntaram, a forma ereta de Leo perfeitamente encaixada no entalhe do corpo de Catherine.

– E agora? – sussurrou Leo. – Estou perto o suficiente?

– Quase – Catherine conseguiu dizer, olhando para o rosto dele e admirando cada detalhe excitante. Teve de forçar as palavras a saírem em meio às respirações irregulares. – Mas não totalmente...

Leo se abaixou para beijá-la, selando os lábios dela numa labareda de sensações. Catherine se perdeu no beijo, que logo se tornou intenso e exigente. Leo a investigou gentilmente, deparando com os tímidos avanços

da língua dela. Catherine saboreou a boca de Leo pela primeira vez, e sentiu a reação surpresa dele.

Após emitir um som rouco, Leo procurou a bainha da camisola. Puxando-a para cima, ajudou Catherine a tirá-la pela cabeça. Ele soltou as itas da calcinha com uma lentidão torturante, passando os dedos pela cintura nua e puxando a musselina diáfana pelos quadris. Logo as ligas e meias também se foram, deixando-a totalmente exposta.

Murmurando o nome dele, Catherine o abraçou e tentou puxá-lo de novo. Arqueou o corpo, suspirando de prazer ao sentir as várias texturas dele: aspereza e suavidade, maciez e firmeza.

Leo levou a boca à orelha de Catherine, os lábios brincando com o lóbulo macio antes de ele sussurrar:

– Cat. Vou beijar todo o seu corpo até embaixo, e depois até em cima de novo. E quero que você fique totalmente imóvel e me deixe fazer o que eu desejar. Consegue fazer isso, não é?

– Não – respondeu ela com sinceridade –, realmente acho que não.

Leo desviou o rosto por um instante. Quando a olhou de novo, seus olhos brilhavam de divertimento.

– Na verdade foi uma pergunta retórica.

– Uma pergunta retórica tem uma resposta óbvia – argumentou ela –, e o que você me pediu não... – Catherine calou-se, incapaz de

falar ou de pensar ao senti-lo morder e lambendo uma parte sensível do seu pescoço. A boca de Leo era quente e sedosa, a parte achatada da língua era como veludo. Ele a deslizou pelo braço de Catherine, parando nas cavidades internas e no punho, acariciando o ponto onde a pulsação latejava visivelmente sob a pele frágil. Cada centímetro do corpo dela formigava, consciente da presença de Leo e do que ele estava fazendo.

A boca de Leo foi retornando pelo braço até a lateral do seio, deixando a pele de Catherine corada e úmida. Ele beijou ao redor do mamilo rosado sem tocá-lo, até ela gemer.

– Milorde, *por favor* – arfou, deslizando as mãos pelos cabelos na tentativa de guiá-lo.

Leo resistiu, agarrando os punhos de Catherine e prendendo-os junto às laterais dela.

– Não se mexa – lembrou-a gentilmente. – Ou quer que eu recomece? Ela fechou os olhos e ficou em uma completa imobilidade, ofegante. Leo teve a

petulância de rir baixinho, a boca voltando a roçar na curva inferior do

seio. Quando sentiu os lábios dele roçando o mamilo intumescido, Catherine deixou escapar outro gemido. Leo abriu a boca lentamente e o envolveu, começando a sugar. O calor fez o estômago de Catherine se contrair e os quadris se erguerem do colchão. Leo então pôs a mão no abdômen firme dela, massageando-o em movimentos circulares e calmantes, fazendo Catherine baixar de volta à cama.

Era impossível ficar deitada e imóvel com Leo a torturando daquele jeito, excitando-a habilmente sem proporcionar nenhum alívio. Impossível suportar... mas ele não permitiria que fosse diferente. Leo foi descendo pela barriga de Catherine, lambendo e soprando de leve a cavidade do umbigo. Ela estava fraca e suada, as raízes dos cabelos molhadas e o corpo fustigado por um prazer que beirava a dor.

Ele deslizou a boca pela virilha macia e vulnerável até a parte interna das coxas, brincando suavemente com a língua de cada

lado... passando por toda parte, exceto pelo centro úmido pulsante.

– Leo – disse ela, ofegante. – Isso... não é muito gentil da sua parte.

– Eu sei – disse ele. – Abra as pernas.

Catherine obedeceu, com um calafrio, permitindo que ele a guiasse, abrindo seu corpo em posições ainda mais reveladoras. Ele usou a boca de modos que a enfureceram e excitaram... mordiscando a coxa, investigando as cavidades sensíveis atrás dos joelhos, beijando ao redor dos tornozelos e sugando lentamente os dedos dos pés. Ela conteve um gemido suplicante, e mais outro, o corpo ficando impaciente.

Depois de uma eternidade, Leo inalmente tinha feito todo o trajeto no sentido contrário, até chegar à nuca. Catherine abriu as coxas, desesperada para que ele a possuísse, mas em vez disso ele a rolou para que ela ficasse de barriga para baixo. Ela gemeu de frustração.

– Garota impaciente. – A mão de Leo acariciou as nádegas de Catherine e deslizou por entre as coxas. – Aqui, isso a deixará satisfeita por enquanto? – Ela o sentiu abrindo a carne intumescida. Seu corpo se retesou em êxtase quando os dedos a penetraram, escorregando na umidade. Leo os manteve ali, bem no fundo, se movimentando, ao mesmo tempo que lhe beijava a espinha dorsal. Catherine se viu arremetendo de encontro à mão dele, gemendo de prazer. Mais perto... mais perto... e ainda assim o clímax estava fora de seu alcance.

Finalmente Leo a virou de barriga para cima de novo, as feições dele duras e molhadas de suor, e só então Catherine percebeu que ele também

estivera se torturando. Ele prendeu os braços de Catherine acima da cabeça e lhe abriu as pernas. Por um instante, ela sentiu pânico diante da própria impotência, vendo-o tão grande e sombrio acima dela. Mas então Leo a penetrou num mergulho duro e liso, e o medo se dissolveu num dilúvio de prazer. Ele continuou segurando um dos pulsos de Catherine com uma das mãos e deslizou seu braço livre para debaixo do pescoço dela. Então ela fechou os olhos

e inclinou a cabeça para trás assim que ele se curvou para beijar-lhe o pescoço.

Catherine era pura sensação, e o calor a invadia em ondas cada vez mais fortes enquanto Leo a possuía com movimentos lentos e lascivos. Ele rebojava a cada arremetida, repetindo os movimentos até Catherine icar vermelha e gemer numa última explosão de alívio. E então ele continuou, guiando cada espasmo até ela icar mole e quieta. Murmurando, Leo a instruiu a pôr uma das pernas ao redor da cintura dele, daí ergueu a outra perna até enganchá-la no ombro. A posição a abriu, mudou o ângulo entre eles, de modo que quando Leo arremeteu de novo, atingiu um lugar novo dentro dela. Mais uma onda de prazer começou, tão alta e veloz que Catherine mal conseguiu tomar fôlego. Ficou parada debaixo dele, as pernas tremendo enquanto Leo ia mais fundo do que ela pensara ser possível. Catherine foi levada a mais outro clímax, forte e vertiginoso, no entanto Leo se afastou abruptamente antes dos tremores inais para obter o próprio alívio, o sexo pulsando violentamente sobre a barriga dela.

– Ah, Cat – disse ele depois de algum tempo, ainda deitado em cima dela, as mãos agarrando as cobertas.

Catherine virou o rosto até seus lábios roçarem a pontinha da orelha dele. O cheiro erótico de sexo e pele úmida preencheu suas narinas. Ela espalmou as mãos nas costas de Leo, acariciando a super ície retesada, e o sentiu estremecer de prazer com o leve roçar de suas unhas. Era incrível demais se deitar com um homem, senti-lo desinlar dentro de si enquanto os batimentos cardíacos de ambos desaceleravam. Que surpreendente a combinação de carne, umidade e sensações, as pontadas e pulsações persistentes nos lugares em que eles haviam se tocado.

Leo ergueu a cabeça e olhou para ela.

– Cat – disse com uma voz ofegante –, você não é uma mulher perfeita.

– Sei disso – respondeu ela.

– Você tem um temperamento diabólico, é cega como uma toupeira, é uma péssima poetisa e, francamente, seu sotaque

francês poderia ser

melhorado. – Apoiado em seus cotovelos, Leo segurou o rosto dela. – Mas quando eu junto essas coisas com o restante de você, isso a faz parecer a mulher mais perfeitamente imperfeita que já conheci.

Absurdamente feliz, Catherine sorriu para ele.

– Você é tão linda que não dá para descrever – prosseguiu Leo.
– É gentil, divertida e apaixonada. Também é dona de uma inteligência aguçada, mas estou disposto a ignorar isso.

O sorriso de Catherine desapareceu.

– Pretende me pedir em casamento de novo?

O olhar dele foi decidido.

– Tenho uma licença especial do arcebispo. Podemos nos casar em qualquer igreja, quando quisermos. Podemos nos casar amanhã de manhã, se você disser sim.

Catherine desviou o rosto, franzindo a testa de encontro ao colchão. Ela lhe devia uma resposta, uma resposta honesta.

– Não estou certa de que algum dia conseguirei dizer sim.

Leo ficou muito quieto.

– Refere-se somente ao meu pedido ou ao de qualquer outro homem?

– Ao de qualquer outro homem – admitiu Catherine. – Só que o seu é muito difícil de recusar.

– Bem, isso é alentador – disse Leo, embora seu tom transmitisse o oposto.

Ele se levantou da cama e foi buscar um pano úmido para Catherine. Ao retornar, ficou parado ao lado da cama, olhando para ela.

– Veja por esse ângulo... – disse. – O casamento não mudaria quase nada entre nós, só que poderíamos terminar nossas brigas de um modo muito mais satisfatório. E, é claro, eu teria direitos legais exclusivos sobre seu corpo, seus bens e suas liberdades individuais, mas não vejo nada muito alarmante nisso.

A tirada quase fez Catherine sorrir de novo, apesar de seu crescente desespero. Após se limpar, ela colocou o pano na mesinha de cabeceira e puxou as cobertas até os seios.

– Eu gostaria que as pessoas fossem como os relógios e mecanismos que Harry é tão bom em construir. Então eu poderia consertar tudo que há de errado comigo, pois nessas circunstâncias tenho algumas partes que não estão funcionando corretamente.

Leo sentou-se do lado da cama, encarando Catherine. Ele estendeu um

braço musculoso e lhe segurou a nuca, irmandando-a. A boca possuiu a dela com impetuosidade, até Catherine icar tonta e sentir o coração em descompasso. Recuando, ele disse:

– Adoro tudo em você exatamente como é. – Então ele se afastou e tocou o contorno do queixo irme dela com dedos gentis. – Pode ao menos admitir que gosta de mim?

Catherine engoliu em seco em meio à carícia suave.

– Eu... é óbvio que gosto.

– Então diga – insistiu Leo, acariciando-lhe o pescoço.

– Por que devo dizer algo que é óbvio?

Mas ele insistiu, o danado, parecendo saber quanto aquilo era di ícil para ela.

– São apenas palavras. – Leo roçou o polegar na veia que pulsava ansiosamente na base do pescoço de Catherine. – Não tenha medo.

– Por favor, eu não posso...

– Diga.

Catherine não conseguia olhar para ele. Sentiu calor e frio. Respirando fundo, conseguiu murmurar tremulamente:

– Eu g-gosto de você.

– Pronto – sussurrou ele, começando a puxá-la para si. – Foi mesmo tão difícil?

O corpo de Catherine estava tenso, ansioso por se aninhar no peito convidativo de Leo. Mas, em vez disso, pôs os braços entre ela e Leo, mantendo uma distância crucial.

– Isso não faz nenhuma diferença – forçou-se a dizer. – Na verdade, torna as coisas piores.

Leo afrouxou os braços e a olhou de um jeito inquisidor.

– Piores?

– Sim, porque nunca poderei lhe oferecer nada além disso. E mesmo que você airme o contrário, desejará o tipo de casamento que suas irmãs têm. A relação que Amelia tem com Cam, a devoção e a intimidade... você desejará isso também.

– Eu não desejo intimidade com Cam.

– Não brinque – disse Catherine com amargura. – Isso é sério.

– Desculpe-me – disse Leo, baixinho. – Às vezes as conversas sérias me deixam desconfortável, então tendo a recorrer ao humor.

– Ele fez uma pausa. – Entendo o que você está tentando me dizer. Mas e se eu lhe

dissesse que atenção e afeto seriam suficientes?

– Eu não acreditaria em você. Porque sei quanto você seria infeliz, buscando um casamento similar aos de suas irmãs, lembrando-se de como seus pais foram dedicados um ao outro e sabendo que, em comparação, nosso casamento era falso. Uma simulação.

– O que a faz ter tanta certeza de que não nos amaremos?

– Eu simplesmente tenho. Busquei dentro do meu coração e não encontrei amor. Acho que nunca serei capaz de confiar o suficiente em alguém para amá-lo. Nem mesmo em você.

O rosto de Leo estava inexpressivo, mas Catherine percebeu algo sombrio por trás de seu autocontrole, algo que sugeria raiva ou exasperação.

– Não é que você não será capaz – disse ele. – É que não quer.
– Ele a soltou cuidadosamente e foi pegar suas roupas. Enquanto

se vestia, falou com um tom que, embora agradável e meigo, a fez gelar. – Tenho de ir.

– Você está zangado.

– Não. Mas se eu izar acabarei fazendo amor com você e a pedindo em casamento repetidamente até de manhã. E até mesmo minha tolerância à rejeição tem seus limites.

Palavras de arrependimento e autocensura pairaram nos lábios de Catherine. No entanto ela as conteve, percebendo que só serviriam para enfurecê-lo. Leo não era homem de temer um desafio. Mas estava começando a compreender que não poderia fazer nada com o desafio que ela representava, um dilema inexplicável que não podia ser resolvido.

Depois de se vestir e pôr seu casaco, Leo voltou para perto da cama.

– Não tente prever do que você será capaz – murmurou, passando os dedos sob o queixo de Catherine. Ele se inclinou para lhe dar um beijo na testa e acrescentou: – Você pode se surpreender. – Indo para a porta, olhou de um lado a outro do corredor. – Tranque a porta quando eu sair.

– Boa noite – disse ela com diiculdade. – E... sinto muito, milorde. Gostaria de ser diferente. Gostaria de ser capaz de... – Ela parou e balançou a cabeça com pesar.

Demorando-se um pouco mais, Leo lançou-lhe um olhar divertido e em tom de advertência.

– Você vai perder essa batalha, Cat. E, mesmo assim, izará muito feliz com a derrota.

CAPÍTULO 27

Visitar Vanessa Darvin era a última coisa que Leo queria fazer. Contudo estava curioso sobre as motivações dela para vê-lo. O endereço que Poppy lhe dera era de uma residência em Mayfair, na South Audley Street, não muito longe da casa que ele alugava. Era uma residência georgiana de tijolos vermelhos com acabamento branco e um frontão alvo sobre quatro pilastras esguias.

Leo gostava imensamente de Mayfair, menos por sua reputação como um lugar elegante do que pelo fato de já ter sido considerado um lugar “de devassidão e desregramento” no início do século XVIII pelo grande júri de Westminster. Mayfair tinha sido condenada por suas práticas de jogo, peças teatrais indecentes, lutas com apostas em dinheiro, rinhas de animais e todos os males inerentes ao crime e à prostituição. Durante os cem anos seguintes, foi sendo revitalizada pouco a pouco até John Nash consolidar sua respeitabilidade duramente conquistada com a Regent Street e o Regent’s Park. Contudo, para Leo, Mayfair sempre seria uma dama respeitável com um passado notório.

Ao chegar à residência, ele foi levado para uma sala com vista para um jardim em dois níveis. Vanessa Darvin e a condessa Ramsay estavam lá, e o receberam cordialmente. Quando todos se sentaram e deram início à conversa fútil obrigatória sobre a saúde das respectivas famílias, sobre o tempo e outros assuntos seguros e convenientes, Leo contou suas impressões sobre as duas mulheres. A condessa era uma tagarela irritante e Vanessa Darvin era uma beldade egocêntrica.

Quinze minutos se passaram, e então meia hora. Leo começou a se perguntar se algum dia descobriria por que elas o haviam convidado para ir lá.

– Ai, meu Deus – inalmente exclamou a condessa –, quase ia me esquecendo de que preciso falar com a cozinheira sobre o jantar desta noite. Com licença, preciso ir agora. – Ela se levantou, e Leo automaticamente fez o mesmo.

– Talvez eu deva ir também – disse ele, grato pela oportunidade de escapar.

– Fique, milorde – disse Vanessa em voz baixa. Ela e a condessa se entreolharam antes que esta última se retirasse.

Reconhecendo o pretexto óbvio para deixá-los a sós, Leo voltou a sentar-se na cadeira. Então ergueu uma sobancelha enquanto olhava para Vanessa.

– Então há um objetivo nisso.

– Há – conchegou Vanessa. Ela estava linda, os cabelos negros brilhantes presos em cachos, os olhos exóticos contrastando com a pele de porcelana.

– Eu gostaria de discutir um assunto muito pessoal com o senhor. Espero poder contar com sua discrição.

– Certamente. – Leo a estudou com um lampejo de interesse. Havia um indício de insegurança e urgência por trás da fachada provocante dela.

– Não sei bem como começar – ela disse.

– Seja direta – sugeriu Leo. – Sutilezas geralmente são inúteis comigo.

– Eu gostaria de fazer uma proposta, milorde, a qual satisfará nossas necessidades mútuas.

– Que interessante. Eu não sabia que tínhamos necessidades mútuas.

– Obviamente a sua é se casar e ter um filho rapidamente, antes de morrer.

Leo ficou um pouco surpreso.

– Eu não planejava morrer em breve.

– E quanto à maldição de Ramsay?

– Eu não acredito nessa maldição.

– Meu pai também não acreditava – disse ela intencionalmente.

– Bem, então à luz da minha morte iminente, não deveríamos perder nem mais um minuto – disse Leo, com um ar ao mesmo tempo irritado e divertido. – Diga-me o que deseja, Srta. Darwin.

– Preciso encontrar um marido o mais depressa possível, ou logo me verei em uma situação muito desagradável.

Leo a observou cautelosamente, sem reagir.

– Embora nós dois não nos conheçamos bem – continuou ela –, sei muito sobre o senhor. Suas proezas não são segredo para ninguém. E acredito que todas as qualidades que o tornam um marido inadequado para qualquer outra mulher o tornariam ideal para mim. Veja bem, somos muito parecidos. Pelo que sei, o senhor é cínico, amoral e egoísta. – Uma pausa deliberada. – Eu também sou. O que significa que eu nunca tentaria mudar nada disso no senhor.

Fascinante. Vanessa tinha uma autoconfiança incomum para uma garota de não mais de 20 anos.

– Quando o senhor desse suas escapadas, eu não reclamaria – continuou Vanessa. – Provavelmente nem notaria, porque também estaria ocupada. Esse seria um casamento de conveniência. Posso lhe dar filhos para garantir que o título de Ramsay e a propriedade permaneçam em sua linha de descendência. Além disso, posso...

– Srta. Darwin – disse Leo com cautela –, peço que não continue. – Ele se deu conta da ironia da situação. Ela estava lhe propondo um verdadeiro casamento de conveniência, livre de desejos e sentimentos confusos. Exatamente o oposto do casamento que ele queria com Catherine.

Não muito tempo atrás, isso poderia ter lhe agradado.

Recostando-se na cadeira, Leo a olou com uma paciência desinteressada.

– Não nego meus pecados passados. Mas apesar de tudo isso... ou talvez por causa de tudo isso... a ideia de um casamento de conveniência não me atrai nem um pouco.

A frieza e a imobilidade do rosto de Vanessa o fizeram perceber que ele a pegara de surpresa. Ela demorou um pouco para reagir.

– Talvez devesse atraí-lo, milorde. Uma mulher de melhor índole ficaria desapontada e envergonhada com o senhor, e passaria a odiá-lo. Enquanto eu – Ela tocou em seu peito num gesto

ensaiado, chamando a atenção para seus seios redondos e perfeitos – nunca esperaria nada do senhor.

O arranjo que Vanessa Darwin propunha era uma receita perfeita para uma vida familiar aristocrática incrivelmente fria e civilizada.

– Mas preciso de alguém que espere algo de mim – ele se ouviu dizer. A verdade o atingiu como um raio. Realmente havia falado aquilo? E

dissera mesmo com sinceridade? Sim. Deus do céu.

Quando e como ele havia mudado? Tinha sido uma luta mortal abandonar os excessos da dor e da autodestruição. Em algum ponto no meio do caminho ele parara de desejar a morte, o que não necessariamente significava querer viver. Mas durante algum tempo foi o suficiente.

Até Catherine aparecer. Ela o despertara tal como um jato de água fria no rosto. Ela o estimulara a querer ser um homem melhor, não apenas por ela, mas também por si. Já devia saber que Catherine o faria perder o

controle. Ah, Deus, como ela o fazia perder o controle. E ele adorava isso. Adorava *Cat*. Sua pequena guerreira de óculos.

Não o deixarei ter uma recaída, dissera-lhe no dia em que ele se ferira nas ruínas. *Não o deixarei se transformar num degenerado*. Catherine tinha sido sincera, ele acreditara nela, e esse tinha sido o momento decisivo.

Como ele resistira a amar alguém dessa forma...! E, contudo, aquilo era estimulante. Leo sentia como se sua alma tivesse se incendiado, cada pedacinho ardendo com uma felicidade ansiosa.

Consciente de que estava ruborizado, Leo inspirou profundamente e expirou devagar. Um sorriso se esboçou em seus lábios quando ele re-letiu sobre a inconveniência peculiar de perceber que estava apaixonado por uma mulher sendo que tinha acabado de ser pedido em casamento por outra.

– Srta. Darwin – falou gentilmente. – Estou honrado com sua sugestão. Mas a senhorita quer o homem que eu era. Não o homem

que sou agora.

Os olhos escuros brilharam com malícia.

– Está dizendo que se regenerou? Está pensando em renegar seu passado?

– De modo algum. Mas espero um futuro melhor. – Ele fez uma pausa proposital. – Apesar da maldição de Ramsay.

– O senhor está cometendo um erro. – As belas feições de Vanessa se endureceram. – Eu sabia que o senhor não era um cavalheiro, mas não pensei que fosse um tolo. Vá embora. Pelo visto não será útil para mim.

Leo se levantou de maneira cortês. Entretanto, parou antes de sair, lançando-lhe um olhar astuto.

– Não posso evitar a pergunta, Srta. Darwin... por que simplesmente não se casa com o pai do bebê?

Aquele se revelou um ótimo palpite.

Os olhos de Vanessa lamejaram antes mesmo que ela conseguisse controlar sua expressão.

– Ele está muito abaixo de mim – respondeu ela numa voz baixa e irme.

– Sou bem mais exigente que suas irmãs, milorde.

– É uma pena – murmurou Leo. – Elas parecem muito felizes, mesmo desprovidas de exigência. – Educadamente, ele fez uma mesura. – Adeus, Srta. Darwin. Desejo-lhe sorte na busca por um marido à sua altura.

– Eu não preciso de sorte, milorde. Vou me casar, e logo. E não tenho nenhuma dúvida de que meu futuro marido e eu icaremos de fato felizes

quando tomarmos posse da Ramsay House.

Voltando para o hotel após uma ida à costureira com Poppy pela manhã, Catherine estremeceu de prazer quando ambas entraram nos aposentos dos Rutledges. Chovia sem parar, gotas grossas e geladas que anunciavam a aproximação do outono. Embora tivessem se protegido com capas e guarda -chuvas, elas

não conseguiram escapar totalmente do aguaceiro. Ambas foram para a lareira da sala e ficaram em pé diante do fogo que estalava.

– Harry deve estar quase voltando da Bow Street – disse Poppy, afastando um cacho de cabelo molhado que grudara em sua bochecha. Ele tinha ido a uma reunião com um representante da polícia e um juiz para falar sobre Guy, lorde Latimer. Até agora Harry tinha sido irritantemente reservado em relação aos pormenores da situação, prometendo que, quando retornasse do gabinete do juiz, explicaria os detalhes. – E meu irmão também já deve estar retornando da visita à Srta. Darwin.

Catherine tirou os óculos e limpou o vapor das lentes com a dobra da manga. Ela ouviu um som de boas-vindas de Dodger, uma espécie de risadinha de furão, então ele correu para ela, aparentemente vindo do nada. Recolocando os óculos no rosto, ela se abaixou para pegá-lo, e Dodger se contorceu em seus braços.

– Seu rato detestável – murmurou, aconchegando o corpinho longo e esguio dele.

– Ele ama você, Catherine – disse Poppy, balançando a cabeça e sorrindo.

– Mesmo assim vou devolvê-lo para Beatrix na primeira oportunidade. – Mas ela abaixou furtivamente o rosto e deixou Dodger beijá-la.

Houve uma batida à porta, seguida pelo barulho de alguém entrando, um murmúrio de voz masculina, uma criada pegando o casaco e o chapéu dele. Leo entrou na sala, trazendo consigo cheiros de lã úmida e chuva. Seus cabelos estavam com as pontas encharcadas, encaracolando levemente junto ao pescoço.

– Leo! – exclamou Poppy com uma risada. – Você está ensopado! Não levou um guarda-chuva?

– Um guarda-chuva não é muito útil com chuva de vento – disse ele.

– Vou buscar uma toalha para você. – Poppy disparou sala afora. Deixada a sós com Leo, Catherine encontrou o olhar dele. O sorriso de

Leo desapareceu e ele começou a andar até ela com intensidade alarmante. Por que havia olhado para ela daquele jeito? Exibindo olhos diabolicamente azuis e perigosos, parecia que algo havia se libertado nele.

– Como foi sua conversa com a Srta. Darwin? – perguntou Catherine, retesando-se enquanto ele se aproximava.

– Esclarecedora.

Ela franziu as sobrancelhas à resposta breve, buscando refúgio numa demonstração de exasperação.

– O que ela queria de você?

– Ela propôs um casamento de conveniência.

Catherine pestanejou. Era o que esperara, mas, contudo, ouvir aquilo claramente lhe causou uma pontada de ciúme.

Leo parou do lado dela, a luz da lareira tremulando nas feições de ambos. Gotículas de chuva brilhavam como joias no rosto bronzeado dele. Catherine teve vontade de tocar naquela umidade, de colocar a boca ali, de saborear a pele dele.

– Qual foi sua reação? – viu-se compelida a perguntar.

– Fiquei lisonjeado, é claro – respondeu ele calmamente. – É sempre bom ser desejado.

Leo sabia que Catherine estava com ciúme. Estava brincando com ela. Catherine lutava para impedir que seu humor se inflamasse.

– Talvez você devesse aceitar – disse Catherine friamente.

Leo continuou a olhar para ela.

– Talvez eu tenha aceitado. Catherine tomou fôlego.

– Aí está você – disse Poppy alegremente, ignorando a tensão entre eles ao entrar na sala com uma pilha de toalhas limpas. Entregou uma para Leo, que a pegou e enxugou o rosto.

Catherine sentou-se no sofá, deixando Dodger se enroscar em seu colo.

– O que a Srta. Darwin queria? – ouviu Poppy perguntar.

A voz de Leo foi abafada pela toalha.

– Ela me propôs casamento.

– Santo Deus! – disse Poppy. – Ela claramente não faz nenhuma ideia do que é tolerar você todos os dias.

– Na situação dela – disse Leo –, uma mulher não pode se dar ao luxo de escolher.

– Que situação? – perguntou Catherine laconicamente.

Leo devolveu a toalha para Poppy.

– Ela está esperando um bebê. E não faz questão de se casar com o pai. Que isto não saia desta sala, é claro.

As duas mulheres ficaram mudas. Catherine experimentou uma mistura curiosa de sentimentos... solidariedade, hostilidade, ciúme, medo. Diante de tal notícia, as vantagens de um casamento entre Leo e a Srta. Darwin eram bastante óbvias.

Poppy olhou seriamente para seu irmão.

– A situação dela deve ser muito desesperadora para ter condescido com isso a você sem mais nem menos.

Antes de Leo conseguir falar algo a respeito, Harry entrou nos aposentos, água pingando do casaco e do chapéu.

– Boa tarde – disse ele com um sorriso. A criada pegou o casaco e o chapéu encharcados, e Poppy se aproximou dele com uma toalha limpa.

– Você veio a pé? – perguntou, o olhar indo das bainhas das calças molhadas para o rosto respingado de chuva. Ela estendeu o braço para enxugá-lo com a preocupação digna de uma esposa.

– Quase nadando – disse Harry, parecendo apreciar os cuidados de Poppy.

– Por que não pegou uma carruagem de aluguel ou mandou buscar uma?

– Todas as carruagens de aluguel foram ocupadas assim que começou a chover – explicou Harry. – E a distância é curta. Apenas um minuto mandaria buscar uma carruagem.

– É melhor agir como um maricas do que pegar uma gripe fatal
– disse Poppy, preocupada, seguindo-o até a lareira.

Harry sorriu e se abaixou para roubar um beijo dela, ao mesmo tempo que tentava desfazer o nó molhado da gravata.

– Eu nunca pego gripe. – Ele tirou a gravata molhada, a jogou para um lado e se postou diante do fogo. Daí olhou para Leo ansiosamente.

– Como foi seu encontro com a Srta. Darwin?

Leo sentou-se e se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Isso não importa agora. Conte-nos sobre sua ida a Bow Street.

– O agente especial Hembrey aceitou a informação que você forneceu e está disposto a fazer uma investigação.

– Que tipo de investigação? – perguntou Catherine, olhando de Harry para Leo.

O rosto de Leo estava impassível quando ele explicou:

– Alguns anos atrás, lorde Latimer me convidou para entrar para um clube exclusivo. Uma espécie de sociedade da libertinagem, com encontros secretos numa abadia antiga.

Catherine arregalou os olhos.

– Qual era o propósito da sociedade?

Harry e Leo icaram em silêncio. Finalmente Leo respondeu usando de um tom indiferente, seu olhar ixo num ponto distante além das janelas riscadas pela chuva.

– Depravação total. Rituais religiosos falsos, estupros, crimes abomináveis. Eu lhe pouparei dos detalhes, só direi que são tão repugnantes que até mesmo no auge de minha devassidão recusei o convite de Latimer.

Catherine o observou cuidadosamente. O rosto dele estava rijo, um pequeno músculo no maxilar latejava e a luz do fogo conferia um tom dourado aos contornos firmes.

– Latimer estava tão certo de que eu iria participar – continuou Leo – que entrou em detalhes sobre alguns dos crimes em que estava envolvido. E por acaso eu estava sóbrio o suficiente para me lembrar da maior parte do que ele disse.

– Essa informação é suficiente para a instauração de um processo? – perguntou Catherine. – E, como um nobre, lorde Latimer não é imune à prisão?

– Somente em casos civis – disse-lhe Harry. – Não em criminais.

– Então acha que ele será levado a julgamento?

– Não, não chegará a isso – disse Leo, baixinho. – A sociedade não permite que suas atividades sejam expostas. Quando perceberem que Latimer é foco de uma investigação, provavelmente o obrigarão a deixar a Inglaterra antes que possa ser julgado. Ou, melhor ainda, darão um jeito de fazer com que apareça boiando no Tâmisa.

– O agente Hembrey vai precisar do meu depoimento? – Catherine conseguiu perguntar.

– Absolutamente não – respondeu Leo com uma ironia tranquilizadora. – Há evidências mais do que suficientes contra Latimer sem que haja a necessidade de seu envolvimento.

– Independentemente do que acontecer – acrescentou Harry –, Latimer estará ocupado demais para incomodá-la de novo, Cat.

– Obrigada – disse Catherine a Harry. Ela olhou para Leo ao acrescentar: – Isso é um grande alívio. – Depois de uma pausa desconfortável, ela repetiu a frase de um modo não muito convincente. – Realmente um grande alívio.

– Você não parece muito aliviada – observou Leo com estranheza. – Por que, Catherine?

Aquela falta de empatia, aliada às provocações anteriores sobre a Srta. Darwin, foram demais para os nervos abalados de Catherine.

– Se estivesse no meu lugar – disse ela com aspereza –, você também não estaria dando pulos de alegria.

– Você está numa posição confortável. – Os olhos de Leo estavam gélidos. – Latimer logo estará longe, Rutledge a reconheceu publicamente, você é uma mulher de recursos e não tem nenhuma obrigação nem compromissos com ninguém. O que mais poderia querer?

– Nada! – vociferou ela.

– Acho que você lamenta por inalmente parar de fugir e de se esconder. Porque agora precisará encarar o fato desagradável de que não tem nada... nem ninguém... para quem correr.

– Para mim, é mais do que suficiente permanecer onde estou – respondeu ela friamente.

Leo sorriu com uma indiferença provocadora.

– Isso me leva ao velho paradoxo.

– Que paradoxo?

– Sobre o que acontece quando uma força irresistível encontra um objeto irremovível.

Harry e Poppy ficaram em silêncio, se entreolhando.

– Eu seria o objeto irremovível? – perguntou Catherine de maneira sarcástica.

– Se você quiser.

– Bem, eu *não* quero – disse ela, de cara feia. – Porque sempre considereei essa hipótese absurda.

– Por quê? – perguntou Leo.

– Não há nenhuma resposta para essa pergunta.

Eles se encararam.

– Sim, há – disse Leo, parecendo apreciar a fúria crescente dela. Harry entrou no debate.

– Não de um ponto de vista científico. Um objeto irremovível exigiria massa infinita, e a força irresistível exigiria energia infinita, sendo que nenhuma delas é possível.

– Mas se você argumentar em termos de semântica – retrucou Leo com uma calma enlouquecedora –, há uma resposta.

– Naturalmente – disse Harry, seco. – Um Hathaway sempre encontra um modo de argumentar. Esclareça-nos: qual é a resposta?

Leo respondeu mantendo os olhos fixos no rosto tenso de Catherine.

– A força irresistível segue o caminho da resistência mínima e contorna o objeto... deixando-o para trás.

Catherine percebeu que ele a estava desafiando. Canalha arrogante e manipulador, usando o caso de Vanessa Darwin para provocá-la e sugerir o que poderia acontecer caso não cedesse a ele. *Contorna o objeto...*

deixando-o para trás... decerto!

Ela se levantou de um pulo, olhando para Leo.

– Então por que não se casa com ela? – Pegando sua bolsa e o corpinho mole de Dodger, saiu do aposento a passos largos.

Leo a seguiu imediatamente.

– Ramsay... – começou Harry.

– Agora não, Rutledge – murmurou Leo, indo atrás de Catherine. A porta bateu com uma força que a fez tremer no batente.

No silêncio que se seguiu, Harry olhou para Poppy, pasmo.

– Não costumo ser lento para entender as coisas – disse ele. – Mas por que diabos eles estavam brigando?

– Acho que foi por causa da Srta. Darwin. – Poppy foi até ele, sentou-se em seu colo e pôs os braços ao redor do pescoço do marido. – Ela está esperando um bebê e quer se casar com Leo.

– Ah. – Harry apoiou a cabeça no encosto da cadeira. Então contorceu a boca. – Entendo. Ele está usando isso para forçar Catherine a tomar uma decisão.

– Você não o aprova – disse Poppy, mais a irmandando do que perguntando, daí acariciou um cacho de cabelo molhado na testa de Harry.

Ele a olhou de soslaio.

– Isso é exatamente o que eu faria caso estivesse no lugar dele. É claro

que não aprovo.

– Pare de me seguir!

– Quero falar com você. – Leo acompanhava Catherine, que pisoteava apressadamente pelo corredor, os passos largos dele equivalentes ao dobro dos dela.

– Não estou nem um pouco interessada no que você tem a dizer.

– Você está com ciúme. – Ele pareceu muito satisfeito com isso.

– De você e da Srta. Darwin? – Ela forçou um sorriso irônico. – Tenho pena de vocês dois. Não consigo imaginar um casamento mais destinado ao fracasso.

– Você não pode negar que ela é uma mulher muito atraente.

– Exceto pelo pescoço. – Catherine não conseguiu resistir.

– Qual é o problema com o pescoço dela?

– É anormalmente longo.

Leo tentou conter uma risada, em vão.

– Posso fazer vista grossa a isso. Porque se eu me casar com ela, mantereí a Ramsay House e já teremos um bebê a caminho. Conveniente, não é? Além do mais, a Srta. Darwin prometeu que eu poderia sair com outras mulheres quando bem entendesse, deixou bem claro que ignoraria isso.

– E quanto à fidelidade? – perguntou Catherine, indignada.

– A fidelidade está tão ultrapassada! Na verdade, é preguiça não sair e seduzir novas pessoas.

– Você me disse que não teria nenhum problema com a fidelidade!

– Sim, mas isso foi quando estávamos falando sobre o *nosso* casamento. O casamento com a Srta. Darwin será uma coisa totalmente diferente.

Ambos pararam de andar assim que chegaram à porta da suíte dela. Enquanto Catherine segurava o furão adormecido, Leo pegava a chave na bolsa dela. Ela não lhe deu nem um olhar enquanto ele abria a porta.

– Posso entrar? – perguntou ele.

– Não.

Leo entrou assim mesmo, e fechou a porta atrás deles.

– Por favor, não se prenda por mim – disse Catherine de cara fechada

colocando Dodger em sua cestinha. – Tenho certeza de que o senhor tem muitas coisas para fazer. A começar por mudar o nome na licença especial.

– Não, a licença só vale para você. Se eu me casar com a Srta. Darwin, terei de pagar por uma nova.

– Espero que seja muito cara – disse ela com veemência.

– Sim, é. – Leo se aproximou por detrás de Catherine e a abraçou, segurando-a firmemente contra si. – E há outro problema.

– Qual? – perguntou ela, tentando se soltar.

A boca de Leo tocou a beiradinha da orelha dela.

– Eu quero você – sussurrou ele. – Só você. Para sempre.

Catherine congelou. Fechou os olhos para conter uma ardência e uma umidade súbitas.

– Você aceitou o pedido dela?

Leo esfregou o nariz carinhosamente na cavidade sob a orelha de Catherine.

– É claro que não, sua boba.

Ela não pôde evitar um pequeno soluço de alívio e irritação.

– Então por que insinuou que tinha aceitado?

– Porque você precisa de um empurrão, caso contrário adiará esse assunto até eu estar decrépito demais para lhe ser de alguma utilidade. – Levando Catherine para a cama, ele a pegou no colo e a atirou sobre o colchão. Os óculos dela voaram para o lado.

– O que você está fazendo? – Catherine lutou com indignação, erguendo-se apoiada nos cotovelos. Estava enterrada nas saias fartas, com suas bainhas encharcadas e seus babados úmidos e pesados. – Meu vestido está molhado.

– Vou ajudar a tirá-lo. – O tom solícito foi deturpado pelo brilho malicioso nos olhos dele.

Ela se debatia entre as camadas e babados enquanto Leo desenganchava e desatava colchetes com eiciência surpreendente. Poder-se-ia pensar que ele tinha mais de dois braços quando a virou de um lado para outro, as mãos em todos os lugares. Ignorando os protestos, ele soltou a saia pesada junto com o forro rígido de musselina do corpete destacável e atirou tudo no chão. Os sapatos de Catherine foram removidos e jogados do lado da cama. Virando-a de barriga para baixo, ele começou a soltar os cordões trançados do espartilho grosso.

– Desculpe-me por interromper, mas não pedi para ser descascada

como uma espiga de milho! – Ela se contorceu numa tentativa de afastar as mãos ocupadas de Leo, e deixou escapar um gritinho quando ele encontrou as fitas da calcinha e as puxou.

Rindo baixinho, Leo prendeu o corpo sinuoso de Catherine com as pernas e beijou as partes expostas do pescoço. Ela sentiu o calor invadi-la, os nervos incendiados pelo toque sensual da boca de Leo.

– Você a beijou? – Cat perguntou, a voz abafada pelas cobertas.

– Não, amor. Não me senti nem um pouco atraído por ela. – Leo beijou levemente o músculo suave do pescoço de Catherine, então acariciou a pele delicada com a língua e ela ofegou. Deslizou as mãos para dentro da calcinha e lhe massageou o traseiro. – Nenhuma mulher no mundo me excitaria como você. Mas você é teimosa e boa demais em se proteger. Há coisas que quero lhe dizer... fazer com você... e o fato de não estar pronta para nada disso enlouquecerá a nós dois.

Leo tocou mais fundo entre as coxas dela, encontrando umidade e acariciando em círculos suaves. Catherine gemeu e se

contorceu debaixo dele. Seu espartilho ainda estava levemente preso, a compressão na cintura parecendo desviar a sensação para o meio das coxas. Embora parte dela se rebelasse à ideia de ser mantida deitada e acariciada, seu corpo reagia com prazer incontido.

– Quero fazer amor com você. – Leo contornou a orelha dela com a língua. – Quero ir o mais fundo possível, senti-la se contrair ao meu redor e chegar ao clímax dentro de você. – Um dedo deslizou para dentro dela, e depois outro, e Catherine gemeu baixinho. – Você sabe como isso seria bom

– sussurrou Leo, acariciando-a lentamente. – Entregue-se a mim e amarei você sem parar. Ficarei com você a noite toda.

Catherine tomou fôlego enquanto seu coração batia loucamente.

– Você me colocaria na mesma situação da Srta. Darwin – disse ela. – Grávida e implorando para que se casasse comigo.

– Deus, sim, eu adoraria isso.

Ela quase engasgou de indignação, ao mesmo tempo que os dedos longos de Leo a provocavam, entrando e saindo. Seu corpo começou a pulsar lenta e fortemente de desejo. Havia grandes volumes de tecido entre ambos, camadas de roupas restantes, mas ela só conseguia sentir a boca de Leo em sua nuca, e a mão diabolicamente persuasiva.

– Eu nunca disse isso a ninguém. – A voz de Leo era um veludo esfarrapado. – Mas a ideia de ver você grávida é a coisa mais loucamente

excitante que já imaginei. Sua barriga toda inchada, seus seios pesados, seu jeito engraçado de andar... eu iria venerar você. Iria satisfazer todas as suas necessidades. E todos saberiam que eu é que a teria deixado assim, e que você me pertencia.

– Você... você é tão... – Ela nem mesmo conseguiu pensar numa palavra adequada.

– Eu sei. Terrivelmente primitivo. – O riso lhe permeou a voz. – Mas isso deve ser tolerado, porque sou homem e não consigo

evitar.

Leo a acariciou gentil e explicitamente, os dedos ágeis e incansáveis. Catherine sentiu um novo luxo de excitação, o calor líquido se espalhando para os dedos das mãos dele. Atrás dela, Leo puxou suas calcinhas até os joelhos e abriu as próprias calças desajeitadamente. Deixou seu peso se instalar deliciosamente sobre ela. Catherine sentiu uma pressão firme e úmida entre as coxas, mas ainda não estava sendo penetrada. Seus sentidos se incendiaram e seu corpo estremeceu à beira do alívio... tão perto...

– Você precisa tomar uma decisão, Cat. – Leo lhe beijava avidamente no pescoço, a boca intensa e molhada. – Ou me diga para parar agora, ou me deixe ir até o fim. Porque não vou mais conseguir me retirar no último minuto. Eu a desejo muito. E provavelmente a engravidarei, amor, porque estou me sentindo muito potente nesse momento. Então é tudo ou nada. Diga-me sim ou não.

– Eu *não posso*. – Catherine se agitou de frustração quando os quadris de Leo se afastaram dos dela. Quando ele a rolou, ela o encarou. Incapaz de se conter, Leo se abaixou e a beijou vorazmente, saboreando o som do desejo que veio da garganta dela.

– Que pena – disse Leo, respirando pesadamente. – Eu estava me preparando para fazer algo realmente lascivo. – Saindo de cima dela, procurou suas calças, murmurando algo sobre o risco de lesão permanente enquanto tentava fechá-las de novo.

Catherine o observou, incrédula.

– Você não vai terminar?

Ele deixou escapar um suspiro vacilante.

– Como eu disse, é tudo ou nada.

Catherine abraçou a si, tremendo de desejo até seus dentes trincarem.

– Por que está tentando me torturar?

– Está ficando claro que uma vida inteira de paciência não seria

suiciente para você baixar a guarda. Então tenho sempre que tentar outra tática. – Leo a beijou gentilmente e saiu da cama. Depois de passar as mãos pelos cabelos desgrehados e de alisar as roupas toscamente, ele lançou-lhe um olhar ardente seguido de um sorriso que parecia zombar de ambos ao mesmo tempo. – Estou declarando guerra, amor. E o único jeito de vencer esse tipo de guerra é fazendo você desejar a derrota.

CAPÍTULO 28

Somente uma mulher feita de pedra teria sobrevivido à campanha que Leo veio a lançar na semana seguinte. Aquilo era a simples corte, a irmava ele, mas devia haver outra palavra para descrever o modo como ele vinha mantendo Catherine desestabilizada com seu charme docemente avassalador.

Em um dado momento ele a provocava com alguma discussão absurda e altamente interessante, e no instante seguinte era tranquilizador e gentil. Sussurrava-lhe cumprimentos fantásticos e trechos de poesias ao pé do ouvido, ensinava -lhe palavras francesas picantes e a fazia rir em situações impróprias. Contudo, Leo não tentava beijá-la nem seduzi-la. No início Catherine achou graça da tática óbvia, depois ficou secretamente irritada, e inalmente intrigada. Era comum lagrar-se olhando para a boca de Leo, tão perfeita e irme... sem conseguir evitar se lembrar de seus beijos e sonhar acordada com eles.

Quando eles foram a um evento musical particular em uma mansão na Upper Brook Street, Leo raptou Catherine furtivamente enquanto a an itriã mostrava a casa a um grupo de convidados. Seguindo Leo para um canto distante atrás de um arranjo alto de samambaias em vasos, Catherine se jogou nos braços dele ansiosamente. Mas em vez de beijá-la, ele a puxou para seu corpo quente e forte... e a abraçou. Simplesmente a abraçou, mantendo-a aquecida e próxima, lhe acariciando as costas. Ele sussurrou algo secreto entre os cachos de cabelos presos de Catherine, mas foi baixo demais para ela ouvir.

A coisa de que Catherine mais gostava era de caminhar com Leo pelos jardins do Rutledge, onde a luz solar se iniltrava pelas árvores e cervas-vivas, e a brisa fresca anunciava a chegada do outono. Eles tinham longas conversas, às vezes tocando em assuntos delicados. Perguntas cuidadosas, respostas diíceis. E, contudo, parecia que ambos estavam indo em direção ao mesmo objetivo, um tipo de conexão que nenhum dos dois jamais tivera.

Às vezes Leo se retraía e a itava como um observador de uma obra de arte num museu, tentando descobrir sua autenticidade. O

interesse que ele demonstrava por Catherine era irrefutável. Sedutor. E ele tinha um ótimo

papo, contava sobre suas desventuras da infância, sobre como fora crescer na família Hathaway, sobre o tempo que passara em Paris e em Provence. Catherine escutava, atenta aos detalhes, juntando-os como retalhos, reunindo tudo a fim de obter uma compreensão mais precisa de um dos homens mais complexos que já conhecera.

Leo era um canalha nada sentimental muito sensível e capaz de sentir compaixão. Um homem articulado que sabia usar palavras que caíam como um bálsamo ou penetravam como a faca de um cirurgião. Quando lhe convinha, fazia o papel do aristocrata enfastiado, escondendo habilmente o comportamento vivaz de seu cérebro. Mas às vezes, quando baixava a guarda, Catherine vislumbrava o rapaz galante que um dia ele fora, antes de a experiência envelhecê-lo e endurecê-lo.

– Em alguns aspectos, ele é muito parecido com nosso pai – disse-lhe Poppy em particular. – Papai *adorava* conversar. Era um homem sério, um intelectual, mas tinha uma veia extravagante. – Ela sorriu, se lembrando. – Mamãe sempre dizia que poderia ter se casado com um homem mais bonito ou mais rico, mas nunca com um capaz de conversar como ele. E ela sabia que era o tipo de mulher que nunca teria sido feliz com um bronco.

Catherine entendia bem aquele sentimento.

– Lorde Ramsay puxou à sua mãe em algum aspecto?

– Ah, sim. Ela possuía uma visão artística, e incentivou Leo em suas atividades arquitetônicas. – Poppy fez uma pausa. – Eu não acho que ela ficaria feliz em saber que Leo herdaria um título. Ela não tinha uma opinião muito lisonjeira sobre a aristocracia. E certamente não teria aprovado o comportamento de Leo nos últimos anos, embora fosse icar muito feliz em saber que ele decidira mudar seus hábitos.

– De onde veio o humor cáustico dele? – perguntou Catherine.
– De sua mãe ou do seu pai?

– Isso é uma coisa só dele – disse Poppy ironicamente.

Quase todos os dias Leo levava um presentinho para Catherine: um livro, uma caixa de doces, um colarinho de renda de Bruxelas num delicado padrão floral.

– Esse é o colarinho de renda mais bonito que já vi – disse ela pesarosamente, pousando o lindo presente numa mesa próxima com

grande cuidado. – Mas milorde, acho que...

– Eu sei – disse Leo. – Um cavalheiro não deveria dar itens pessoais à dama que está cortejando. – Ele abaixou a voz para não ser ouvido por Poppy e pela governanta, que estavam conversando na porta dos aposentos dos Rutledges. – Mas não posso aceitá-lo de volta. Nenhuma outra mulher lhe faria justiça. E, Catherine, você não tem ideia do autocontrole que exerci. Queria comprar para você um par de meias bordadas com flores pequeninas que iam até a parte interna de suas...

– Milorde – sussurrou Catherine, com um leve rubor. – Esqueceu-se de quem é.

– Mas não me esqueci de uma coisa. De nenhum detalhe do seu lindo corpo. Logo começarei a desenhá-la nua outra vez. Sempre que começo a desenhar, quase me rendo à tentação.

Ela tentou parecer dura.

– Você prometeu nunca mais fazer isso de novo.

– Mas meu lápis tem vontade própria – disse Leo seriamente.

Catherine enrubesceu, mesmo quando um sorriso lhe tomou de assalto.

– Você é incorrigível.

Ele baixou os cílios ligeiramente.

– Beije-me e me comportarei.

Ela emitiu um ruído de exasperação.

– Quer me beijar *agora*, quando Poppy e a governanta estão a apenas alguns metros de nós?

– Elas não vão notar. Estão absortas numa conversa interessante sobre as toalhas do hotel. – A voz dele virou um sussurro. – Dê-me um beijo. Pequenininho. Bem aqui. – Ele apontou para a própria bochecha.

Talvez tenha sido por Leo ter soado um pouco infantil ao provocá-la, os olhos azuis faiscando um brilho travesso. Mas quando Catherine olhou para ele, foi dominada por um sentimento estranho e inédito, uma impetuosidade que a dominou por inteiro. Ela se inclinou para a frente e, em vez de lhe beijar a bochecha, grudou a boca na dele.

Leo tomou fôlego, surpreso, permitindo que Catherine assumisse o comando. E, cedendo à tentação, ela se prolongou mais do que pretendia, a boca provocando-o suavemente e a língua tocando os lábios dele timidamente. Leo reagiu com um som baixo, abraçando-a. Catherine sentiu a excitação crescente dele, o desejo reprimido ameaçando explodir de

maneira incontrolável.

Pondo fim ao beijo, Catherine esperou ver Poppy e a governanta, a Sra. Pennywhistle, olhando para eles, escandalizadas. Mas, ao espiar por cima do ombro de Leo, viu que a governanta ainda estava de costas.

Com um olhar astuto, Poppy percebera a situação.

– Sra. Pennywhistle – apressou-se a dizer, conduzindo a governanta porta afora –, venha para o corredor comigo. Acho que outro dia vi uma mancha horrível no tapete, e queria lhe mostrar... Está aqui?... não, talvez ali... Ah, puxa vida, onde está?

Quando foram deixados temporariamente a sós, Catherine contemplou os olhos azuis semicerrados de Leo.

– Por que você fez isso? – perguntou ele com uma voz rouca.

Ela tentou pensar numa resposta divertida.

– Queria que você testasse minha função cerebral mais alta.

Ele deu um sorriso de canto de boca. Daí respirou fundo e exalou lentamente.

– Se você só tivesse um fósforo quando entrasse num quarto escuro – disse inalmente –, o que acenderia primeiro? O candeeiro sobre a mesa ou a lenha na lareira?

Catherine semicerrou os olhos enquanto refletia sobre a pergunta.

– O candeeiro.

– O fósforo – disse Leo, balançando a cabeça. Seu tom foi suave e reprovador.

– Cat, você nem mesmo está tentando.

– De novo – disse ela, e Leo obedeceu sem hesitação, a cabeça baixando para ela. Ele lhe deu um beijo longo e ardente, então ela relaxou em seus braços, afundando os dedos em seus cabelos. Leo inalizou o beijo, cutucando-a voluptuosamente com o nariz.

– É legal ou ilegal um homem se casar com a irmã de sua viúva? – perguntou ele.

– Ilegal – disse ela languidamente, tentando puxar a cabeça de Leo de volta.

– Impossível, porque ele está morto. – Leo resistiu aos esforços de Catherine e baixou os olhos para ela com um sorriso torto. – Está na hora de parar.

– Não – protestou Catherine, impelindo-se contra ele.

– Calma, Cat – sussurrou Leo. – Um de nós precisa ter um pouco de

autocontrole, e realmente devia ser você. – Ele roçou os lábios na testa de Catherine. – Tenho outro presente para você.

– O que é?

– Procure em meus bolsos. – Ele saltitou um pouco e riu nervosamente quando ela começou a revistá-lo. – Não, sua danadinha, não nos bolsos das calças. – Ele pegou os pulsos de Catherine e os suspendeu como se estivesse tentando controlar um gatinho brincalhão. Incapaz de resistir, inclinou-se para a frente e a beijou de novo. Ser beijada enquanto ele lhe segurava pelos pulsos

pode tê-la assustado antes, mas agora despertava algo profundo e sensível dentro dela.

Leo afastou a boca e a encarou, sorrindo e ofegante.

– Bolso do casaco. Meu Deus, eu quero... não vou dizer isso. Sim, eis o seu presente.

Catherine pegou um objeto embrulhado num tecido macio. Delicadamente, desembulhou um par de óculos novos feitos de prata...

reluzentes e perfeitos, as lentes ovais brilhando. Admirada com o acabamento, passou o dedo pelas iligranas intrincadas na haste, até chegar na pontinha curva.

– São lindos! – disse maravilhada.

– Se eles lhe agradarem, faremos outro par em ouro. Aqui, deixe-me ajudá-la... – Leo tirou os óculos antigos do rosto de Catherine com delicadeza, parecendo saborear o gesto.

Ela pôs os óculos novos. Eram leves e irmes na ponte do nariz. Ao olhar ao redor da sala, tudo estava maravilhosamente detalhado e focado. Em meio à empolgação, ergueu-se de um pulo e correu para o espelho pendurado acima da mesinha na entrada. Inspeccionou o próprio reflexo radiante.

– Como você está bonita! – A figura alta e elegante de Leo surgiu atrás dela. – Adoro mulheres de óculos.

O olhar sorridente de Catherine encontrou o dele no espelho com moldura prateada.

– Adora? Que gosto estranho.

– De modo algum. – Ele pôs as mãos nos ombros de Catherine, subindo-as delicadamente até o pescoço e então voltando a descer.

– Eles realçam seus lindos olhos. E a fazem parecer cheia de segredos e surpresas, o que, conforme já sabemos, você é mesmo.

– Ele abaixou a voz. – Mas, acima de tudo, adoro tirá-los... deixando você pronta para rolar na cama.

Catherine estremeceu à franqueza de Leo e semicerrou os olhos quando o sentiu puxá-la de volta para ele e roçar a boca em seu pescoço.

– Gostou dos óculos? – murmurou Leo, beijando-lhe a pele macia.

– Sim. – Ela inclinou a cabeça para o lado quando a língua dele trilhou um caminho sutil na parte da frente do pescoço. – Eu... eu não sei por que se deu a tanto trabalho. Foi muita gentileza sua.

Leo ergueu a cabeça e encontrou o olhar lânguido dela no espelho. Seus dedos foram para o pescoço de Catherine, acariciando-o como se para apagar a trilha deixada pela boca na pele dela.

– Eu não estava sendo gentil – murmurou ele. – Só queria que você enxergasse claramente.

Estou começando a enxergar, Catherine icou tentada a dizer, mas Poppy entrou antes que ela pudesse falar qualquer coisa.

Naquela noite, Catherine dormiu mal, tropeçando no mundo dos pesadelos que parecia tão real, se não mais, quanto o mundo ininitamente melhor que ela habitava em seus momentos acordada.

Aquilo era parte sonho, parte lembrança, a recordação de correr pela casa da avó até encontrar a velha sentada à escrivaninha, escrevendo num livro contábil.

Impulsivamente, Catherine se atirou aos pés da avó e enterrou o rosto nas saias pretas volumosas. Sentiu os dedos esqueléticos da velha erguendo seu queixo molhado.

O rosto da avó estava coberto por uma camada de pó, a brancura acinzentada contrastando com as sobrancelhas e os cabelos artificialmente escurecidos. Ao contrário de Althea, ela não usava batom, apenas bálsamo incolor.

– Althea falou com você? – perguntou a avó num tom que lembrava o farfalhar de folhas secas.

Catherine tentou falar entre os soluços.

– Sim... e eu não entendi... *entendo*...

A avó respondeu com um sussurro áspero, apertando a cabeça de Catherine contra seu colo. Ela lhe acariciou os cabelos, os dedos estreitos penteando levemente os cachos soltos.

– Althea não lhe explicou direito? Ora, você não é uma garota esperta, mas também não é burra. O que não entendeu? Pare de chorar. Você sabe que detesto isso.

Catherine fechou os olhos irremediavelmente, tentando conter as lágrimas. O coração estava apertado de angústia.

– Eu quero outra coisa, qualquer coisa. Quero ter escolha.

– Você não quer ser como Althea? – A pergunta foi feita com uma cordialidade inquietante.

– Não.

– E não quer ser como eu?

Catherine hesitou e balançou a cabeça discretamente, temendo dizer “não” outra vez. Tinha aprendido que a palavra deveria ser usada com parcimônia com a avó, pois a irritava infalivelmente em todas as circunstâncias.

– Mas você já é – disse-lhe a avó. – Você é uma mulher. Todas as mulheres têm uma vida de prostituta, tolinha.

Catherine ficou paralisada, com medo de se mexer. Os dedos da avó se transformaram em garras, a carícia virando uma espécie de arranhar lento e rítmico na cabeça da menina.

– Todas as mulheres se vendem para os homens – continuou a avó. – O próprio casamento é uma transação na qual o valor da mulher está ligado a objetivos de cópula e procriação. Pelo menos nós, em nossa profissão consagrada pelo tempo, somos honestas em relação a isso. – Seu tom se tornou relexivo. – Os homens são criaturas vis e brutais. Mas são donos do mundo e sempre serão. E para tirar o máximo possível deles, você deve praticar a submissão. Você será muito boa nisso, Catherine. Vi o dom em você. Você gosta de receber ordens. Gostará mais ainda quando for paga para isso. – Ela tirou a mão da cabeça de Catherine. – Agora não me incomode de novo. Pode fazer a Althea todas as perguntas que quiser. Fique sabendo que quando ela iniciou na profissão, estava tão descontente quanto você. Mas logo viu as vantagens de sua situação. E todas nós temos de ganhar nosso sustento, não é? Até mesmo você, querida. Ser minha neta não lhe concede nenhum

privilégio. E 15 minutos na cama lhe renderão muito mais do que outras mulheres ganham em dois ou três dias. Submissão voluntária, Catherine.

Sentindo-se aturdida, como se tivesse acabado de cair de uma altura imensa, Catherine saiu do escritório da avó. Naquele instante sentiu uma

vontade louca de fugir pela porta da frente. Mas sem dinheiro nem destino certo para ir, uma garota desprotegida duraria apenas algumas horas em Londres. Os soluços presos em seu peito se dissolveram em calafrios.

Ela subiu a escada para seu quarto. Mas então o sonho mudou, as lembranças se transformando em meandros sombrios de sua imaginação...

se transformando num pesadelo. A escada pareceu se multiplicar, a subida se tornou penosa e ela adentrou em sombras cada vez mais profundas. Sozinha e tremendo de frio, chegou ao seu quarto, iluminado apenas pelo brilho do luar.

Havia um homem sentado no peitoril da janela. Uma das pernas longas estava plantada no chão com firmeza, e a outra balançava negligentemente do lado de fora. Ela o reconheceu pelo formato da cabeça e pelos contornos másculos de sua silhueta. E quando emergiu da escuridão, a voz aveludada lhe arrepiou os pelos da nuca.

– Aí está você. Venha aqui, Catherine. Catherine se encheu de alívio e desejo.

– Milorde, o que está fazendo aqui? – choramingou, correndo para ele.

– Esperando por você. – Os braços dele a envolveram. – Eu a levarei para longe daqui. Você quer?

– Ah, sim... mas como?

– Nós sairemos por esta janela. Tenho uma escada.

– Mas é seguro? Tem certeza...

Ele pousou a mão na boca de Catherine com delicadeza, silenciando-a.

– Con ie em mim. – Apertou sua boca com mais força. – Não a deixarei cair.

Ela tentou lhe dizer que iria a qualquer lugar com ele, que faria tudo que ele dissesse, mas ele estava cobrindo sua boca com força demais para permitir que ela falasse. A mão começou a machucá-la, apertando seu maxilar. Ela não conseguia respirar.

Catherine abriu os olhos. O pesadelo se desvaneceu, revelando uma realidade muito pior. Ela se debatia sob um peso esmagador e tentava gritar, uma mão calejada lhe cobrindo a boca.

– Sua tia quer ver você – disse uma voz na escuridão. – Tenho que fazer isso, senhorita. Num tenho escolha.

No espaço de apenas alguns minutos, estava feito.

William a amordaçou fortemente com um pano que lhe invadia a boca, um nó imenso pressionando-lhe a língua. Depois de amarrar as mãos e os pés dela, ele se levantou para acender um candeeiro. Mesmo sem os seus óculos, Catherine percebia que William estava usando um casaco azul-marinho do uniforme dos empregados do hotel Rutledge.

Se ao menos ela conseguisse pronunciar algumas palavras, implorar ou negociar com ele, mas o nó impossibilitava a emissão de qualquer som coerente. Sua saliva ardia desagradavelmente com a intensidade do sabor acre da mordida. Catherine percebera que havia algo nela, e no mesmo instante sentiu perder a consciência. Seu coração icou lerdo, bombeando sangue envenenado para seus membros em colapso, e ela sentiu uma espécie de inchaço e latejar na cabeça, como se seu cérebro subitamente tivesse se tornado grande demais para seu crânio.

William foi até Catherine com um saco de roupa suja do hotel. Começou a vesti-la com ele, a partir dos pés. Não olhou para o rosto de Catherine, apenas se concentrou na tarefa. Ela o observava passivamente, vendo-o tomar o cuidado de cobrir seus tornozelos com a bainha da camisola. Uma parte distante de seu cérebro apreciara a pequena gentileza de preservar seu recato.

As roupas de cama farfalharam perto de seus pés e Dodger surgiu tagarelando furiosamente. Com muita rapidez, atacou o braço

e a mão de William, dando-lhe uma série de dentadas fortes e profundas. Catherine nunca tinha visto o animalzinho se comportar daquele jeito. William resmungou, surpreso, e sacudiu o braço, xingando baixinho. Dodger foi arremessado, bateu a cabeça na parede e caiu inerte no chão.

Catherine gemeu por trás da mordaca, os olhos ardendo com lágrimas amargas.

Respirando pesadamente, William examinou a mão que sangrava, encontrou um pano no lavatório para enrolá-la e voltou para Catherine. O saco de roupa suja foi sendo puxado cada vez mais para cima até lhe cobrir a cabeça.

Catherine percebeu então que Althea não queria vê-la de fato. Queria destruí-la. Talvez William não soubesse. Ou talvez ele achasse mais gentil mentir. Isso não importava. Ela não sentia nada, nenhum medo, nenhuma angústia, embora as lágrimas não parassem de escorrer pelos cantos dos olhos. Que destino terrível abandonar o mundo sem sentir absolutamente

nada. Catherine não era nada mais do que um emaranhado de membros num saco, uma boneca sem cabeça, com todas as lembranças e sensações desaparecendo.

Alguns pensamentos penetraram em seu vazio mental, como pontos de luz no escuro.

Leo nunca saberia que ela o amara.

Catherine pensou nos olhos dele, em todos aqueles tons de azul. Sua mente se encheu com a constelação do alto verão, os astros no formato de um leão. *A estrela mais brilhante marca seu coração.*

Ele sofreria. Se ao menos ela pudesse poupá-lo...

Ah, o que eles poderiam ter vivido! Uma vida juntos, uma coisa tão simples. Observar aquele rosto bonito envelhecer com a idade. Agora Catherine tinha de admitir que nunca fora mais feliz do que naqueles momentos com Leo.

Seu coração batia fracamente sob as costelas. Estava pesado, dolorido devido a sentimentos sufocados, um nó apertado em meio

ao torpor.

Eu não queria precisar de você, Leo, lutei muito para permanecer à margem da minha própria vida... quando na verdade deveria ter tido coragem para entrar na sua.

CAPÍTULO 29

No inal da manhã, Leo voltou de uma visita ao seu velho mentor, Rowland Temple. O arquiteto, agora professor na University College, tinha recebido recentemente a Royal Gold Medal por seu avanço em estudos acadêmicos de arquitetura. Leo achara graça, mas não icara surpreso, ao descobrir que Temple continuava altivo e irascível como sempre. O velho via a aristocracia como um meio de mantê-lo solvente inanceiramente falando, mas desprezava seu senso de estilo tradicional e pouco criativo.

– Você não é um daqueles parasitas idiotas – dissera-lhe Temple enfaticamente, o que Leo interpretara como um elogio. E mais tarde: – Minha in luência não pode ser erradicada, não é? – E é claro que Leo lhe garantira que não, que se lembrava de tudo que havia aprendido com ele e que o valorizava. Não ousara mencionar a in luência muito maior do velho professor na Provence.

– A arquitetura é nosso meio de conciliar as di iculdades da vida – dissera-lhe Joseph certa vez em seu *atelier*. O velho professor estava replantando ervas em vasos grandes sobre uma mesa longa de madeira, enquanto Leo tentava ajudar. – *Non*, não toque nessas, *mon ils*, você comprime demais as raízes, elas precisam de mais ar. – Ele arrancou um vaso das mãos de Leo e continuou sua preleção: – Para ser um arquiteto, você precisa aceitar o ambiente ao seu redor, não importa quais sejam suas condições. Depois, com plena consciência, deve construir em cima de seus ideais.

– Posso fazer isso sem ideais? – perguntara Leo, brincando apenas parcialmente. – Aprendi que não posso viver à altura deles.

O professor Joseph lhe sorria.

– Também não pode alcançar as estrelas. Mas ainda precisa da luz delas. Ainda precisa delas para navegar, *n'est-ce pas*?

Construir em cima de seus ideais. Somente assim se poderia criar uma boa casa, um bom prédio.

Ou uma boa vida.

E Leo inalmente encontrara a pedra fundamental, a peça essencial sobre a qual construir o restante.

Uma pedra muito teimosa.

Ele sorriu enquanto pensava no que fazer com Catherine naquele dia, em como cortejá-la ou irritá-la, já que ela parecia apreciar igualmente as duas coisas. Talvez comesse uma pequena discussão e a beijasse para fazer as pazes. Talvez a pedisse em casamento de novo, se conseguisse pegá-la num momento de fraqueza.

Leo se dirigiu aos aposentos dos Rutledges, entrando depois de bater na porta de forma negligente, e encontrou Poppy correndo para o saguão de entrada.

– Você viu... – começou ela, e então parou ao ver Leo. – Leo. Eu estava me perguntando quando você voltaria. Não sabia onde você estava, ou teria mandado chamá-lo...

– O que foi, minha irmã? – perguntou ele gentilmente, compreendendo imediatamente que havia algo de muito errado.

Poppy parecia arrasada, os olhos arregalados no rosto pálido.

– Catherine não apareceu hoje no café da manhã. Achei que quisesse dormir até tarde. Às vezes seus pesadelos...

– Sim, eu sei. – Leo segurou as mãos frias dela, olhando-a preocupadamente. – Fale, Poppy!

– Uma hora atrás, mandei uma criada ao quarto dela, para ver se precisava de alguma coisa. Catherine não estava lá, e isto estava na mesa ao lado da cama. – Estendendo a mão trêmula, exibiu os óculos novos de prata. – E... havia sangue na cama.

Leo levou um segundo para controlar um ataque de pânico. E ele veio como uma pontada instantânea, da cabeça aos pés, o coração acelerado e uma explosão de energia. Um desejo vertiginoso de matar.

– O hotel está sendo vasculhado – ouviu Poppy dizer por cima do zumbido em seus ouvidos –, e Harry e o Sr. Valentine estão falando com os empregados do térreo.

– Latimer a levou – disse Leo asperamente. – Mandou alguém sequestrá-la. Vou arrancar as tripas imundas daquele patife e enforcá-lo com elas...

– Leo – sussurrou Poppy, levando a mão trêmula à boca do irmão. A

expressão dele a assustou. – Por favor.

A testa de Poppy se descontraíu um pouco de alívio quando seu marido entrou no aposento.

– Harry, algum sinal dela? Harry estava taciturno e severo.

– Um dos empregados do turno da noite viu um homem com o uniforme do hotel carregando um saco de roupa suja escada abaixo e achou que fosse um recém-contratado para a lavanderia. Acho estranho porque geralmente são as camareiras que cuidam da roupa suja, e nunca àquela hora da noite. – Ele pôs a mão no ombro de Leo para contê-lo, porém Leo o afastou. – Ramsay, não perca a cabeça. Sei o que está pensando, e provavelmente tem razão. Mas você não pode sair correndo como um louco. Precisamos...

– Tente me impedir – disse Leo num tom gutural. Não havia como controlar a reação que se desencadeara nele. Leo saiu antes mesmo de Harry ter tempo de respirar de novo.

– Jesus Cristo – murmurou Harry, passando as mãos pelos cabelos negros. Ele olhou para Poppy distraidamente. – Encontre Valentine – disse.

– Ele ainda está conversando com os gerentes do térreo. Diga-lhe que procure o agente especial Hembrey, ou qualquer policial que conseguir encontrar na Bow Street, e o informe do que está acontecendo. Hembrey pode começar mandando um homem para a casa de lorde Latimer. Fale para Valentine dizer que há um risco de assassinato.

– Leo não vai matar lorde Latimer – disse Poppy, o rosto pálido.

– Se ele não matar, eu mato – respondeu Harry com uma certeza fria.

Catherine acordou sentindo uma euforia estranha, estava zozona, apática e muito feliz por ter sido despertada de seu pesadelo. Só que quando abriu os olhos, viu que ainda estava nele, em um quarto embaçado por uma fumaça doce enjoativa e com as janelas cobertas por cortinas pesadas.

Ela demorou um bom tempo para se recompor, tentando enxergar sem os óculos. Seu maxilar estava dolorido, a boca, insuportavelmente seca. Cat estava desesperada por um gole de água fresca, por um sopro de ar puro. Seus pulsos estavam amarrados às costas. Estava meio reclinada, meio

sentada num sofá, ainda de camisola. Usou seu ombro para tentar afastar, de forma desajeitada, algumas mechas de cabelo emaranhadas que haviam caído em seu rosto.

Catherine conhecia aquele quarto, por mais que estivesse com a visão embaçada. E conhecia a velha sentada perto dela, magra como um palito e vestida de preto. As mãos da mulher se movimentaram com a mesma delicadeza que as pinças de um inseto quando ela ergueu um tubo ino de couro ligado a um narguilé. Colocando o tubo nos lábios, tragou, prendeu a respiração e soltou uma nuvem de fumaça branca.

– Vovó? – perguntou Catherine, a voz rouca e a língua inchada na boca. A mulher se aproximou até seu rosto entrar no campo de visão limitado de Catherine. Um rosto muito branco, lábios muito vermelhos. Olhos

severos familiares delineados com kajal.

– Ela está morta. Sou a dona da casa agora. Do negócio.

Althea, percebeu Catherine, zozza e horrorizada. Uma versão cadavérica de *Althea*, as feições um dia atraentes agora enrugadas e calcificadas. O pó de arroz cobria a superfície da pele, mas não penetrava na teia de rugas, conferindo-lhe a aparência de uma porcelana rachada. Ela estava muito mais apavorante do que até mesmo sua avó um dia fora. E parecia louca, com os olhos saltados, vítreos e azulados como os de um filhote de pássaro.

– William me contou que a viu – disse *Althea*. – E eu falei: “Devemos buscá-la para uma visita que ela nos deve há muito tempo, não é?” Isso exigiu um pouco de planejamento da parte dele, mas o garoto fez tudo muito direitinho. – Ela olhou para um canto escuro. – Você é um bom garoto, William.

Ele respondeu com um murmúrio ininteligível. Ou pelo menos foi ininteligível para Catherine, que conseguia ouvir a própria

pulsação irregular. Parecia que seu organismo tinha se reagrupado numa nova ordem de canais e nervos que ela não conseguia integrar.

– Posso beber um pouco de água? – perguntou Catherine um tanto rouca.

– William, dê um pouco de água para nossa convidada.

Ele obedeceu desajeitadamente, saindo para encher um copo e depois se postando na frente de Catherine. Levando o copo aos lábios dela, observou-a beber com cuidado. A água foi absorvida de imediato pelo tecido seco dos lábios, do interior da boca e da garganta. Tinha sabor de água suja e salobra, ou talvez fosse apenas o gosto em sua boca.

William se retirou, e Catherine ficou esperando enquanto a tia dava baforadas no narguilé, pensativa.

– Mamãe nunca perdoou você – disse Althea – por fugir daquele jeito. Lorde Latimer nos perseguiu durante anos, exigindo seu dinheiro de volta... ou você. Mas você não se importa com o problema que causou. Nunca pensou no que nos devia.

Catherine tentava sustentar a cabeça, mas ficava caindo para o lado.

– Eu não lhes devia meu corpo.

– Você achava que era boa demais para isso. Queria evitar *minha* decadência. Queria uma escolha. – Althea fez uma pausa, como se esperando con irmação. Quando não teve nenhuma, continuou num tom baixo e veemente: – Mas por que deveria ter uma escolha, quando eu não tive? Certa vez, minha própria mãe foi ao meu quarto. Ela disse que tinha trazido um cavalheiro gentil para me pôr na cama. Mas primeiro ele ia me mostrar alguns jogos novos. Depois daquela noite, não me restou nenhuma inocência. Eu tinha 12 anos.

Mais uma longa tragada no narguilé, mais uma nuvem de fumaça entorpecente. Não havia como Catherine evitar inalar mais. O quarto parecia tremular suavemente, tal como ela imaginava ser o convés de um navio balançando no mar. Catherine lutava nas

ondas, leve, ouvindo o desabafo de Althea. E sentiu uma certa compaixão, mesmo que muito pouca, abafada, tal como o restante de suas emoções.

– Eu pensei em fugir – disse Althea. – Pedi a meu irmão, seu pai, que me ajudasse. Ele morava conosco na época, indo e vindo quando bem entendia. Usava as prostitutas de graça sempre que queria, e elas não ousavam se queixar para mamãe. “Eu só preciso de um pouco de dinheiro”, falei para ele. “Vou para bem longe daqui”. Mas ele procurou mamãe e lhe contou o que eu havia pedido. Depois disso, fui proibida de sair de casa durante meses.

Pelo que Catherine se lembrava do seu pai, um sujeito bruto e impiedoso, era fácil acreditar naquela história. Mas ela se lagrou perguntando distantemente:

– Por que ele não a ajudou?

– Meu irmão gostava da situação como estava. Tinha o melhor de tudo sem levantar um dedo. Mamãe lhe dava tudo que ele queria. E o porco egoísta não se importou em me sacrificar para se manter confortável. Veja bem, ele era um homem. – Ela parou por um instante. – Então me tornei

uma prostituta. E durante anos rezei por salvação. Mas Deus não ouve as orações das mulheres. Só se importa com aqueles feitos à Sua imagem e semelhança.

Perplexa e apertando os olhos, Catherine tentava manter os pensamentos em ordem.

– Tia – disse cautelosamente –, por que me trouxe aqui? Se isso foi feito com você... por que devo ter o mesmo destino?

– Por que você teve o direito de escapar se eu não tive? Quero que se torne como eu, assim como me transformei em minha mãe.

Sim... aquele era um dos medos de Catherine, o pior de todos. De que, se fosse colocada na situação errada, a ruindade da própria natureza dominasse todo o restante.

Só que... isso não aconteceria.

O cérebro anuviado de Catherine se ixou naquela ideia e a examinou. O passado não era o futuro.

– Não sou como você – disse lentamente. – Nunca serei. Lamento pelo que lhe foi feito, tia. Mas não fiz a mesma escolha.

– Tenho uma escolha para você agora.

Apesar do entorpecimento que o ópio havia causado em Catherine, o tom sussurrante de Althea fez a pele dela se arrepiar.

– Ou você cumprirá o acordo feito há tanto tempo com lorde Latimer – continuou Althea – ou servirá aos clientes no bordel, como eu fiz. O que prefere?

Catherine se recusou a escolher.

– Não importa o que você faça – disse dopada, porém obstinadamente. – Nada mudará quem eu sou.

– E quem é você? – A voz de Althea exalava desprezo. – Uma mulher decente? Boa demais para este lugar?

A cabeça de Catherine começou a icar pesada demais para que conseguisse continuar a sustentá-la. Ela se abaixou no sofá, apoiando-a no braço.

– Uma mulher que é amada.

Aquela foi a pior resposta e a mais ofensiva que poderia ter dado a Althea. E era verdadeira.

Sem conseguir abrir os olhos, Catherine teve consciência de um movimento por perto, dos dedos de Althea como tentáculos em seu rosto, do tubo de couro do narguilé enfiado entre seus lábios. Seu nariz entupiu e

ela inspirou de maneira impotente. Uma enorme quantidade de fumaça fria e acre penetrou em seus pulmões. Tossiu e foi forçada a inspirar de novo, e então entrou num estado de semiconsciência.

– Leve-a lá para cima, William – disse Althea. – Para o antigo quarto dela. Mais tarde a levaremos para o bordel.

– Sim, senhora. – William ergueu Catherine cuidadosamente. – Senhora... posso soltar os pulsos dela?

Althea deu de ombros.

– Com certeza ela não vai ter forças para ir a lugar nenhum por conta própria.

William carregou Catherine para o andar de cima, a colocou na pequena cama embolorada do antigo quarto e lhe soltou as mãos. Colocou-as juntas sobre o peito dela, na posição de um corpo num caixão.

– Desculpe-me, senhorita – murmurou, olhando para os olhos semiabertos que não conseguiam enxergar. – Ela é tudo que tenho. E devo fazer o que ela manda.

CAPÍTULO 30

Lorde Latimer morava numa parte nova do lado oeste de Londres com uma área pública pitoresca e tranquila e uma ileira de casas com fachada de estuque construídas em uma depressão do terreno muito arborizada. Leo havia visitado a casa mais de uma vez, anos antes. Embora a rua e a casa fossem muito bem cuidadas, o lugar estava cheio de lembranças desagradáveis que faziam um cortiço em East End parecer uma residência paroquial.

Apeando do cavalo antes mesmo de o animal parar, Leo correu para a porta da frente e bateu nela com os punhos. Seus pensamentos seguiam correntes paralelas, sendo uma delas ocupada pela angústia e pela ânsia de encontrar Catherine antes que algum mal lhe fosse feito. Ou, se algo já tivesse lhe acontecido – Deus, por favor, *não* –, com a forma de fazê-la icar bem de novo. A outra corrente seguia em direção ao objetivo de transformar Latimer em refugio de açougueiro.

Ainda não havia nenhum sinal de Harry. Leo tinha certeza de que ele vinha logo atrás, mas não estava disposto a esperar pelo cunhado.

Um mordomo abriu a porta com um ar preocupado, e Leo o empurrou com o ombro e entrou.

– Senhor...

– Onde está seu patrão? – perguntou Leo bruscamente.

– Desculpe-me, senhor, mas ele não... – O mordomo arfou de surpresa quando Leo o agarrou pelo paletó e o prensou contra a parede mais próxima.

– Meu Deus! Senhor, eu lhe imploro...

– Diga-me onde ele está.

– Na... biblioteca... mas ele não está bem...

Leo deu um sorriso malévolo.

– Tenho uma cura para ele.

Um laçao entrou no corredor e o mordomo começou a pedir ajuda nervosamente, mas Leo já o havia soltado. Em segundos

chegou à biblioteca. Estava escura e superaquecida, com um fogo intenso demais para aquela época do ano. Latimer estava afundado na poltrona, o queixo

encostado no peito e uma garrafa vazia pela metade na mão. Com o rosto inchado iluminado pelas labaredas amarelas e vermelhas, parecia uma alma condenada. Seu olhar apático se ergueu para os contornos severos do rosto de Leo, que percebeu pela di iculdade do outro de focalizar que ele estava bêbado. Bêbado demais. Precisaria ter bebido durante horas para chegar àquele estado.

Aquela percepção encheu Leo de fúria e desespero. Porque a única coisa pior do que encontrar Catherine com Latimer era *não* encontrá-la ali. Ele pulou sobre o canalha, apertou-lhe o pescoço grosso e pegajoso e o colocou sentado. A garrafa caiu no chão. Latimer arregalou os olhos, engasgou e cuspiu enquanto tentava se livrar das mãos de Leo.

– Onde ela está? – perguntou Leo, sacudindo-o fortemente. – O que fez com Catherine Marks? – Ele afrouxou as mãos contundentes apenas o suficiente para Latimer falar.

O desgraçado tossiu, ofegou e o encarou incredulamente.

– Seu maluco desgraçado! Do que diabos está falando?

– Ela desapareceu.

– E acha que eu estou com ela? – Latimer deixou escapar um riso rouco de descrença.

– Convença-me de que não está e o deixarei viver – disse Leo, apertando mais o pescoço dele.

O rosto inchado de Latimer ficou sombrio.

– Aquela mulher, ou qualquer outra prostituta, não me serve de nada por causa da... confusão em que você me meteu! Você está destruindo minha vida! Investigações, perguntas da Bow Street... aliados poderosos ameaçando me prejudicar. Sabe quantos inimigos está fazendo?

– Não tantos quanto você.

Latimer se contorceu sob as mãos impiedosas de Leo.

– Eles me querem morto, droga.

– Que coincidência – disse Leo entre os dentes. – Eu também quero.

– O que deu em você? – perguntou Latimer. – Ela é só *uma mulher*.

– Se algo acontecer a ela, não terei mais nada a perder. E se não a encontrar dentro de uma hora, você pagará com a vida.

Algo no tom dele fez Latimer arregalar os olhos de pânico.

– Eu não tenho nada a ver com isso.

– Diga-me, ou eu o estrangularei até você inchar como um sapo.

– Ramsay. – A voz de Harry Rutledge cortou o ar como uma espada.

– Ele está dizendo que ela não está aqui – resmungou Leo, sem tirar os olhos de Latimer.

Alguns cliques metálicos e Harry pôs o cano de uma pederneira no meio da testa de Latimer.

– Solte-o, Ramsay.

Leo obedeceu.

Latimer emitiu um som incoerente no silêncio da sala. Seu olhar encontrou o de Harry.

– Lembra-se de mim? – perguntou Harry em voz baixa. – Eu devia ter feito isso oito anos atrás.

O olhar gélido de Harry pareceu apavorar Latimer ainda mais do que o olhar assassino de Leo.

– Por favor – sussurrou Latimer, a boca tremendo.

– Dê-me informações sobre o paradeiro de minha irmã em cinco segundos, ou farei um buraco em sua testa. Cinco.

– Eu não sei de nada – disse Latimer.

– Quatro.

– Juro pela minha vida! – Lágrimas começaram a jorrar.

– Três. Dois.

– Por favor, eu farei qualquer coisa!

Harry hesitou, examinando-o. Viu a verdade nos olhos dele.

– Droga – disse baixinho, e abaixou a pistola. Olhou para Leo enquanto Latimer caía bêbado e soluçando no chão. – Ele não está com ela.

Eles trocaram um olhar breve e desolado. Foi a primeira vez que Leo sentiu uma solidão com Harry, partilhando um momento de desespero por causa da mesma mulher.

– Quem mais poderia querê-la? – murmurou Leo. – Não há ninguém ligado ao passado dela... exceto a tia. – Ele fez uma pausa. – Na noite da peça, Cat viu um homem que trabalhava no bordel. William. Ela o conheceu quando ele era criança.

– O bordel fica em Marylebone – disse Harry abruptamente, se dirigindo à porta. Ele fez menção para Leo segui-lo.

– Por que a tia levaria Cat?

– Não sei. Talvez finalmente tenha enlouquecido.

O bordel era decadente, com ornamentos lascados pintados mil vezes antes de alguém finalmente concluir que o esforço não valia mais a pena. Estava com as janelas sujas de fuligem e a porta da frente torta como um sorriso lascivo. A casa ao lado era muito menor, meio tombada, como uma criança maltratada ao lado de sua irmã mais velha promíscua.

Frequentemente, quando um bordel era um negócio de família, os donos moravam em uma casa separada. Leo a reconheceu pela descrição de Catherine. Era lá que ela havia morado quando era uma garota ingênua, sem saber que seu futuro já lhe tinha sido roubado.

Eles seguiram por uma rua transversal até um beco fétido atrás do bordel, com cavaliças caindo aos pedaços e as paredes inclinadas – um dos muitos labirintos e ruas diminutas escondidos atrás da rua principal.

Havia dois homens na porta da casa maior, o bordel, um deles com uma estatura física grande e forte que o distinguia como o leão

de chácara da casa. No mundo da prostituição, sua função era manter a ordem no bordel e pôr fim às brigas entre prostitutas e clientes. O outro homem era baixo e frágil, algum tipo de vendedor, usava um avental com bolsos amarrado na cintura e mantinha uma pequena carruagem de tração humana coberta na lateral do beco.

Notando a atenção que os visitantes prestavam à entrada dos fundos do bordel, o leão de chácara falou em um tom afável:

– As mulheres ainda não acordaram, senhores, terão de voltar quando anoitecer.

Leo reuniu toda a sua força de vontade para manter um tom agradável ao falar com o homem forte:

– Tenho negócios a tratar com a dona da casa.

– Acho que ela não o receberá... mas pode perguntar ao Willy.

– O leão de chácara apontou a mão carnuda relaxadamente para a casa dilapidada, porém manteve os olhos atentos.

Leo e Harry foram para a entrada da casa menor. No batente da porta só restavam buracos de pregos. Leo bateu com os nós dos dedos num ritmo controlado, sendo que na verdade queria pôr a propriedade abaixo com toda a força de sua impaciência.

Um instante depois, a porta se abriu com um rangido e Leo se viu diante do pálido e desnutrido William. Assim que reconheceu Leo, ele arregalou os olhos, alarmado. Se houvesse alguma cor em sua pele, teria desaparecido imediatamente. Ele tentou fechar a porta de novo, mas Leo

abriu caminho com o ombro.

Leo agarrou o pulso de William, o girou e examinou a atadura manchada de sangue em sua mão. Sangue na cama ... só de pensar no que aquele homem poderia ter feito a Cat, Leo sentiu uma raiva tão violenta que esta obstruiu qualquer outra percepção. Ele parou totalmente de pensar. Um minuto depois, viu-se no chão, sentado sobre o corpo de William e socando-o impiedosamente. Teve uma leve consciência de Harry gritando seu nome e tentando tirá-lo de cima de William.

Alertado pelo tumulto, o leão de chácara irrompeu pela porta e se lançou em cima dele. Leo se desviou do homem mais forte e pesado, de modo que este desabou no chão com um ímpeto que sacolejou a casa e suas estruturas. O leão de chácara se ergueu, cambaleando. Seus punhos, que eram do tamanho de um frango assado, socaram o ar com uma força digna de esmagar ossos. Leo pulou para trás, em guarda, e depois deu um soco de direita. O leão de chácara o bloqueou facilmente. Mas Leo não combatia seguindo as regras de uma luta de boxe. Ele deu um chute lateral no joelho do leão de chácara. Quando o sujeito se dobrou com um grunhido de dor, Leo desferiu um *fouetté*, ou pontapé -chicote, em sua cabeça. O leão de chácara caiu no chão, bem aos pés de Harry.

Considerando seu cunhado um dos lutadores mais sujos que já vira, Harry lhe fez um leve sinal afirmativo com a cabeça e se dirigiu para a sala de recepção, vazia.

A casa estava assustadoramente silenciosa, exceto pelos gritos de Leo e de Harry procurando por Catherine. O lugar cheirava a fumaça de ópio e as janelas estavam cobertas de tanta poeira espessa que as cortinas eram totalmente desnecessárias. Todos os aposentos estavam cobertos de pó. Pó sobre pó. Com cantos cheios de teias de aranha, tapetes manchados, tábuas do piso de madeira arranhadas e empenadas.

Harry notou que num quarto no andar de cima a luz de um candeeiro se infiltrava nas sombras do corredor em meio a um miasma de fumaça. Ele subiu dois ou três degraus por vez, o coração disparando.

A figura de uma mulher velha estava curvada no sofá. As dobras soltas de seu vestido preto não conseguiam esconder os contornos de seu corpo magro feito um palito e retorcido como o tronco de uma macieira. Ela parecia apenas semiconsciente, os dedos ossudos acariciando um tubo de couro de narguilé como se fosse uma serpente de estimação.

Harry se aproximou dela, pôs a mão em sua cabeça e a virou para ver

seu rosto.

– Quem é você? – grasnou a mulher. As partes brancas dos olhos manchadas, como se tivessem sido mergulhadas em chá. Harry tentou não recuar ao sentir o hálito dela.

– Vim buscar Catherine – disse ele. – Diga-me onde ela está.

Ela o olhou fixamente.

– O irmão...

– Sim, onde ela está? Onde a está mantendo? No bordel? Althea soltou o tubo de couro e se abraçou.

– Meu irmão nunca veio me buscar – disse ela melancolicamente, a transpiração e as lágrimas transformando o pó de arroz do rosto numa papa cremosa. – Você não pode icar com ela. – Mas então ela olhou para o lado, para a escada que levava ao terceiro andar.

Reanimado, Harry saiu correndo do quarto e subiu pela escada. Um sopro abençoado de ar fresco e um raio de luz natural vinham de um dos dois quartos no andar de cima. Ele entrou, seu olhar varrendo o ambiente inóspito. A cama estava desfeita e a janela tinha sido aberta.

Harry ficou paralisado, uma dor aguda no peito. Seu coração tinha parado de medo.

– *Cat!* – gritou, correndo até a janela. Tentando tomar ar, olhou para a rua três andares abaixo.

Mas não havia nenhum corpo quebrado, nenhum sangue, nada além de lixo e esterco.

Através da visão periférica, notou algo branco farfalhando, como asas de um pássaro batendo. Ao virar a cabeça para a esquerda, Harry ficou sem respirar ao ver sua irmã.

Catherine estava com uma camisola branca, em uma aba de telhado, a apenas uns três metros de distância, tendo se arrastado por um peitoril incrivelmente estreito que se projetava sobre o segundo andar abaixo. Ela estava abraçada aos joelhos inos, tremendo violentamente. A brisa brincava com seus cachos soltos, os ios brilhantes dançando contra o céu cinzento. Uma rajada de vento, uma perda de equilíbrio momentânea, a faria cair do telhado.

Ainda mais alarmante do que a posição precária de Catherine era sua expressão vazia.

– Cat – disse Harry cuidadosamente, e ela virou o rosto na direção dele. Não pareceu reconhecê-lo. – Não se mexa – continuou ele, com a voz

rouca. – Fique parada, Cat. – Ele enfiou a cabeça dentro da casa apenas o suficiente para gritar “Ramsay!” e depois a pôs para fora da janela de novo. – Cat, não mexa nenhum músculo. Nem mesmo pisque.

Ela não disse palavra. Simplesmente continuou sentada, tremendo, o olhar perdido.

Leo apareceu atrás de Harry e pôs a cabeça para fora da janela. Harry o ouviu suspirar.

– Santa mãe de Deus! – Avaliando a situação, até que Leo ficou muito, muito calmo. – Ela está totalmente drogada – disse. – Isso vai ser um tanto difícil.

CAPÍTULO 31

– Eu vou andar pelo peitoril – disse Harry. – Não tenho medo de altura. A expressão de Leo estava séria.

– Eu também não. Mas o peitoril não vai aguentar nenhum de nós. Haveria muita pressão sobre as vigas. Aquelas acima de nós estão podres, o que significa que provavelmente todas estão.

– Há outro modo de alcançá-la? Do telhado do terceiro andar?

– Isso demoraria muito tempo. Continue falando com ela enquanto encontro uma corda.

Leo desapareceu e Harry se inclinou mais para fora da janela.

– Cat, sou eu – disse. – Harry. Você me reconhece, não é?

– É claro que sim. – A cabeça de Catherine caiu sobre os joelhos dobrados e ela oscilou. – Estou muito cansada.

– Cat, espere. Não é hora de cochilar. Levante a cabeça e olhe para mim.

– Harry continuou a falar com Catherine, incentivando-a a continuar imóvel e acordada, mas ela mal reagia. Chegou a mudar de posição mais de uma vez, e o coração de Harry quase saltou pela boca ao achar que ela rolaria pelo telhado e cairia.

Para seu alívio, Leo voltou num piscar de olhos com uma quantidade substancial de corda. Estava ofegante e com o rosto molhado de suor.

– Isso foi rápido – disse Harry, pegando a corda dele.

– Estamos ao lado de um antro de sadismo. Havia muitas cordas lá – disse Leo.

Harry usou seus braços para medir a corda e começou a fazer um nó.

– Se você pretende convencê-la a voltar para a janela, não vai funcionar

– disse ele. – Catherine não está reagindo a nada do que eu digo.

– Você se encarrega do nó. Eu me encarrego da conversa.

Leo nunca tinha sentindo tanto medo, nem mesmo quando Laura morrera. Ver a vida dela escapulir como areia numa ampulheta tinha sido um

processo lento de perda. Isto era ainda pior. O nível mais profundo do inferno.

Inclinando-se na janela, Leo olhou para a forma encolhida e exausta de Catherine. Ele conhecia os efeitos do ópio, a confusão mental e a tontura, a sensação de que os membros estavam pesados demais para serem erguidos, e ao mesmo tempo o torpor e sensação de leveza, como se fosse possível voar. E, além disso, Catherine nem mesmo conseguia enxergar, afinal estava sem os óculos.

Se ele conseguisse tirá-la dali com segurança, nunca mais voltaria a deixá-la fora de seu alcance.

– Bem, Cat – disse Leo com a voz mais normal possível –, de todas as situações ridículas em que você e eu já nos vimos, essa é a pior.

Ela ergueu a cabeça e semicerrou os olhos para ele.

– Milorde?

– Sim. Vou ajudá-la. Fique quietinha. Como era de esperar, você tinha de complicar meu esforço de salvamento ao máximo.

– Eu não planejei isso. – A voz dela estava arrastada, mas havia um toque familiar, e muito bem-vindo, de indignação nela. – Eu estava tentando fugir.

– Eu sei. E daqui a apenas um minuto vou trazê-la para dentro para que possamos discutir adequadamente. Por enquanto...

– Eu não quero.

– Não quer entrar? – perguntou Leo, intrigado.

– Não, não quero discutir. – Ela apoiou a cabeça nos joelhos novamente e deu um soluço abafado.

– Jesus Cristo – resmungou Leo, quase dominado pelas emoções. – Querida, amor, *por favor*, nós não vamos discutir. Eu prometo. Não chore. – Ele estremeceu e tomou fôlego enquanto

Harry lhe entregava a corda com um nó de laçada perfeito. – Cat, escute... levante a cabeça e abaixe os joelhos apenas um pouco. Vou lhe atirar uma corda, mas é muito importante que não tente alcançá-la, está me entendendo? Apenas fique sentada parada e a deixe cair em seu colo.

Catherine obedeceu, apertando os olhos e piscando-os.

Leo deixou a corda oscilar algumas vezes, testando seu peso e calculando o comprimento necessário. Atirou-a num movimento lento e cuidadoso, mas a laçada não alcançou seu alvo, ricocheteando nas telhas perto dos pés de Catherine.

– Você precisa atirar com mais força – disse ela.

Apesar do desespero e da profunda ansiedade de Leo, ele teve de conter um sorriso.

– Você nunca vai parar de me dar ordens, Cat?

– Acho que não – disse ela depois de um momento de reflexão.

Ele recolheu a corda e a atirou de novo, e dessa vez a laçada caiu bem nos joelhos de Catherine.

– Peguei.

– Boa garota – disse Leo. – Ele tentava manter a voz calma. – Agora enrole os braços no círculo e passe-o pela sua cabeça. Quero que fique ao redor do seu peito. Não muito rápido, mantenha o equilíbrio... – A respiração de Leo se acelerou enquanto ela lutava com a corda. – Sim, assim mesmo. *Sim*. Deus, eu amo você. – Ele deixou escapar um suspiro de alívio quando viu que a corda estava no devido lugar, logo acima dos seios e debaixo dos braços de Catherine. Entregou a outra ponta para Harry. – Não solte.

– Sem chance. – Harry amarrou a corda ao redor da própria cintura rapidamente.

Leo voltou sua atenção para Catherine, que estava falando alguma coisa, o rosto franzido.

– O que foi, Cat?

– Você não precisava dizer isso.

– Não precisava dizer o quê?

– Que me ama.

– Mas eu amo.

– Não, não ama. Eu ouvi você dizer a Win que... – Catherine parou, tentando lembrar. – ... que só se casaria com uma mulher se tivesse certeza que nunca a amaria.

– Eu digo coisas idiotas o tempo todo – declarou Leo. – Nunca passou pela minha cabeça que alguém me ouviria.

Uma janela se abriu no bordel ao lado e uma prostituta irritada se inclinou para fora.

– Tem garotas tentando dormir aqui e seus gritos seriam capazes de acordar até defunto!

– Já vamos terminar – gritou Leo, de mau humor. – Volte para a cama. A prostituta continuou empoleirada no peitoril.

– O que ‘cê ‘tá fazendo com a garota no maldito telhado?

– Não é da sua conta – disse ele bruscamente.

Mais algumas janelas se abriram e mais cabeças apareceram, expressando incredulidade.

– Quem é ele?

– Ela vai pular?

– Nossa, isso ia ser um negócio horrível.

Catherine não pareceu notar o público que atraía, os olhos estavam semicerrados, fixos em Leo.

– Você foi sincero? – perguntou ela. – Em relação ao que disse?

– Vamos conversar sobre isso depois – respondeu Leo, indo para o peitoril e segurando-se no caixilho. – Por enquanto, quero que ponha a mão na parede da casa e vá para o peitoril. Com cuidado.

– Você foi sincero? – repetiu Catherine, sem se mexer.

Leo a olhou, incrédulo.

– Meu Deus, Catherine, você tem de ser teimosa justamente agora? Quer que eu me declare diante de um coro de prostitutas?

Ela assentiu enfaticamente. Uma das prostitutas gritou:

– Diz pra ela, querido!

As outras se juntaram à primeira entusiasticamente.

– Diz, amor!

– A gente quer ouvir, bonitão!

Harry, que estava logo atrás de Leo, balançava a cabeça devagar.

– Se isso a fizer sair do maldito telhado, diga, droga. Leo se inclinou um pouco mais na janela.

– Eu amo você – disse sucintamente. Ao olhar para a figura pequena e trêmula de Catherine, sentiu a própria paixão a lorar e sua alma se abrir com uma emoção mais profunda do que já imaginara poder sentir. – Eu amo você, Cat. Meu coração é totalmente seu. E, infelizmente para você, o restante de mim vem no pacote. – Leo parou, tentando encontrar palavras, quando elas sempre tinham vindo tão facilmente para ele. Mas tinham de ser as palavras certas. Significavam muito. – Sei que sou um mau partido. Mas estou implorando que me aceite assim mesmo. Porque quero a chance de fazê-la tão feliz quanto você me faz. Quero construir uma vida com você.

– Ele lutava para manter a voz firme. – Por favor, venha para mim, Cat, porque não sobreviverei sem você. Você não precisa me amar. Só precisa ser minha. Apenas me deixe ser seu.

– Ohhh... – suspirou uma das prostitutas. Outra estava com os olhos borrados.

– Se você não ficar com ele, eu fico – disse ela, fungando.

Antes de Leo terminar, Catherine já havia se levantado e se dirigido lentamente ao peitoril.

– Estou indo – disse ela.

– Devagar – avisou Leo, segurando a corda com mais força enquanto observava os movimentos dos pés pequenos e descalços. – Faça exatamente como você fez antes.

Catherine seguia passo a passo em direção a ele, as costas junto à parede.

– Não me lembro de ter feito isso antes – disse, ofegante.

– Não olhe para baixo.

– Não consigo enxergar mesmo.

– Melhor assim. Continue andando. – Pouco a pouco, Leo foi recolhendo o excesso de corda, como se a estivesse puxando. Catherine estava cada vez mais perto, até inalmente izar ao alcance do braço dele. Ele esticou a mão o máximo que pôde, os dedos tremendo devido ao esforço. Mais um passo, e mais um, e Leo a puxou para dentro.

As mulheres do bordel irromperam em aplausos e as muitas janelas começaram a se fechar.

Leo desabou no chão com os joelhos arreganhados, seu rosto enterrado nos cabelos de Catherine. Ele tremia de alívio, e então deixou escapar um suspiro.

– Eu peguei você. Eu peguei você. Ah, Cat. Você acabou de me fazer passar pelos piores dois minutos de toda a minha vida. E passará *anos* compensando isso.

– Foram só dois minutos – protestou ela, e ele conteve uma risada.

Leo remexeu em seu bolso, pegou os óculos de Catherine e os colocou cuidadosamente no rosto dela. O mundo ficou nítido de novo.

Harry se ajoelhou ao lado deles e tocou no ombro de Catherine. Ela se virou e o abraçou fortemente.

– Meu irmão mais velho – sussurrou ela. – Você veio me resgatar de novo.

Ela sentiu Harry sorrir junto aos seus cabelos.

– Sempre. Sempre que você precisar de mim. – Erguendo a cabeça, ele olhou contritamente para Leo enquanto continuava: – É melhor você se casar com ele, Cat. Provavelmente vale a pena segurar um homem disposto a passar por *isso*.

Leo entregou Catherine a Poppy e à Sra. Pennywhistle com a maior relutância do mundo quando eles voltaram para o hotel. As duas mulheres a levaram para o quarto e a ajudaram a se banhar e a lavar os cabelos. Catherine estava exausta e desorientada, mas também ininitamente grata pela atenção reconfortante. Vestindo uma camisola limpa e um roupão, sentou-se na frente da lareira enquanto Poppy lhe penteava os cabelos.

O quarto tinha sido limpo e arrumado, os lençóis trocados e a cama recém-feita. A governanta saiu, levando as toalhas molhadas e deixando Catherine e Poppy a sós.

Não havia nenhum sinal de Dodger. Lembrando-se do que havia acontecido com ele, Catherine sentiu o coração se apertar de tristeza. No dia seguinte perguntaria sobre a criaturinha valente, mas por enquanto não estava pronta para lidar com isso.

O pente corria delicadamente pelos cabelos de Cat. Ouvindo-a fungar, Poppy se virou para pegar um lenço e disse:

– Harry me disse para não incomodá-la com isso esta noite, querida, mas, se fosse comigo, eu ia querer saber. Sinto-me na obrigação de lhe contar... Depois que você saiu com Leo, Harry icou no bordel até a polícia chegar na casa de sua tia. Eles subiram a escada e a encontraram, mas ela já estava morta. Tinha pasta de ópio na boca.

– Pobre Althea – sussurrou Catherine, apertando o lenço contra os olhos úmidos.

– É muita bondade sua ter tanta compaixão por ela. Estou certa de que eu não teria.

– E quanto a William?

– Fugiu antes que pudessem prendê-lo. Ouvi Harry e Leo falando sobre isso. Eles vão conduzir uma busca.

– Não quero isso – protestou Catherine. – Quero que o deixem livre.

– Não tenho nenhuma dúvida de que Leo fará o que você pedir – disse Poppy. – Mas por quê? Depois do que aquele homem horrível lhe fez...

– William foi uma vítima, tanto quanto eu – disse Catherine seriamente.

– Só estava tentando sobreviver. A vida foi brutalmente injusta com ele.

– E com você também, querida. Mas você a transformou em algo muito melhor do que ele conseguiu fazer.

– Mas eu tinha Harry. E tinha você e sua família.

– E Leo – disse Poppy com uma voz risonha. – Eu diria que sem dúvida ele está na sua mão. Para um homem que estava tão determinado a passar pela vida como um observador, ele certamente foi trazido de volta para ela. Por você.

– Você se importaria se eu me casasse com ele, Poppy? – perguntou Catherine quase timidamente.

Poppy a abraçou por trás e pousou a cabeça brevemente sobre a dela.

– Sei que estou falando em nome de todos os Hathaways ao dizer que icaríamos eternamente gratos se você se casasse com ele. Não posso imaginar quem mais ousaria aceitá-lo.

Depois de uma ceia leve com caldo e torradas, Catherine foi para a cama e cochilou um pouco, acordando sobressaltada de vez em quando. Em todas as vezes se tranquilizava ao ver Poppy sentada numa cadeira perto da cama, seus cabelos brilhando como mogno à luz do candeeiro.

– Você devia voltar para seus aposentos – murmurou Catherine finalmente, resistente em parecer uma criança com medo do escuro.

– Vou ficar mais um pouquinho – foi a resposta gentil dela.

Na vez seguinte que Catherine acordou, Leo é que estava sentado na cadeira. Ela o itou, sonolenta, assimilando os contornos do rosto bonito e os olhos azuis sérios. A camisa de Leo estava parcialmente desabotoada, revelando a penugem escura no peito. Subitamente louca para ser abraçada contra aquele peito rijo e forte, Catherine estendeu os braços em silêncio.

Leo grudou-se a ela imediatamente. Abraçando-a, se reclinou nos travesseiros com ela. Catherine se deleitou com o contato e

com o cheiro dele.

– Só eu mesma para me sentir tão segura nos braços do homem mais perverso de Londres – sussurrou ela.

Ele emitiu um som de divertimento.

– Você gosta de homens perversos, Cat. Um homem comum seria enfadonho demais para você.

Ela se aconchegou mais, as pernas tensas sob as cobertas.

– Estou muito cansada, mas não consigo dormir – disse.

– Você estará melhor amanhã. Eu prometo. – Leo pôs a mão no quadril dela, por cima das cobertas. – Feche os olhos, amor, e deixe-me cuidar de você.

Ela tentou obedecer. Mas enquanto os minutos se passavam, era dominada por uma inquietude e um nervosismo crescentes, uma sensação de secura na boca que chegava até os ossos. Sua pele clamava por ser tocada, coçada e massageada, mas até mesmo a leve fricção dos lençóis já era suficiente para sensibilizá-la.

Leo saiu da cama e voltou com um copo de água, e Catherine o bebeu com avidez. Sua boca formigou agradavelmente à fria umidade.

Ele pegou o copo vazio, apagou o candeeiro e voltou para Catherine. Ela se encolheu ao sentir o peso dele afundando o colchão, as informações discrepantes de seus sentidos se condensando em um desejo irresistível. Na escuridão, a boca de Leo encontrou a dela, terna e gentilmente, e Catherine não conseguiu evitar uma reação exagerada. Ele pôs a mão em seu seio, encontrando a ponta já intumescida sob o véu da musselina.

– Às vezes a fumaça do ópio causa isso – disse Leo em voz baixa. – Mais tarde, com o hábito, isso diminui. Mas quando você experimenta a droga pela primeira vez, pode ter esses efeitos. E eles deixam seu corpo e seus nervos gritando por mais, e o resultado é... frustração.

Enquanto falava, Leo pôs a mão em concha no seio de Catherine, o polegar circundando o rígido botão delicadamente. Ela experimentou a sensação se ramificando por toda parte, como tiras

de fogo se desenrolando até a boca do estômago, até pernas e braços. Ofegou e se contorceu, desesperada demais para sentir vergonha dos próprios gemidos abafados enquanto a mão dele escorregava para debaixo das cobertas.

– Calma, amor – sussurrou Leo, acariciando-lhe a barriga lisa e firme. – Deixe-me ajudá-la.

Os dedos dele foram gentis na carne dilatada, acariciando, entreabrindo e penetrando, deslizando facilmente na umidade. Catherine ergueu os quadris, seu corpo ansioso e obstinado, todos os movimentos eram um estímulo para Leo acariciar mais fundo e forte.

Ele inclinou a cabeça e beijou o pescoço de Catherine. A pontinha do polegar pousou logo acima do ponto que ardia como fogo, manipulando delicadamente enquanto seus outros dedos invasoress a preenchiam. Aquilo causou nela espasmos de alívio quase dolorosos, lhe arrancando um gemido involuntário. Catherine agarrou as costas da camisa dele até sentir o linho ino começar a rasgar. Ofegante, soltou o tecido e balbuciou um pedido de desculpas. Leo terminou de rasgar a camisa arruinada e silenciou Catherine com a boca.

Espalmou a mão intimamente nela, provocando-a com extremo cuidado, enquanto Catherine gemia e se retesava. Mais uma explosão de fogo, uma série de tremores intensos e ela abriu as coxas enquanto Leo deslizava os dedos para dentro. Quando as últimas vibrações desapareceram, Catherine icou deitada pesadamente nos braços de Leo e se deixou dominar pela exaustão.

No meio da noite, Catherine se apertou contra Leo furtivamente, necessitando do corpo dele de novo. Leo se ergueu acima dela, murmurando que ela devia relaxar, que a ajudaria e que cuidaria dela, e Catherine soluçou sinceramente quando o sentiu beijando seu corpo até embaixo. Leo pôs as pernas de Catherine em seus ombros e lhe segurou as nádegas. Explorou -a gentilmente com a boca, a língua acariciando bem dentro do cálice delicado. Ele não seguiu um ritmo; em vez disso, brincou com Catherine, puxando

suavemente, lambendo e roçando o nariz nela. O prazer a invadiu em ondas, fazendo-a suspirar de alívio.

– Possua-me – sussurrou Catherine enquanto Leo se deitava ao lado dela de novo.

– Não – disse ele com ternura, virando-se para prendê-la no colchão. – Sem chance disso esta noite. Teremos de esperar até sua mente desanuviar. De manhã a maioria dos efeitos do ópio terá desaparecido. Então, se você ainda me quiser, estarei pronto e a seu dispor.

– Quero você agora – disse ela, mas Leo apenas prensou os quadris dela na cama e a satisfez com a boca mais uma vez.

Catherine acordou algumas horas depois, vendo de relance o céu cor de ameixa que começava a clarear anunciando a aurora. O corpo longo de Leo

estava confortavelmente aninhado atrás do dela, um dos braços debaixo do seu pescoço e o outro sobre a cintura. Catherine adorou a sensação, o calor vibrante e os músculos, a pele de Leo acetinada em alguns pontos e áspera por causa dos pelos em outros. Embora ela tivesse tomado o cuidado de ficar imóvel, Leo se remexeu e murmurou.

Lentamente, Catherine pegou a mão dele e a pôs em seu seio. Leo começou a acariciá-la antes mesmo de acordar. Os lábios dele lhe tocaram a nuca. Sentindo-o enrijecer junto às suas nádegas, Catherine pressionou o quadril contra ele. Uma das pernas de Leo se encaixou entre as dela, ao mesmo tempo que a mão dele deslizava para a leve penugem da amada.

Catherine sentiu a pressão irme cutucando-a em sua abertura e circundando na umidade. Leo a penetrou parcialmente e parou, pois a carne de Catherine, inchada devido aos excessos da noite anterior, teve dificuldade para acomodá-lo.

A voz suave e divertida de Leo tilintou ao ouvido dela.

– Hum... você terá de se esforçar mais, Cat. Nós dois sabemos que você consegue aguentar mais do que isso.

– Ajude-me – disse ela, ofegante.

Com um murmúrio complacente, Leo ergueu a coxa de Catherine e a reposicionou. Ela fechou os olhos ao senti-lo deslizando para dentro.

– Pronto – sussurrou ele. – É isso que você quer?

– Mais forte... mais forte...

– Não, amor... deixe-me ser delicado com você. Pelo menos por enquanto.

Leo a penetrou com movimentos lentos e deliberados, a mão deslizando novamente para acariciar entre as coxas de Catherine. Ele não teve pressa e ela não teve escolha senão deixá-lo seguir aquele ritmo. Estava tomada de calor, a sensação aumentado enquanto ele a seduzia e acariciava. Dizendo palavras de amor e beijando seu pescoço, Leo a penetrou mais fundo. Catherine gritou o nome dele, se erguendo, e ele a incitou a ir ainda mais alto. Catherine pôs a mão trêmula no quadril dele e agarrou a superfície que requebrava.

– Não me deixe. Por favor, Leo.

Leo entendeu. Quando a carne úmida de Catherine se fechou mais uma vez ao redor da rigidez dele, espremendo e puxando delicadamente, Leo arremeteu com força, se permitindo relaxar. E inalmente Catherine conheceu a sensação do alívio de Leo, o modo como a barriga dele se

contraía, o tremor de um homem poderoso icando indefeso naquele momento derradeiro.

Eles icaram unidos o máximo possível, descansando juntos e vendo a aurora se infiltrar pelas cortinas entreabertas.

– Eu amo você – sussurrou Catherine. – Muito, milorde. Meu Leo. Ele sorriu e a beijou. Levantando-se, foi buscar suas calças.

Enquanto Leo lavava o rosto no lavatório, Catherine procurava seus óculos. Seu olhar pousou na cesta vazia de Dodger perto da porta e seu sorriso desapareceu.

– Pobrezinho – murmurou.

Leo voltou para ela imediatamente, preocupado ao ver seus olhos lacrimejantes.

– Quem?

– Dodger – respondeu Catherine, fungando. – Já estou sentindo saudade dele.

Leo sentou-se e a abraçou.

– Gostaria de vê-lo?

– Sim, mas não posso.

– Por que não?

Antes de Catherine poder responder, ela notou um movimento estranho debaixo da porta... um corpinho magro e peludo tentando passar por um espaço ridiculamente pequeno. Ela piscou, temendo se mexer.

– *Dodger?*

O furão correu para a cama, os olhinhos brilhando, tagarelando alegremente e guinchando.

– Dodger, você está vivo!

– É claro que está – disse Leo. – Nós o pusemos nos aposentos de Poppy na noite passada para você poder descansar um pouco. – Ele sorriu enquanto o furão pulava para o colchão. – Seu malandrinho travesso. Como conseguiu chegar até aqui?

– Ele veio me encontrar. – Catherine estendeu os braços. Dodger subiu nela e se aninhou em seu peito. Ela o acariciou repetidamente, murmurando palavras de ternura. – Sabe, ele tentou me proteger. Deu uma mordida bastante feia na mão de William. – Encostando seu queixo em Dodger, sussurrou: – Meu pequeno furão guarda-costas.

– Muito bem, Dodger – disse Leo. Saindo da cama por um instante, pegou seu casaco e remexeu nos bolsos. – Acho que isso me leva à

pergunta... se eu me casar com você, também ganharei um furão?

– Acha que Beatrix me deixaria ficar com ele?

– Sem dúvida. – Leo voltou e sentou-se ao lado de Catherine. – Ela sempre disse que ele é seu.

– Disse?

– Bem, isso é bastante óbvio considerando-se o fascínio dele por suas ligas. E certamente ninguém poderia culpá-lo por isso. – Leo pegou a mão dela. – Quero lhe fazer uma pergunta, Cat.

Ela sentou-se ansiosamente, deixando Dodger se enrolar em seu pescoço.

– Não consigo me lembrar se esse é o quinto ou sexto pedido de casamento – disse ele.

– É o quarto.

– Eu a pedi em casamento ontem. Está contando esse?

– Não, esse não foi realmente “quer se casar comigo?”, estava mais para “quer fazer o favor de descer do telhado?”.

Leo arqueou uma sobrancelha.

– Para todos os efeitos, vamos ser práticos. – Ele pôs um anel no dedo anelar da mão esquerda de Catherine. Era o anel mais espetacular que ela já havia visto, uma opala cinza perfeita com reflexos azuis e um lampejo de verde no fundo. A cada movimento de sua mão, a opala revelava uma cor extraordinária. A pedra era circundada por pequenos diamantes reluzentes. – Esta pedra me fez lembrar dos seus olhos – disse ele. – Embora não seja nem de longe tão bonita quanto eles. – Leo fez uma pausa, olhando-a atentamente. – Catherine Marks, amor da minha vida... quer se casar comigo?

– Primeiro quero responder a outra pergunta – disse ela. – Uma que você me fez antes...

Ele sorriu e encostou a testa na dela.

– Aquela sobre o fazendeiro e os carneiros?

– Não... Aquela sobre o que acontece quando uma força irresistível encontra um objeto irremovível.

Uma risada ressoou na garganta dele.

– Diga-me sua resposta, amor.

– A força irresistível para. E o objeto irremovível se move.

– Hum. Gosto disso. – Ele roçou os lábios nos dela ternamente.
– Milorde, eu preferiria nunca mais acordar como Catherine Marks.

Quero ser sua esposa o mais breve possível.

– Amanhã de manhã?

Catherine fez que sim com a cabeça.

– Embora... eu vá sentir falta de você me chamando de Srta. Marks. Passei a gostar disso.

– Ainda a chamarei de Srta. Marks de vez em quando. Em momentos de grande paixão. Vamos experimentar. – A voz dele se transformou num sussurro sedutor. – Beije-me, Srta. Marks...

E ela ofereceu a boca sorridente para ele.

Epílogo

Um ano depois

O choro de um bebê rompeu o silêncio.

Leo se sobressaltou com o som e ergueu a cabeça. Como tinha sido expulso do quarto onde Catherine estava dando à luz, agora aguardava na sala, junto ao restante da família. Amelia tinha icado com Catherine e o médico, saindo de vez em quando para fazer um breve relato a Win ou Beatrix. Cam e Merripen estavam irritantemente calmos em relação ao processo, ambos já tendo visto as próprias esposas darem à luz em segurança.

A família Hathaway estava se revelando incrivelmente fértil.

Em março, Win tivera um garoto robusto, Jason Cole, apelidado de Jãdo. Dois meses depois, Poppy tivera uma garotinha ruiva, Elizabeth Grace, por quem Harry e todo o staff do hotel eram apaixonados.

Agora era a vez de Catherine. E embora o parto fosse algo perfeitamente normal para as outras pessoas, estava sendo a experiência mais exasperante que Leo já vivera. Ver sua esposa com dor era intolerável, e, contudo, não havia nada que ele pudesse fazer. Não importava quantas vezes lhe dissessem que o parto

estava acontecendo às mil maravilhas... horas intermináveis de dor não lhe pareciam nada maravilhosas.

Durante oito horas, Leo icara esperando na sala com a cabeça nas mãos, taciturno, calado e inconsolável. Temia por Catherine, e também mal conseguia suportar icar longe dela. Conforme previra um dia, agora Leo a amava feito um louco. E conforme Catherine dissera um dia, ela era totalmente capaz de lidar com ele. Ambos eram diferentes de muitos modos e, contudo, feitos um para o outro.

O resultado fora um casamento incrivelmente harmonioso. Eles entretinham um ao outro com disputas furiosas e divertidas, e também com conversas sensatas. Quando estavam a sós, costumavam falar em uma espécie de código que ninguém mais conseguiria entender. Tinham

a inidade ísica e eram apaixonados e carinhosos. Brincalhões. Mas a verdadeira surpresa do casamento fora a gentileza que demonstraram um para com o outro... logo eles, que antes brigavam tanto.

Leo nunca imaginara que a mulher que antes despertara o pior nele agora despertasse o melhor. E nunca sonhara que seu amor por ela fosse se tornar tão profundo a ponto de ele não conseguir controlá-lo ou contê-lo. Diante de um amor tão grande, um homem só podia se render.

Se algo acontecesse a Catherine... se algo desse errado no parto...

Quando Amelia entrou na sala com um recém-nascido embrulhadinho na manta, Leo se levantou devagar, com os punhos cerrados. Ela parou perto da porta enquanto a família se reunia ao redor, com exclamações de carinho.

– Uma garotinha perfeita – disse ela, radiante. – O médico falou que a cor dela é ótima e que tem pulmões fortes. – Ela levou o bebê para Leo.

Ele estava com medo demais para se mexer. Não pegou o bebê, somente olhou para Amelia e perguntou roucamente:

– Como Cat está?

Ela entendeu de pronto e respondeu num tom gentil:

– Muito bem. Está ótima, querido, e pode subir para vê-la agora. Mas primeiro diga olá para sua filha.

Ele deixou um suspiro trêmulo escapar e pegou o bebê cautelosamente. Olhou maravilhado para o rostinho cor-de-rosa e a boquinha avermelhada. Como o bebê era leve... era di ícil para Leo acreditar que estava segurando um ser humano inteiro em seus braços.

– Ela puxou totalmente aos Hathaways – disse Amelia com um sorriso.

– Bem, faremos o possível para corrigir isso. – Leo se inclinou para beijar a testa minúscula da ilha, os ios de cabelos escuros fazendo cócegas em seus lábios.

– Você já escolheu um nome? – perguntou Amelia.

– Emmaline.

– Francês. Muito bonito. – Por algum motivo, Amelia riu baixinho antes de perguntar: – Que nome daria a um menino?

– Edward.

– Como o avô? Que lindo! E acho que combina.

– Com quem? – perguntou Leo, ainda absorto na filha.

Amelia ergueu o rosto dele e o fez olhar para a porta, onde Win mostrava outro bebê embrulhado para Merripen, Cam e Beatriz.

Leo arregalou os olhos.

– Meu deus! *Gêmeos*?

Cam se aproximou dele com um sorriso largo.

– É um belo garoto. Você entrou na paternidade com muita energia, *phral*.

– E Leo – acrescentou Beatrix –, você teve seu herdeiro bem a tempo...

um dia antes!

– A tempo de quê? – perguntou Leo, confuso. Ele entregou sua ilha de volta para Amelia e pegou seu ilho com Win. Olhando para o

rosto do bebê, se apaixonou pela segunda vez no mesmo dia. Era quase demais para seu coração aguentar.

– Da cláusula de eniteuse, é claro – ouviu Beatrix dizer. – Agora os Hathaways vão manter a Ramsay House.

– Não consigo acreditar que você esteja pensando nisso em um momento como esse – disse Leo.

– Por que não? – perguntou Merripen, os olhos escuros brilhando. – Pessoalmente, estou aliviado por saber que todos nós poderemos continuar na Ramsay House.

– Vocês todos estão preocupados com uma maldita casa quando acabei de passar por oito horas de puro inferno.

– Sinto muito, Leo – disse Beatrix, tentando parecer contrita. – Eu não tinha pensado nisso.

Leo beijou seu filho e o entregou cuidadosamente para Win.

– Agora vou ver Catherine. Deve ter sido difícil para ela também.

– Dê-lhe os nossos cumprimentos – disse Cam, uma vibração de riso na voz.

Leo subiu a escada de dois em dois degraus e foi para o quarto onde Catherine descansava. Ela parecia muito pequena debaixo das cobertas, o rosto exausto e pálido. Seus lábios sorriram debilmente quando ela o viu.

Leo se aproximou e a beijou.

– O que posso fazer por você, amor?

– Nada. O médico me deu um pouco de láudano para a dor. Ele vai voltar daqui a pouco.

Ainda inclinado para ela, Leo lhe acariciou os cabelos.

– Você não me deixou icar, droga – sussurrou Leo junto ao rosto de Catherine.

Ele a sentiu sorrindo.

– Você estava assustando o médico – disse ela.

– Eu só perguntei se ele sabia o que estava fazendo.

– Incisivamente – salientou Catherine.

Leo se virou para inspecionar os objetos na mesinha de cabeceira.

– Foi só porque ele havia tirado da maleta instrumentos que pareciam mais adequados para uma inquisição medieval do que para um parto. – Ele encontrou um potinho de unguento e aplicou um pouco nos lábios secos de Catherine.

– Sente-se comigo – falou Catherine junto aos dedos dele.

– Não quero machucá-la.

– Não vai machucar. – Ela bateu no colchão convidativamente.

Leo sentou-se com extremo cuidado, tentando não lhe dar um solavanco.

– Não estou nem um pouco surpreso por você ter produzido dois ilhos de uma só vez – disse ele, pegando a mão de Catherine e lhe beijando os dedos. – Foi muito eficiente, como sempre.

– Como eles são? – perguntou Catherine. – Não os vi depois que foram banhados.

– Eles têm pernas tortas e cabeças grandes.

Catherine riu e fez uma careta de dor.

– Por favor, não me faça rir.

– Na verdade, eles são lindos. Minha amada... – Leo beijou a mão dela. – Eu realmente nunca soube o que uma mulher passava durante o parto. Você é a pessoa mais forte e corajosa que já existiu. Uma guerreira.

– Não mesmo.

– Ah, sim, é. Átila, o Huno, Genghis Khan, Saladino... todos uns fracotes se comparados a você. – Leo fez uma pausa, um sorriso se expandindo pelo seu rosto. – Você fez um bom trabalho garantindo que um dos bebês fosse um menino. A família está exultante, é claro.

– Por que assim poderemos manter a Ramsay House?

– Em parte. Mas desconho que eles estejam em êxtase na verdade porque agora terei de lidar com gêmeos. – Ele fez uma pausa. – Você sabe que eles serão terríveis.

– Espero que sim. Do contrário, não seriam nossos ilhos. – Catherine se aproximou mais e Leo a apoiou cuidadosamente em seu ombro. – Adivinhe o que acontecerá à meia-noite? – sussurrou ela.

– Duas crianças famintas acordarão gritando ao mesmo tempo?

– Além disso.

– Não tenho a menor ideia.

– A maldição de Ramsay será quebrada.

– Você não deveria ter falado isso. Agoraicarei apavorado durante as próximas... – Leo parou para olhar o relógio no console da lareira – ... sete horas e 28 minutos.

– Fique comigo. Eu o mantereiseguro. – Ela bocejou e deixou a cabeça cair mais pesadamente.

Leo sorriu e lhe acariciou os cabelos.

– Nós dois vamos icar bem, Cat. Nossa jornada está só começando... e ainda temos muitas coisas para fazer. – Ele falou mais baixo ao perceber a respiração dela icando mais calma e regular. – Descanse em meu coração. Deixe-me zelar por seus sonhos. E saiba que amanhã de manhã, e em todas as manhãs depois disso, você acordará perto de alguém que a ama.

– Está falando de Dodger? – murmurou Catherine junto ao peito dele, e Leo sorriu.

– Não, seu bendito furão terá de icar na cesta dele. Eu estava me referindo a mim.

– Sim, eu sei. – Catherine ergueu a mão para o rosto dele. – Só você – disse. – Para sempre.

Sobre a Autora



Lisa Kleypas, vencedora do prêmio RITA, já escreveu 34 romances. Seus livros foram publicados em 28 idiomas, em diversos países. Ela mora em Washington com o marido e os dois filhos.

Sendo os livros da série *Os Hathaways*, e *As Solteironas* (*The Wallflowers*), os mais famosos

Em sua página na web, a autora conta: "Comecei a escrever romances porque sempre amei lê-los. Indiscutivelmente, fui uma nerd durante toda a escola primária e, mesmo "florescendo" na secundária, acredite, a nerd interior ainda estava aqui. Nunca pude imaginar um tempo melhor aproveitado do que lendo um livro, e este amor pela leitura, com o tempo, se traduziu num profundo desejo de escrever um."

www.lisakleypas.com

Table of Contents

[Créditos](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[Sobre a Autora](#)

[Star Books Digital](#)